

REVISTA DOS CRIADORES

56 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA

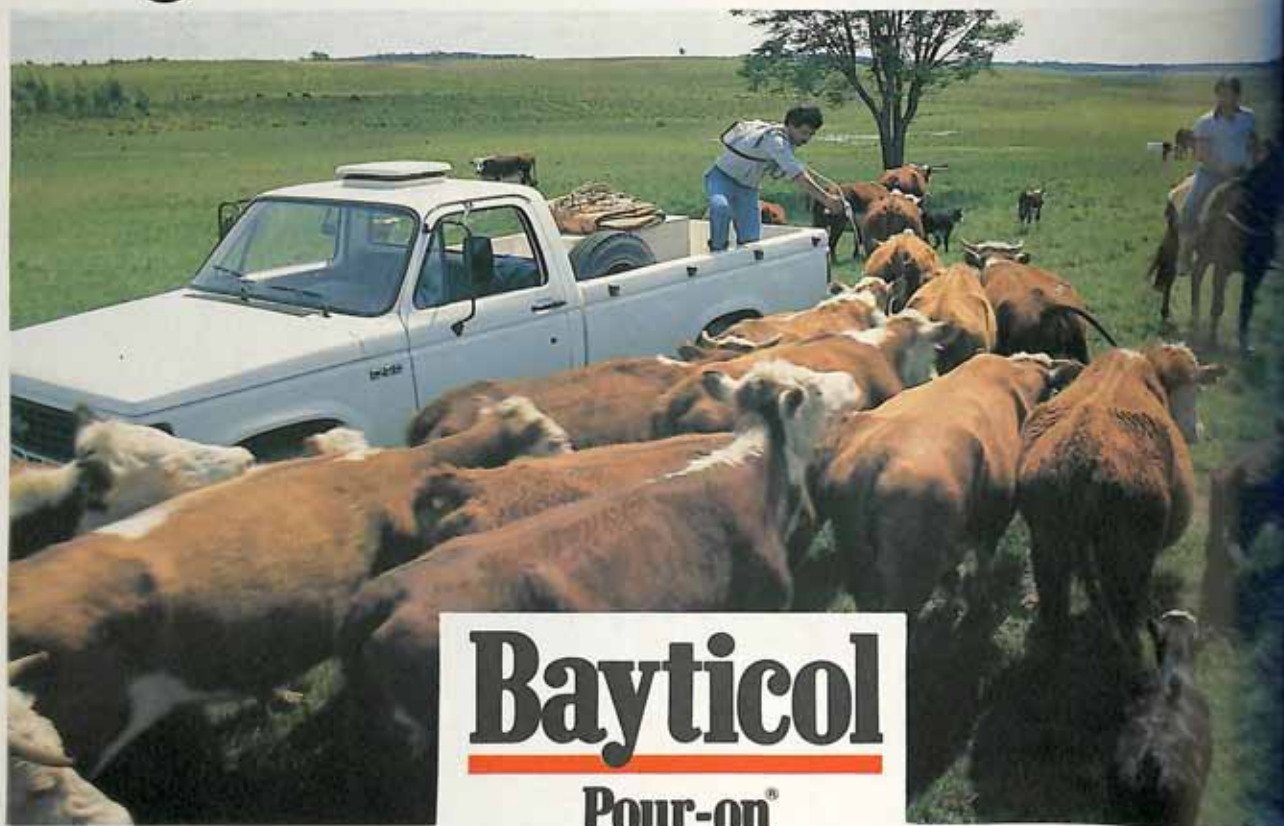
Dezembro de 1986 - Ano LVI - N.º 683 - Cz\$ 48,50
Órgão oficial da ABC

*A Associação Brasileira de Criadores,
que neste ano comemora
seus 60 anos de vida e a
Revista dos Criadores,
desejam um Feliz Natal e um
Próspero Ano Novo aos
seus associados, assinantes, leitores,
anunciantes, fornecedores e amigos*

1926 - 1986



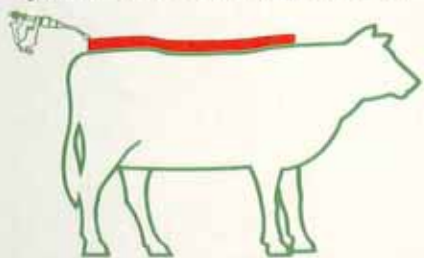
Matar carrapatos agora se resume em uma linha.



Bayticol

Pour-on®

**A linha mortal
para os carrapatos.**



Você sempre aprendeu que para matar carrapatos é preciso tirar todo o gado do pasto, levá-lo a um local específico e depois banhar ou pulverizar um a um com todo o cuidado. Agora, a Bayer está lançando Bayticol Pour-on. Um carrapaticida que, para aplicar, basta você ir até o pasto e, com apenas uma dose, traçar uma linha sobre o dorso do animal. Gradativamente, Bayticol Pour-on espalha-se por todo o corpo do gado matando todos os carrapatos em todas as

suas fases. E continua matando por muito tempo, com um efeito residual maior que o de qualquer carrapaticida. Quanto à segurança, fique tranquilo. Bayticol Pour-on não oferece riscos para o homem, nem requer período de carência para o consumo da carne ou do leite.

Se é Bayer, é bom.

Bayer



NEGÓCIOS RURAIS - um instrumento de administração

ANO II — N.º 19 — Coord.: Engs. Agrônomos: Luiz Antonio Pinazza e Ivan Wedekin — DEZEMBRO — 1986

MOMENTO AGROPECUÁRIO

- A safra 1986/87 no ambiente do Cruzado 2.
- Melhor rentabilidade das lavouras de verão corrigirá a queda na balança comercial.

MERCADO DE PRODUTO

Nota explicativa

- BOVINO DE CORTE, abate pequeno e preços em elevação.
- LEITE, o setor de pecuária leiteira ainda aguarda reajustes de preços.
- SUINOS, mercado ainda mais aquecido pela proximidade das Festas Natalinas.
- AVES, apesar da produção recorde, não atende a demanda.
- ALGODÃO, perspectivas de um quadro mais favorável.
- AMENDOIM, cotações firmes no final da entressafra.
- ARROZ, importações aumentam disponibilidade interna.
- CAFÉ, estação de inverno no Hemisfério Norte aumenta consumo.
- FEIJÃO, período de colheita enfraquece mercado.
- LARANJA, chegada do frio nos Estados Unidos agita mercado.
- MANDIOCA, baixos preços desestimulam plantio.
- MILHO, mercado estável, orientado pelos leilões do CFP.
- SOJA, mercado interno em alta, devido principalmente ao aumento do consumo interno.

MERCADO DE FATORES

- Falta de Crédito e insumo poderão afetar a safra 1986/87.
- Saldos em Dezembro dos Empréstimos do sistema financeiro do setor rural.
- Preços pagos pela Agricultura, cidade de São Paulo e indicadores Financeiros.

MOMENTO AGROPECUÁRIO

A safra 1986/87 no ambiente do Cruzado 2

Aguarda-se para a safra de verão de 86/87 da região Centro-Sul e Rondônia, de longe a maior do país, uma produção recorde ao redor de 60 milhões de toneladas em cereais e oleaginosas. Essa expectativa faz parte, como mostra os Quadros 1 e 2, da primeira previsão da extensão

de área plantada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que aponta um crescimento de 9,3% e 1,3%, respectivamente, em relação a área colhida e plantada na safra 85/86.

Evidentemente, é claro que há de se reconhecer o quão cedo está para

se falar em volume de colheita. Na agricultura, em particular, existe presente um fator imponderável e caprichoso, relacionado ao clima. Note que mesmo no período atual, característico de maior disponibilidade hídrica, sempre ocorrem os fenômenos em momentos críticos de de-

envolvimento da planta, tais como na germinação e florescimento, que acarretam quebras na produção. Ademais, existem ainda as inevitáveis incidências de pragas e doenças, cujos controles fogem dos limites da possibilidade técnica e econômica.

Mas, se de um lado pode-se dizer que as condições climáticas, neste ano, de um modo geral, foram regulares durante a fase de preparo do solo e sementeira, de outro, o mesmo não é possível afirmar de disponibilidade de insumos. A quebra na produção da safra passada provocou um estreitamento na oferta de sementes para plantio. Por sua vez, as indústrias de fertilizantes e defensivos, em grande parte localizadas nas regiões mais próximas do litoral do que das zonas agrícolas, enfrentam sérios gargalos para garantir produção e escoamento de mercados, de forma a atender adequadamente a demanda.

Nisto tudo, evidencia-se um outro problema bastante delicado, que muito vem afetando a distribuição dos insumos e, inclusive, deverá continuar existindo a médio prazo. Trata-se do déficit avaliado ao redor de 63,0% na produção nacional de caminhões para transporte de cargas. As projeções indicam que a frota de cargas do país, juntando empresas e autônomos, é de 920 mil caminhões, havendo uma necessidade, já para este ano, de no mínimo 187 mil unidades, sendo que as fábricas não montarão mais de 70 mil.

Na realidade, a falta de caminhões de frota centraliza uma séria questão, de implicações perigosas para a agricultura. A safra poderá sofrer significativas perdas, em termos quantitativos e qualitativos, a nível da fazenda, durante o processo produtivo, bem como na locomoção de colheita até os centros consumidores.

Do ponto de vista técnico, na condução das lavouras de verão são necessárias diversas aplicações de fertilizantes e defensivos, durante o desenvolvimento. A adubação de co-

bertura possibilita ganhos de produtividade, enquanto que os defensivos evitam quebras na produção, decorrentes do ataque de pragas e doenças. Tem-se, pois, que a falta desses insumos, a nível da propriedade, poderá ainda comprometer substancialmente o resultado de uma safra.

Concernente ao transporte e armazenagem da produção, as estatísticas apontam que o país chega a perder cerca de 30% do volume colhido. São mercadorias deterioradas por ficarem expostas em condições inadequadas, já que não foram retiradas em tempo hábil. Esse percentual constitui um índice significativo, pois caso a produção alcance a quantidade estimada de 60 milhões de toneladas, a quebra além do campo será de 18 milhões.

E tem também o problema referente a disponibilidade de recursos, para o custeio das lavouras da atual safra de verão. Apesar do saldo do crédito rural superar neste ano a casa dos Cz\$ 120 bilhões, o que representa um valor superior a 100% em 1985, muitas dificuldades os agricultores depararam para obtenção de financiamento.

Essa situação decorre do fato das instituições financeiras terem imobilizados em investimentos uma quantia bastante superior ao permitido pelo Banco Central, que é de 30% da exigibilidade. Outros dois pontos assinalados dizem respeito à prorrogação das operações de EGF para arroz e soja e das operações de comercialização com café, laranja, leite e derivados, que causaram redução da sobra do dinheiro para empréstimos dos custeios.

Melhor rentabilidade das lavouras de verão corrigirá a queda na balança comercial

Para se traçar um breve comentário sobre o impacto do Cruzado 2 no setor, cumpre oportunamente

destacar as incertezas, que ainda pairam, como decorrência do Plano de Metas e do Pacote Agrícola. A principal delas refere-se ao fato de como o governo conseguirá administrar harmonicamente duas medidas aparentemente antagônicas, quais sejam:

1. De oferecer ao produtor de alimentos um horizonte mínimo de três anos de rendimento estável na lavoura;
2. Manter o congelamento de preços sobre uma cesta básica composta essencialmente de alimentos.

Como se sabe, o governo decidiu que, para efeito de reajuste salarial, será considerado o IPC — Índice de Preço ao Consumidor restrito, válido para famílias com rendimento de até 5,0 salários mínimos. Tendo em vista que nessa faixa de renda, os alimentos possuem um peso relevante no orçamento, a perspectiva é de que as políticas oficiais (tabelamento, congelamento, confisco etc.) serão dirigidas para mantê-los represados. Afinal, através dessa prática conseguir-se-á o intento de deter a evolução do principal índice considerado, agora, como medidor da inflação, pelo menos no curto prazo.

Principalmente a partir dos anos cinquenta, a história econômica do Brasil mostra que o governo sempre colocou, sobre os ombros da agricultura, o custo do prestígio alcançado na adoção de uma política social dirigida às classes menos favorecidas. Acontece, porém, que essa sangria econômica ao longo do tempo, faz com que a agricultura não possa mais hoje arcar com tal ônus. A produção de alimentos, além de ser a parte de menor dinâmica do setor, é aquela menos capitalizada. Tanto assim que, o país tem buscado no exterior os gêneros de primeira necessidade, para garantir a demanda interna, com muita frequência nesta década. Isto demonstra que o problema é estrutural e não conjuntural.

Existem dúvidas quanto a eficiên-

Ao assinar a REVISTA OS CRIADORES você, além de receber 12 fascículos ao ano, você, ainda, recebe um exemplar da AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES e o título de associado da Associação Brasileira de Criadores. Para assinar a Revista dos Criadores procure nosso representante local.

cia do mecanismo apresentado no bojo da política agrícola como garantidor da rentabilidade do produtor: o preço plurianual. Isso porque foi assegurado o reajuste automático dos preços de alimentos sempre que o Indicador de Preços ao Produtor (IPP) — que só deverá estar elaborado no início de 1987 — acusasse uma variação acumulada de 20 pontos percentuais. Entretanto, este índice não é sensível aos ágios cobrados na comercialização dos insumos, e também não servirá de gatilho, mesmo que o IPP tenha variação significativa, mas ligeiramente inferior a 20%, que fatalmente absorverá qualquer margem de rentabilidade nos cereais e oleaginosos.

O retrato da balança comercial do país, com a erosão das reservas em divisas, reflete muito a queda no saldo da balança agrícola, que somava até o terceiro trimestre uma baixa de cerca de US\$ 1.4 bilhão, em comparação a igual período do ano anterior. Dado a isto, muita atenção precisa ser voltada no sentido de garantir rentabilidade às culturas de verão, sob pena do quadro complicar-se ainda mais. A queda na área plantada significará maiores dispêndios com importações, que consumiram nas aquisições de arroz, carne, leite e trigo, excluído o 4.º trimestre, cerca de US\$ 445 milhões acima do valor gasto durante todo o ano passado.

Para finalizar, cumpre destacar uma preocupante consequência do Cruzado 2 sobre a disponibilidade de recursos a médio prazo, para implementação da política de crédito rural. O aumento das taxas de juros na captação de dinheiro tem levado a uma sensível redução dos depósitos à vista. Como a exigibilidade dos bancos aplicarem em crédito rural é calculado em 30% dos depósitos à vista, a tendência é de que ocorra uma queda nessa conta. As instituições financeiras têm levado duas propostas ao governo: a primeira — para que seja liberado os

recursos congelados no BACEN para aplicação na agricultura; a segunda — de equalizar as taxas de juros do

crédito rural com as demais linhas, o que seria um desastre para o setor rural.

Quadro 1. Área plantada (86/87) x Área colhida (85/86)

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra/86)	Plantada ou a plantar (safra/87)	Variação (%)
Algodão herbáceos (em caroço) ...	1.006.580	937.476	-6,9
Amendoim (em casca) 1.ª safra ...	110.652	111.968	1,2
Arroz (em casca) ...	4.040.068	4.625.584	14,5
Batata-inglesa 1.ª safra ...	94.401	103.781	9,9
Cana-de-açúcar ¹ ...	2.683.634	2.723.335	1,5
Cebola ² ...	54.293	66.975	23,4
Feijão (em grão) 1.ª safra ...	1.418.682	1.720.101	21,3
Fumo (em folha) ² ...	211.754	229.849	8,6
Mamona ² ...	49.691	40.995	-17,5
Mandioca ¹ ...	591.158	578.243	-2,2
Milho (em grão) ² ...	8.668.558	10.618.601	22,5
Soja (em grão) ...	9.067.811	8.840.134	-2,5
Tomate ² ...	32.231	33.088	2,7
SOMA DAS ÁREAS	28.029.523	30.630.130	9,3

1 ÁREA DESTINADA A COLHEITA

2 ÁREA PLANTADA

Fonte: IBGE.

Quadro 2. Área plantada (86/87) x Área plantada (85/86)

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA PLANTADA (ha)		
	Safra de 1986	Safra de 1987	Variação (%)
Algodão herbáceo (em caroço) ...	1.058.872	937.476	-11,9
Amendoim (em casca) 1.ª safra ...	123.015	111.968	-9,0
Arroz (em casca) ...	4.347.549	4.625.584	6,4
Batata-inglesa 1.ª safra ...	96.950	103.781	7,1
Cana-de-açúcar ¹ ...	2.683.634	2.723.335	1,5
Cebola ...	55.257	66.975	21,3
Feijão (em grão) 1.ª safra ...	1.688.287	1.720.101	1,9
Fumo (em folha) ...	218.805	229.849	5,1
Mamona ...	49.691	40.995	-17,5
Mandioca ¹ ...	602.781	578.243	-4,1
Milho (em grão) ...	9.698.829	10.618.601	9,5
Soja (em grão) ...	9.578.099	8.840.134	-7,7
Tomate ...	32.663	33.088	1,2
SOMAS DAS ÁREAS	30.234.412	30.630.130	1,3

1 ÁREA DESTINADA A COLHEITA.

Fonte: IBGE.

AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES

— uma agenda especializada para o produtor rural.

Além de muita matéria técnica e sobre direito trabalhista e crédito rural, tem 85 páginas em branco para diário, de cada dia, serem feitas anotações pessoais sobre o que se gastou e o que se recebeu na fazenda. Em outras páginas em branco pode ser feito o resumo mensal desses gastos e recebimentos, o balanço anual e o inventário da fazenda. A AGENDA faz parte da assinatura da Revista, mas pode ser adquirida em separado. Para maiores detalhes procurem nosso representante local.

MERCADO DE PRODUTO

Nota Explicativa

Cabe aqui esclarecer o tratamento estatístico dos preços apresentados nos gráficos. Os preços são os praticados a nível de produtor no estado de São Paulo e se referem a médias mensais levantadas pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura e Abastecimento.

O gráfico apresenta duas linhas: a inferior é a dos **preços correntes ou nominais** de negócios realizados na prática. A curva superior registra os **preços reais**, cuja atualização permite a comparação em base isenta de inflação. Para se chegar à série real parte-se dos preços nominais de cada mês passado, trazendo-os a valores de hoje (dez. 86) pela inflação acumulada no período; a atualização é feita através do Índice Geral de Preços (IGP), calculado pela Fundação Getúlio Vargas.

Exemplificando: o **preço corrente ou nominal** da arroba do boi gordo em dez 85 foi de Cz\$ 209,60; o **preço real**, a valores de dez. 86, será de Cz\$ 360,50, ou seja, Cz\$ 209,60 x 1,72, pois a inflação estimada para o período de dez. 85-dez. 86 é de 72,0%.

Nos últimos meses, devido à queda substancial da inflação, não há diferenças significativas entre os preços nominais e reais.

BOVINO DE CORTE

Abate pequeno e preços em elevação

Em São Paulo, a cotação da arroba do boi gordo a nível de produtor, está sendo negociada em dezembro em torno de Cz\$ 550-600 contra os Cz\$ 280 oficializados pelo governo. Apesar de a entressafra nesse período estar chegando ao fim, não há sinais de os preços sofrerem um arrefecimento. O atraso na chegada das chuvas no interior de São Paulo e Centro-Oeste prejudicou a recuperação das pastagens e consequentemente a entrada da safra bovina, que normalmente deveria ingressar no mercado em fins de dezembro para janeiro. Além disso, o fato do Mato Grosso do Sul ter vetado, em novembro a saída de carne do estado, agrava ainda mais a escassez de abastecimento nos mercados paulista e carioca.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTOR DE BOI GORDO



Diante da escassez — a oferta de bois para abate é pequena — e preços elevados, é consenso no setor que o governo deve promover reajustes, para permitir um equilíbrio da oferta e demanda. O consumo de carne continua em nível muito elevado e caso o preço permaneça inalterado, é pouco provável que a oferta cresça, mesmo no período de safra.

Na Bolsa de Mercadorias de São Paulo, foi reaberto o pregão de boi gordo e garrote, suspensos desde outubro. Algumas modificações foram introduzidas no pregão: o limite de oscilação diária das cotações foi re-

duzido de 1% para 0,1%, por decisão do Conselho da Bolsa de Mercadorias e Caixa Nacional de Liquidação de Negócios a Termo e no Disponível S.A., visando dar maior liquidez ao mercado. As cotações no mercado futuro mostram-se altistas e são as seguintes: para fevereiro, a arroba está a Cz\$ 448,60; abril, Cz\$ 450,30; junho, Cz\$ 500,30; agosto, Cz\$ 744,00; e outubro, Cz\$ 862,50. Para os analistas de mercado, estes valores estão defasados da realidade.

LEITE

O setor de pecuária leiteira ainda aguarda reajuste de preços.

O último pacote de medidas econômicas do governo frustrou os pecuaristas, pois não reajustou os preços de leite, como era expectativa do setor. Ainda que o subsídio concedido de 30%, que venceria em novembro e foi prorrogado até 31 de dezembro de 1986, a promessa atual do governo ao setor leiteiro é de, a partir de janeiro próximo, conceder aos produtores reajustes "progressivos", até que seja coberta a defasagem entre preço e custo de produção.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTOR DE LEITE B



De acordo com estudo realizado pela comissão da pecuária de leite da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), a atualização da planilha de custos de produção revela que o preço do litro de leite C, a nível de produtor, deveria ser de Cz\$ 4,10, contra Cz\$ 2,31 já incluso a parcela de subsídio.

Mesmo com o descontentamento dos preços, que poderia provocar

Publicações da

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Revista dos Criadores — Agenda dos Criadores e Agricultores — Anuário dos Criadores

LIVROS: O Gado Nelore. Mangalarga, o cavalo de sela brasileiro. Equinos, raças, manejo e equitação. Manual de Controle de Produção Leiteira, Reprodução, Alimentação e Custos. Exploração Leiteira. Crescimento e Reprodução do Gado Nelore. Guia Agropecuário. Criação de Búfalos no Brasil. Caderno de Contabilidade. Para maiores esclarecimentos procure o nosso representante local.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE LEITE ESPECIAL



boicote na entrega de leite por parte dos produtores, o rompimento no abastecimento dos grandes centros consumidores de São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro foi provocado pela greve dos distribuidores de leite. Esses reivindicam a elevação de preço via subsídio do governo de Cz\$ 0,19 por litro distribuído para Cz\$ 0,34 — ou seja,

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE LEITE INDUSTRIAL



um reajuste de 78,9% muito embora as informações ainda não confirmadas apontam para o máximo Cz\$ 0,28 por litro, ou 47,3% de aumento. Estima-se que esse subsídio oneraria os cofres públicos em cerca de Cz\$ 3 milhões a Cz\$ 4 milhões, no período que estaria em vigor (8 a 31 de dezembro de 1986).

SUÍNOS

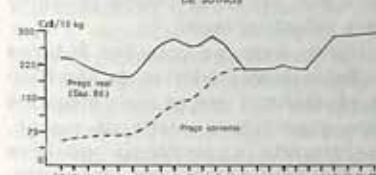
Mercado ainda mais aquecido pela proximidade das Festas Natalinas.

A produção nacional de carne suína em equivalente carcaça está sendo projetada para 1987 em 1,3 milhão de t, cerca de 20% superior à de 1986: considerando um quadro de manutenção da recomposição de renda e abastecimento ainda problemático da carne bovina, a demanda por carnes alternativas tenderá con-

tinuar em expansão, absorvendo facilmente toda a oferta.

O número de animais abatidos sob Inspeção Federal no período de janeiro a setembro de 1986 apresentou uma expansão de 12,6% em relação a igual período de 1985. Ainda assim o incremento da oferta não é suficiente para atender a expansão da demanda, pressionando a continuada elevação dos preços. A arroba do suíno, a nível de produtor de São Paulo, em meados de dezembro estava sendo negociada na faixa de Cz\$ 400-450 comparativamente aos Cz\$ 200 quando na implantação do Plano Cruzado.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE SUÍNOS



O aquecimento dos preços de suínos vem estimulando a elevação do índice de abates clandestinos de animais, constituindo mais um fator de pressão de preços pois os intermediários que operam no mercado paralelo tem condições de pagar adicionais por abaterem sem Inspeção Federal. A proximidade das festas natalinas, implicando em aumento sazonal da demanda, elevou de forma expressiva o volume de animais importados dos estados do Sul pelos grandes centros consumidores, como São Paulo, Rio e Minas Gerais. Não há expectativas de reversão dos preços no curto prazo, no entanto, a internalização das carcaças suínas importadas tenderá estancar a elevação dos preços.

AVES

Apesar da produção recorde, não atende a demanda.

Com uma oferta projetada de 154,5 mil t em dezembro, a produ-

ção nacional de carne de frango, em 1986, totaliza 1.617,3 mil t, signifi-

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE FRANGOS



cando um adicional de 134,8 mil t em relação à produção de 1985 e praticamente a criação de mais um mês de produção, pois essa quantidade supera à média mensal de produção alcançada neste ano (134,7 mil t/mês).

Mesmo assim, o índice de aumento da oferta está bastante aquém à real demanda, mantendo os preços do produto bastante pressionados. Em consequência do Plano Cruzado e sobretudo da crise de abastecimento da carne bovina, que ainda perdura, o mercado consumidor de frango foi fortemente ampliado. De acordo com a Associação dos Produtores de Pintos de Corte (Apinco) a demanda de carne de frango em 1986 alcançará 10 kg/per capita, superior à marca de 9,5 kg/per capita registrada em 1982.

O frango vivo está sendo negociado na granja de São Paulo a Cz\$ 15,50-16,00/kg, inviabilizando os abates pelos abatedouros sob inspeção, uma vez que o preço tabelado ao consumidor é de Cz\$ 16,65/kg eliminando a margem de comercialização deste segmento. O setor de produção reivindica junto a área econômica do governo a fixação de preço a nível de atacado que remunere o produtor e o processamento industrial, deixando ao critério deles a determinação da tabela para o consumidor que inclua margem para o varejista. Pois caso contrário, a situação atual tenderá desenvolver ainda mais o abate clandestino, desorganizando a produção.

O volume embarcado de carne de

A Criação de Búfalos no Brasil

pelo Dr. Walter Carvalho Miranda

Obra fundamental para se conhecer o búfalo no Brasil e suas imensas possibilidades. 176 páginas encadernadas e fartamente ilustradas. Procure nosso agente local.

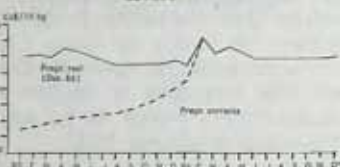
frango por força do contingenciamento imposto ao setor pelo governo nos últimos meses em favor do mercado interno, mostra-se sensivelmente menor do que de 1985. No período de jan.-out./86 foram embarcadas 191,2 mil t (frango inteiro e partes) para uma receita de US\$ 186,2 mil, significando uma queda de 12,2% e 1,7%, respectivamente, em relação a igual período do ano anterior.

ALGODÃO

Perspectivas de um quadro mais favorável

É provável que para os produtores de algodão, a comercialização da próxima safra 86/87, ainda na fase de plantio, ocorra de modo mais fácil do que o previsto inicialmente, em função do elevado "carry-over" previsto para 28/2/87 de 477 mil t,

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE ALGODÃO



segundo o Sindicato do Comércio Atacadista de Algodão no estado de São Paulo. Acontece que os preços externos estão em processo e recuperação, comandados por um maior equilíbrio mundial entre oferta e demanda em relação à temporada passada, embora sem perspectivas de evolução acentuada. É que, por um lado, deverá ocorrer forte redução na produção estadunidense de algodão e, por outro lado, os países importadores, que apresentam produção pouco expressiva deverão elevar seu consumo, atrasado devido às perspectivas de maior declínio nos preços mundiais e, favorecido pela maior concorrência em relação

aos produtos sintéticos, que estimulou a substituição destes últimos, por algodão. Internamente, os fatores positivos podem ser assim resumidos: a) queda na área de plantio no Centro-Sul, em média, de até 7% em relação a da safra passada; b) aumento no consumo de produtos têxteis, elevando a demanda atual de algodão de 730 mil t para até 800 mil t no próximo ano; c) queda na produção nordestina, em função do ataque do bicudo, obrigando as indústrias da região a recorrerem aos estados do Sul; e d) o estoque remanescente é em grande parte composto por produto de qualidade média para baixo, com predominância desta última, sendo de pouco proveito para industrialização.

Diante disto, as cotações futuras na Bolsa de Mercadorias de São Paulo, já sinalizam preços mais elevados para o produto a partir de março, confirmando a tendência positiva das cotações. Estas, no momento, mostram-se firmes, apesar dos poucos negócios concretizados este mês, acusando a entrada de algumas indústrias no mercado para recomposição de estoques, a preços de Cz\$ 315 a arroba do algodão em pluma. Quanto ao plantio da próxima safra paulista, este está praticamente concluído e apesar da falta de chuvas em algumas regiões, as lavouras apresentam desenvolvimento normal. Segundo o Sindicato do Comércio Atacadista, a área plantada em 86/87 em São Paulo deverá totalizar 282,3 mil hectares, contra 296,6 mil ha plantados na safra passada.

AMENDOIM

Cotações firmes no final da entressafra

A comercialização do amendoim nesta temporada 85/86 foi pautada, na sua quase totalidade, por preços de mercado equivalente ao preço mínimo fixado para o produto pelo governo, de Cz\$ 68,00 por saca de

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE AMENDOIM



25 kg. Isto deveu-se, em parte, ao fato de que 77% da safra brasileira de amendoim é destinada à industrialização para a obtenção de óleo que é, por sua vez, quase que totalmente exportado, assim como o farelo obtido do esmagamento do grão. Ocorre que este ano, as cotações internacionais do óleo de amendoim sofreram quedas substanciais em consequência do elevado volume de oleaginosas obtido mundialmente também direcionadas para a fabricação de óleos concorrentes, notadamente de palma que, repercutindo-se internamente, posicionaram-se abaixo do preço mínimo fixado pelo governo. Este, portanto, tornou-se gravoso para as indústrias que, ainda assim, mantendo acordo com o governo, operaram a este nível de preços.

Para que isto fosse possível, o governo concedeu às indústrias permissão para a realização de EGF, COV de amendoim em casca, com a possibilidade, portanto, de substituição do penhor por óleo bruto de amendoim. Agora, porém, findo o prazo do EGF, e sem modificações nas condições de mercado — as cotações internacionais permanecem deprimidas — as indústrias poderão optar pela entrega de óleo bruto ao governo sob a forma de AGF, o que acarretará prejuízos sensíveis ao governo, já que este terá que arcar com despesas decorrentes da transferência de propriedade do produto, comissões dos agentes de comercialização envolvidos e, carregamento dos estoques até sua desova. Além disto, o produto certamente sofrerá perdas quantitativas, e o governo ain-

Manual de Controle de Produção Leiteira, Reprodução, Alimentação e Custos.

Utilizando o MANUAL você vai ficar sabendo: o que suas vacas estão produzindo; os intervalos entre as parições; o que as vacas estão comendo e o que você está gastando com a alimentação e custeio. Tem 7 páginas em branco para controle leiteiro; 6 para controle de reprodução e 4 páginas para controle de custos: receita e despesa. Para maiores esclarecimentos procure o nosso representante local.

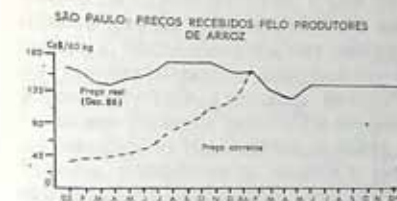
da terá custos oriundos da feitura de licitações do produto. Diante disso, está em estudo proposta de fixação de um preço de licitação dos EGF/COV de óleo de amendoim com paridade nas cotações internacionais atualmente vigentes — em torno de US\$ 550/t — o que deixaria à iniciativa privada, a administração e venda deste óleo, num total de cerca de 14.931 t, ao exterior.

Internamente, entretanto, os preços do produto em casca firmaram-se, dado o período de entressafra vivido pelo mercado, permitindo a obtenção de uma melhor remuneração para os detentores do produto. Esta situação deverá perdurar até dezembro, quando começa a colheita da próxima safra das águas, cujo plantio em São Paulo já foi concluído. Apesar das chuvas, as lavouras desenvolveram-se regularmente, havendo preocupação, entretanto, com o recente excesso de chuvas nas zonas produtoras.

ARROZ

Importações aumentam disponibilidade interna

O mercado de arroz continua operando dentro de um quadro de muita estabilidade. Isto se deve a grande oferta do produto no mercado, onde é encontrado arroz de diversas procedências, já que o governo permitiu importações de até 1,1 milhão de t de arroz ainda no início de 1986, visando suprir a falta do produto então prevista devido as perspectivas de quebra na produção nos principais estados produtores. Entretanto, com a reversão destas expectativas, e manutenção da produção nacional em níveis normais, a internalização do produto importado congestionou o mercado que mantém-se sem condições de evolução. Este quadro, obrigou o governo a compensar a perda de competitividade do produto nacional, para viabilizar a sua comercialização — pro-



cessada a preços inferiores ao do produto importado — autorizando os produtores a liquidarem seus EGF's a um valor inferior ao da conta gráfica, o que implicou em subsídios ao setor. Recentemente o governo aumentou em 1,5% e 2% os equalizadores para liquidação dos EGF's vencidos em setembro e na primeira quinzena de novembro, respectivamente, o que corresponde a um aumento de Cz\$ 1,70 nos preços do arroz gaúcho. Estes índices, entretanto, poderão ser revistos a cada quinzena, até o início da próxima safra, visando assim, compensar os custos de carregamento no tempo do produto.

Apesar destas medidas, os resgates de EGF's permanecem morosos, pois a comercialização do arroz nacional ainda é difícil devido a contínua internalização do arroz importado que só deixará de pressionar o mercado a partir de janeiro. Até lá, apenas uma parcela das 1,3 milhão de t de arroz gaúcho ainda por comercializar, encontrará condições de colocação no mercado, o que vem causando preocupações ao setor agrícola quanto a liberação dos armazéns para o recebimento da nova safra. Esta preocupação é comum nos diversos estados produtores, principalmente nos Estados Centrais, onde o governo foi o grande comprador mas pouco comercializou o produto.

Enquanto isto, prossegue o plantio nas diversas regiões produtoras, à exceção dos Estados Centrais, onde as chuvas vêm impedindo esta operação. Também no RS, por este

mesmo motivo, o plantio só deverá estar concluído no início de dezembro, embora em condições normais esta operação conclua-se até o final de novembro.

CAFÉ

Estação de inverno no Hemisfério Norte aumenta consumo

As exportações brasileiras de café deverão encerrar o exercício de 1986 computando 10 milhões de sacas, correspondentes a uma receita cambial de US\$ 2,4 bilhões. Trata-se de um comportamento bastante tímido, em comparação com a expectativa inicial de embarcar 14 milhões de sacas e auferir cerca de US\$ 4,0 bilhões. Em 1985, o país vendeu 18,9 milhões de sacas, que contribuiu com US\$ 2,6 bilhões para o superávit da balança comercial. A menor quantidade exportada é justificável, tendo em vista a longa estiagem que a cultura sofreu durante e após a florada, comprometendo substancialmente a colheita. Por sua vez, o menor volume arrecadado nas exportações foi surpreendido com o deterioramento das cotações internacio-



nais da rubiácea, face aos estoques acumulados pelos importadores, estimados em 20% de um total existente de 30 milhões de sacas, e ainda, das boas condições climáticas reinantes nas regiões cafejeiras do Brasil.

O IBC projeta que o estoque de passagem para 1987 será na ordem de 15 milhões de sacas, enquanto que os exportadores calculam 18 mi-

Recibos, contratos e notificações rurais. Fichas de controle zootécnico e sanitário do rebanho.

Caderno para fazer contabilidade da fazenda.
Para maiores informações procure nosso representante local.

lhões. Para o primeiro semestre do próximo ano, estima-se um consumo de 10,2 milhões de sacas, sendo 4,2 milhões internamente e 6,0 milhões através de exportações. Assim, quando a colheita nacional estiver chegando no mercado, o estoque armazenado pela autarquia será de 4,8 milhões. Como a previsão da próxima safra beira 25,0 milhões, aguarda-se boa disponibilidade do produto a médio prazo, com pressão baixa nos preços internos e externos. No curto prazo, tudo dependerá de como o aumento na demanda pelos países do Hemisfério Norte, dado a estação de inverno, será compensado por uma maior oferta de café africano (a Costa do Marfim, maior produtor do continente sofre problemas de seca e deverá colher 1,5 milhões de sacas — 8,5% abaixo da safra passada) e centro-americano (incremento de 20% em relação a última colheita).

FEIJÃO

Período de colheita enfraquece mercado

Após experimentar altas acentuadas nas cotações em outubro, decorrentes da menor oferta do produto, o mercado de feijão de cores sofreu recuos significativos de preços. No atacado paulista, o feijão carioca tipo 1 (extra) novo que chegou a atingir Cz\$ 550,00 a saca de 60 kg, registra cotações em torno de Cz\$ 480,00-490,00 a saca de 60 kg, refletindo as maiores entradas do produto no mercado com a intensificação da colheita da safra das águas do Paraná e, também, início da colheita de São Paulo. Estes níveis de preços porém, só não são menores devido as chuvas que impediram um maior fluxo do produto. Além disso, os estados do Nordeste, principalmente, PE, BA e CE voltaram a demandar produto do Sul, notadamente do PR, já que dispõem de pouca mercadoria, contribuindo para a



sustentação dos preços. Lá, o produto novo do Sul está sendo comercializado no atacado a Cz\$ 630,00-650,00 a saca de 60 kg, preços incompatíveis com o preço no varejo, tabelado em Cz\$ 8,30 o quilo. Isto poderá provocar colapsos no abastecimento regional a médio prazo, se mantidos os preços atuais do produto nos estados do Sul.

Entretanto, a tendência é de queda nas cotações com a regularização das chuvas e o prosseguimento das colheitas de SP e PR e início em dezembro, da de SC. É certo, contudo, que pequenas oscilações de preços para cima ainda poderão ocorrer até serem atingidos os picos de colheitas nestes estados. De qualquer forma, até o final de dezembro, cerca de 35-40% da produção paranaense de feijão estimada em aproximadamente 453 mil t deverá ter entrado no mercado, o que contribuirá para manter os preços, no mínimo, estáveis. Assim, os prejuízos decorrentes das condições climáticas adversas nos estados do Sul, poderão ficar minimizados pouco influenciando a curto prazo nas cotações.

LARANJA

Chegada do frio nos Estados Unidos agita mercado

As indústrias de suco atingem o momento de pique, operando a pleno vapor no esmagamento da matéria-prima. A colheita da variedade pera-rio está chegando na fase final, com o aumento na quantidade colhida de natal e valência. A safra de-

verá continuar até fins de março, haja vista que nos pomares restaram muitas frutas temporonas, com maturação tardia. Isso tudo é reflexo da estiagem durante a florada que impossibilitou um amadurecimento homogêneo da laranja. A colheita poderá superar 230 milhões de caixas, sendo que 190 milhões são destinadas às indústrias. O consumo in natura, neste ano, poderá até triplicar em relação à quantidade de 1985, que foi de 17 milhões de caixas, face a escassez de refrigerantes. O preço pago para a laranja destinada ao consumo in natura tem ficado entre Cz\$ 25 a Cz\$ 30,00 a caixa.

Por sua vez, quanto ao fruto entregue às indústrias, muita discordância ainda ocorre. O preço fixado pela Portaria 308, de Cz\$ 18,00 a caixa, não tem sido acatado. Existem muitos citricultores recebendo Cz\$ 14,00 firmados no contrato C. Em contrapartida, a evolução dos preços no mercado de suco, tem aberto uma expectativa de receita de Cz\$ 25,00 a caixa, para os citricultores que optaram pelo contrato B. Esse nível de preço, aliás, poderá sofrer ascensão, mormente agora em que as cotações externas movimentam mais nervosamente, diante do risco de geadas e neves em regiões citrícolas dos Estados Unidos. Enquanto isto, também a Comunidade Econômica Européia, a exemplo do procedimento anterior dos norte-americanos, passou a tributar o consumo do suco brasileiro, para proteger o produto italiano, mais caro e sem competitividade. As indústrias nacionais de sucos, por tudo isto, buscam outros mercados, tanto a nível interno como externo. O Brasil, por exemplo, possui um consumo potencial de 170 mil toneladas, mas consome menos de 10% dessa quantidade.

MANDIOCA

Baixos preços desestimulam plantio

No mercado atacadista de São Paulo

Ao assinar a REVISTA OS CRIADORES você, além de receber 12 fascículos ao ano, você, ainda, recebe um exemplar da AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES e o título de associado da Associação Brasileira de Criadores. Para assinar a Revista dos Criadores procure nosso representante local.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE MANDIOCA



lo, os preços da farinha de mandioca permanecem deprimidos, situando-se em torno de Cz\$ 110,00-115,00 o saco de 50 kg, para pagamento em 30 a 45 dias, o que inviabiliza o pagamento do preço mínimo fixado pelo governo aos produtores. Estes, mostram-se bastante insatisfeitos, principalmente no PR e ES, onde os preços desestimulam e a seca de 1985/86 deverá provocar quedas na produção em 1987, da ordem de 30% em relação à obtida em 1986. É bom lembrar que o ciclo da cultura varia de 12 a 24 meses e que, portanto, os efeitos negativos sofridos pela cultura — preços deprimidos e clima adverso — poderão perpetuar-se até 1988, acarretando irregularidades na produção futura.

Entretanto, dados os preços baixos vigentes no decorrer deste ano, foi grande a entrega do produto ao governo que conta com estoques em níveis muito superiores ao atendimento da demanda, o que vem exercendo pressão baixista nos preços ante a expectativa de um possível retorno do produto ao mercado. Por isto, o setor mandioqueiro insiste em alguns pontos passíveis de melhoria a comercialização do produto, entre eles, os seguintes: a) a não desova dos estoques em poder da CFP para o mercado; b) incremento das vendas externas, visando a redução dos estoques do governo e manutenção em funcionamento das pequenas indústrias de farinha que congregam na sua maioria, pequenos e mini-produtores; c) revisão dos preços de tabela da farinha branca (ou crua) para Cz\$ 5,00 o quilo e da torrada para Cz\$ 5,60 o quilo em

tudo o território nacional, o que permitiria que os supermercados e atacadistas, obtivessem melhor margem de comercialização, estimulando-os a operarem com o produto, já inexistente em diversos pontos de vendas; d) isenção do ICM incidente sobre a farinha, reduzindo os custos e permitindo sua colocação nos principais centros urbanos a Cz\$ 3,71 e Cz\$ 4,61/kg, respectivamente, para a farinha branca e torrada; e e) maior utilização do produto nos programas governamentais de alimentação.

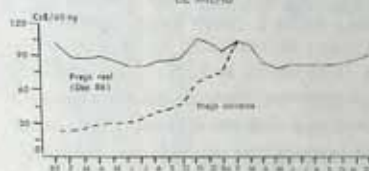
Enquanto isto, verifica-se uma quase total paralisação das fábricas de farinha que, por sua vez, estão praticamente sem estoques para revenda, o que poderá imprimir a médio prazo, uma pequena evolução nos preços do produto a nível de atacado.

MILHO

Mercado estável, orientado pelos leilões da CFP

As cotações do milho, depois de mostrarem sinais de elevação em novembro, especialmente em São Paulo, voltaram a se estabilizar. A explicação do fortalecimento dos preços foi a grande procura nos leilões paulistas, pelo milho nacional dos estoques da CFP depositado em São

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE MILHO



Paulo, que dada a proximidade do produto das unidades industriais significava menor custo de transporte e isenção de ICM. A grande parcela do milho leilado pela CFP está estocada em Goiás, o que impli-

ca aos compradores pagamento de ICM e custo elevado de transporte, quando não, falta de caminhões para a retirada do grão.

A nível de produtor, a disponibilidade é muito pequena e os preços estão estabilizados em Cz\$ 100/60 kg interior de São Paulo e Cz\$ 91-92/60 kg cooperativas do Paraná. A nível de atacado, o produto é cotado em São Paulo, na faixa de Cz\$ 106-108/60 kg, livre de ICM, muito embora os preços sejam regulados pelas vendas do governo.

Estima-se que os grandes consumidores do Paraná, São Paulo e Minas Gerais estejam operando com estoques de aproximadamente 60 dias, ou seja, cobertos para o período de pico de entressafra. Ao contrário do que acontece com os consumidores do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Espírito Santo que detêm em média estoques para mais de 30 dias. Diante disso, aguarda-se que a pressão compradora venha se manifestar a depender do desenvolvimento da safra. Se essa se mantiver em condições normais, não é de se esperar qualquer reação de preços nos próximos meses.

SOJA

Mercado interno em alta, devido principalmente ao aumento do consumo interno.

Em dezembro a colheita de soja nos Estados Unidos dar-se-á por encerrada e a última previsão do Departamento de Agricultura dos Es-

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE SOJA



AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES

— uma agenda especializada para o produtor rural.

Além de farta matéria técnica e sobre direito trabalhista e crédito rural, tem 85 páginas em branco para diário, dia após dia, serem feitas anotações pessoais sobre o que se gastou e o que se recebeu na fazenda. Em outras páginas em branco pode ser feito o resumo mensal desses gastos e recebimentos, o balanço anual e o inventário da fazenda. A AGENDA faz parte da assinatura da Revista, mas pode ser adquirida em separado. Para maiores detalhes procurem nosso representante local.

tados Unidos (USDA) posiciona a produção norte-americana em cerca de 53,86 milhões de t contra 57,11 milhões de t colhido em 1985. O mercado internacional já absorveu os números ainda elevados da safra e as atenções atuais voltam-se para o comportamento da demanda e da futura safra no Hemisfério Sul. Entretanto ainda que ocorra algum problema nas safras do Brasil e da Argentina que prevêem colher 16,5 milhões e 7,5 milhões de t, respectivamente, os altos estoques mundiais — projeção de 25,25 milhões de t de soja para o final da temporada

(+13%) combinado a perspectiva de ligeira recuperação da demanda (+4%) delineiam um quadro de preços ainda deprimido em 1987. Em 2. dez., a soja grão na Bolsa de Chicago para entrega em março/87 estava sendo cotada a US\$ 5,05/bushel (US\$ 11,10/60 kg).

No mercado interno, as cotações do complexo soja apresentaram-se com tendência de alta, decorrente da melhoria do mercado externo aliado a um intenso consumo doméstico de óleo e farelo. As 282,9 mil t de soja dos estoques da CFP colocadas em licitação na última semana de no-

vembro, foram totalmente vendidas a um preço médio de Cz\$ 140,00/60 kg posto armazéns de Goiás e Mato Grosso ou seja 8% acima do leilão anterior. Em consequência, a saca da soja no mercado físico que era negociada a Cz\$ 145-150 passou a ser cotada na faixa de Cz\$ 155-160 em São Paulo, nível bastante superior aos da paridade internacional. Considerando o panorama internacional pouco promissor para os próximos meses, as cotações tenderão cair se a política de desvalorização do cruzado em relação ao dólar não for suficiente para compensar esta defasagem.

MERCADO DE FATORES

Falta de Crédito e Insumos poderão afetar a safra 86/87

A escassez de crédito para custeio e gargalos na distribuição dos insumos são os principais problemas que poderão inibir um aumento maior na área plantada com grãos na região Centro-Sul. De acordo com o Sindicato da Indústria de Adubos e Corretivos Agrícolas no Estado de São Paulo, as indústrias estão capacitadas a atender até 9 milhões de t de adubos no país, sendo que a previsão é de que até o final do ano de 1986 sejam comercializados 8,5 milhões de t, um incremento de 500 mil t em relação ao volume de 1985, e portanto, dentro da capacidade de produção do setor.

Se problemas, efetivamente, ocorrerem, com a distribuição de adubos deveu-se especialmente pelo acúmulo de pedidos no mês de outubro, concentrando o período de entregas. Perante um quadro de previsões de escassez de adubos e outros insumos, os agricultores, que normalmente executam suas compras em novembro, anteciparam suas encomendas, agravando ainda mais a situação já

bastante prejudicada pela falta de caminhões.

O Crédito Rural, apesar deste ano registrar um aumento de cerca de 35% na disponibilidade real de recursos — a previsão é de um saldo, em dezembro de 1986 em cruzados de out.86 em torno de Cz\$ 110 bilhões contra Cz\$ 81 bilhões em dezembro de 1985 — não será suficiente para atender a aquecida demanda. Entretanto, é importante salientar que o que foi oferecido de crédito à taxa de juros de 10% ao ano será absorvido, em razão da grande diferença entre o custo desse dinheiro e os juros do mercado — em outubro na faixa de 50 a 60%. Essa defasagem motivou mesmo aqueles produtores que vinham evitando financiar sua lavoura nos últimos anos demandar recursos subsidiados. Até o ano passado muitos agricultores não se interessavam em tomar todo o crédito a que tinham direito, devido aos elevados custos desse financiamento, que era contratado a taxas

de juros de 100% da correção monetária, mais 3% ao ano.

Considerando-se a parcela de crédito de custeio complementar que o agricultor toma a juros de mercado para plantar, a taxa média da agricultura eleva-se substancialmente, onerando sobremaneira os custos financeiros do agricultor. Isso não seria problema, se estas ocorrências fossem captadas no Índice de Preços ao Produtor (IPP) — índice que intenciona assegurar o reajuste automático dos preços de alimentos sempre que este acusar uma variação acumulada de 20 pontos percentuais. Os produtores, entretanto, alegam que o índice não será sensível à cobrança de ágio na comercialização de insumos, o que significa dizer que a remuneração dos agricultores estará prejudicada, pois os preços mínimos foram estabelecidos em cima de uma política de congelamento de preços dos principais insumos.

A agricultura permanece desatendida no que se refere às formas de

Publicações da

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Revista dos Criadores — Agenda dos Criadores e Agricultores — Anuário dos Criadores

LIVROS: O Gado Nelore, Mangalarga, o cavalo de sela brasileiro. Equinos, raças, manejo e equitação. Manual de Controle da Produção Leiteira, Reprodução, Alimentação e Custos. Exploração Leiteira. Crescimento e Reprodução do Gado Nelore. Guia Agropecuário. Criação de Búfalos no Brasil. Caderno de Contabilidade. Para maiores esclarecimentos procure o nosso representante local

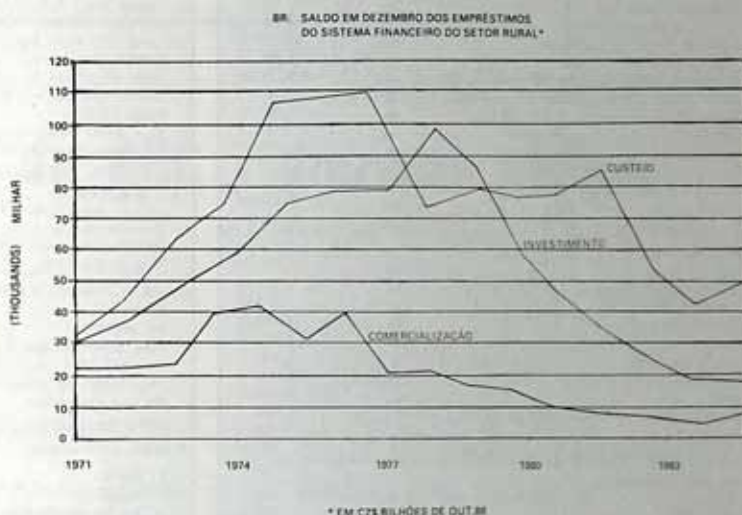
NEGÓCIOS RURAIS — um instrumento de administração

financiamento para ampliação de capacidade e de capital de giro para a produção e comercialização. A tendência de preços baixos dos produtos agrícolas vigente no mercado internacional vem reduzindo a lucratividade do setor, paralelamente à prevalência no mercado interno de mecanismos diretos e indiretos de achatamento de preços e de renda, particularmente relacionados à intervenção governamental nos mercados e à pesada taxa de imposto sobre Circulação de Mercadorias — ICM. O resultado é uma renda rural limitada e um comprometimento da capacidade de auto-financiamento dos agricultores, diante da virtual inexistência de mecanismo compensatórios como os adotados pelos governos norte-americanos e europeus.

Nesse sentido, cresce a importância do crédito rural como mecanismo de financiamento da agricultura. O modelo de crédito rural no Brasil precisa ser revisto, para identificação de espaços orçamentários não sujeitos à oscilação da política monetária e das dificuldades de caixa do governo. A questão do crédito à agricultura é essencialmente de prio-

ridade: o Fundo Nacional da Agropecuária e da caderneta de poupança verde do Banco do Brasil, de criação recente, ainda não decolaram do papel, sendo mais um exemplo da distância entre intenção (Plano Cruzado e Plano de Metas) e gesto (ausência de atos efetivos de resolução de financiamentos da Agricultura).

Por esta razão, a efetiva disponibilidade de recursos para a realização dos inadiáveis investimentos de infraestrutura definidos no Plano de Metas parece longe de acontecer, acarretando maiores perdas e ineficiências particularmente no processo de comercialização da safra já no ano de 1987.



Leite - Raça - 30 anos de seleção



Filhos de Rancheiro da Cal

Fazenda Calciolândia - Arcos - MG - Fone: (037) 351-1267

Fazenda Serrinha - Betim MG - Fone: (031) 335-6100

RANCHEIRO DA CAL

CONHAQUE VIRBAY

As primeiras 17 filhas, em primeira cria, produziram a média de 2.741 kg/lactação.

BELA VISTA II

4.318 kg na 3.ª lactação. Irmãs, filhas e sobrinhas com lactações superiores a 3.000 kg.

K.S. VIRBAY: GRANDE RAÇADOR

— Teve 15 filhas no rebanho em 1.ª lactação, com produção média de 2.567 kg.

JARDA — Produziu 4.000 kg/lactação. Mais de 30 irmãs com lactação superior a 2.000 kg.

BOMBAIM ROXONA — Filho de BOMBAIM o melhor touro leiteiro do Brasil e ROXONA Recordista Mundial em 1964. Produziu numa lactação 5.400 kg. Vaca padrão de úbere e tetas.

BELA VISTA — Recordista Mundial em 1965 com 5.035 kg e 5,78% de gordura. Vaca padrão de úbere e tetas.

A Criação de Búfalos no Brasil

pelo Dr. Walter Carvalho Miranda

Obra fundamental para se conhecer o búfalo no Brasil e suas imensas possibilidades. 176 páginas encadernadas e fartamente ilustradas. Procure nosso agente local.

REGISTROS

Preços Pagos pela Agricultura, cidade de São Paulo e Indicadores Financeiros

Item	Unidade	Preço
Máquina, veículo e implemento*		
Arado de Alveca, 3/4 reversível (41 kg, lâmina de aço carbono)	un.	962,45
Arado de 3 discos, 26" fixo, liso	un.	14.400,00
Caminhão Ford-F-11000, diesel	un.	180.937,30
Carreta 4 t c/carruagem, a/pneu, a/freio	un.	12.999,00
Colheitadeira p/grãos - HF- 3.660	un.	391.712,00
Colheitadeira p/grãos - HF- 5.650	un.	453.266,00
Grade de discos, 26 discos de 18"	un.	17.585,00
Pick-up F-100, motor a gas., 4 cil. c/caçamba	un.	91.262,57
Máquina de beneficiar café, 600 arrobas p/dia	un.	176.211,00
Motor elétrico 3 HP trifásico - 4 p. blindado	un.	1.222,77
Planet 5 enxada, tração animal (28 kg)	un.	663,50
Plantadeira manual, Lider Modelo A	un.	121,24
Polvilhadeira costal, 7 a 8 kg de pó	un.	960,35
Polvilhadeira costal, 18 litros	un.	457,13
Semeadora adubadora, 1 linha, tração animal	un.	2.527,00
Trator Massey-Ferguson, 44 CV	un.	91.256,00
Trator Massey-Ferguson, 61 CV	un.	122.590,00
Adubo e corretivo*		
Cloreto de potássio	t.	2.418,12
Fosfato natural sadio	t.	301,86
Termofosfato	t.	1.800,00
Nitrocálcio	t.	1.660,70
Uréia	t.	2.775,90
Sulfato de amônio	t.	1.929,36
Nitrato de amônio perfurado	t.	2.021,51
DAP	t.	4.668,41
Superfosfato simples (nacional) pó	t.	1.663,25
Superfosfato triplo pó	t.	3.439,44
Glicinato de zinco (Brio Claro e Piracicaba)	t.	155,75
Inseticida e fungicida*		
Aldrin 5%	sc 25kg	—
B.H.C. 12%	kg	—
1-10 (DIT Parathion)	kg	—
1,5-10 (DIT Parathion)	kg	—
Iscia Hixen	kg	9,71
Disulfoton-45	kg	49,78
Mannate	cx 25kg	1.406,83
Oxiclorreto de cobre 50%	kg	30,80
Oxiclorreto de cobre 35%	kg	41,61
Folidol 1,5%	kg	4,98
Sulfato de cobre	kg	27,30
Vacina e medicamento*		
Assutol + Bepeson	kg	267,56
Creolina Pearson	lt	23,91
Wycillin, franco 400 mil unidades	fr	1,56
T-49-25	sc 25kg	1.479,78
Vacina contra brucelose	d.	1,65
Vacina contra carbúnculo sintomático	50 ml	7,52
Vacina contra carbúnculo hemático	50 ml	—
Vacina contra febre aftosa (Inst. Biológico)	d.	2,74
Ração*		
1. Ave		
Pinto	kg	1,27
Fraque	kg	2,98
Prodeira	kg	3,03
Reprodutora	kg	3,09
Corte inicial	kg	1,59
Corte final	kg	1,67
2. Bovino		
Bezerro	kg	2,52
Manutenção	kg	2,28
Produção	kg	2,38
Toiro	kg	2,16
3. Suíno		
Inicial	kg	1,65
Crescimento	kg	2,98
Acabamento	kg	2,87
Reprodução	kg	2,89
Pinto de um dia*		
Corte	un.	2,67
Postura	un.	6,22

Item	Unidade	Preço
Utensílio e ferramenta*		
Aplicador de formicida pó	un.	33,38
Arame farpado nacional	kg	9,36
Enceradeira locomotiva	m	51,04
Enxada para cultivador, 16"	conj.	35,50
Enxada 2 caras, 2,5 libras	un.	37,94
Enxada Tupi, 2,5 libras	un.	—
Enxada 2 caras, 3 libras	un.	37,86
Foice 10', meia lua p/pasto	un.	32,45
Grampo para cerca	kg	9,30
Latão de leite, 50 litros	un.	342,00
Peneira para café, 70"	un.	57,43
Preço 17/21	kg	12,01
Saco novo, arroz em casca (60 kg)	un.	11,56
Saco novo, batata (60 kg)	un.	7,33
Saco novo, café (100 a 110 l)	un.	—
Peça de reposição*		
Bico de pato c/mo, 18"	un.	66,20
Disco de arado, liso, 26"	un.	339,00
Pneu de caminhão, 825 x 20, 12 lonas	un.	2.010,00
Pneu de caminhão, 900 x 20, 12 lonas	un.	2.442,00
Animal de trabalho e produção*		
Bezerro	un.	—
Boi magro	un.	—
Vaca leiteira, até 5 l/dia	un.	—
Vaca leiteira, de 5 a 10 l/dia	un.	—
Vaca leiteira, acima de 10 l/dia	un.	—
Boi carreiro novo	un.	—
Burro domado novo	un.	—
Alimento para animal*		
1. Farelo		
trigo	sc 30kg	46,00
carroço de algodão	kg	1,69
amendoim	kg	—
raapa de mandioca	kg	—
soja	kg	2,53
2. Farinha		
ovos	kg	5,20
sangue	kg	3,30
carne	kg	3,05
ostra	kg	0,41
3. Outros		
Refinasil	sc 50kg	84,42
Sal comum grosso	sc 50kg	53,60
Sulfato de magnésio	kg	7,92
Torta de algodão	kg	1,75
Sal mineral	kg	26,61
Torta de amendoim	kg	2,00
Combustível e lubrificante*		
Gasolina comum, amarela	10 lt	47,70
Óleo diesel	10 lt	31,00
Óleo lubrificante SAE-30 1ª linha	lt	18,00
Querosene	10 lt	31,90
Alcool hidratado	10 lt	31,00
Material de construção*		
Cal virgem	sc 20kg	13,17
Cabo de peroba (3x6cm, base 4,60cm até 5m	m	4.400,00
Tubo galvanizado p/água, 3/4", com costura 19m	mt	23,05
Tubo galvanizado p/água, 3/4", sem costura 19m	kg	—
Cimento Portland	sc 50kg	49,81
Folha de porta interna, lisa 35m espessura	un.	254,56
Tábua de pinho (12 x 1 cm) de 39, 4,2m	de.	1.017,00
Telha francesa de cerâmica (foaca)	milheiro	2.300,00
Tijolo comum	milheiro	350,00
Frete C&S/m³ -		0,43
Mão-de-obra p/dia - normal (44,00) - colheita (57,00)		
Mão-de-obra normal -		1.100,00
Salário-Mínimo -		806,00
IMR -		106,40

Fonte: * Instituto de Economia Agrícola

** Revista "A Construção de São Paulo"

Conforme noticiamos em Novembro, a ABC por iniciativa de sua associada e conselheira Clarice Brito Soares, promoveu o Primeiro Encontro de Natal da ABC, entre as associadas e as senhoras dos associados. Em próxima edição publicaremos uma reportagem a respeito e, para não perder a oportunidade publicamos as palavras proferidas pela associada Clarice Brito Soares, nessa fraternal reunião.

Companheiras da ABC - prezadas amigas

Na noite de Natal, Deus vem ao encontro do homem. Que o nosso coração esteja pronto para acolhê-lo.

Com estas palavras, minhas companheiras aqui presentes estou iniciando, a mensagem de Fé, Esperança e Amor neste primeiro encontro da grande família da Associação Brasileira dos Criadores.

É mais um Natal que chega como em cada ano. O mundo se enfeita e o homem prepara esta vinda tão desejada: O Nascimento do Menino Deus em cada um de nós, em nossas famílias, no bairro onde moramos, na cidade que amamos e no mundo que queremos reconstruir.

Todos sentimos os apelos profundos de paz, perdão, fraternidade, solidariedade e Amor. Somos, porém, incapazes de satisfazer estes anseios e por isso voltamos esperançosos ao Deus de nossa alegria que mais um ano vem nos comunicar que a Esperança é possível e que nada está perdido de forma definitiva. Este é o Natal que esperamos - é este o Natal que estamos preparando. Acima de tudo sentimos que Deus está em nosso meio, e, com alegria deixemos que a Luz da manjedoura, pela esperança do anúncio dos pastores e pela humildade dos presentes dos Magos, sintamos renascer a fé em nossos corações e transmitamos amor aos nossos irmãos.

O Evangelho nos conta assim, referindo-se à chegada dos Magos.

"Onde está o recém-Nascido Rei dos Judeus ?

Porque vimos sua estrela no Oriente e viemos adora-lo. Eis que a estrela que viram no Oriente parou sobre onde estava o Menino. E vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo. Entrando na gruta viram o Menino com Maria sua Mãe. Prostrando-se, adoraram e abrindo seus tesouros entregaram-lhe suas ofertas: Ouro, Incenso e Mirra".

Assim aconteceu, há quase dois mil anos, passados e hoje estamos aqui reunidas no mesmo espírito de fé, para também encontrar-mos no mesmo Menino Deus a verdadeira Luz para com Ela podermos reconstruir um mundo melhor de Paz, Amor e Justiça.

Que trazemos nós? Que fazemos nós? O que queremos? Estamos mesmo dispostos a aceitar esta Luz, para sermos reflexos dela?

Aqui hoje reunidas, tenho certeza no mesmo espírito de Fé, propuzemos o primeiro encontro da grande Família da Associação Brasileira dos Criadores. Fé que anima nossa esperança, para um mundo melhor.

É o momento de darmos um significado novo a tudo que somos e fazemos; descobrindo uma nova dimensão em cada dia que passa, em cada gesto, em cada palavra em cada olhar. Tudo é possível, desde que estejamos dando Amor, colocando um pouco de ternura nos mais simples atos do dia a dia. O importante é estarmos sempre levantando, mas para isto é preciso lutar, só boa intenção não basta. A luta do cristão é uma luta constante e dura, é um eterno cair e levantar é um querer e pensar continuamente, pois é no treino diário que conseguiremos acertar o rumo de nossas vidas através do conhecimento do encontro com Deus dentro de nós.

Certo é que, nossas vidas, nossos dias são as vezes cheios de mágoas e desalentos que querem se apoderar de nossas almas.

Mas, sabemos que temos dentro de nós, a Luz brilhante da esperança, a fé em Deus que nos anima e pouco a pouco vem trazendo-nos novo ânimo de Viver.

Escolhi como mensagem para este primeiro encontro: Cristo, Luz do Mundo – Que possamos ser reflexos, pequenas luzes, brilhando sempre.

Caminheemos com os Magos até a estrela parar – que ela brilhe dentro de nós, que possamos ser mesmo reflexos desta realidade. Realidade de um Cristo que se fez Menino, nascendo em nossos corações, em nossas famílias, entre nossos amigos. Sejamos mensageiras desta Boa Nova – desejando Felicidade a todos, principalmente aqueles que creem, pois só na Fé poderemos ter novos tempos e que o mundo poderá ser melhor. Caminhando juntas na mesma direção, chegaremos à compreensão de que de mãos dadas com nossos companheiros de jornada, amparados uns nos outros, possamos distribuir forças, diminuindo o peso do fardo de cada um.

Agradeço a presença de todos, esperando tê-las outras vezes reunidas neste espírito de alegria que nos anima, com este mesmo espírito fraterno, acreditando, que na Associação Brasileira dos Criadores, existe não só a vocação para o trabalho, para o apoio à nossa classe na defesa de nossos interesses, nas árduas e constantes lutas, enfrentando crise sócio-econômicas, auxiliando resolver situações e problemas nacionais, com coragem, acreditando num Brasil melhor – existe também a preocupação de pararmos para pensar, para reverenciar, para homenagear o Menino Deus, neste 1º encontro de Natal – sem diferença de credo ou religião porém irmãs no mesmo espírito de Fé, afirmando Cristo Luz do Mundo e que Ele veio para trazer: Paz, Esperança e Amor.

A ABC deseja a todos que o Natal que se aproxima seja um alerta para buscarmos um encontro com os amigos e caminharmos juntas na mesma direção e que todas as direções nos levem à um só lugar.

Feliz Natal e muito obrigada.

REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Director Responsável: Luiz de Almeida Penna

Assistentes: Paulo Roberto Maravalhas Gomes.

Colaboradores: Leovigildo Pacheco Jordão,

Luiz Paulin Neto, Gastão Moraes da Silveira,

Walter Battiston, F. Teatini, Fidelis Alves

Neto, José Resende Peres, General Diogo

Francisco Ribeiro, Manuel José de Alcantara.

Seção de Economia: Eng.º Agr.º Luiz Antonio

Pinzza e Eng.º Ivan Wedekin.

Departamento de Publicidade da Editora:

Gerente: Luiz de Almeida Penna Filho

Assistentes: Leocirio Noronha, Jacqueline N.

Bonfim, Suzana Medina Triboli e Rosilene

C. Assvedo.

Fotografia: Francisco Sciaccia.

Para fazer publicidade na Revista dos Criadores ou em outra qualquer publicação desta

editora exige credencial do vendedor, não

sendo autorizada em "xerox" e recibo na

autorização. Só emita cheque cruzado e em

nome da EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Assinatura-anuidade — Com direito a 1

ANUNCIADA DOS CRIADORES E AGRICULTORES

e o título de associado da ABC: 7 OTN.

Numeros atrasados, ao preço da última edi-

ção em banca.

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura:

Assinância: Maria Nazareth de Castro Penna

Agente Autorizado para Publicidade e As-

sinatura: Disbrapel Ltda. — Edições Agro-

pecuárias, Rua Caralbas, 434 — CEP 05020

— Ca. Postal 61.051 — São Paulo - SP.

Redação: Rua Venâncio Aires, 31 — São

Paulo - SP — CEP 05024 — Fone: 263-8400

— Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico

"Criadores".

Gráfica e Fotolito Próprios: Rua Venâncio

Aires, 31 — São Paulo - SP.

Venda avulsa:

Exemplar avulso: Cz\$ 48,50

Via aérea para: MANAUS, BOA VISTA, POR-

TO VELHO, RIO BRANCO e SANTARÉM —

Cz\$ 63,00.

Venda Avulsa: Rio de Janeiro - RJ. Guanaba-

ra Jornais e Revistas Ltda., Rua Antonio Ri-

beiro, 72 — Inhaúma. Londrina - PR. Jornal

— Com. Publ. de Jornais e Revistas Ltda.,

R. Minas Gerais, 61. Goiânia - GO. Jardim

Imperial. Publ. Ltda., R. 68 n.º 521 — Centro,

CEP 74.130. Fortaleza - CE. Distribuidora

Exclusiva de Publ. Ltda. Rua General Sampaio,

992. Vacaria - RS. João Brizola, Rua Mare-

chal Floriano, 360. Pouso Alegre - MG. Agên-

cia Rebello Ltda., Av. Dr. Lisboa, 219. Assun-

ção - Paraguay. Mayers Internacional, Casilla

Correio, 1416.

Os artigos assinados nem sempre traduzem

a orientação da Revista e da ABC e são de

responsabilidade dos que os subscuem.

Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui

publicados desde que sejam citados nosso

nome e a edição.

REVISTA DOS CRIADORES

A Associação Brasileira de Criadores
que inclui os criadores
de todos os animais
domésticos e selvagens
tem o prazer de publicar
esta revista para os
seus associados e para
os interessados em
geral.



NOSSA CASA

SUMÁRIO

Dezembro de 1986 — Ano LVI — N.º 683

20

Homenagem a
Dr. Flávio Teles
de Menezes

24

O drama do
Produtor do Leite

29

As melhores
produtoras de 1985

39

Balde de Ouro

41

Num plantel sob
controle "O sucesso
de um programa
de transferência
de embrião"

44

No Fazendeiro do Mês
— O retrato de um

empresário —
José Garcia Molina

48

Confinamento de
mestiços Canchim

59

Exaltação à
Pecuária do Pará

93

Aveia ou Rolão

98

RRZ — Suplementos
minerais para o
gado bovino em
pastejo nas regiões
tropicais — A
segurança da radiação
— Infecções por
herpesvirus —
Dermatropicos em
bovinos — Notas
zootécnicas

123

O que vai pelo
controle leiteiro

SEÇÕES

1 .. Negócios Rurais

13 Mensagem de Natal

18 .. Ponto de Vista

38 Gente

47 Marchigiana

50 Mecanização

52 Noticiário da Bahia

53 RC-Rio

87 Mangalargan...do
Bras

96 Leilões e
Exposições

118 Registro

120 ... Das Empresas



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos). Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional

60 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho

Vice-presidentes

Diogo Branco Ribeiro
Ruy Calazans de Araujo
Frontino Ferreira Guimarães Júnior
João Antonio Camarero
Octavio de Mesquita Sampaio

Secretários:

Rubens Malta Campos
Ricardo Barros de Almeida Telles

Tesoureiros:

Eckhard Alfrid Reiman
Armando de Moraes Barros
CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-Presidente

Arnaldo Lima

Membros Natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis
Joaquim Barros Alcântara Filho

Efetivos

Roberto Brotero de Barros
Caio de Lima Corrêa
José Carlos Guimarães Oliva
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
Renato Napolitano
Geraldo Diniz Junqueira
Laila Veiga de Oliveira
Marius Oswald Arantes Rathsam
Luiz Batista Pereira de Almeida
Luiz Glycério Gracie de Freitas
Henrique de Souza Dias
Alberto Chapchap
Eider Ribeiro Dantas
Paulo Fernando da Silveira Bueno
Carlos Eduardo Vieira Ribeiro
Edwin Benedito Montenegro
Carlos do Amaral Cintra
José Cassiano Gomes dos Reis Junior
Roberto Diniz Junqueira

Clarisse Brito Soares
Carlos Alberto Julio Lohmann
Fabio Garcez Meirelles Junior
Pedro de Paula Leite Moraes
Alberto de Paula Leite Moraes
Fernando Euler Bueno
Roberto Cano de Arruda
Adalio José de Castilho
Rubens Franco de Mello
Franklin Rodrigues Siqueira
Vicente Martins Junior

Suplentes

Lelio Toledo Piza e Almeida Filho
Claudio Sobral Caiado de Castro
Custódio Cabral de Almeida
Newton Ferreira da Silva
Arnaldo A. Pedro Carraro
José Luiz Ballalai Cotrim
Radyr de Queiroz
Oswaldo Pereira Guimarães
Antonio Tadeu Jallad
João Luiz de Freitas Britto
José Acácio dos Santos

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Cassio de Toledo Leite
Antonio Menocci
Rubem Ribeiro de Moraes

Suplentes

Arion Bueno de Oliveira
José Calil
Vicente de Paula Muller Ferricelli

SUPERINTENDENTE

Virgílio de Almeida Penna

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Manoel José de Alcântara, Eng.º Agr.
João Soares Veiga, Méd. Vet.

Serviço de Controle Leiteiro

Fidelis Alves Neto, Méd. Vet.
Claudio V. Roberti Jor., Eng.º Agr.

Registro Genealógico, Serviço

Ponderal de Controle de Peso
e Pré-Cruza

Walter Battiston, Méd. Vet.

Assistência Técnica — Veterinária

Humberto A. Clemente, Méd. Vet.
Antonio Carlos Gouvêa, Méd. Vet.

Laboratório de Análises

Paulo Fernando Athaydes, Méd. Vet.

SÃO PAULO: Rua Jaguaribe, 634 — CEP 01224 — Tels. (011) 826-3035 — 800-3747
800-3747. Caixa Postal 9194. Av. José Cesar de Oliveira, 175 — CEP 05317 — Tels.
831-7966, 800-7068 e 261-8438. Aberta até às 22 h. SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP: R.
Gabriel Ferreira, 83 — Tels.: (0196) 23-4377 e 23-4224 — CEP 13870. RIO DE JANEIRO:
RJ: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 — São Cristóvão — CEP 20951 — Tels. 264-
264-7150, 264-7255 e 800-2307. Os prefixos 800 são para ligações do interior para as capitais
e sem despesas para o interessado.



Edifício ABC - Centro da Agropecuária Nacional, a futura sede social da ABC, à Av. José Cesar de Oliveira, 175, ao lado da loja já existente. Localiza-se no Jaguari, próximo a Ceagesp. As áreas disponíveis foram todas vendidas em menos de 45 dias. As obras continuam em pleno andamento.

*A atual sede social da ABC,
a sub-sede no Rio de Janeiro, outras lojas
e a nova sede social em construção*



A loja à Av. José Cesar de Oliveira, ao lado da qual, à esquerda, está sendo construído o edifício da nova sede social da ABC.



A sub-sede no Rio de Janeiro, à Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3, São Christóvão.



Aqui a sede à rua Jaguaribe, 634



A loja em São João da Boa Vista, SP, à rua Ferreira, 83.

A ABC é, hoje, um centro regulador de preço dos insumos agropecuários.

A perplexidade do criador

A pecuária vinha de uma dura recessão. Foram as exportações que garantiram a sobrevivência econômica da atividade. O aumento do consumo interno deve ser conseguido ao longo dos anos, através do crescimento do rebanho e da melhoria dos índices zootécnicos.

A atual virada do ano acontece sob um ambiente repleto de perplexidade e de preocupação para o criador brasileiro. Tal constatação parece fantasia, a tomar por base que a bovinocultura de corte, assim como toda agropecuária, inclinou-se desde o primeiro instante, sem hesitação, a favor do Plano de Estabilização Econômica. A crença geral era de que o Plano Cruzado, ao extirpar a correção monetária penalizadora da produção, e concomitantemente, ao recuperar o poder aquisitivo do consumidor, poria a atividade bovina para retomar a marcha do crescimento.

Mas acontece que havia um amplo desconhecimento, a não ser para aqueles mais ligados com a atividade, da situação vivida pela pecuária nos últimos anos. A recessão econômica comprimiu o mercado interno, em termos de oferta, demanda e estocagem. A saída foram as exportações de carne "in natura" e industrializada, que além de garantir rentabilidade comercial, possibilitou a modernização do parque frigorífico do país. E foi com duras penas que o país conseguiu, no início, mercado comprador para a carne, para posteriormente chegar a ser o terceiro exportador do mundo, atrás somente dos Estados Unidos e Austrália.

Neste sentido, identifica-se a falta de consistência, à luz de um crivo téc-

nico e econômico, da avaliação feita dentro de uma tendência de crescimento nesta década, em que o tamanho do rebanho nacional é de 130 milhões de cabeças. A realidade, muito triste por sinal, tem dado claras evidências de que o número é bem menor a este estimado. Já está o volume de abates diários, que raramente chega perto das 20 mil cabeças, tidas como a quantidade normal para o período de entressafra.

Afora isto, existe também o fato do Brasil apresentar índices zootécnicos dos mais baixos, a nível mundial. A taxa de desfrute não excede a 10%, enquanto que a febre aftosa continua a rondar assustadoramente os rebanhos. Por sua vez, a falta de manejo e de alimentação adequada provocam quebras na oferta entre maio a outubro, quando as pastagens do Sul ficam crestadas, pelas geadas, e as do Centro-Oeste secam, por falta de chuvas. O resultado vem numa redução de até 70% do total de reses abatidas na safra, que é de 34 mil cabeças.

Como a recuperação do poder aquisitivo de massa assalariada, principalmente a situada nos centros urbanos, aumentou significativamente o consumo de carne. Contudo, os açougues e supermercados não dispunham de mercadorias para atender a população. Daí, a falta de carne passar a ser o assunto palpitante do momento, ga-

nhando os mais importantes espaços nos noticiários da empresa escrita, falada e televisiva. Todos queriam dar sua versão e soluções, como se o problema fosse consequência de um aparecimento instantâneo e não de contingências passadas.

Formou-se então o quadro equívocado da carne, onde, como era de se esperar, não demorou para surgir a radicalização. Nisto tudo, salienta-se a singular situação do criador, que, de um lado, se reter o boi corre o risco do confisco, e de outro, caso venda, reduz o número de animais no pasto, podendo ser enquadrado na reforma agrária. Logo não é nada fácil dormir com um barulho desses.

O governo, diante da fase crítica da oferta, no pico da entressafra, procurou mostrar sensibilidade, adotando medidas, muitas das quais constituíam antigo anseio da pecuária. É o caso específico da redução do Imposto de Circulação de Mercadorias 17% para 12% e, posteriormente, para 1%. Essa decisão deve ser mantida, para reduzir os gravames que a atividade sofre ainda no FUNRURAL (2,5%) e PIS (0,75%).

Por outro lado, a solução governamental de aumentar o preço congelado da arroba de Cz\$ 215,00 para Cz\$ 280,00, tratou-se apenas de evitar que o pecuarista operasse no vermelho. Examine o quadro abaixo, que mostra

Conta de capital, pecuária de corte, feras de cria, recria e engorda, 1.777 hectares de pastagem, produção de 2.199,5 arrobas de carne bovina.

Item	Quantidade	Valor Unitário Inicial (Cz\$)	Valor Total Inicial (Cz\$)	Vida (Anos)	Depreciação Total (Cz\$)	Taxa Anual (%)	Juro Total (Cz\$)
I. CAPITAL FUNDIÁRIO							
PASTAGEM CULTIVADA	737 ha	992,00	731.104,00	10	73.110,40	5	18.278,00
BENEFICÍCIOS							
Casas de Empregados	3	60.000,00	180.000,00	30	6.000,00	5	5.400,00
Galpão	1	30.000,00	30.000,00	20	1.500,00	5	800,00
Curtel	1	300.000,00	300.000,00	30	10.000,00	5	8.000,00
Selaria	6	2.000,00	12.000,00	15	800,00	5	360,00
Cercas	26.858 Km	8.318,00	240.949,00	15	16.000,00	5	7.201,00
Apúdas	3	4.000,00	12.000,00	15	800,00	5	360,00
					35.100,00		28.221,00
II. CAPITAL DE EXPLORAÇÃO FIXO							
ANIMAIS DE REPRODUÇÃO E TRABALHO							
Animais de trabalho	10	6.000,00	60.000,00	12	5.000,00	5	2.400,00
Touros	27	15.000,00	405.000,00	8	35.438,00	5	21.090,00
Vacas	548	3.200,00	1.753.600,00	-	-	5	140.288,00
Novilhas 2-3 anos	148	2.800,00	414.400,00	-	-	5	38.152,00
Novilhas 1-2 anos	151	2.400,00	362.400,00	-	-	5	29.892,00
Bezerros	184	2.000,00	368.000,00	-	-	5	26.240,00
					40.438,00		252.132,00
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS							
Trocar	1	124.145,00	124.145,00	22,2	4.489,00	5	5.959,00
Carrata	1	15.456,00	15.456,00	10	1.545,60	5	860,00
Rocadeira	1	31.774,00	31.774,00	10	2.860,00	5	1.398,00
Utilitários	1	149.000,00	149.000,00	10	11.920,00	5	7.162,00
Armadilhas, ferramentas etc.	...	22.500,00	22.500,00	5	4.500,00	5	600,00
					25.140,00		16.949,00
III. CAPITAL DE EXPLORAÇÃO CIRCULANTE							
ANIMAIS PARA VENDA							
Bezerros	164	2.500,00	410.000,00	-	-	10	41.000,00
Novilhas 1-2 anos	151	2.800,00	422.800,00	-	-	10	42.280,00
Novilhas 2-3 anos	148	3.600,00	532.800,00	-	-	10	53.280,00
Bois 3-4 anos	145	4.155,00	602.475,00	-	-	10	60.247,50
							196.807,50

1 No cálculo da depreciação e dos juros consideraram-se valores residuais correspondentes aos seguintes percentuais do valor inicial: touros - 30%, trocar - 20%, carrata - 10%, rocadeira - 10%, utilitários - 20%; demais itens: valor residual nulo.

O custo médio da arroba do boi na região Centro-Oeste, calculado pelo Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC), da EMBRAPA. O valor apurado é de Cz\$ 267,11, ou seja, 24% acima daquele congelado inicialmente pelo Plano Cruzado. Para o criador que desenvolve o confinamento, próprio para gerar bovino em ponto de abate na entressafra, esse custo, evidentemente, sofre um acréscimo, pois os tratos dispensados na alimentação são bem maiores.

Foi a duras penas que o país chegou à posição de maior exportador de carne industrializada.

Um ponto precisa ficar livre de qualquer suspeita, qual seja, de que a escassez da carne não pode ser forjada artificialmente em um ano. Tanto assim que a sua falta continuará sendo sentida em 1987, sem mais sombra de dúvidas. A curto prazo, o problema da carne deve ser enfocado em como administrar um produto carente. Buscar nas importações a oferta que falta internamente, representa um custo muito alto, para uma nação em que o capital é o fator mais limitante.

No tocante a tal propósito, não se pode esquecer que o Brasil deverá carrear ao exterior mais de 600 milhões de dólares neste ano, para internalizar cerca de 500 mil toneladas de carne. Observe que o produto deixou de ser gerador de divisas, passando a absorvedor, empobrecendo a balança comercial. Tanto assim que, em relação a 1985, quando o Brasil obteve uma receita de US\$ 650 milhões com a exportação de carne industrializada e "in natura", detendo a hegemonia do mercado internacional de "corned-beef", neste ano as receitas deverão ficar reduzidas aos US\$ 337 milhões obtidos até agosto, quando as vendas foram suspensas. Cumpre, portanto, rever imediatamente esse problema, mormente pela razão do país dispor de uma indústria instalada bem estruturada e de ter gozado, em 1985, como visto, de posição de maior exportador de carne industrializada, que por sua vez utiliza o retalho da desossa de boi e aproveita a chamada "ponta de agulha", um produto de segunda categoria.

É possível equacionar a oferta interna para atender a exportação e o consumo doméstico. Algum ponto será penalizado. A SEAP está trabalhando numa previsão de embarque para 1986, entre 100 mil a 150 mil toneladas de carne, diante de um volume tradicionalmente exportado pelo País na faixa de 450 mil toneladas. Por seu turno, há um projeto de se estocar 500 mil toneladas, que absorverá cerca de 100 milhões de dólares, envolvendo o confinamento de um milhão de cabeças. Para acabar, nada demais lembrar que, sendo a pecuária uma atividade de resposta a médio prazo, a decisão tomada ou deixada de lado agora terá consequências a médio prazo. Ninguém mais que o criador gostaria de ver o seu rebanho crescer, melhorando a taxa de desfrute e aumentando o número de abates, isso significa prosperidade para o setor, que terá de posuir um rebanho de 600 milhões de cabeças no ano 2050, a fim de abastecer uma população na ordem de Um bilhão de brasileiros.

As Classes Produtoras Homenageam um Grande Lider:

FLÁVIO TELES DE MENEZES

As classes produtoras, envolvendo empresários do setor rural, industrial e da área de serviços, ofereceram no último dia 02 de dezembro, um jantar-homenagem ao Presidente da Sociedade Rural Brasileira, Dr. Flávio Teles de Menezes, que chega agora ao final de seu mandato. Deve-se a homenagem aos relevantes serviços prestados em defesa da livre iniciativa, economia de mercado e uma política agrícola adequada a realidade brasileira.

O encontro, realizado no Clube Atlético Monte Líbano, reuniu perto de mil e quinhentos empresários, e teve como promotora uma comissão constituída por representantes de diferentes áreas da economia e não apenas empresários rurais. O objetivo desta reunião foi o de destacar seus três anos à frente da Sociedade Rural Brasileira, durante os quais o Dr. Flávio Teles de Menezes atuou com muita presteza.

Na oportunidade, usaram da palavra Renato Ticoulat e o Deputado Federal Guilherme Affif Domingues, Presidente da Associação Comercial do Estado de São Paulo, que entregaram ao homenageado uma placa comemorativa da reunião. O evento contou também com a presença do Ministro da Agricultura, Íris Resende que participou do coquetel servido antes do jantar, do Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, Gilberto Dupas; do Secretário da Fazenda, Marcos Fonseca e do Secretário da Segurança e Justiça, Eduardo Muiyaert.

Também compuseram a mesa da solenidade as seguintes personalidades: Roberto Rodrigues, Presidente da Frente Ampla da Agropecuária e da Organização das cooperativas do Brasil; Ronaldo Caiado, Presidente da UDR - União Democrática Ruralista; Maria Amato, Presidente da Fiesp; Flávio Brito, Presidente da Confederação Nacional da Agricultura; Fabio Meirelles, Presidente da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo; João Gilberto Rodrigues da Cunha, Presidente da ABCZ; Antonio de Padua Diniz, Presidente da Cebam e Senabram; Werter Annichino, Presidente da Coopercucar; Roberto Konder Bornhausen, Presidente da Confederação Nacional dos Bancos; José Mario Junqueira de Azevedo, Presidente da Associação de Criadores de Nelore do Brasil; Antonio de Oliveira Pereira, Presidente do Sindicato dos Pecuáristas de Gado de Corte; Antonio Ernesto de Salvo, Presidente da Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais; Ary Marimon, Presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul; Roberto Paranhos do Rio Branco, Presidente da Associação dos Empresários da Amazônia e João Carlos de Souza Meirelles, Presidente do Conselho Nacional da Pecuária.

A Associação Brasileira dos Criadores se fez representar a mesa de honra, pelo seu vice-presidente Dr. Octavio Mesquita Sampaio. Nas páginas seguintes publicamos as eloquentes palavras pronunciadas pelo homenageado.



Mais de mil e quinhentas pessoas levaram sua solidariedade a Flávio Teles de Menezes.

“...nada é mais progressista que o liberalismo econômico”

A emoção indescritível, à sensação íntima de alegria e de ansiedade, mescla-se, nesta noite aquecida pelo calor humano de tantos amigos aqui reunidos, gerando um torvelinho de pensamentos dentro de minha consciência, um sentimento profundo e conflitante, de satisfação pessoal e de permanente questionamento da obra realizada.

A medida que os dias se sucedem, e os anos se acumulam, vão se formando, por trás de nós, um arquivo implacável; à nossa volta, uma imagem pública; e, dentro de nós, a consciência de nossa humildade diante dos desafios a enfrentar.

Vivemos em um generoso país. Quantos de nós, imigrantes, ou filhos de imigrantes, de terras distantes, aqui pudemos construir a prosperidade econômica, erguer a base social de nossas famílias, desenvolver as aptidões de nossos filhos? Quantos brasileiros conhecemos, cuja ascensão social, cultural ou econômica se deveu à mobilidade vertical desta sociedade aberta?

E por que aberta? Porque souberam os fundadores da República, que queremos manter pura, sem adjetivos, pois que não é Nova, nem Velha, é sempre e só República, souberam os ilustres bandeirantes, muitos dos quais idealizadores de nossa Sociedade Rural Brasileira, abrir-se aos movimentos culturais, como em 1922, aos movimentos políticos, na mesma época, ou aos movimentos econômicos, como desde o início do século.

E para essa característica essencial da sociedade brasileira que devemos voltar nossa atenção e nossos esforços, no momento mesmo em que a Nação se prepara para repensar sua base jurídica fundamental, seus princípios constitucionais.

Que Nação desejamos nós? Quais os princípios de ordem política, econômica e social a consagrar na Constituição? Que regras de vida legaremos a nossos pósteros?

Permiti-me recordar, nesta ocasião, um pouco da nossa História. O Brasil foi, em sua origem, uma grande empresa estatal. A Coroa Portuguesa, na época dos descobrimentos e das grandes navegações, governava um Estado patrimonialista. A iniciativa das expedições — e o Brasil foi o resultado feliz do êxito da expedição de Cabral — pertencia ao Estado Português. Assim, a Colônia brasileira, por longos séculos, nada mais representava que a extensão do poder político-administrativo da

metrópole. A iniciativa privada aqui subsistia somente em razão de concessões do Rei, de alvarás do Governador-Geral em função, enfim, de um espírito cartorial e regulamentador do colonizador.

É conhecido de todos o episódio histórico de D. Duarte Coelho, o leal donatário da próspera Capitania de Pernambuco, cujo empenho em desenvolver a indústria do açúcar nos engenhos de Olinda, levou a Coroa a centralizar o Poder em um Governo-Geral. Nas mãos do Governador Geral, as funções administrativas e tributárias incluíam entre outras as de autorizar o funcionamento de salinas e açougues, de minas e curtumes, emitindo concessões e alvarás, cobrando taxas e registros, cercando esta ou aquela atividade, como por exemplo, as fundições de ferro...

Tal centralização marcou tão profundamente nossa história econômica, que poder-se-ia mesmo afirmar que a noção de livre empresa, ou de iniciativa privada confundiu-se durante muitos séculos com a de subversão da ordem pública, imposta pelo dominador.

Coube ao espírito de emancipação dos donos da terra, ao choque cultural provocado pelas levas de imigrantes que, após a Abolição, em 1888, vieram substituir a mão-de-obra escrava, e à luta nacionalista dos caudilhos das fronteiras, o papel de inocular na sociedade brasileira moderna o germe da iniciativa independente do poder estatal.

Por outro lado, outra noção tão clara — e tão cara — aos europeus em geral, e aos norte-americanos, em particular, a dos direitos do contribuinte em relação ao Estado, foi e permanece muito difusa entre nós. Basta lembrar que, proclamada a Independência, em 1822, ainda se cobrou por anos, no Brasil, o tributo para a reconstrução de Lisboa, destruída pelo terremoto de 1755.

No fundo, durante séculos criou-se no Brasil a mentalidade de que “tudo se espera do governo e que a iniciativa individual não existe”, nas palavras candentes do Visconde de Mauá. Com efeito, com a autoridade de ter sido o maior empresário do Império, arrematava Mauá: “E como não há de ser assim, se em tudo quanto se refere à ação do capital, em que a liberdade das convenções devia ser o princípio regulador, esbarra-se logo de frente com péssimas leis preventivas, e quando estas não bastam, a intervenção

indébita do governo aparece na qualidade de tutor?”

Aqui se sintetizam todos os conceitos que tem equivocadamente impedido o florescimento do verdadeiro capitalismo em nossa terra: o social-estatismo, a intervenção reguladora, a reserva de mercado, a estatização da poupança, o direcionamento dos investimentos, a abolição da função dos preços livres, a proliferação das empresas estatais.

Vivemos, pois, em um país onde não existe, em sua plenitude, o liberalismo econômico, o capitalismo, a iniciativa privada desvinculada da concessão do Estado. E, no entanto, assistimos passivamente às acusações de que a pobreza, a má distribuição de renda e todos os demais males de nossa sociedade devem ser debitados às mazelas do capitalismo.

Ora, senhoras e senhores, o que nós sobra de intervenção do Estado no domínio econômico, nos falta em sua legítima e própria esfera de atuação. Temos, na realidade, menos ensino público; e pior ensino público do que poderíamos e deveríamos ter. Mas, em troca, temos aço e cobre subsidiados com recursos públicos, isto é, com nossos recursos.

Hoje, como todos reconhecem, a prosperidade econômica, o bem-estar social e o progresso científico e cultural encontram-se nos países que adotaram o liberalismo econômico como modelo para suas sociedades. A renda é mais bem distribuída nos países de economia liberal do que nos de economia planificada por um poder central. São estes os que se convertem, um após outro, a liberdade de iniciativa, ao imperativo da desregulamentação, da privatização de suas empresas.

Como se sentirá hoje um economista marxista ao ver restabelecida legalmente na União Soviética, depois de 70 anos de construção da sociedade socialista — leia-se socialismo real, burocratizantes e asfixiante — a micro-empresa, ou seja, o direito de auferir lucros, provenientes da utilização inteligente e organizada dos fatores de produção, inclusive o trabalho, pelo empresário competente? Como irão conciliar a justificativa do lucro, nas micro-empresas soviéticas, com a teoria da “mais-valia” de Marx?

É que o mundo continua mudando. E, agora, neste final de século, na direção correta, que é a da nova Revolução Liberal, que privilegia a pessoa humana sobre

o Estado. Não devemos confundir o liberalismo com o conservadorismo. Como bem define o filósofo liberal francês GUY SORMAN: "o conservadorismo é uma atitude; o liberalismo é um projeto." O conservador, em última análise, prefere um mal que já conhece a outro que ainda não conhece. O liberal, embora busque suas origens na tradição, na conservação das aquisições culturais, acrescenta um projeto criador de progresso, a partir da dinâmica individual. Hoje, nada é mais reacionário que a esquerda centralizadora e burocrática; nada é mais progressista que o liberalismo econômico.

Desregulamentar, privar-se do Estado naqueles numerosos domínios em que o interesse público melhor se atende pela diversidade das ações individuais: eis a solução liberal. Liberar os recursos públicos para assegurar aos cidadãos acesso à educação, à saúde, e às necessidades básicas da vida. Implementar a única das igualdades que, afinal, importa: a igualdade de oportunidades. E permitir que os resultados dessa competição liberal sejam divididos e apropriados segundo os méritos de cada um.

É nesse contexto que a propriedade há de ser entendida e justificada, como o estuário da poupança dos indivíduos. Ela é obrigatoriamente complementar da liberdade econômica. Sem uma, não subsiste a outra. E sem ambas, perece a liberdade política.

Este é o legítimo direito de propriedade, defensável porque indispensável: a propriedade como cristalização da poupança; como prêmio ao vitorioso, nesse processo de emulação econômica e social. Assim compreendida, a propriedade privada não é concedida ou admitida pelo Estado, dele não depende nem nele se justifica, porque é imane à condição de liberdade de cada pessoa.

Também é, principalmente, em nosso setor agrícola cabe ressaltar a importância do conceito liberal. Porque as vozes do social-estatismo, em nome de uma pretensa justiça social, que não definem, para, positivamente, manterem o arbítrio e o poder sobre a sociedade, pregam a redistribuição da terra, dos recursos fundiários, como se fosse condição necessária para a promoção do crescimento da produção agrícola, da melhor distribuição da renda e da riqueza, e da contenção do êxodo rural.

Nada mais falso. Nada tão ilusório. Nenhum país agrícola avançado dependeu de que o Estado promovesse reformas fundiárias para: 1) aumentar suas safras e sua produtividade agrícola; 2) criar uma classe média rural que funcione como fator de equilíbrio social e demográfico. Quanto à contenção do êxodo rural, é preciso dizer, com coragem e claramente que todas as nações que se desenvolvem passam por um processo de transferência de recursos humanos dos campos para as cidades. Assim foi no Canadá capitalista. Assim foi na Polónia socialista.

A verdadeira reforma que o campo espera no Brasil é a da política agrícola: a Revolução Verde, que passa por alguns conceitos e providências fundamentais:

1) uma reforma tributária, que elimine os impostos sobre o produto agrícola, quer para o consumo interno, quer para a exportação, pois não é admissível tributar quem produz ou quem exporta, mas sim quem lucra;

2) a consagração do princípio universalmente aceito do "Agribusiness", ou seja, a idéia clara de que há uma integração entre a indústria fornecedora de insumos e equipamentos, a agricultura, a indústria processadora de produtos agrícolas e os serviços comerciais e financeiros inerentes ao processo;

3) a profissionalização do agricultor, através da formação e desenvolvimento dos recursos humanos no campo, a exemplo do que se fez no comércio e na indústria;

4) o direito aos preços de mercado, para os produtos e insumos agrícolas, sem subsídios nem reservas de mercado, única forma de desenvolver o espírito empresarial sadio no campo, como ensina o professor Theodore Schultz, Prêmio Nobel de Economia de 1979; e, finalmente:

5) uma política agrícola permanente, confiável, que não altere as regras do jogo, no seu transcorrer, como se tem visto, no passado e no presente.

O mundo mergulhou recentemente em uma terrível guerra comercial de produtos agrícolas. O excesso de subsídios da Comunidade Econômica Européia (mais de 20 bilhões de dólares em recursos fiscais em 1986), respondido em nível semelhante (cerca de 25 bilhões de dólares) pelo governo dos Estados Unidos e excedido em intensidade pelo Japão, que chega a pagar a seus agricultores dez vezes mais pelo arroz que produzem do que seu preço real no mercado internacional, está levando o mundo a uma situação sem saída. Nosso governo tem-se aproveitado dessa oportunidade pífida para importar leite em pó, arroz, milho, carne, e outros produtos, compactuando com as políticas desagregadoras do mercado praticadas pelas Nações mais ricas. Ao assim proceder, estimula essas práticas desleais, prejudica o produto brasileiro e lança-se à triste aventura de Eva: comer a maçã envenenada.

Nós, agricultores, temos a obrigação de advertir publicamente e registrar para a posteridade sobre os riscos dessa política comercial oportunista.

A agricultura tem pago o maior preço desde a edição do Plano Cruzado. Seus preços se encontram congelados, enquanto seus custos se mantiveram em alta. Os reajustes concedidos a alguns produtos, quer a título de preços, como na cana-de-açúcar, quer a título de subsídios, como no leite, são insuficientes e inadequados para o setor.

A agricultura, como de resto a economia brasileira, precisa respirar o ar puro da economia de mercado. O anunciado congelamento dos preços da cesta básica de alimentos é um tiro mortal na produção agrícola. Tal política, consistentemente seguida, na década de 70, destruiu a agricultura africana, dos países ao sul do Sahara.

Ao invés de africanizarmos nossa agricultura, precisamos, isto sim, de asiaticizá-

la. Isto é, investir na eficiência produtiva do agricultor, aproximá-lo do mercado e obter o que os vinte principais países da Ásia conseguiram entre 1974 e 1984: um ganho de 3,4% anuais de produtividade para os cereais, seguindo o caminho da Revolução Verde, permitindo aos agricultores que obtivessem lucros pela utilização de técnicas modernas.

Agora, tudo isso vai depender de nós. De nossa união, entre todos os agricultores e entre eles e suas lideranças; entre todas as entidades de classe da agricultura. E entre nosso setor e os demais setores: indústria, comércio, bancos, transportes e serviços.

Não podemos mais dar-nos o direito de agirmos em dissonância com a pregação das lideranças. A desunião impedirá o êxito dos esforços pela adoção da real política agrícola que o Brasil precisa.

Não mais críticas fáceis. Não mais choros ou lamentação gratuitas. Agora é a hora do argumento sólido, da ação consistente e unificada, do fim do divórcio entre as classes produtoras, da renúncia aos favores governamentais, que anestesiaram os que os aceitam. É a hora de mostrar à opinião pública, hoje predominantemente urbana, que sem agricultura forte, não há abastecimento confiável. E que o Porto de Santos não pode se transformar na maior fazenda nacional.



Após sua brilhante oração, Dr. Flávio Tullio de Menezes foi cumprimentado pelos presentes.

Problemas econômicos resolvem-se com soluções econômicas. Com soluções de força não se superam os choques de oferta. O funesto exemplo de opressão que representou a desapropriação de gado de indefesos produtores rurais pelo onipotente Estado, não pode servir de modelo para o futuro de um país que precisa mostrar reconhecimento a quem produz. A escola da intervenção produz diligentes alunos. Agora mesmo, um dos Estados da Federação, arbitrária e abusivamente, proíbe a saída de gado e de carne de seu território. É atentando contra o mercado, o bom senso, as leis e a Federação, que vamos resolver o problema da carne?

Mais inteligente e produtivo será reconhecermos, como nos diz o Banco Mundial, em seu "Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial, 1986": "Em muitos dos países em desenvolvimento, as políticas tanto macroeconômicas quanto microeconômicas têm criado obstáculos ao desenvolvimento agrícola. As taxas cambiais supervalorizadas, a proteção dada à indústria fabril nacional e a taxa dos produtos agrícolas e dos produtos alimentícios que concorrem com os importados têm desencorajado a produção agrícola interna." Difícilmente poder-se-ia produzir diagnóstico mais eloquente sobre nosso país...

Este é, pois, o desafio de nossa geração. O de dotar o Brasil industrializado da década de 1980 de uma política agrícola. Para tanto, afastemos de nós a nostalgia do Brasil agrícola de nossos pais e avós. Admitamos, com coragem e ousadia, que o Brasil de 1987 é uma sociedade industrial; que a agricultura não poderá ser a saída para todos os males, a panaceia nacional; que a epopéia heróica da industrialização, conseguida, é verdade, às expensas dos recursos financeiros e humanos transferidos do campo para as cidades, foi o motor indispensável do desenvolvimento brasileiro; que, agora, é preciso reequilibrar, devolver a harmonia de crescimento entre o setor agrícola, que ficou exangue e defasado, e os demais setores da economia nacional.

Esta política agrícola deve ter como objetivo principal o de assegurar ao produtor rural a renda que o mercado puder proporcionar. O abastecimento interno, as divisas geradas nas exportações, os empregos criados com a expansão do setor agrícola, o equilíbrio social decorrente da ascensão de uma forte classe média no interior, tudo isso será consequência, sub-produto inevitável do objetivo principal: assegurar as condições para que o produtor rural profissionalizado possa se apropriar da renda que os mercados lhe oferecem.

Meus amigos. Busquei dias a fio, noites adentro, atinar com as razões desta homenagem. Ouvi, com emoção, as palavras generosas de Renato Ticoulat, de Guilherme Afif Domingos e de Roberto Cardoso Alves, inspiradas certamente pela amizade inquebrantável que nos une e nossa convivência tem solidificado mais e mais. As amizades profundas sublimam as relações humanas, mas também embaçam as lentes nos julgamentos. A essa amizade crédito a benevolência para com meus defeitos. A

ela também debito os exageros na apreciação de algum eventual mérito do homenageado.

Peço, pois, licença para transferir esta homenagem a alguns entes queridos.

A Renato Ticoulat, D. Quixote da agricultura brasileira, de quem não passo de um cúmplice atrevido, ambos envolvidos nessa aventura deliciosa e insensata, em que nos metemos, nove anos atrás, com a desfaçatez própria dos personagens de Cervantes. A você, meu estimado Renato, as homenagens que a agricultura brasileira ficou a lhe dever e nunca terá como pagar.

A meus companheiros da Sociedade Rural Brasileira, diretores e colaboradores, com cuja paciência infinita e dedicação diuturna pude contar ao longo do meu mandato. Com vocês compartilhei tantos momentos de tensão, de apreensão. Com vocês compartilho, agora, este átomo de alegria.

Aos idealizadores e organizadores desta homenagem, a cujo trabalho insano crédito o sucesso desta noite de congratamento, a essa comissão infatigável, de amigos leais e de homens simples que se mantêm no abrigo do anonimato, e a todos os companheiros de luta que, descejosos embora de aqui usar da palavra, não puderam fazê-lo. Em vocês identifiquei o ânimo e o entusiasmo que nunca tendo-lhes faltado, não me faltará também, no futuro.

A todos os meus irmãos e suas famílias, sobre quem recaiu a sobrecarga de gerir os negócios, liberando-me suficientemente da maioria de meus afazeres profissionais e propiciando-me, assim, tempo e tranquilidade para a dedicação ao cargo que ocupo e procuro honrar. A vocês, minha gratidão fraternal e meu reconhecimento público pelo desapego e coragem que têm demonstrado, ao dividir comigo, em partes iguais, os riscos decorrentes de minhas posições e atitudes, que deveriam ser exclusivamente meus.

A meus pais, cuja vida de trabalho e realizações; de privações e sacrifícios, é meu exemplo de todos os dias e de todas as horas. A você, meu pai, que, ausente embora, está mais presente que nunca, minha única e insubstituível universalidade; a você, meu pai, que nunca se aposentou, que no leito de morte, me perguntava, e se perguntava, porque se queria trabalhar menos, no Brasil que tanto precisa de trabalho; a você, meu pai, que doou sua saúde, abrindo o sertão, para que professores educados às custas dos impostos que você pagou, viessem hoje propor a divisão da riqueza que você criou. A você, meu pai, minha homenagem consiste em prometer — em jurar — que a obra que você deixou, como tantos outros iguais a você deixaram, não será destruída. Antes, será preservada e propagada, em nome da igualdade de oportunidades, em uma sociedade livre e aberta, em que outros, pobres como você foi, um dia, filho de um troleiro, poderão, como você fez, revoltar-se não contra a riqueza, mas sim contra a pobreza e também tornarem-se ricos, como você conseguiu fazer.

A você, minha mãe, que lá na Alta Noroeste, na poeirenta Aratubá, me acalentou em seu regaço. A você, que me escondia debaixo da mesa pobre da sala, quando o temporal caía, a luz se apagava e meu pai não chegava do serviço. A você, que me ensinou as primeiras letras e números, esse tesouro de valor incalculável, minha herança mais cara. A você, minha mãe, que sofria as minhas dores, que mitigava as minhas mágoas, que me ensinava o mundo simples das pessoas boas; a você, minha mãe, que me vê, hoje em dia, tão pouco, ofereça-lhe o que um filho pode oferecer à mãe: uma consciência limpa.

A meus adorados filhos adolescentes, a quem tenho sonhado minha presença física, e que, mesmo sem este amparo paternal, têm-se gratificado com uma conduta exemplar, em casa e na escola. A vocês, Flavio, Ricardo e Liliana, cuja vida é a razão de ser de minha vida, espero poder legar alguma obra de que não se envergonhem, no futuro. De vocês, cuja compreensão e carinho nos poucos momentos em que temos podido nos encontrar, tanto me confortam, de vocês, meus filhos, tenho recebido a inspiração para prosseguir. Porque vejo em vocês o Brasil do amanhã, a renovação dos costumes políticos, a alegria de recomeçar, o entusiasmo pela informação nova, o inconformismo e o progresso. A vocês, meus filhos, em troca do pai que não tenho conseguido ser, ofereço-lhes meus esforços, ainda que váos, por uma sociedade melhor, onde vocês possam constituir, um dia, suas famílias.

Finalmente, a você, minha mulher, tão forte no seu caráter quanto frágil no seu coração, quero expressar minhas últimas palavras de agradecimento. Sei, que a grandeza de seu caráter e a autenticidade de seu temperamento falam mais alto, quando a dúvida surge e questiona se vale a pena. Sei o quanto você tem dado de si, para ser mãe e pai, ao mesmo tempo. Em você, Bebeth, tenho encontrado a inspiração para seguir na empreitada, que juntos enfrentamos e que juntos venceremos.

Meus amigos. Nenhum sonho é suficientemente grande para que os homens não possam sonhá-lo. Nenhuma meta é tão distante que não se possa atingi-la. Temos clara, à nossa frente, uma visão do futuro. Um futuro onde haja tanta igualdade quanto possível desde que se mantenha incólume a liberdade. Um futuro em que seja assegurado a liberdade de cada um para o exercício pleno de suas potencialidades.

Além de minha imorredoura gratidão por esta homenagem, quero deixar-lhes, como palavra final, uma pergunta.

Ao olharmos para este Brasil, centralizador e estatizado, onde o Estado supera o indivíduo, não mais nos cabe perguntar porquê. Cabe-nos propor nosso sonho e nossa meta: o liberalismo; a liberdade de iniciativa e a economia de mercado. E perguntar: Por que não?

São Paulo, 2 de dezembro de 1986.

O drama do produtor de leite

Em reunião realizada em fins de Novembro, último, na sede da Associação Brasileira de Criadores, os produtores de leite através de suas cooperativas e associações de classe, tomaram uma firme posição em relação a situação em que se encontra a produção leiteira nacional.

Assim, nessa reunião, o Dr. Waldir Ferreira Bastos, presidente da Cooperativa Central dos Produtores de Leite do Estado de São Paulo, fez sentir aos presentes que a Cooperativa Central estava sendo pressionada pelos produtores, para que se fizesse uma representação junto ao Governo Federal, expondo a precária e lastimável situação econômica - Financeira em que se encontram os produtores fato que já obrigou muitos deles abandonarem a atividade.

A este respeito chamamos a atenção de nossos leitores para a perseguição à classe agropecuária, movida por certos escalões governamentais. Vejam o caso pre-eleitoral do boi gordo e o que vem acontecendo com a pecuária leiteira. Aqui, é um verdadeiro drama, doloroso, porque estão reduzindo a ninguém aqueles que produzem o alimento básico da pátria - o leite.

Quem não se lembra que por ocasião da instalação do Plano Cruzado, os produtores de leite por efeito de nova lei, salarial, na época, foram obrigados a aumentar o salário de seus empregados, e o Governo, em vez de atualizar o preço do leite, congelou-o. Foi um protesto geral. Só após transcorrido uns cinco meses o Governo resolveu dar um subsídio ao produtor. Agora, vem o Cruzado II, com aumento para vários produtos e nada para o leite, nem uma palavra de alento. A única coisa que se pode depreender de tudo isso é que não há pelos poderes públicos, o mínimo interesse pela produção leiteira e pela alimentação do "povão" - palavra tão a gosto dos políticos e cronistas de TV. Daí, acreditarmos que o que há é um interesse em perseguir e desestabilizar as fazendas produtoras de leite, tornando-as deficitárias, e fácil presa para a desapropriação, ou melhor a liquidação da iniciativa privada e sua transformação em agrícolas tão a gosto dos Países Socialistas e chegamos tão elogiadas por turistas desavisados que andam por esses países e depois fazem pregações a respeito. Daí então a grande necessidade dos produtores ficarem aten-

tos e agilizarem seus líderes por intermédio de suas cooperativas e associações de classe. É preciso ficar de olho em Brasília e seus escalões secundários e insistir nas suas reivindicações junto aos Ministros do Planejamento e da Fazenda, que de fato são os homens que regem a economia nacional.

Voltando ao assunto da reunião na ABC, acrescentamos que a representação dos produtores filiados a Cooperativa Central de Laticínios, contou com o apoio de maioria das associações de criadores de São Paulo, conforme se pode ver na cópia do "telex" remetido ao Diretor da SEAT, através da Confederação Nacional das Cooperativas e que publicamos mais adiante.

O preço do leite solicitado nessa representação foi de Cr\$ 4,10, considerando-se uma margem de lucro de 10 + 5%, isto por se tratar de produto em falta. Com o estudo foi apresentado uma planilha sobre os custos do leite Especial "C" e do "B" e que, também, publicamos logo a seguir no "telex" acima mencionado.

TELEX DOS PRODUTORES

Apreensivos com as notícias veiculadas pela imprensa da manutenção dos preços vigentes do leite (tabelados em 17/12/1985), que o próprio Governo reconheceu, através do Sr. Ministro da Fazenda no ato do congelamento (28/02/86), que deveria ter sido reajustado e posteriormente o Senhor Presidente da República ter criado Comissão de Política Leiteira, que confirmou necessidades de revisão imediata dos preços do leite, e o plano de metas anunciado pelo Governo Federal de incentivo ao aumento de produção de leite no País, para fazer face ao Plano de Leite da Criança Carente e aumento consumo população (leites A, B, C), a classe produtora sem condições de permanecer na atividade solicita imediatos esclarecimentos.

Atenciosamente

COOP. CENTRAL LATICÍNIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO -

Dr. Waldir Ferreira Bastos.

SINDICATO DAS INDS. DE LATICÍNIOS DO EST. DE SÃO PAULO -

Sr. Carlos Humberto Carvalho

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PRODUTORES DE LEITE "B" -

Sr. Pedro Nelson Correia Gonçalves

ASSOCIAÇÃO BRAS. DE CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA HOLANDESA.

Sr. David Monteiro Leite Ribeiro

SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA -

Sr. José Roque Monteiro

FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO -

Sr. Manoel José Alcantara.

ABC - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES -

Sr. Manoel Eplídio Pereira de Queiroz Filho.

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE GADO JERSEY DO BRASIL -

Sr. Aldo Raia.

São Paulo, 21 de novembro de 1986.

**LEITE "B" PLANILHA DO CUSTO DE PRODUÇÃO
ELABORADA PELA COOPERATIVA CENTRAL
DE LATICÍNIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO.**

ITEM	Quantidade litros	Preço unitário	Valor por litro
1- CUSTO VARIÁVEL			
1.1 - Mão-de-obra	0,01547 dia	77,50	1,281
1.2 - Combustível	0,04472 l	3,10	0,138
1.3 - Óleo lubrificante	0,00032 l	18,00	0,005
1.4 - Energia elétrica	0,07073 Kwh	0,31	0,021
1.5 - Alimentos comprados			
- sal mineral	0,00421 Kg	12,88	0,054
- sal comum	0,00318 Kg	1,07	0,003
- rapão	0,40000 Kg	3,10	1,240
1.6 - Alimentos produzidos			
- cana	0,84211 Kg	0,07	0,058
- napier	1,26318 Kg	0,04	0,050
- silagem	1,85263 Kg	0,15	0,157
- milho	0,08415 Kg	1,78	0,147
1.7 - Medicamentos			
- vermífugo	0,00010 l	359,03	0,036
- antibiótico	0,00023 ml	1,18	0,007
- carpaquidida	0,00011 l	350,47	0,039
- boricida	0,00011 l	717,91	0,013
1.8 - Vacinas			
- aftosa	0,00041 d	2,43	0,001
- brucelose	0,00031 d	1,41	0,000
- manqueira	0,00027 d	0,82	0,000
1.9 - Outros materiais			
- grampo para cerca	0,00018 Kg	9,90	0,001
- arame farpado	0,00234 Kg	9,38	0,021
- madeira (mourão)	0,00005 dz	435,00	0,021
- formicida granulado	0,00058 Kg	9,71	0,005
1.10 - Transporte de leite	-	-	0,428
1.11 - Reparo de máq. e equip.	-	-	0,137
1.12 - FUNERAL	-	-	0,144
Subtotal 1	-	-	4,007
2- CUSTO FIXO			
2.1 - Impostos e taxas	-	-	0,008
2.2 - Reparo de Benf. e Inst.	-	-	0,037
2.3 - Depreciação	-	-	0,287
2.4 - Juros e capital fixo	-	-	0,608
2.5 - Juros e capital circulante	-	-	0,122
2.6 - Remuneração empresário	-	-	0,188
Subtotal 2	-	-	1,128
3- RECEITA INDIRETA			
3.1 - Despesa animal	-	-	0,327
3.2 - Valorização rebanho	-	-	0,234
3.3 - Estorno produzido	-	-	0,071
3.4 - Lotes consumidos	-	-	0,081
Subtotal 3	-	-	0,713
4- CUSTO PRODUÇÃO (subtotal 1+2+3)			
4- MARGEM DE LUCRO (30%)	-	-	1,328
5- PREÇO LEITE	-	-	5,748

Fonte: Associação Brasileira dos Produtores de Leite "B" - May/88.

**LEITE "C" OU ESPECIAL - PLANILHA DO CUSTO DE
PRODUÇÃO ELABORADA PELA CENTRAL DE LATICÍNIOS
DO ESTADO DE SÃO PAULO.**

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE COOPERATIVAS DE LATICÍNIOS

"(Condições técnicas e custo de produção de leite ao produtor no Brasil - Padrão
provisória, (1) (2))

Período: Média Anual e Preços Incorridos em Novembro/88

ITEM	QUANTIDADE UNIDADE	PREÇO UNITÁRIO	VALOR LITROS
1- CUSTO VARIÁVEL			
1.1- Mão-de-obra serviços rotina	0,0161 dia	72,58	1,314
1.2- Alimentação			
1.2.1- Alimentos comprados			
- sal mineral	0,0080 Kg	12,88	0,103
- sal comum	0,0080 Kg	0,95	0,008
- rapão balanceado e/ou farelo (20% de soja, 40% de milho e 40% de trigo)	0,2500 Kg	2,40	0,600
1.2.1- Alimentos produzidos na propriedade (volumosos)			
- napier	2,1558 Kg	0,04	0,098
- cana	1,4957 Kg	0,07	0,105
- silagem	1,7830 Kg	0,16	0,288
- milho em grão	0,1600 Kg	1,47	0,235
1.3- Medicamentos			
- vermífugo	0,0001 l	359,03	0,036
- antibiótico	0,0100 ml	1,18	0,012
- carpaquidida	0,0001 l	350,47	0,035
- boricida	0,0001 l	717,91	0,012
1.4- Vacinas			
- aftosa	0,0016 d	2,43	0,004
- brucelose	0,0002 d	1,41	0,000
- manqueira	0,0013 d	0,82	0,001
1.5- Materiais Diversos			
- grampo	0,0002 Kg	9,90	0,002
- arame	0,0020 Kg	9,38	0,019
- madeira (mourão)	0,0001 dz	435,00	0,044
- formicida granulado	0,0018 Kg	9,71	0,018
1.6- Transporte	-	-	0,460
1.7- Energia elétrica	0,0510 Kwh	0,631	0,019
Subtotal 1	-	-	3,398
2- CUSTO FIXO (desembolso)			
Reparo de benfeitorias e equipamentos			0,040
Insuflante para formação de pastagens			
- combustível (óleo diesel)	0,0030 l	3,10	0,009
- calcário	0,0100 Kg	0,21	0,002
- superfosfato simples	0,0078 Kg	2,54	0,019
- semente	0,0005 Kg	84,08	0,042
- mão-de-obra formação de pastagens	0,0001 dia	29,80	0,003
Impostos e Taxas	-	-	0,118
Subtotal 2	-	-	0,218
Subtotal 3 = 21	-	-	3,616
3- MARGEM DE LUCRO			
3- MARGEM DE LUCRO	-	-	1,078
4- CUSTO DE PRODUÇÃO (costo consumo)			
4- CUSTO DE PRODUÇÃO (costo consumo)	-	-	4,69

(1) Serra: Nordeste JAN e JUN, Sudeste e Centro-Oeste do MG e JUN, Sul de SET e FEV.

(2) Entre Serra: Nordeste de JUL a DEZ, Sudeste e Centro-Oeste do MATO e OUT, Sul de MAR e AÇO.

Fonte: Comissão Técnica de Leite, MP/SEAP/SUNAS, MARNAS e CAS.

... O reajuste planejado foi de CxL 4,10, mas que o lucro esteja dentro das 10% tem permissão por lei (10 x 5%).

2 milhões de litros de leite é o que recebe diariamente a Cooperativa Central de Laticínios de São Paulo

A Cooperativa Central de Laticínios de São Paulo, recebe leite das regiões Norte do Paraná, Sul de Minas Gerais, Sul de Goiás, além do Estado de São Paulo, onde estão instaladas 38 filiais.

Damos a seguir o número de cooperados e a produção/dia:

	Nº DE COOPERADOS	PRODUÇÃO L/DIA
Em Agosto/85	24.125	1.872.000
Em Agosto/86	22.765	1.968.000

Aumento de + 96.000 L/dia

Por aqui, se vê que, o que houve na realidade foi aumento de 96.000 litros de leite "B" e 15.000 do "C".

Agora vamos ver a produção média de leite por produtor.

	PROD./DIA/LEITE "B"	PROD./DIA/LEITE "C"
Em Agosto/85	374 l/produtor	54 l/produtor
Em Agosto/86	417 l/produtor	57 l/produtor

Sabendo-se a média de produção do produtor de leite "C" e que este recebe Cz\$2,31 por litro, vamos ver quanto ele recebe por mês:

57 l/dia x 30 dias = 1.710 l/mês x Cz\$ 2,31 = Cz\$ 3.950,10 (recebimento total).

Despesas diretas de acordo com a planilha: Cz\$ 3.568 l x 1.710 = Cz\$ 6.101,28
Receita no Leite = Cz\$ 3.950,10
Resultado Negativo = Cz\$ 2.151,18

A seguir vamos ver qual o número e porcentagem de produtores de Leite "B" e "C".

	Nº Cooperados	%	Produção	%
Leite "B"	1.821	8	767.520	39
Leite "C"	20.944	92	1.200.480	61
	22.765	100%	1.968.000	100%

Com os números acima apresentados verificamos que a maioria absoluta dos produtores de leite "C" ou Especial produzem em média de 57 litros/dia, que vendidos a Cz\$ 2,31 em um mês proporciona um recebimento real de Cz\$ 3.950,00, não dando, portanto, para a subsistência de uma família e, muito menos em se pensar na alimentação do gado ou mesmo na sua melhoria, nas pastagens, instalações e o que é mais importante; ter perspectivas de um futuro melhor para si e seus familiares.

ALÉM DA MISÉRIA, A PREPO- TÊNCIA DO PODEROSO

Ante a imensidão do território nacional ou de qualquer um de nossos estados e a impossibilidade de se afastarem de seu árduo e ingrato trabalho diário dedicado a produção de leite, o produtor não tem condições de, nas grandes cidades fazer qualquer protesto de massa contra o mísero valor que recebe pelo leite que produzem. Só podem protestar por intermédio de suas cooperativas e associações de classe que dependem muitas vezes da boa ou má vontade da imprensa escrita ou falada.

Já o mesmo não acontece com as indústrias, muitas delas poderosas e com forte "lobby" junto as altas esferas políticas nacionais, e não bastasse isso mandam para imprensa cópias de trabalhos remetidos ao governo fazendo sugestões sobre o preço do leite.

Atitudes como essas tem que ser vista sob dois pontos de vista; dar informações com um preço baixo para que o produtor apareça mais uma vez como o "vilão" da história e o de fazer pouco, menosprezar o produtor.

Ao lermos essa notícia nos jornais do dia 26 de Novembro, achamos tratar-se de uma intromissão indevida; uma indústria nunca deveria se intrometer num assunto em que ela é a maior interessada no preço da matéria prima e achamos, também que o governo não deveria tomar conhecimento dessa intromissão.

Tínhamos em mente lançar um protesto sobre isso quando chegou ao nosso conhecimento o protesto lavrado pela nossa entidade máxima da agricultura e pecuária, - a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, e ao qual esta Editora se associa e subscreve,

Leite: Nestlé sugere 3,20 ao produtor

("O Estado de S. Paulo", 26-11-66) Telex da
FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO ao
Senhor MINISTRO DA AGRICULTURA.

O governo deverá fixar em Cr\$ 3,20 o preço do litro do leite ao produtor, em duas etapas, conforme proposta encaminhada ao ministro da Fazenda, Ditson Fumero, pela Nestlé, em detrimento dos estudos da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), que reivindica o preço de Cr\$ 4,10. E o que indicam previsões feitas ontem por dirigentes de entidades nacionais ligadas ao setor leiteiro.

Os dirigentes leiteiros encaminharam telegramas a várias autoridades governamentais e a políticos do PMDB alertando para a grave situação da pecuária leiteira e para os riscos de o governo aprovar uma proposta de uma multinacional, que ao mesmo tempo reivindica o direito de importar 30 mil toneladas de leite em pó integral para seu uso exclusivo, através de sua matriz na Suíça.

A proposta da CNA, segundo dirigentes leiteiros, tem por objetivo recuperar a produção leiteira, que está com seus preços completamente defasados desde fevereiro, quando o governo congelou os preços. Eles alegam que o subsídio de 30% concedido ao setor não está sendo suficiente para cobrir os custos de produção, segundo a própria Nestlé, era de Cr\$ 3,34 ao litro contra um preço vigente de 2,31, incluindo subsídio.

Este ano foram importadas 206 mil toneladas de leite em pó, das quais 99 mil pelo governo e restante pela iniciativa privada, além de 33 mil toneladas de queijos. Para o próximo ano, já está sendo articulada a importação de 50 mil toneladas de "butter oil", que serão destinadas à produção de 250 mil toneladas de leite em pó desnatado.

A
SUA EXCELÊNCIA O SENHOR
DOUTOR IRIS REZENDE
DD. MINISTRO DA AGRICULTURA
BRÁSILIA - DF

Produtores de leite de São Paulo, extremamente revoltados, virtude notícias amplamente publicadas imprensa, e anunciando propostas encaminhadas pela Companhia Nestlé, sugerindo preço três cruzados e vinte centavos litro leite ao produtor, conduta inexplicável, descabida e inaceitável, sobretudo porque sem a mínima consulta prévia aos produtores que, além de repudiar energeticamente indêbita interferência estranha e portanto espúria, de forma alguma teriam como aceitá-la, uma vez que estão reivindicando preços conformes com última planilha entregue governo. Confiamos em que Vossa Excelência recusará frontalmente tão indêbita intromissão citada Companhia em assuntos obviamente exclusivos e restritos da classe produtora de leite. A Companhia Nestlé não tem e jamais poderia ter procuração ou qualquer tipo de representatividade conferida pelo setor leiteiro, para propor, como propôs, o valor citado, três cruzados e vinte centavos, sem sequer consultar as representações classistas competentes. Tão repulsivo e lamentável precedente, pelo justo critério da reciprocidade, confere a aqueles produtores direito opinar sobre preços produtos Nestlé, o que, afinal, não poderia interessar, de modo algum, ao processo econômico global. Ratificamos nossa convicção de que vossa Excelência não tomará sequer conhecimento tão esdrúxula proposta ou sugestão.

Atenciosamente,

Eduardo Ferreira Fontes
Presidente em Exercício
Federação da Agricultura do Estado de São Paulo

Mesmo texto para:-
Ministro da Fazenda
Ministro do Planejamento

Cópias para:-
Sen. Flavio da Costa Britto - CNA
Presidentes das Federações da Agricultura
Alexandre Mahler - Presid. Cia. Nestlé

AS MELHORES PRODUÇÕES DE 1985

Fidelis Alves Netto
Claudio V. Roberti Jr.

À medida que as lactações vão sendo encerradas, é rotina no controle leiteiro proceder-se a comunicação dos resultados aos criadores e Associações de Registro e leva-las ao conhecimento público em relatórios mensais na Revista dos Criadores.

A fim de conhecer as melhores produções do ano de 1985 foram preparadas listas reunindo as melhores lactações do ano em cada raça, considerando a sua duração se 365 dias ou 305 dias, o número de ordenhas diárias (3 ou 2) e cada grupo de idade. Foram reunidas no máximo 10 lactações em cada grupo de idade.

Analisando essas listas foi possível proceder a várias avaliações quando puderam ser conhecidas as melhores produções, os rebanhos mais desta-

cados, os níveis de produções nos respectivos grupos, em cada raça.

NÚMERO DE LACTAÇÕES

Ao todo foram reunidas nas listas 675 lactações que se destacaram, sendo 313 na I Divisão ou de até 305 dias, com nova parição em até 427 dias e, 362 na II Divisão, em até 365 dias, sem exigência de nova parição distribuídas em 8 agrupamentos raciais, variedade ou cruzamento.

O título de LE (Livro de Escol) aparece em 224 das lactações da I Divisão, equivalendo a 71,5% do total. O título de LM (Livro de Mérito) ocorreu em 308 lactações da II Divisão, correspondendo a 85% das vacas. O quadro nº 1 mostra a distribuição das lactações e dos títulos por raça, variedade ou cruzamento.

QUADRO I

RAÇAS				
		305 dias LE	365 dias LM	
Raça Holandêsa preta e branca	128	95	138	120
Raça Holandêsa vermelha e branca	92	74	107	98
Raça Jersey	17	15	20	19
Raça Pardo Suíça	34	23	42	32
Raça Guernsey	4	4	7	7
Raça Gir	13	9	23	21
Girlando	17	1	10	7
CRUZAMENTOS DIRIGIDOS	8	3	15	4

REBANHOS EM DESTAQUE

Um levantamento de vacas e rebanhos em destaque mostra que vários rebanhos aparecem com maior frequência nas listas. Destes um nome se destaca por aparecer em duas relações, é o do Sr. Amílcar Farid Yamin com 118 lactações incluídas, nas raças Parda Suíça e Holandêsa Vermelha e Branca. Considerando-se o número médio de vacas controla-

das no ano, nesse rebanho estas citações correspondem a um rendimento de 60% sobre os controles realizados. Esse rendimento entre os rebanhos mais destacados andou entre 35 e 51%.

RÉSUMO DAS PRODUÇÕES POR AGRUPAMENTOS

Os quadros 2 e 3 mostram um resumo do que ocorreu nos vários agrupamentos por idade nas variedades Preta e Branca e Vermelha e Branca da raça Holandesa. A1 é citada a maior produção no grupo, em leite e em gordura, a produção média das lactações em destaque e as menores produções.

Entre as raças de variedade Preta e Branca destacam-se em 365 dias os registros no grupo de novilhas de primeira cria, até 2 anos e meio em 3 ordenhas, com médias de produção somente superadas na idade adulta. Esta diferença é menor no agrupamento de duas ordenhas onde o destaque é para vacas entre 3 anos e 1/2 a 4 anos. Na Divisão de 305 dias as diferenças são menores destacando-se porém que foram altas as produções de fêmeas jovens o que demonstra estar ocorrendo um alto nível de criação e uma melhoria qualitativa dos rebanhos.

MAIORES PRODUÇÕES DO ANO

As produções máximas de leite e de gordura em cada raça no ano de 1985 são citadas em relação à parte, "melhores produtoras do ano de 1985 no SCL da ABC.

Foram preparadas também listas das dez melhores produções em 365 dias na raça Holandesa, em cada variedade, separadamente e em 3 e 2 ordenhas diárias.

QUADRO 2
RESUMO DAS MELHORES PRODUÇÕES EM 1985 NO SCL DA ABC

IDADES	HOI., PB -	365 DIAS/ORDENHAS		305 DIAS/ORDENHAS	
		3x	2x	3x	2x
AJ	-	10.798/307 (1) 9.533/282,3 (2) 8.709/268,2 (3)	9.231/316,7 4.598/276,2 7.881/217,9	9.557/283,8 7.674/226,8 6.753/193,7	8.004/269,8 6.993/220,4 6.395/190,9
AS	-	10.084/305,0 8.603/252,5 7.516/207,1	9.094/283,5 7.864/253,9 7.499/234,0	8.458/236,7 6.697/211,3 5.968/161,6	7.375/240,4 6.540/211,7 6.382/190,0
BJ	-	9.335/282,6 8.606/255,9 7.768/234,0	10.499/310,0 9.017/276,1 8.255/250,6	8.944/279,6 7.915/240,1 6.869/214,5	8.174/271,6 7.375/222,0 6.650/194,9
BS	-	10.494/342,4 8.050/261,7 7.090/221,1	11.108/327,7 9.307/284,7 8.638/249,7	7.559/268,3 6.908/242,9 5.976/221,1	7.607/261,7 7.016/219,4 6.622/195,8
CJ	-	10.499/332,4 8.258/266,8 7.598/222,1	8.918/327,5 8.253/264,6 7.821/242,7	8.308/271,2 7.338/235,1 6.693/205,7	7.915/265,7 7.228/238,5 6.503/214,4
CS	-	10.733/320,0 7.831/240,0 7.472/232,3	11.248/340,1 9.094/286,1 7.866/246,4	6.594/238,2 6.416/215,0 6.173/191,1	7.442/248,8 7.087/232,5 6.536/190,0
D	-	11.580/396,9 20.970/354,1 10.238/332,4	11.948/406,8 10.934/348,3 10.412/283,5	9.305/309,4 8.510/273,6 7.814/231,5	9.272/301,6 8.570/273,7 7.910/241,2

(1) maiores produções no grupo em Kg. (2) produções médias na idade. (3) menores produções.
AJ - até 2 1/2 anos; AS - 2 1/2 a 3 anos; BJ - 3 a 3 1/2 anos; BS - 3 1/2 a 4 anos; CJ - 4 a 4 1/2 anos; CS - 4 1/2 a 5 anos; D - mais de 5 anos.

QUADRO 3
RESUMO DAS MELHORES PRODUÇÕES EM 1985 NO SCL DA ABC

IDADES	HOI., VR -	365 DIAS/ORDENHAS		305 DIAS/ORDENHAS	
		3x	2x	3x	2x
AJ	-	7.534/262,2 (1) 7.076/236,0 (2) 6.357/207,3 (3)	6.099/206,1 5.842/187,4 5.597/165,2	6.724/223,8 6.012/199,6 5.729/159,8	4.897/167,0
AS	-	7.380/240,6 6.890/225,3 6.338/194,5	7.020/236,1 6.235/200,1 5.733/179,6	5.727/190,9 5.401/176,1 4.979/165,1	5.911/191,7 5.498/175,0 4.971/158,2
BJ	-	9.146/303,5 7.417/239,1 6.242/192,3	8.595/217,4 7.073/207,1 6.081/197,8	9.116/273,2 6.879/225,3 5.674/187,4	8.296/209,9 6.073/186,9 5.227/185,5
BS	-	8.595/305,4 7.267/245,1 6.219/210,6	7.603/316,3 6.617/233,3 6.239/204,4	7.524/232,2 6.227/198,1 5.364/156,7	6.811/223,4 6.077/201,7 5.403/173,3
CJ	-	9.282/332,1 7.465/242,4 6.515/193,8	8.371/247,8 7.322/235,6 6.636/220,4	8.301/268,2 7.147/225,8 6.307/185,8	6.636/220,4 6.127/173,6 5.440/193,2
CS	-	10.200/308,3 8.465/268,8 7.276/219,9	8.751/339,3 7.449/253,7 6.590/225,7	8.511/291,0 7.721/246,0 7.239/221,2	7.334/236,3 6.210/211,6 5.534/184,4
D	-	11.260/379,4 10.119/341,6 9.480/304,4	11.334/401,7 9.138/319,1 7.982/282,2	9.953/319,6 7.962/259,0 6.861/209,2	8.739/311,2 7.145/252,9 6.608/203,8

(1) maiores produções no grupo em Kg. (2) produções médias na idade. (3) menores produções.
AJ - até 2 1/2 anos; AS - 2 1/2 a 3 anos; BJ - 3 a 3 1/2 anos; BS - 3 1/2 a 4 anos; CJ - 4 a 4 1/2 anos; CS - 4 1/2 a 5 anos; D - mais de 5 anos.

Das Raças Jersey, Parda Suíça e Gir estas listas abrangem apenas as 5 melhores lactações.

Em quadros separados aparecem classificadas, segundo as produções registradas, em leite e em gordura, as melhores de cada raça, com as lactações ajustadas a

idade adulta, duas e em três ordenhas até 365 dias.

No agrupamento de vacas cruzadas, registradas no Programa de Cruzamento Dirigido aparece PTB Ilha Bela 13.683 M-1 com 5.877 Kg de leite e 213,2 Kg de gordura, em 274 dias, pertencente

ao Sr. Paulo de Tharso Bittencourt.

Entre as fêmeas classificadas "girolando", a maior produção foi de Roxinha de Santa Cruz, de Fernando José dos Santos, com 6.749 Kg de leite e 232,9 Kg de gordura em duas ordenhas, 365 dias.

CRIADORES QUE TIVERAM MAIS VACAS COM LACTAÇÕES DESTACADAS EM 1985 no SCL DA ABC.

CRIADORES	305 3x.	dias 2x.	365 3x.	dias 2x.	TOTAL
Raça Holandesa - Preta e Branca					
Faz. Sta. Maria da Posse					
Agric. P. Ltda.	21	-	19	-	40
Donald Graber	-	15	-	11	26
Faz. Fortaleza Ltda.	7	-	14	1	22
Maria Lúcia F. Silva Dias	-	9	-	13	22
Jacob Rosier Dutilh	-	11	-	8	19
Joaquim Peixoto Rocha	6	-	12	-	18
Luiz Augusto Sacchi	7	1	7	-	15
Guilherme Walter S. Caldas	-	4	-	9	13
Arnaldo Mendes de Oliveira	4	-	5	1	10
Paragon Agro Pec. Ltda.	4	2	1	-	7
Lázaro de Mello Brandão	5	-	2	-	7
Dorval Antonio Gaiotto	-	3	2	1	6
Lair Antonio de Souza	-	2	-	4	6
Márcio Elísio de Freitas	-	4	-	1	5
Geraldo Figueiredo Forbes	2	-	2	-	4
Joaquim de Arruda Campos	-	2	-	2	4

Raça Holandesa - Vermelha e Branca

Amílcar Farid Yamin	35	1	28	1	65
Pedro Conde	9	-	22	-	31
Antonio Toledo Lara Neto	-	5	1	10	16
Olympio Amândio S.A. Stockler	6	2	4	3	15
Johannes W.M. Van der Groes (Holambra)	1	7	-	6	14
Elza Ribeiro Meirelles & Filhos	-	8	-	4	12
Henricus A. Wopereis (Holambra)	-	5	-	7	12
Geraldo Figueiredo Forbes	2	-	5	-	7
Valmir Spinelli de Oliveira	3	-	2	-	5
Waldir Junqueira de Andrade	-	2	-	2	4

CRIADORES	305 3x.	dias 2x.	365 3x.	dias 2x.	TOTAL
-----------	------------	-------------	------------	-------------	-------

Raça Jersey

Sementes e Cabanha Butiá Ltda.	-	17	-	19	36
--------------------------------	---	----	---	----	----

Raça Parda Suíça

Amílcar Farid Yamin	23	1	29	-	53
Giovani Branquinho Grossi	1	3	-	5	9
Agro Pec. Sto. Isidoro (Josef Pfulg)	-	5	-	2	7
Fernando Prado Rennó	1	-	4	-	5

Raça Guernsey

Custódio Cabral de Almeida	-	4	-	7	11
----------------------------	---	---	---	---	----

Raça Gir

Rubens Resende Peres	-	-	8	1	9
Manuel e José João S.R., dos Reis	-	6	-	3	9
Arthur Souto Maior Filizzola	-	2	-	7	9
Gabriel Donato de Andrade	-	3	-	1	4

Cruzamento Dirigido

Paulo de Tharso Bittencourt	-	8	-	15	23
-----------------------------	---	---	---	----	----

Girolando

Rubens Resende Peres	-	-	5	-	5
João Alberto Caidado de Castro	4	-	-	-	4
Paulo de Tharso Bittencourt	2	-	-	2	4

MELHORES PRODUTORAS DO ANO DE 1985 NO SCL DA ABC

POR RAÇA E VARIEDADE - AJUSTADOS A IDADE ADULTA - 2x
- 365 DIAS

LEITE (KG.)

RAÇA	ANIMAL	PROPRIETÁRIO	RAÇA	ANIMAL	PROPRIETÁRIO
Hol. PB -	Bicota Downalane do Paraíso - GHB.	Maria Lúcia Ferreira Silva Dias	Jersey -	Lilolyn G.F. Rita - PO.	Sementes e Cabanha Butiá Ltda.
		12.199 Kg			9.866 Kg
Hol. VB -	Cimarron Sands Matt Rosie - Red - PO.	Antonio Toledo Lara Neto	Parda Suíça -	Bom Café Itajaí Alaric I - PO.	Giovani Branquinho Grossi
		11.572 Kg			8.304 Kg

SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO - ABC

RAÇA	ANIMAL	Proprietário	RAÇA	ANIMAL	Proprietário
Gir -	CA. Escopa Naidú - LX - RE.	Manuel e José João Salgado Rodrigues dos Reis 5.723 Kg	Hol. PB.	Correia MS. - 31/32-OD.	Dorval Antonio Caiotto 419,4 Kg
GORDURA (KG.)					
Jersey -	Lolyla G.F. Rita - PO.	Sementes e Caba nha Butá Ltda. 492,6 Kg	Parda Suíça -	Bom Café Itajá Alaric I - PO.	Giovani Branquinho Grossi 313,4 Kg
Hol. VB.	Cristina da Holambra - GC-2	Johannes W.M. Van der Groen (Holambra) 426,2 Kg	Gir -	CA. Escopa Naidú - LX - RE.	Manuel e José João Salgado Rodrigues dos Reis 307,2 Kg

MAIORES PRODUÇÕES EM 1985
**Hol. PB. - 2x - IDADE ADULTA
LEITE (KG.)**

1 Bicoa Downlane do Paraíso - GHB/1.539	GHB.	12.199	Maria Lúcia F.S. Dias
2 Willow Terrace J. Mul-fin B/67.009	PO.	12.074	Donald Graber
3 Tampa M. Pacifica do P.D'Alho - GHB/1.854	GHB.	11.912	Jacob Rosier Dutilh
4 Canela Rico ML. - SP/87.055	PCOD.	11.858	Maria Lúcia F.S. Dias
5 Ken-Ray Grand Melany B/66.984	PO.	11.790	Donald Graber
6 P.D'Alho Sincera C. Thelma - B/66.005	PO.	11.638	Jacob Rosier Dutilh
7 Beaver Creek Bud Apostle - B/49.162	PO.	11.511	Lair Antonio de Souza
8 Bela Manhã Alert 4 Hunter - B/65.867	PO.	11.363	Cornelis J. de Jonge
9 Pano-ima Marvex Fama - B/78.698	PO.	11.345	Donald Graber
10 Correia MS. - SP/90.462 PCOD	PCOD.	11.332	Dorval Antonio Caiotto

**Hol. PB. - 2x - IDADE ADULTA - GORDURA
GORDURA (KG.)**

1 Correia MS. - SP/90.462 PCOD.	419,4	Dorval Antonio Caiotto
2 Caldas Ivarhoe S. Dinamarca - B/52.408	409,4	Guilherme W.S. Caldas
3 Jang. I Ciriema Rosilva - B/74.757	389,2	Guilherme W.S. Caldas
4 MAB, Tradition Dinah TE. 9P-B/48.592	384,2	Maria Ap. Pacheco Borba
5 Bicoa Downlane do Paraíso B/1.539	384,1	Maria Lúcia F.S. Dias
6 Canela Rico ML. - SP/87.055	372,9	Maria Lúcia F.S. Dias
7 Caldas Tradition Santana TE. - B/74.305	371,3	Guilherme W.S. Caldas
8 Beaver Creek Bud Apostle - B/49.162	366,3	Lair Antonio de Souza
9 F.H.C. Acari Déborn Mark - B/45.988	364,4	Guilherme W.S. Caldas
10 Tampa M. Pacifica P.D'Alho B/1.854	360,2	Jacob Rosier Dutilh

**HOL. PB. - 3x IDADE ADULTA - 365 DIAS
LEITE (KG.)**

1 AF. Fortaleza Bigorna - B/74.229	PO.	13.271	Faz. Fortaleza Ltda.
2 AF. Fortaleza Bos Nova - 1P-B/63.413	PO.	12.590	Faz. Fortaleza Ltda.
3 AF. Fortaleza Bosnia - B/89.007	PO.	12.471	Faz. Fortaleza Ltda.
4 Karin Chris Odete - S. Esp. - SP/170.699	GC-3.	11.798	Lázaro de M. Brandão
5 J.P.R. Lidia - B/49.384	PO.	11.580	Joaquim Peixoto Rocha
6 J.P.R. Letícia - B/43.483	PO.	11.561	Joaquim Peixoto Rocha

7 J.P.R. Paulina - B/69.789	PO.	11.499	Faz. S. Maria da Possa Ltda.
8 AF. Fortaleza Tabla - B/60.456	PO.	11.433	Faz. Fortaleza Ltda.
9 AF. Fortaleza Plalavra - B/46.293	PO.	11.421	Faz. Fortaleza Ltda.
10 C.R. Debbie M.M. Adonis - B/48.585	PO.	11.407	Cláudio V. Roberti
10 AF. Fortaleza Vantagem - B/63.415	PO.	11.407	Faz. Fortaleza Ltda.

**HOL. PB. - 3x IDADE ADULTA - 365 DIAS
GORDURA (KG.)**

1 C.R. Debbie M.M. Adonis - B/48.585	PO.	396,9	Cláudio V. Roberti
2 J.P.R. Lidia - B/49.384	PO.	395,2	Joaquim Peixoto Rocha
3 J.P.R. Lágrima - B/47.841	PO.	393,1	Joaquim Peixoto Rocha
4 AF. Fortaleza Bigorna - B/74.229	PO.	377,3	Fazenda Fortaleza Ltda.
5 AF. Fortaleza Vantagem - B/63.415	PO.	372,2	Fazenda Fortaleza Ltda.
6 AF. Fortaleza Bosnia - B/89.007	PO.	371,2	Fazenda Fortaleza Ltda.
7 AF. Fortaleza Tabla - B/60.456	PO.	360,9	Fazenda Fortaleza Ltda.
8 Erika Guarany Ned JVP. - RAJ/2.303	GHB.	356,8	Luiz Augusto Sacchi
9 AF. Fortaleza Turista - B/62.157	PO.	352,0	Fazenda Fortaleza Ltda.
10 J.P.R. Quirela TE. - B/73.043	PO.	351,3	Joaquim Peixoto Rocha

**HOL. VERMELHA E BRANCA - 2x IDADE ADULTA 365 DIAS
LEITE (KG.)**

1 Cimarron Sands Matt R. Red - LBB/756	PO.	11.522	Antonio T. Lara Neto
2 Cristina da Holambra - SP/89.651	GC-2.	11.039	Johannes W.M. V. Groen
3 Willards Jasper Ruby-Red BB/6.141	PO.	10.869	Antonio T. Lara Neto
4 Una Cavalier O.P. D'Alho GHB/1.103	GHB.	10.271	Jacob Rosier Dutilh
5 Harveygo Pat T. Nancy-Red - BB/5.619	PO.	10.013	Antonio T. Lara Neto
6 Acanta Strickler Gueldra SP/47414	GC-3.	9.504	Henricus A. Wopereis
7 Gigi Jasper da Holambra - SP/150220	GC-3.	9.445	Henricus A. Wopereis
8 King-Way M.C. Nan-Red - LBB/827	PO.	9.435	Filhos.
9 J.P. Eva Cit. Peg. Str. Ines - BB/5.838	PO.	9.376	João Passarelli
10 E.S. Vermelha Silver SS. - BB/8.082	PO.	9.342	Olympio A.S.A. Stockler

POL. VERMELHA E BRANCA - 2x IDADE ADULTA - 365 DIAS
GORDURA (KG.)

1 Cristina da Holambra - SP/89.651	GC-2.	426,2	Johannes W.M.V.Groes
2 Cimarron Sands Matt R.- Red - LBB/756	PO.	410,1	Antonio T.Lara Neto
3 Acanta Strickler Guelndria - SP/147414	GC-3.	368,5	Henricus A.Wopereis
4 Moema P.Mall Guayçara - RAJ/1.913	GHB.	364,4	Henricus A.Wopereis
5 Willards Jasper Ruby-Red - BB/6.141	PO.	360,7	Antonio T.Lara Neto
6 Harveygo Pat T.Nancy-Red - BB/5.619	PO.	339,1	Antonio T.Lara Neto
7 C.Clareda Citation-Red - LBB/669	PO.	325,2	Antonio T.Lara Neto
8 Kika da Holambra - SP/150.226	GC-4.	323,5	Henricus A. Wopereis
9 J.P.Eva Cit Peg. Stê. Ines - BB/5838	PO.	317,5	João Passarelli
10 King-Way M.C.Nan-Red - LBB/827	PC.	312,5	Elza R.Meirelles & Filhos

HOL. VERMELHA E BRANCA - 3x - IDADE ADULTA - 365 DIAS

LEITE (KG.)

1 Liza RRP Betina's - GHB/495	GHB.	11.936	Pedro Conde
2 Willards Jasper Ruby - RED - BB/6.141	PO.	11.196	Antonio T.Lara Neto
3 Fama Jasper Corona - SP/135.562	GC-3.	11.077	Amilcar Farid Yamin
4 Nancy Jasper Corona - GHB/960	GHB.	11.006	Amilcar Farid Yamin
5 Corona Lucy Jasper - BB/7.507	PO.	10.929	Amilcar Farid Yamin
6 Corona Lenny Robaron - BB/7.939	PO.	10.883	Amilcar Farid Yamin
7 ES. Vatinga Crescent mead - BB/7.955	PO.	10.359	Amilcar Farid Yamin
8 Castro Catinga - BB/3.473	PO.	10.281	Amilcar Farid Yamin
9 Corona Cantora Adelaides - BB/4.341	PO.	10.177	Amilcar Farid Yamin
10 Albertina's RJR. Tangará - BB/8.228	PO.	10.147	Pedro Conde

HOL. VERMELHA E BRANCA - 3x IDADE ADULTA - 365 DIAS
GORDURA (KG.)

1 Nancy Jasper Corona - GHB/960	GHB.	402,2	Amilcar Farid Yamin
2 Liza RRP. Betina's - GHB/495	GHB.	374,9	Pedro Conde
3 Willards Jasper Ruby Red - BB/6.141	PO.	370,7	Antonio T.Lara Neto
4 ES. Vatinga Crescent mead - BB/7.955	PO.	370,6	Amilcar Farid Yamin
5 Castro Catinga - BB/3.473	PO.	370,2	Amilcar Farid Yamin
6 Corona Cantora Adelaides - BB/4.341	PO.	367,7	Amilcar Farid Yamin
7 Quirana PR. Betina's P-SP/28.485	GC-3.	367,5	Pedro Conde
8 Corona Lenny Robaron - BB/7.939	PO.	362,7	Amilcar Farid Yamin
9 Corona Perita Yursden - BB/6.967	PO.	351,8	Amilcar Farid Yamin
10 Corona Jussara Robaron - BB/8.559	PO.	342,2	Amilcar Farid Yamin

RAÇA JERSEY - 2X IDADE ADULTA - 365 DIAS
LEITE (KG)

1- Llolyn G.F. Rita - 13.262-C	PO.	9.866	Sem.e Cab. Butiã Ltda
2- Pine Grove B.S. Harmony - 15.006-C	PO.	8.364	Sem.e Cab. Butiã Ltda
3- Veronica Ludovico Butiã - 16.628-C	PO.	7.376	Sem.e Cab. Butiã Ltda
4- Greta Generator do Butiã - A-29.404	PO.	6.744	Sem.e Cab. Butiã Ltda
5- Beula Title do Butiã - A-29.973	PO.	6.727	Sem.e Cab. Butiã Ltda

RAÇA JERSEY - 2X - IDADE ADULTA - 365 DIAS
GORDURA (KG)

1- Llolyn G.F. Rita - 13.262-C	PO.	492,6	Sem.e Cab. Butiã Ltda
2- Pine Grove B.S. Harmony - 15.006-C	PO.	422,8	Sem.e Cab. Butiã Ltda
3- Veronica Ludovico Butiã - 16.628-C	PO.	358,5	Sem.e Cab. Butiã Ltda
4- Goldie II Title Butiã - 18.118-C	PO.	342,2	Sem.e Cab. Butiã Ltda
5- Beula Title do Butiã - A-29.973	PO.	330,5	Sem.e Cab. Butiã Ltda

RAÇA PARDA SUIÇA - 2X - IDADE ADULTA - 365 DIAS
LEITE (KG)

1- Bom Café Itajaí Alaric - 1-4.982	PO	8.304	Giovani B. Grossi
2 - Invicta da Aliança - 303.174	CG-6.	7.014	Giovani B. Grossi
3- Imolada da Aliança - 3.173	PCOD	6.640	Giovani B. Grossi
4- Liberdade Donatelli Lima	CG-3.	6.596	Giovani B. Grossi
5- Lima Sugar da Limeira	GC-1	6.235	Giovani B. Grossi

RAÇA PARDA SUIÇA - 2X - IDADE ADULTA - 365 DIAS
GORDURA (KG)

1- Bom Café Itajaí Alaric - 1-4.982	PO	313,4	Giovani B. Grossi
2- Invicta da Aliança - 303.174	CG-6	277,5	Giovani B. Grossi
3- Lima Sugar da Limeira	CG-1	273,8	Giovani B. Grossi
4- Liberdade Donatelli Lima	CG-3	268,3	Giovani B. Grossi
5- Imolada da Aliança - 3.173	PCOD	252,6	Giovani B. Grossi

RAÇA PARDA SUIÇA - 3X - IDADE ADULTA - 365 DIAS
LEITE KG

1- Esh Elegant's Sonya - 6.552	PO	9.220	Amilcar Farid Yamin
2- Corona Rosemeire Medalist - 6.252	PO	8.900	Farid Yamin
3- B.C.Bailarina Topper II - 205.779	PO	8.780	Benicel Ind. e Com. Ltda
4- Corona Berlinda-5.964	PO	8.087	Amilcar Farid Yamin
5- Corona Iza Medalist - 6.441	PO	8.038	Amilcar Farid Yamin

RAÇA PARDA SUIÇA - 3X - IDADE ADULTA - 365 DIAS
GORDURA KG

1- Esh Elegant's Sonya - 6.552	PO	339,6	Corona Rosemeire
2- Corona Rosimeire Medalist - 6.252	PO	320,2	Amilcar Farid Yamin
3- Corona Iza Medalist - 6.441	PO	309,1	Amilcar Farid Yamin

4- B.C. Bailarina Topper II 205.779	PO	308,0	Belmetal Ind.Com.Ltda
5- Goiânia B.C. Improver 309.593	PO	300,5	Fernando Prado Resend

**RAÇA GIR - 2x - IDADE ADULTA - 365 DIAS
LEITE (KG)**

1- CA. Escopa Naidi - LX-2.923	RE	5.723	Manoel e José João S.R.dos Reis
2- CA. Pompéia - 1.719	NR.	5.130	Antonio José Lúcio de O. Costa
3- Sta.Cruz Cabocira Mandarin-O-7938	RE.	4.930	Arthur Souto Maio Filizzola
4- Maravilha Invenção Mandarin - T-3036	RE.	4.810	Manoel e José João S.R.dos Reis
5- Perfídia - S-2.634	RE.	4.728	Arthur Souto Maior Filizzola

**RAÇA GIR - 2x - IDADE ADULTA - 365 DIAS
GORDURA (KG.)**

1- CA. Escopa Naidi - LX-2.923	RE.	307,2	Manoel e José João S.R.dos Reis
2- Maravilha Invenção Mandarin-T-3036	RE.	291,2	Manoel e José João S.R.dos Reis
3- CA. Pompéia - 1.719	NR.	225,2	Antonio José Lúcio de O. Costa
4- Sta. Cruz Laguna Caxangá - U-935	RE.	217,7	Manoel e José João S.R.dos Reis

5- Perfídia - S-2.634	RE.	199,5	Arthur Souto Maior Filizzola
-----------------------	-----	-------	---------------------------------

**RAÇA GIR - 3x - IDADE ADULTA - 365 DIAS
LEITE (KG.)**

1- Natividade Brasília - P-7.470	RE.	5.350	Rubens Resende Peres
2- Sonhadora de Brasília - T-2.958	RE.	4.914	Rubens Resende Peres
3- Olimar de Brasília - A-8.336	RE.	4.819	Rubens Resende Peres
4- Princesa de Brasília - I-933	RE.	4.690	Rubens Resende Peres
5- Opalina de Brasília - R-1.445	RE.	4.654	Rubens Resende Peres

**RAÇA GIR - 3x - IDADE ADULTA - 365 DIAS
GORDURA (KG)**

1- Natividade Brasília - P-7.470	RE.	265,1	Rubens Resende Peres
2- Sonhadora de Brasília - T-2.958	RE.	235,1	Rubens Resende Peres
3- Olimar de Brasília - A-8.336	RE.	234,2	Rubens Resende Peres
4- Polenta de Brasília - S-3.573	RE.	226,4	Rubens Resende Peres
5- Princesa de Brasília I-933	RE.	216,9	Rubens Resende Peres

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE CRIADORES

SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

RAÇA: Polêmica - 2x, Preto e Branco

DIVISÃO: 1 - 365 dias

COM NOME PRÓPRIO CRIADOR DOS 215 DIAS

Class.	Nome do criador	Id. do margem	Principio Kg.	Ann.	CRIADOR
--------	-----------------	------------------	------------------	------	---------

L E I T E

3 CRIADORAS

AN	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	3.596	1.930	Rosângela José S. de Mello Paul
AB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	3.034	1.979	Rosângela José S. de Mello Paul
BA	26.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.731	1.981	Rosângela José S. de Mello Paul
BB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.764	1.989	Rosângela José S. de Mello Paul
CB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
DB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
EB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul

3 CRIADORAS

AN	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
AB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
BA	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
BB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
CB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
DB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
EB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul

G O R D U R A

3 CRIADORAS

AN	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	276,8	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
AB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	265,4	1.972	Rosângela José S. de Mello Paul
BA	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	267,7	1.972	Rosângela José S. de Mello Paul
BB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	266,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
CB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	265,2	1.982	Rosângela José S. de Mello Paul
DB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	265,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
EB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	265,3	1.972	Rosângela José S. de Mello Paul

3 CRIADORAS

AN	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.982	Rosângela José S. de Mello Paul
AB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
BA	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
BB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
CB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
DB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
EB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE CRIADORES

SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

RAÇA: Holandesa - 3x, Preto e Branco

DIVISÃO: 1 - 365 dias

Class.	Nome do criador	Id. do margem	Principio Kg.	Ann.	CRIADOR
--------	-----------------	------------------	------------------	------	---------

L E I T E

3 CRIADORAS

AN	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	3.596	1.930	Rosângela José S. de Mello Paul
AB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	3.034	1.979	Rosângela José S. de Mello Paul
BA	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.731	1.981	Rosângela José S. de Mello Paul
BB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.764	1.989	Rosângela José S. de Mello Paul
CB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
DB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
EB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul

3 CRIADORAS

AN	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
AB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
BA	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
BB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
CB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
DB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul
EB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	2.681	1.983	Rosângela José S. de Mello Paul

G O R D U R A

3 CRIADORAS

AN	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	276,8	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
AB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	265,4	1.972	Rosângela José S. de Mello Paul
BA	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	267,7	1.972	Rosângela José S. de Mello Paul
BB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	266,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
CB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	265,2	1.982	Rosângela José S. de Mello Paul
DB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	265,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
EB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	265,3	1.972	Rosângela José S. de Mello Paul

3 CRIADORAS

AN	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.982	Rosângela José S. de Mello Paul
AB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
BA	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
BB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
CB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
DB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul
EB	21.11.1961. Antônio A. Chier	PO	262,3	1.978	Rosângela José S. de Mello Paul

Raça Holandesa VB divisão I — 305 dias com nova parição dentro dos 427 dias

Clas- sa	Nome do animal	G. do sangue	Produção Kg.	Ans.	CRIAADOR
-------------	----------------	-----------------	-----------------	------	----------

LEITE

1	1.ª. G. de Leite	PO	8,750	1,987	Claudio V. Roberto
2	2.ª. G. de Leite	PO	5,872	1,980	Geraldo de Figueiredo Foches
3	3.ª. G. de Leite	PO	11,680	1,981	Geraldo de Figueiredo Foches
4	4.ª. G. de Leite	PO	8,717	1,983	Geraldo de Figueiredo Foches
5	5.ª. G. de Leite	PO	5,293	1,973	Pedro Conde
6	6.ª. G. de Leite	PO	10,214	1,980	Edgard Muller Heinrich
7	7.ª. G. de Leite	PO	12,093	1,978	Pedro Conde

1	1.ª. G. de Leite	PO	7,781	1,988	Joseph Xavier Dutilh
2	2.ª. G. de Leite	PO	8,302	1,978	Laércio Valle Nicolau
3	3.ª. G. de Leite	PO	8,390	1,983	Joseph Xavier Dutilh
4	4.ª. G. de Leite	PO	7,758	1,973	Elia Ribeiro Nereides e Filho
5	5.ª. G. de Leite	PO	8,981	1,978	Laércio Valle Nicolau
6	6.ª. G. de Leite	PO	12,792	1,979	Laércio Valle Nicolau
7	7.ª. G. de Leite	PO	9,041	1,975	Laércio Valle Nicolau

GORDURA

1	1.ª. G. de Gordura	PO	282,8	1,981	Claudio V. Roberto
2	2.ª. G. de Gordura	PO	244,5	1,978	Antonio Carlos S.V. de Almeida
3	3.ª. G. de Gordura	PO	346,1	1,981	Geraldo de Figueiredo Foches
4	4.ª. G. de Gordura	PO	245,8	1,978	Pedro Conde
5	5.ª. G. de Gordura	PO	338,0	1,973	Pedro Conde
6	6.ª. G. de Gordura	PO	364,2	1,980	Edgard Muller Heinrich
7	7.ª. G. de Gordura	PO	378,9	1,980	Edgard Muller Heinrich

1	1.ª. G. de Gordura	PO	247,1	1,975	Edardo Simoesen
2	2.ª. G. de Gordura	PO	274,7	1,978	Laércio Valle Nicolau
3	3.ª. G. de Gordura	PO	235,5	1,978	Roberto Figueira de Mello
4	4.ª. G. de Gordura	PO	220,8	1,975	Elia Ribeiro Nereides e Filho
5	5.ª. G. de Gordura	PO	266,8	1,975	Edardo Simoesen
6	6.ª. G. de Gordura	PO	360,7	1,978	Laércio Valle Nicolau
7	7.ª. G. de Gordura	PO	317,3	1,978	Edardo Simoesen

Raça Jersey divisão I — 305 dias com nova parição dentro dos 427 dias

Clas- sa	Nome do animal	G. do sangue	Produção Kg.	Ans.	CRIAADOR
-------------	----------------	-----------------	-----------------	------	----------

LEITE

1	1.ª. G. de Leite	PO	1,700	1,983	João de Moraes A. Silva
2	2.ª. G. de Leite	PO	5,850	1,978	Albino Malcom
3	3.ª. G. de Leite	PO	5,113	1,978	Albino Malcom
4	4.ª. G. de Leite	PO	6,767	1,973	Albino Malcom
5	5.ª. G. de Leite	PO	5,173	1,958	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
6	6.ª. G. de Leite	PO	5,880	1,958	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
7	7.ª. G. de Leite	PO	6,714	1,973	Albino Malcom
8	8.ª. G. de Leite	PO	5,325	1,973	Albino Malcom

1	1.ª. G. de Leite	PO	1,030	1,970	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
2	2.ª. G. de Leite	PO	5,700	1,980	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
3	3.ª. G. de Leite	PO	5,400	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
4	4.ª. G. de Leite	PO	5,411	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
5	5.ª. G. de Leite	PO	5,412	1,973	Maria Inês Lobo
6	6.ª. G. de Leite	PO	5,553	1,981	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
7	7.ª. G. de Leite	PO	6,683	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
8	8.ª. G. de Leite	PO	5,937	1,981	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A

GORDURA

1	1.ª. G. de Gordura	PO	89,5	1,983	João de Moraes A. Silva
2	2.ª. G. de Gordura	PO	147,7	1,978	Albino Malcom
3	3.ª. G. de Gordura	PO	245,2	1,978	Albino Malcom
4	4.ª. G. de Gordura	PO	201,8	1,973	Albino Malcom
5	5.ª. G. de Gordura	PO	188,7	1,958	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
6	6.ª. G. de Gordura	PO	285,4	1,958	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
7	7.ª. G. de Gordura	PO	236,7	1,973	Albino Malcom
8	8.ª. G. de Gordura	PO	237,7	1,958	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A

1	1.ª. G. de Gordura	PO	137,5	1,970	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
2	2.ª. G. de Gordura	PO	218,8	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
3	3.ª. G. de Gordura	PO	309,0	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
4	4.ª. G. de Gordura	PO	226,2	1,973	Maria Inês Lobo
5	5.ª. G. de Gordura	PO	228,0	1,981	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
6	6.ª. G. de Gordura	PO	231,0	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
7	7.ª. G. de Gordura	PO	203,4	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado

Raça Holandesa VB divisão II — 365 dias

Clas- sa	Nome do animal	G. do sangue	Produção Kg.	Ans.	CRIAADOR
-------------	----------------	-----------------	-----------------	------	----------

LEITE

1	1.ª. G. de Leite	PO	9,564	1,976	Pedro Conde
2	2.ª. G. de Leite	PO	9,927	1,985	Geraldo Figueiredo Foches
3	3.ª. G. de Leite	PO	12,483	1,981	Geraldo Figueiredo Foches
4	4.ª. G. de Leite	PO	12,461	1,983	Geraldo Figueiredo Foches
5	5.ª. G. de Leite	PO	8,241	1,978	Antônio Parid Yama
6	6.ª. G. de Leite	PO	14,395	1,984	Geraldo Natal Medeiros
7	7.ª. G. de Leite	PO	15,376	1,986	Waldir Jaqueira de Andrade

1	1.ª. G. de Leite	PO	8,997	1,978	Sydolpho Figueira de Mello
2	2.ª. G. de Leite	PO	10,590	1,979	Laércio Valle Nicolau
3	3.ª. G. de Leite	PO	11,513	1,978	Laércio Valle Nicolau
4	4.ª. G. de Leite	PO	11,655	1,981	Laércio Valle Nicolau
5	5.ª. G. de Leite	PO	10,342	1,986	Joseph Xavier Dutilh
6	6.ª. G. de Leite	PO	13,243	1,979	Laércio Valle Nicolau
7	7.ª. G. de Leite	PO	13,031	1,985	Laércio Valle Nicolau

GORDURA

1	1.ª. G. de Gordura	PO	236,1	1,978	Pedro Conde
2	2.ª. G. de Gordura	PO	301,7	1,977	Pedro Conde
3	3.ª. G. de Gordura	PO	374,8	1,981	Geraldo F. Foches
4	4.ª. G. de Gordura	PO	442,2	1,979	João Sylvio Magalhães
5	5.ª. G. de Gordura	PO	532,4	1,978	Antônio Dias Pereira
6	6.ª. G. de Gordura	PO	628,3	1,984	Geraldo Natal Medeiros
7	7.ª. G. de Gordura	PO	601,3	1,986	Waldir Jaqueira de Andrade

1	1.ª. G. de Gordura	PO	560,1	1,980	João Sylvio Magalhães
2	2.ª. G. de Gordura	PO	541,3	1,978	Laércio Valle Nicolau
3	3.ª. G. de Gordura	PO	606,8	1,978	Laércio Valle Nicolau
4	4.ª. G. de Gordura	PO	600,8	1,978	Antônio Dias Pereira
5	5.ª. G. de Gordura	PO	536,7	1,978	Antônio Dias Pereira
6	6.ª. G. de Gordura	PO	568,8	1,979	Laércio Valle Nicolau
7	7.ª. G. de Gordura	PO	599,0	1,977	João Sylvio Magalhães

Raça Jersey divisão II — 365 dias

Clas- sa	Nome do animal	G. do sangue	Produção Kg.	Ans.	CRIAADOR
-------------	----------------	-----------------	-----------------	------	----------

LEITE

1	1.ª. G. de Leite	PO	1,700	1,983	João de Moraes A. Silva
2	2.ª. G. de Leite	PO	5,850	1,978	Albino Malcom
3	3.ª. G. de Leite	PO	5,113	1,978	Albino Malcom
4	4.ª. G. de Leite	PO	6,767	1,973	Albino Malcom
5	5.ª. G. de Leite	PO	5,173	1,958	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
6	6.ª. G. de Leite	PO	5,880	1,958	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
7	7.ª. G. de Leite	PO	6,714	1,973	Albino Malcom
8	8.ª. G. de Leite	PO	5,325	1,973	Albino Malcom

1	1.ª. G. de Leite	PO	1,030	1,970	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
2	2.ª. G. de Leite	PO	5,700	1,980	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
3	3.ª. G. de Leite	PO	5,400	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
4	4.ª. G. de Leite	PO	5,411	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
5	5.ª. G. de Leite	PO	5,412	1,973	Maria Inês Lobo
6	6.ª. G. de Leite	PO	5,553	1,981	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
7	7.ª. G. de Leite	PO	6,683	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
8	8.ª. G. de Leite	PO	5,937	1,981	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A

GORDURA

1	1.ª. G. de Gordura	PO	89,5	1,983	João de Moraes A. Silva
2	2.ª. G. de Gordura	PO	147,7	1,978	Albino Malcom
3	3.ª. G. de Gordura	PO	245,2	1,978	Albino Malcom
4	4.ª. G. de Gordura	PO	201,8	1,973	Albino Malcom
5	5.ª. G. de Gordura	PO	188,7	1,958	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
6	6.ª. G. de Gordura	PO	285,4	1,958	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
7	7.ª. G. de Gordura	PO	236,7	1,973	Albino Malcom
8	8.ª. G. de Gordura	PO	237,7	1,958	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A

1	1.ª. G. de Gordura	PO	137,5	1,970	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
2	2.ª. G. de Gordura	PO	218,8	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
3	3.ª. G. de Gordura	PO	309,0	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
4	4.ª. G. de Gordura	PO	226,2	1,973	Maria Inês Lobo
5	5.ª. G. de Gordura	PO	228,0	1,981	Faz. Sant'ana do Rio Abaixo S/A
6	6.ª. G. de Gordura	PO	231,0	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado
7	7.ª. G. de Gordura	PO	203,4	1,980	Antonio Carlos Pinheiro Machado

ULTIMATE



**PULVERIZAÇÃO
BANHEIRO
POUR-ON**

O carrapaticida que acerta na mosca



AÇÃO CARRAPATICIDA

- Ultimate tem ação penetrante que vai matando e destruindo todos os carrapatos.
- Ultimate elimina os carrapatos em todos os seus estágios de vida.
- Ultimate é larvicida e esteriliza as fêmeas engorritadas limpando as pastagens.
- Ultimate mata todos os tipos de carrapato, evitando as doenças e os prejuízos que eles causam.



AÇÃO MOSQUICIDA

- Ultimate mata e repele as moscas que depositam as larvas do berne.
- Ultimate mata as moscas que causam bicheiras.
- Ultimate elimina as moscas domésticas e dos estábulos que causam "stress" e fazem diminuir a produção de leite e carne.
- Ultimate protege contra as moscas que trazem a bactéria que transmite mastite.

Dupla proteção para o seu rebanho.



SmithKline

Rio de Janeiro: Av. das Américas 4.790, 5º andar - CEP 22.600
Tel.: (021) 320-1516 • São Paulo: Tel.: (011) 881-6367 • Porto Alegre: Tel.: (0512) 24-1288

NEY BITTENCOURT DE ARAUJO É O AGRÔNOMO DO ANO/86

O superintendente das empresas Agroceres, Ney Bittencourt de Araujo, é o "Engenheiro Agrônomo do Ano/1986", prêmio conferido pela Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, que foi entregue oficialmente no último dia 26 de novembro, no Centro de Convenções do Centro Empresarial São Paulo (av. Maria Coelho Aguiar, 215).

A iniciativa da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo - a maior entidade estadual do País - visa, segundo seu presidente, Aníbal da Costa Santiago, "valorizar a categoria como um todo, e destacar o papel do profissional na economia rural e sua contribuição para o incremento da produção nacional de alimentos".

Ney Bittencourt de Araujo, engenheiro-agrônomo há exatos 28 anos, considera sua premiação "muito mais um reconhecimento ao engenheiro-agrônomo empresário, dirigindo uma empresa típica de engenheiros agrônomos, e

que tem, nos seus 41 anos de existência, prestado relevantes serviços à agricultura brasileira".

De fato, a Agroceres - empresa fundada por dois engenheiros agrônomos, Antonio Secundino de São José e Gladstone Drummond - é hoje o maior complexo privado do Hemisfério Sul de pesquisa genética, produção e comercialização de insumos agropecuários, e conta atualmente com 92 engenheiros-agrônomos em seu quadro pessoal.

A Agroceres, empresa que lançou o primeiro milho híbrido comercial do País, é constituída por 16 empresas que atuam na pesquisa, desenvolvimento e comercialização de insumos como sementes de milho híbrido, de hortaliças e flores, de sorgo híbrido, de forrageiras, matrizes híbridas e reprodutores suínos, matrizes de frango de corte, rações, concentrados, premix e núcleos, defensivos, adubos foliares e biotecnologia.

O PRÊMIO

O "Engenheiro Agrônomo do Ano" é escolhido por votação que envolve os membros do Conselho Consultivo da entidade (ex-presidentes da AEASP e diretores das

escolas de Agronomia do Estado), diretoria e delegados da associação no Estado. O prêmio foi instituído em 1972 e prevê a escolha de engenheiros agrônomos que tenham se destacado no campo da Extensão, da Pesquisa ou empresarial.

O "Engenheiro Agrônomo do Ano/1986" é, além de superintendente das empresas Agroceres, diretor da Sociedade Rural Brasileira, diretor da Câmara de Estudos e Debates Econômicos e Sociais (CEDES), membro da Comissão de Política Agrícola da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, Presidente da Associação Brasileira de Milho e Sorgo e membro do Conselho Técnico do Industry Council for Development, órgão ligado ao Banco Mundial.



Dr. Sebastião da Costa Guedes

sede da Farsul no Parque Assis Brasil, a Editora Centaurus, responsável pela revista "A Granja", realizou a solenidade de entrega do prêmio Destaque/86. A área veterinária da Bayer do Brasil foi eleita, por leitores e assinantes da revista, a empresa líder no setor de defensivos animais.

A escolha, feita através de eleição direta, com envio por correio das cédulas, apontou os líderes de 25 setores da agropecuária nacional. Para o Dr. Sebastião Guedes, responsável pelo setor de "marketing" da área veterinária da empresa "esse prêmio veio para coroar o trabalho de Marketing que a área veterinária da Bayer vem desenvolvendo desde o final dos anos 70 e que teve o seu ápice no ano passado, com o lançamento do Bayticol Pour-on".

DESTAQUE/86 PARA BAYER

Em setembro, no recinto da IX EXPOINTER-Exposição Internacional de Animais, auditório da

O MELHOR CHAROLÊS DO NORDESTE

ANTONIO DA COSTA FALCÃO E FILHOS

Seleção: CHAROLÊS, MANGALARGA e BERGAMAÇO



PACHOLA DOS CASTANHEIROS
RES. CAMPEÃO 2 anos, Estelo 86
900 kg aos 23 meses

RENDIMENTO DE CARÇAÇA,
PRECOCIDADE E RUSTICIDADE

MELHOR CRUZAMENTO
PARA GADO ZEBU

20 ANOS DE

SELEÇÃO EM PLENA CAATINGA

VENDA PERMANENTE DE PRODUTOS

FAZENDA TINGUI

SERRA PRETA — BAHIA

Contato: Ricardo Falcão

Fones: (075) 242-2254 - (071) 245-7356

End.: R. Deocleciano Barreto, 26 - apto. 701

GRAÇA - SALVADOR - BA

BALDE DE OURO

Superados os 100.000 kg. de leite

BALDE DE OURO

O TROFÉU "VACA DE OURO" é de posse provisória, em duas versões, sendo uma destinada ao proprietário da maior produtora vitalícia de leite e outra a maior produtora vitalícia de gordura.

O troféu destinado a maior produtora vitalícia de gordura foi alcançado pela vaca WILLY'S ROSSANA MILADY ALEGRIA, uma P.O. de propriedade da Pecuária Anhumas Ltda., em 5/5/68 com a produção de 3.236,5 Kg. de gordura em 4.192 dias de lactação controlada, quando produziu 89.495 Kg. de leite, com 3,61 de percentagem de gordura. Essa foi a primeira detentora do troféu.

Aquela destinada a maior produtora vitalícia de leite, foi alcançado por mais de uma vaca e pertenceu até 27/8/86 a vaca GUARÁ DANADA, PC, de Antônio Coelho Guimarães que em 11 lactações, em 4.308 dias de controle produziu 92.649 Kg. de leite.

Agora essa produção foi superada com uma marca pela primeira vez registrada no Brasil ou seja, **mais de 100.000 Kg. de leite** em produção vitalícia.

A nova recordista brasileira é uma vaca nacional da raça Holandesa, variedade vermelha e branca, registro da classe G.H.B., nascida em 11/4/73, denominada LIZA R.R.P. BETINA'S - S.C.L. nº 42.908 com nove lactações controladas.

LIZA alcançou até 27/8/86 quando completou 365 dias da sua última lactação a produção total de 100.343 Kg de leite e 3.120 Kg. de gordura, 3,11% de percentagem. Liza ainda permanece em produção e só terá sua última lactação encerrada quando secar. Nesse momento ficaremos conhecendo então o novo recorde de produção vitalícia de leite no Brasil.

No quadro anexo apresentamos o resumo das lactações registradas por Liza, que obteve nove títulos de Livro de Mérito, dois títulos de Livro de Escóla. Sua média por lactação foi de 11.149 Kg. de leite e 346,7 de gordura, tendo registrado em 3.251 dias de controle a média diária de 30,9 Kg de leite e 0,96 Kg. de gordura.

A transferência do troféu ocorrerá após encerramento da lactação.

RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca							
33 COROADA MARAVILHA REFLECTION - Prop.: Benedito José Soares de Mello Pati							
Lact.: 2a5m	-	2x	-	365d	-	8.083	- 288,7 - 3,57%
3a6m	-	3x	-	365d	-	13.938	- 475,7 - 3,41%
6a6m	-	3x	-	365d	-	13.131	- 452,4 - 3,52%
8a2m	-	3x	-	365d	-	15.993	- 486,9 - 3,04%
9a9m	-	3x	-	349d	-	14.372	- 434,5 - 3,02%

RAÇA HOLANDESA - variedade vermelha e branca							
CASACA LINS - Prop.: Waldir Junqueira de Andrade							
Lact.: 2a5m	-	2x	-	328d	-	3.784	- 125,4 - 3,31%
3a7m	-	2x	-	303d	-	8.035	- 262,2 - 3,26% L.E.
4a7m	-	2x	-	279d	-	8.576	- 300,0 - 3,49% L.E.
5a7m	-	2x	-	330d	-	8.896	- 282,2 - 3,17% L.E.
6a8m	-	3x	-	365d	-	15.373	- 501,3 - 3,26% L.M.

RAÇA PARDO SUIÇA							
BOM CAFÉ IVONETTE II JESTER - Prop.: Fernando Prado Rennó							
Lact.: 2a9m	-	2x	-	304d	-	4.082	- 155,1 - 3,79%
3a9m	-	2x	-	365d	-	5.274	- 187,3 - 3,55%
5a2m	-	3x	-	365d	-	11.707	- 416,9 - 3,56%
6a7m	-	3x	-	365d	-	12.945	- 447,9 - 3,46%
8a4m	-	3x	-	365d	-	11.945	- 440,1 - 3,74%
10a3m	-	3x	-	353d	-	10.996	- 372,0 - 3,38%
12a4m	-	3x	-	365d	-	7.274	- 250,0 - 3,44%

RAÇA - JERSEY							
LLOLYN G.F.RITA - Prop.: Sementes e Cabanha Butiá Ltda.							
Lact.: 6a2m	-	2x	-	302d	-	6.454	- 356,3 - 5,52%
7a2m	-	2x	-	365d	-	9.806	- 489,7 - 4,99%
8a3m	-	2x	-	365d	-	5.594	- 321,4 - 5,74%

RAÇA GIR							
CALDEIRA - Prop.: Kênia Agrícola e Pecuária Ltda(Francisco F. Barreto)							
Lact.: 3a0m	-	2x	-	365d	-	2.859	- 128,9 - 4,50%
5a3m	-	3x	-	361d	-	4.310	- 205,1 - 5,00%
6a7m	-	3x	-	290d	-	7.748	- 329,9 - 4,20%
8a3m	-	3x	-	365d	-	5.756	- 296,7 - 5,20%
10a2m	-	3x	-	365d	-	5.521	- 286,7 - 5,20%
12a1m	-	3x	-	365d	-	5.576	- 262,0 - 4,70%

VACA DE OURO

RAÇA - HOLANDESA - VARIEDADE VERMELHA E BRANCA

LIZA R.R.P. BETINA'S	-	Prop.: Pedro Conde
3.540 dias	-	100.343,66 Kg de leite

Maior Produção Vitalícia Gordura

4.192 dias	-	3.236,5 Kg gordura
------------	---	--------------------

WILLY'S ROSSANA MILADY ALEGRIA	-	Prop.: Pecuária Anhumas Ltda.
--------------------------------	---	-------------------------------

BALDE DE OURO - NA VARIEDADE VERMELHA E BRANCA - HOLANDESA

Está superado novamente o registro máximo de produção de leite na variedade vermelha e branca da raça Holandesa.

Dos 14.395 Kg registrados por WEI-DES MISS PANSY RED, P.O., de Geraldino Natal Madureira, passamos agora para 15.376 Kg. alcançados por CASACA LINS, uma PC de propriedade de Waldir Junqueira de Andrade.

Nesta lactação, Casaca Lins, originária de Lins, região da Noroeste do Estado de São Paulo, onde sempre permaneceu, marcou três controles acima dos 50 Kg., sendo o segundo com 57,79 Kg. e outros cinco com mais de quarenta Kg. Casaca Lins teve uma notável produção de gordura, sendo a segunda vaca no S.C.L. da A.B.C. a superar a marca de meia tonelada em 365 dias.

LIZA R.R.P. BETINA'S - GHB/495 - nasc. 11-04-73						
2a5m	-	354d	-	8.421	-	3,34%
3a6m	-	365d	-	12.294	-	2,81%
5a0m	-	342d	-	12.996	-	2,98%
6a1m	-	365d	-	8.647	-	3,16%
7a4m	-	365d	-	11.808	-	3,28%
8a7m	-	365d	-	11.010	-	3,31%
9a10m	-	365d	-	12.582	-	2,73%
11a2m	-	365d	-	11.620	-	3,04%
12a4m	-	365d	-	10.965	-	3,47%

CASACA LINS É UMA REPRODUTORA EMÉRITA E TEM A SEGUINTE FOLHA DE PRODUÇÕES E CINCO LACTAÇÕES:

2a5m	-2X	-	328D	-	3.784	-	125,4	-	3,31%	
3a7m	-	2x	-	303d	-	8.035	-	262,2	-	3,26% LM/LE
4a7m	-	2x	-	279d	-	8.575	-	300,0	-	3,49% LM/LE
5a7m	-	2x	-	330d	-	8.896	-	282,2	-	3,17% LM/LE
6a8m	-	3x	-	365d	-	15.376	-	501,3	-	3,26%

A transferência do BALDE DE OURO deverá ocorrer brevemente.

Confinamento Eqtanol. O segredo do boi gordo.

Saber se o boi está gordo tem dado muita discussão. Mas, se o problema for como engordar o boi, a melhor solução está aqui: confinamento.

O confinamento Eqtanol é totalmente mecanizado, fácil de operar, requer pouca mão-de-obra e pode ser usado com qualquer tipo de ração. A Eqtanol realiza todo o projeto, adequando-o a cada caso, e ainda oferece assistência técnica permanente.

O segredo do boi gordo está revelado: confinamento Eqtanol. A solução mais indicada às condições brasileiras.



Eqtanol. Uma realidade bem brasileira.

Av. Dr. João Conceição, 1145 - Fone (0194) 34.3688 - CEP 13400 - Piracicaba - SP



Uma alveia na sede.

Um Plantel sob Controle

O sucesso de um programa de transferência de embrião

Na Fazenda Borba, de 220 alq., no município de Capivari - S.P., Dna. Maria Apurinda Pacheco Borba, em apenas 5 anos, já formou um destacado rebanho holandês Preto e Branco.

Há 34 vacas em lactação, 9 doadoras de embrião, 35 novilhas, 23 bezerras e 13 animais que serão comercializados; além de 126 receptoras. Estes animais dividem

uma área de 6 alq. com os eqüinos de esporte e são alimentados pela produção de 25 alqueires de milho, na forma de silagem, em áreas de renovação de canaviais, que ocupam toda a área restante.

Hoje a fazenda adquire feno de gramíneas para as bezerras e novilhas, porém, já está programado o plantio de 1/2 ha. de alfafa e um alqueire de Coast-cross para

produzir feno na propriedade.

A fazenda possui um rebanho cruzado para suprir as necessidades internas de leite. A partir de 1981, dona Cida resolveu investir no gado Holandês, comprou algumas (poucas) vacas de famosos criadores, como:

Joaquim Peixoto Rocha, Aloysio Faria, Guilherme Caídas, Donald Graber e



GRUPOS DE VACAS DE ALTA PRODUÇÃO.

Fazenda Pau D'alho. Reformou um galpão da fazenda para instalar as bezerras, construiu uma sala de ordenha espinha de peixe 2 x 8 e alguns cochos cobertos. Seguindo orientação do Dr. Roberto Jorge Chabel iniciou um programa de transferência de embriões, com inseminação pelos melhores reprodutores do mundo.

Hoje o rebanho possui 83,5% de animais Puro de Origem. As 34 vacas em lactação de primeira ou segunda cria, todas resultantes de T.E. e produzem em média 25 Kg/vaca/dia.

Dona Cida adquire as receptoras, com grau de sangue predominantemente Holandês, no Sul de Minas.



Excelente aspecto das novilhas.



Criação de reprodutores. Todas as mães são criadas e vendidas com idade próxima a 1 ano.

GOSTO PELO CAMPO

A fazenda Borba foi adquirida pelo avô de Dona Cida. Há muito tempo existia a vontade de criar gado leiteiro e em 81 isto foi possível.

Dos 7 netos, 5 meninos e 1 menina participam ativamente. O mais velho ficou em 3º lugar no torneio de Hipismo Rural da ABQM.

José Eduardo Pacheco Borba, filho de dona Cida, é autor do "Projeto Doma", que visa divulgar a doma racional.

O hipismo rural é um instrumento usado na propriedade para incrementar o gosto dos novos Pacheco Borba pelo campo.

LEITE X CANA

A produção de leite na propriedade é na realidade sub-produto da criação.

A criação de reprodutores e reprodutoras é o verdadeiro produto.

Todo animal na fazenda Borba tem preço, cria-se todos os machos para reprodutores e são vendidas novilhas, inclusive aquelas produzidas através de T.E.

E o resultado financeiro desta atividade de este ano, ocupando reduzida área, deve ser bem próximo do resultado da cana-de-açúcar, que ocupa quase toda propriedade.

DESEMPENHO DO REBANHO

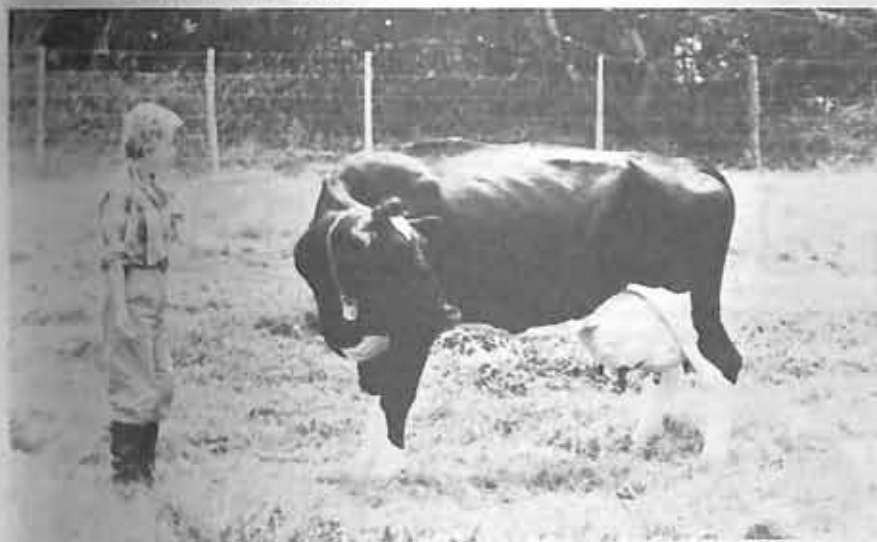
O maior destaque do rebanho, sem dúvida é "M.A.B. Estiva Astronaut T.E.", campeã nacional e ex-recordista nacional da classe AJ, 2 x 305 dias com 8.308 Kg



Transferência de embrião. Importância do médico veterinário Dr. Roberto Jorge Chelvi no sucesso da fazenda.



Família Borba, identificação com o campo.



de leite. Estiva tem a possibilidade de superar também a produção máxima da classe BJ, pois já produziu 6.673 Kg em 144 dias, com média de 45,6 Kg/dia. Assim como todo animal que se destaca entrará no programa de T.E.

Este ano a fazenda Borba obteve na Exposição Nacional um segundo prêmio na categoria de 20 a 22 meses, com a novilha "M.A.B. Tempo Finoca T.E."

O CONTRÔLE LEITEIRO

Além do controle particular diário, a fazenda faz controle oficial pela ABC. "O controle leiteiro para o nosso rebanho é muito importante. Controlamos todas as vacas em lactação. A forma como a ABC executa, garante-nos confiabilidade dos nossos dados, e isto tem nos ajudado muito a comercializar os nossos animais. Além disso, os controladores realizam o serviço com calma e eficiência, são de alto nível. Recebemos relatórios regularmente e quando necessitamos alguma informação somos atendidos prontamente", diz dona Cida.

▶ Maria Aparecida e MAB Estiva Astronaut TE, ex-recebidista nacional com a produção de 8.308 Kg de leite, em 305 dias e 2 ordenhas.

◀ Vista geral das instalações. Instalações dos 6 alqueires que abrigam todo o rebanho bovino e eqüino e produzem diariamente 850 litros de leite.





JOSÉ GARCIA MOLINA.

O Fazendeiro do Mês

JOSÉ GARCIA MOLINA, Retrato de um empresário e pecuarista - uma história de trabalho e pioneirismo que vem de longe - A Fazenda "PRIMAVERA" (Norte do Paraná e sua tradição como força da pecuária Nacional - Entusiasmo pela raça Marchigiana - Confiança no futuro da pecuária nacional

Para se escrever sobre o empresário e pecuarista JOSE GARCIA MOLINA, diretor-aposentado da Viação "Garcia", de Londrina e proprietário da Fazenda "Paranapanema", do Jardim Olinda-PR, é preciso remontar-se aos idos de 1912, quando seu avô, Leonardo Garcia Martinez e sua avó, Maria Villar, lavradores que viviam em Huecaro-Overa/Provincia de Almería, na velha Espanha, vieram para o Brasil. Eles aqui chegaram com 6 filhos, foram trabalhar nos campos de Cambará-PR. Algum tempo depois, mudaram-se para Palmital, na Alta Sorocabana, onde Leonardo comprou um peque-

no sitio de 3 alqueires, onde passou a produzir, já com o auxílio de seus 8 filhos, sendo dois brasileiros.

DE MASCATE A EMPRESÁRIO DE ONIBUS

Em 1920, seu pai, José Garcia Villar, então com 22 anos de idade, casou-se com a sra. Ana Molina, filha de Francisco Molina Crisol e Maria Garcia Molina. Um dia, com a devida licença do velho Leonardo, José resolveu aventurar-se pelos sertões da Sorocabana. E formou uma plantação de arroz em Santo Anastacio.

Esta, porém, não resistiu a uma praga "passarinheira" que impediu toda a colheita.

Desgostoso, ele mudou-se para Presidente Bernardes, onde comprou um sítio de 5 alqueires. Certa feita, vindo a São Paulo para compras, passou pela rua Mauá, perto da estação da Luz. Ali, resolveu mudar o rumo de sua vida. Comprou, então, uma mala e alguma bijouteria. Começava, ali, uma nova carreira: a de "mascate", para a qual mostrou grande aptidão. Já no trem, de volta a Presidente Bernardes, ele vendia muita coisa do que havia comprado em São Paulo.



Vista panorâmica das pastagens da Fazenda "Primavera".

Em Presidente Bernardes, acabou montando um bazar, o qual, posteriormente foi transformando em armazém, onde ele vendia tudo o que comprava dos sítios seus fregueses: arroz, feijão, batata, milho, etc.

"REI DOS BATATEIROS"

Vindo a São Paulo para "comprar coisas" e ver como ia o mercado de cereais (que já conhecia bem), Garcia Villar travou relações com Miguel Alarcón, um grande atacadista da rua Santa Rosa.

Resolveu, então, ampliar o seu negócio. Pouco tempo depois, com o desenvolvimento de suas atividades, passou a ser "O Rei dos Batateiros" da região. Aos lavradores, distribuía sementes selecionadas (importadas da Argentina, da Holanda e da Alemanha) e demais insumos. Dessa forma, impulsionava a produção, de cuja comercialização ele próprio se encarregava.

A "NOSTALGIA DO SERTÃO"

"Em 1930 - narra seu filho, José Garcia Molina - o velho Garcia Villar come-

çou a sentir a "nostalgia do sertão". Foi, então, para Londrina só para "ver as terras" e, pouco tempo depois, entusiasmado com o Norte do Paraná, comprou 5 datas (lotes) da Cia. Norte de Terras do Paraná".

Em 1937, com 110 contos de réis no Bolso, mudou-se com a família. Ali, fez de tudo: comércio, lavoura, montou até uma serraria.

A "JARDINEIRA"

Aí, José Garcia Molina já tinha 15 anos. Sabia fazer um pouco de tudo. Seu sonho era ser seleiro; por isso, começou como aprendiz de sapateiro. Enquanto isso, trabalhou numa bicicletaria, onde fazia pequenos consertos. Acompanhava, com seu pai, o movimento da Bolsa de Mercadorias, pelo "Estadão" (que lia todas as noites) e pelo rádio.

Um belo dia, empregou-se como mecânico na empresa de transportes que servia aqueles sertões. Um anúncio no "Estadão" dizia que a empresa "Heim & Garcia" (cujos veículos seu pai conhecia muito bem, porque neles viajava frequentemente), estava vendendo 50% de suas ações. O filho continuava como simples mecânico, até que, um dia, por volta de 2 horas da madrugada, estando nas oficinas, soube que seu pai havia gasto os seus 110 contos de réis na compra do que era, na ocasião, um "monte de ferro velho"... "Ferro velho" que seu pai foi transformando, pouco a pouco, numa poderosa empresa, onde, todos os lucros eram revertidos na compra de novos veículos, peças de manutenção, etc. José



Matrizes da raça Marchigiana, na Fazenda Primavera.

Garcia Molina continuou funcionário: mecânico, cobrador, etc., até chegar a diretor-gerente, por onde se aposentou recentemente". A Viação "Garcia" - ele afirma é uma empresa "sui-generis": não há outra igual em todo o mundo. Eram 3 gerentes, com a mesma autonomia na gestão da empresa. Hoje, com a minha retirada, a sociedade tem dois gerentes: Fernando Campinha Garcia Cid e José Mascaro Garcia Cid."

SURGE O PECUARISTA

"Meu interesse pela pecuária vem desde os tempos em que meu pai, já possuía uma fazenda no município de Paran City (hoje Parapanema) e na qual ele criava a chamada "boiada cuiabana". Mais tarde, ele dedicou-se à importação de gado Nelore, da Índia, de que ele participou juntamente com o sr. Celso Garcia Cid." Tendo recebido a propriedade como herança de seu pai, ele continuou a sua obra.

Dai para a frente, começou a formar o seu criatório, de gado Nelore, de cuja raça possui, hoje, um plantel altamente selecionado.

Certa feita, numa Exposição no Parque da Água Branca, observando duas ra-

ças, a Marchigiana e a Chianina, inclinou-se pela primeira, cuja criação começou através de inseminação.

José Garcia Molina confessa que, agora, já livre dos pesados encargos como diretor da "Viação Garcia", pode dedicar-se cada vez mais à Fazenda "Parapanema" e, em especial, à criação de Nelore e Marchigiana que, no seu entender, "serão o futuro da pecuária, principalmente quando se pensa no "baby-beef" (carne da raça precoce), ou seja, vender um boi com dois anos, com o peso de um outro, de três anos."

DESENVOLVIMENTO DA RAÇA

Eu continuo acreditando no desenvolvimento da raça Marchigiana - afirma José Garcia Molina porque já a conheço bem. Não me aprofundi muito nas experiências, mas, tenho parentes como Octavio Pedriali e Lauro Garcia que têm se dedicado muito à Marchigiana, inclusive com testes de peso. De minha parte, tenho a convicção de que a melhor raça para se cruzar com a Marchigiana é o Nelore. Assim, não vou me descuidar da raça Nelore, pois sei da sua importância nesse cruzamento.

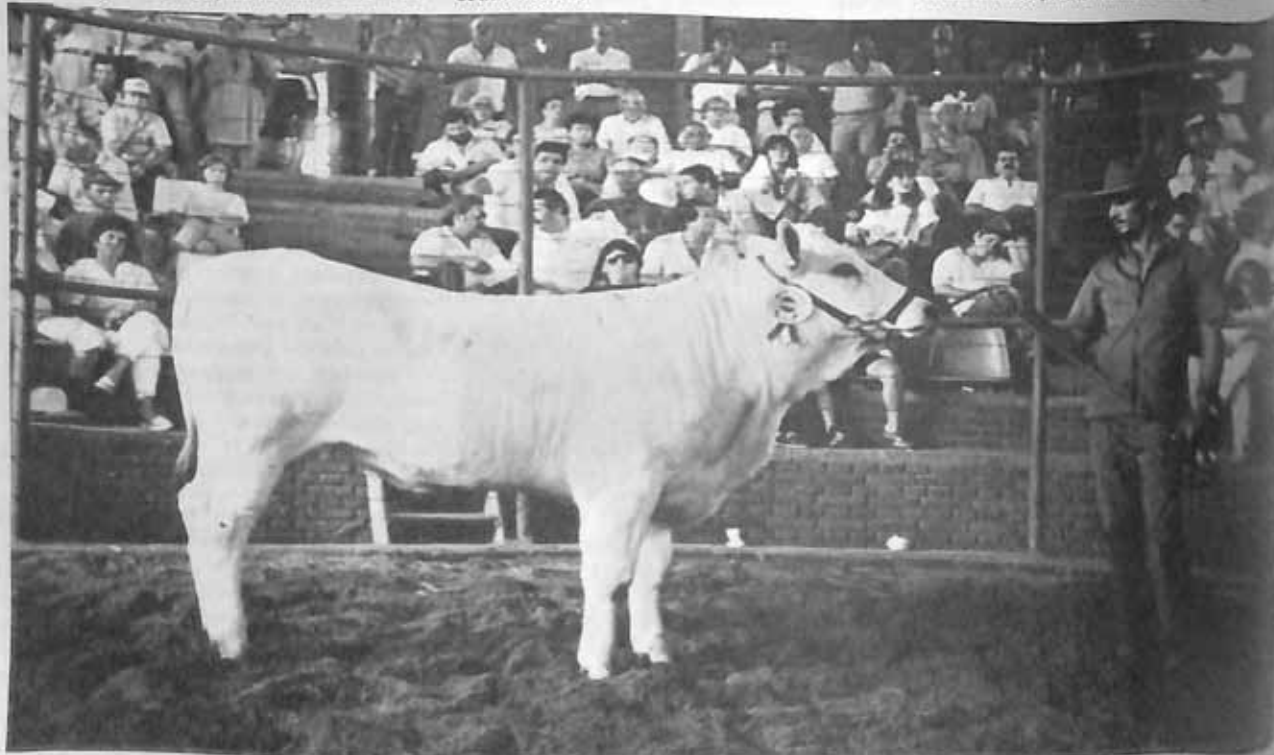
Sobre o futuro da pecuária nacional, nosso entrevistado é incisivo:

"Vejo o futuro com muito otimismo. A carne bovina é fundamental na alimentação do homem. Por isso, eu acredito na pecuária brasileira e no seu crescimento. Assim, embora ela tenha sido profundamente defazada nos últimos tempos, questões econômicas e por terem sido sacrificadas muitas matrizes, (o que diminuiu bastante a produção), assim mesmo eu ainda vejo com muito otimismo o futuro da nossa pecuária."

CONSELHO FINAL

Indagado, finalmente, sobre o conselho que daria aos que vão, agora, iniciar-se na atividade pecuarista, o empresário-criador JOSÉ GARCIA MOLINA afirma:

"Que comecem com raças boas e que se dediquem à formação de boas pastagens, com boas gramíneas. E, principalmente, que se dediquem com afinco à seleção de levar à frente o objetivo de criador de gado: trabalhar com afinco, por ver-se de amplos conhecimentos sobre nossos plantéis. Dedicar-se, enfim, com todo o amor, à atividade de criação."



"BALADA GV" - Campeã Bezerra da XXVI Exposição de Londrina/86.



MARCHIGIANA

INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE MARCHIGIANA

Avenida Francisco Matarazzo, 455 — CEP: 05001 — Fone: 62-2279 — SP

Raça Marchigiana - sucesso na "GRAND-EXPO 86" de Bauru - SP

VIII LEILÃO OFICIAL DA RAÇA

O VIII Leilão Oficial da Raça Marchigiana, que coroou o evento, foi realizado no domingo, dia 9, à tarde.

Esteve a cargo da PROGRAMA-Comercialização de Animais Ltda., tendo apresentado o excelente total de vendas de Cz\$ 7.088.000,00. Foi um verdadeiro recorde na importância dos arremates, pois constituiu-se no maior valor obtido pelos leilões de Bovinos da Exposição.

PREÇOS MÉDIOS

No VIII Leilão Oficial da Raça Marchigiana, foram leiloados:

25 machos PO, ao preço médio de	Cz\$ 110.000
11 fêmeas PO, ao preço médio de	Cz\$ 219.000
13 receptoras de embrião, p.m. de	Cz\$ 80.000
5 fêmeas Cruzadas - preço médio	Cz\$ 47.000
15 machos Cruzados - preço médio	Cz\$ 44.000

MAIORES VALORES

Os maiores valores alcançados foram:

- FÊMEA PO - "ALTIVA DA QUATRO IRMÃOS", de 24 meses, 1º Prêmio na categoria, propriedade de Otávio Pedriali e Lauro G. Molina Cz\$ 388.000
- Mocho PO - "ORELIANO DE ITAPEVA", de 47 meses, pesando 1.122 Kg., 1º Prêmio na categoria e **Reservado Campeão Junior**, propriedade de Israel Sverner Cz\$ 220.000

O maior vendedor foi ISRAEL SVERNER, da Fazenda "Cerrado de Cima" (Itapeva-SP) que comercializou Cz\$ 2.392.000 e o maior comprador foi a AGROPECUÁRIA GEMA LTDA., (Água Clara-MS), totalizando Cz\$ 828.000 em compras.



Uma fase do julgamento Marchigiana na GRAND EXPO 86

HONRA AO MÉRITO

Se houvesse o tóféu "Honra ao Mérito" para eventos desta natureza, ele caberia, sem dúvida, à Comissão Organizadora da GRAND EXPO 86. Este ano, a Comissão foi presidida por José da Silva Martha, Jayme Nogueira Miranda e Erico de Oliveira Braga, com a Coordenação e Secretaria de José Cateli e Walter Rossi, respectivamente.

Foi primorosa a organização e perfeito o atendimento aos expositores e visitantes do movimentado certame. Por isso, aqui fica o registro e os agradecimentos da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE MARCHIGIANA (A.B.).

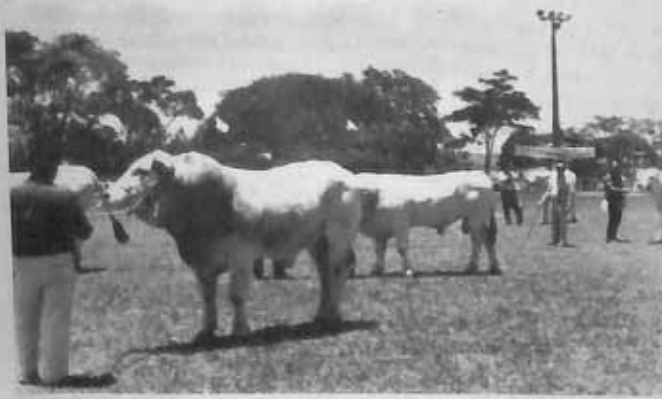
Confirmando todas as previsões, foi excelente a apresentação da raça MARCHIGIANA na GRAND EXPO-86, realizada de 2 a 9 de novembro último, em Bauru.

Os melhores plantéis do país, pertencentes a associados da ABCM, estiveram representados na exposição e julgamento e no VIII Leilão Oficial da Raça que encerrou o evento.

JULGAMENTO

O julgamento, a cargo do Dr. Lício Veloso, professor da USP-Pirassununga, premiou, como GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA o touro ZUM DA QUATRO IRMÃOS de propriedade dos criadores Otávio Pedriali e Lauro Garcia Molina (Fazenda "Quatro Irmãos") de Umuarama-PR. Como GRANDE CAMPEÃ, a vaca AMIGA GV, da propriedade de José Garcia Molina, Fazenda Parapananema, Jardim Olinda-PR.

Os expositores mais premiados foram, pela ordem: Otávio Pedriali e Lauro G. Molina, com 480 pontos; José Garcia Molina, com 418; Agropecuária Santana S.A., com 268; Georges e Sandro Abatzoglou, com 197; Israel Sverner, com 95 pontos; Editora "Centaurus", com 85; Cresta, Veiga & Associados Zootecnia Ltda., com 17 e Evelazio Augusto Blay, com 15 pontos.



Belos espécimes da raça, presentes em Bauru

Confinamento de mestiços Canchim em São José do Rio Preto

Para Geraldo Fernandes Santos, Diretor Técnico da Associação Brasileira dos Criadores de Canchim - ABCCAN, o convênio entre o Instituto de Zootecnia e a Associação Brasileira dos Criadores de Canchim - ABCCAN, tem como objetivos avaliar alimentos disponíveis ao produtor através da utilização de rações com mesmo nível protéico e níveis próximos de energia. Além disso, serve também para observar o comportamento dos mestiços Canchim frente a um confinamento, incluindo o abate e a avaliação da carcaça e, realizar um levantamento econômico do confinamento, numa época em que os preços estão estáveis.

Em sua opinião, o sistema de terminação de bovinos em confinamento, torna-se importante quando destacamos as seguintes características: alto custo da terra, relacionamento com baixa disponibilidade das mesmas pastagens; existência de produtos e/ou subprodutos a disposição de produtores; liberação da área de pastagens para utilização do rebanho, na época da seca principalmente, e ainda, retorno mais rápido do capital de giro investido.

O objetivo social, seria o suprimento da demanda da população por causa de excelente qualidade, ao ser disseminada a tecnologia com custos compatíveis para o produtor. A alimentação constitui o maior percentual dos custos de um confinamento, ou seja, cerca de 70%.

Visando atender a formulações de rações econômicas e de alta eficiência, com simplicidade de fabricação nas propriedades, foi proposto ao Instituto de Zootecnia, a utilização de alimentos produzidos nas próprias fazendas de criação, (quase 200). Daí razão da utilização do cacho do sorgo moído, em substituição ao milho como fonte energética.

O fato de seu valor energético ser muito semelhante ao do milho; ser menos exigente em nutrientes e ser tolerante a eventuais secas durante o ciclo, sendo uma cultura em franca expansão, nos levou a considerá-lo como uma grande opção de plantio para os associados interessados em confinamento.



Tipos dos mestiços de Canchim que participaram do confinamento. Entraram ao redor dos 24 m com o peso médio de 374 quilos e cem dias após foram abatidos com 462 Kg.

Este poderia ser feito em épocas normais ou com variedade precoces, após a colheita da soja ou do milho plantado mais cedo.

Assim, em um ano que os preços da soja desabaram, torna-se muito promissora a ração que utiliza o grão da soja crua moída, com ganho médio de 1.100 gramas/dia, durante 84 dias do período experimental. Trata-se de transformar proteína vegetal em proteína vermelha de alto valor biológico.

A conversão dos mestiços Canchim foi excelente, já que a proposta do confinamento foi a de fornecer 50% de matéria seca (MS) proveniente do volumoso (capim elefante) e 50% de matéria seca (MS) proveniente do concentrado (rações de baixo custo). Quanto ao sal utilizado, foi o mineralizado "CVA - Corte", cedido gratuitamente pela firma Cresta, Veiga e Associados.

A comparação entre as quatro rações, mostrou que a ração tradicionalmente utilizada, contendo farelo de soja, foi mais cara que as rações com uréia e as com cama de frango como fonte protéica.

Revisando a bibliografia em que constam experimentos com animais de outras raças e esquema de alimentação

semelhante, verifica-se que os ganhos dos mestiços Canchim foram "significativamente superiores". Esta característica de grande conversão de alimentos é devido ao sangue da raça Charolês a que foi aliada a rusticidade das raças zebuínas que participaram da formação do Canchim.

Diferentes fontes protéicas combinadas com espiga de sorgo na engorda de "mestiços" Canchim em confinamento (PROJETO I.Z. - 006/86).

A equipe Técnica da E.E. de SJRP, composta por José Luiz Viana Coutinho Filho (Coordenador), Roberto Molinari Peres (Colaborador), Célio Luiz Justo (Colaborador), Paulo Alves de Siqueira (Colaborador), Geraldo Fernandes dos Santos (ABCCAN) e os colaboradores do IZ - Nova Odessa - SP: Paulo Roberto Leme, Guilherme Fernando Alleoni, Lúcio José Pascola, João Carlos Aguiar de Mattos, realizaram através de contrato celebrado entre o Instituto de Zootecnia (IZ) e a Associação Brasileira dos Criadores de Canchim (ABCCAN), trabalhos na estação experimental de Zootecnia de São José do Rio Preto, no período de 25/06/86 à 30/09/86, com período de adaptação ao manejo, instalação e alimentação realizado até o dia

08/07/86 e o período experimental de 09/07/86 à 30/09/86.

Para realização do trabalho experimental, foram utilizados 40 animais sangue Canchim, castrados, de aproximadamente 24 meses de idade e peso médio inicial de 374Kg, distribuídos uniformemente em quatro tratamentos.

Foram empregados os seguintes alimentos: capim elefante (maduro), rolão de sorgo (espiga de sorgo desintegrada), uréia animal, cama de frango (casca de arroz + dejetos de aves), soja em grão e farelo de soja comercial. Estes alimentos foram combinados de forma a fornecer rações de baixo custo; de fácil obtenção e/ou atendendo a demanda do grupo específico de produtor, e que proporcionassem um ganho de peso adequado.

Os tratamentos ficaram assim distribuídos:

- capim elefante à vontade + concentrado A (97% rolão de sorgo + uréia).
- capim elefante à vontade + concentrado B (65% de rolão de Sorgo + 35% de soja em grão "in natura").
- capim elefante à vontade + concentrado C (49% de rolão + cama de frango + 5% de farelo de soja).
- capim elefante à vontade + concentrado D (80% de rolão de Sorgo + 20% de farelo de soja).

Durante os trabalhos, procurou-se manter os concentrados com aproximadamente 18% de proteína bruta e os níveis energéticos semelhantes. Já o consumo de matéria seca (alimento sem água) pelos animais foi estabelecido em 50% proveniente do capim elefante e 50% do concentrado, o qual foi mantido por reajustes semanais do concentrado, de acordo com o consumo do capim elefante. O consumo de concentrado variou de 6 a 9 Kg/animal/dia, sendo que alguns tratamentos não chegaram ao nível de 9Kg.

Para evitar qualquer problema com relação à qualidade alimentar, o concentrado B (soja em grão) foi estocado no período de no máximo 5 dias.

Essa preocupação foi levada em consideração, devido a problemas que outros pesquisadores tiveram quando trabalhavam com soja em

grão "in natura", por causa do alto conteúdo de óleo.

Foram feitas várias pesagens durante o confinamento: inicial, a cada 28 dias e final, sendo que os animais ficavam em jejum inclusive água, por 16 a 18 horas.

O resumo dos resultados obtidos podem ser observados no **Quadro I** (Ganho de Peso Vivo e Consumo alimentar) e **Quadro 2** (Avaliação da Carcassa).

Os rendimentos médios das carcaças frias quando divididas em quartos foram as seguintes:

Traseiro Especial	123 Kg (50%)
Dianteiro	93 Kg (38%)
Ponta Agulha	31 Kg (12%)

O rendimento da desossa do traseiro ficou ao nível de 76,7%.

Observando estes resultados, pode-se destacar alguns pontos de interesse, tais como:

1 - Pequena diferença entre os tratamentos quanto ao ganho de peso, o que torna mais significativo o custo dos concentrados no custo total do confinamento, ou seja quanto menor o custo do concentrado, maior será o retorno monetário. Numa análise preliminar pode-se dizer que as rações A e C devem promover uma renda líquida por cabeça 70 a 100% superior às rações B e D, devido aos seus menores custos.

OBS: Os menores custos das rações A e C são devidos à utilização da uréia e a cama de frango, respectivamente:

2 - Os dados sobre a avaliação de carcaça referem-se às médias de todos os animais do experimento, independente dos tratamentos; indicam apenas a avaliação de animais com sangue Canchim.

De um modo geral, pode-se dizer que os resultados obtidos de Carcassa são de bons níveis em comparação a outros apresentados em literaturas diversas.

A quantidade de gordura renal, pélvica e cardíaca (5,8%) Kg/cabeça indica um baixo nível de acúmulo de gordura pelos animais, que estaria correlacionado com um "ganho de peso" praticamente exclusivo de Carne.

Baseando-se neste dado e utilizando-se de uma tabela adequada, pode-se chegar a uma estimativa da porcentagem de gordura próxima de 2%, a qual indicaria uma alta rentabilidade (quantidade de cortes aparados para venda a varejo e/ou músculo fisicamente separável na carcaça).

As porcentagens de traseiro especial, dianteiro e ponta de agulha nas carcaças mostram os aspectos de interesse; um bom traseiro, o qual está relacionado com

QUADRO I

ITENS	TRATAMENTOS			
	A	B	C	D
Nº de animais	10	10	10	10
Idade média final (meses)	26,5	27	27	26,5
Peso médio inicial (Kg)	374	376	373	372
Peso médio final (Kg)	462	468	466	467
Ganho de peso vivo/dia/ Cabeça (Kg)	1,05	1,10	1,11	1,13
Consumo médio de MS/cab/dia (Kg)	11,9	11,3	13,2	13,2
M.S. = Matéria Seca				

QUADRO II

ITENS	
Peso da Carcassa Quente (Kg)	250,45 (16,7 arrobas/animal)
* Rendimento de Carcassa Quente (%)	54,0
Gordura Renal, Pélvica, Cardíaca (Kg)	5,8/animal
Peso da Carcassa Fria (Kg)	247,0 (Quebra = 1,4%)

* O rendimento da carcaça quente (54%), provavelmente teve uma quebra maior do que a esperada no peso vivo final, devido a problemas ocorridos no transporte para o local de abate; acredita-se que este rendimento poderia alcançar até 56% ou mais, que pode ser considerado de excelente nível.

os cortes de maior valor; e uma ponta de agulha reduzida, que é o setor de menor valor.

O rendimento da desossa do traseiro ao nível de 76,7% (dado obtido do frigorífico) pode, também, ser considerado de boa qualidade. Os cortes do traseiro apresentaram os seguintes resultados na média das 4 carcaças avaliadas: Alcatre (12,8 Kg); filet mignon (4,2 Kg); coxão mole (18,4 Kg); coxão duro 10,4 Kg; patinho (10,3 Kg); e capa contra filet (2,8 Kg).

Concluindo, deve-se ressaltar que numa análise preliminar, sujeita a alterações, os dados indicam um melhor resultado econômico das rações A (com uréia) e C (com cama de frango) e um bom desempenho dos animais com sangue Canchim, tanto no ganho de peso como na qualidade.



Animais com 27 meses e com 462 quilos de peso vivo após jejum completo de 18 horas. Após o abate constatou-se que as carcaças apresentavam 2% de gordura, caracterizando animal passível de maior ganho de peso.



Scraper com duas unidades ou em "tandem"

Scrapers no trabalho com o solo

Os scrapers são equipamentos que basicamente movimentam o solo transportando-o de um lugar para outro. Normalmente possuem uma caçamba para o transporte da terra, com capacidade variável, e rodas para sustentação. No fundo da caçamba existe uma lâmina que corta o solo, e o avental que força a saída da terra no local de descarga. O equipamento é acoplado na barra de tração do trator e as peças móveis são acionadas por pistões hidráulicos, através de acoplamento, no sistema de acionamento por controle remoto do trator.

Conforme o tipo de trator disponível e a capacidade de caçamba podem operar com uma unidade ou duas, também denominado em tandem. Normalmente, juntamente com o equipamento é fornecido todo o conjunto hidráulico e barra de tração para ligação ao trator.

A utilização deste tipo de equipamento é muito variada: nas várzeas podem fazer as operações de nivelamento e sistematização do solo; construção de canais para irrigação e drenagem; construção de aterros, açudes e diques; drenagem de zonas alagadas; construção de terraços ou curva de nível; construção de tanques, silos e estradas vicinais; manutenção conservação, limpeza de estradas e barragens; e trabalhos normais de movimentação de terras.

No aproveitamento de várzeas irrigáveis temos as seguintes operações: desbrava-

mento através de grades pesadas, visando o assentamento da área e conhecimento do perfil, o que facilita o levantamento topográfico; uma segunda gradagem a menor profundidade que a primeira, permite um melhor preparo do solo, obtendo-se tirrões menores; a seguir é feito o nivelamento através de um levantamento altimétrico, que determina os locais de corte e aterro, através do macronivelamento, utilizando-se os scrapers, transportando-se o solo de um local para o outro, isto é, levando-o onde sobra e levando-o para onde há falta; concluído o macronivelamento, passa-se uma grade pulverizando mais o solo e facilitando a operação de micronivelamento, realizada com planas especiais. Em várzeas com problemas de compactação procede-se à subsolagem.

Na construção de canais de irrigação e drenagem os passos são os seguintes: cortar superficialmente em forma de trincheira; cortar as laterais em ângulo; alargar conforme as necessidades de vazão. (Figura 1).

Para construção de aterros, açudes ou diques proceder da seguinte maneira: eliminar todas as raízes e capa vegetal do lugar onde se vai construir o aterro; desmontar as camadas de fora para dentro no corpo da barragem conforme sequência indicada pelos números da (Figura 2); fazer o

Eng^o Agr^o Gastão Moraes da Silveira

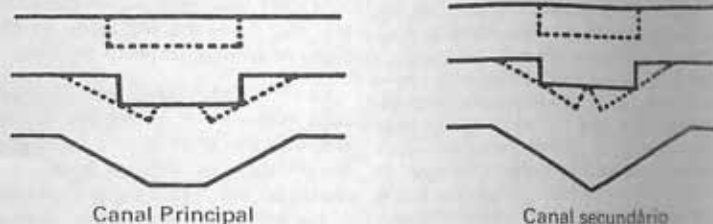


Fig-1 Construção de Canais para Irrigação e Drenagem



● CONSTRUÇÃO DE ATERROS, AÇUDES OU DIQUES

Fig-2 Construção de Aterros, Açudes ou Diques

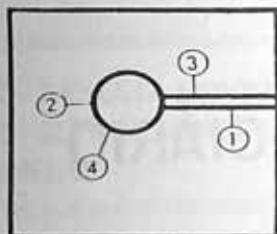


Fig-3 Drenagem de Zonas Alagadas

pode-se utilizar tratores de esteiras com 75 cv no motor ou tratores de pneus com tração nas quatro rodas e 100 cv de potência no motor. Unidades com 7,70 m² em seção simples ou em tandem com 15,40 m² podem ser tracionadas com tratores de pneus tração nas quatro rodas e potência no motor acima de 100 cv ou tratores de esteiras com 140 cv de potência no motor.

Na aquisição de scrapers deve-se dar preferência a equipamentos que apresentem as seguintes características: chassis em paralelogramo, que permite manter o ângulo de corte fixo em qualquer posição reduzindo as exigências de potência no car-

regamento. Se o fundo da caçamba for recurvado o terreno não ficará plano nem uniforme, mas com ondulações, necessitando de um acabamento posterior.

Descarga pela frente por basculamento da caçamba deixa o terreno mais uniforme, facilitando os trabalhos subsequentes. A descarga sendo feita por trás, deixando a terra amontoada, exigirá o seu espalhamento com trator dotado de lâmina, aumentando o número de operações.

A caçamba tendo dois comandos e controles independentes para o aventa e caçamba, irá oferecer maior produção, uma vez que permite que o aventa cerre completamente a abertura da caçamba com o scraper carregado, evitando assim perda de material e possibilitando modificar a abertura da caçamba durante o carregamento para os diversos tipos de solos.

A ação de nivelamento mais eficiente é outra característica desejável. Isto é obtido com o scraper carregado, o aventa parcialmente aberto e a caçamba suficientemente levantada para que a lâmina passe levemente pelo solo, nivelando-se o terreno com relativa precisão ficando um serviço mais ou menos semelhante ao feito por uma motoniveladora.

Facilidade de operação devido à existência de rodas traseiras. Como não usam rodas dianteiras, estas máquinas são mais curtas e fáceis de operar, portanto com maior manobrabilidade.

Outra característica desejável diz respeito ao engate direto na barra de tração do trator que proporciona peso extra nas rodas motrizes durante o carregamento, reduzindo o deslizamento e oferecendo maior vida útil aos pneus e trator. Por outro lado, o elo de engate com duas posições permite adaptar o corte às diversas condições de solo.

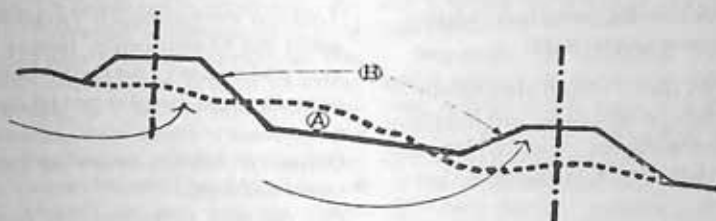


Fig-4 Construção de Terraços ou Curva de Nível

nivelamento final com o scraper em posição de transporte.

Na drenagem de zonas alagadas, construir um canal para eliminar a água da depressão; depositar o material cortado na parte mais alta, oposta ao canal; cortar os lados do canal em ângulos suaves de modo que se possa trabalhar através dele; após drenar toda água, aterrar a depressão, transportando terra de outro local do campo, porém mantendo a pendente geral de forma uniforme. (Figura 3).

Para a construção de terraços ou curva de nível estabelecer a largura do terraço ou curva de nível a construir; cortar a terra nas seções indicadas com A e depositar onde se deve construir os bordos B (fig. 4); nivelamento final com scraper em posição de transporte.

regamento. Isto dispensa o uso de um outro trator para empurrar a parte traseira do scraper denominado normalmente de pusher.

Caçamba tendo na parte inferior três lâminas de corte substituíveis, independentes e reversíveis, permitindo o avanço da lâmina central o que facilita o corte ou o seu alinhamento com as lâminas laterais para fazer o acabamento do serviço.

O fundo da caçamba deve ser de preferência plano o que permite deixar o terreno



Scraper com uma unidade em operação de carregamento.

TIPOS E CARACTERÍSTICAS

Existem no mercado scrapers de diversos tipos, que podem ser tracionados por tratores de pneus ou esteiras. Unidades cuja capacidade de carga coroadas é de 3,06 m² tracionada em seção simples (1 scraper) ou tandem (2 scrapers) com 6,1 m², por tratores de rodas, com aproximadamente 100 cv no motor (MF 295, MF 296, Valmet 110 ID e 118, CBT 2105, 2400 e 2500). Unidades com capacidade coroadas de 4,60 m² com seção simples exigem tratores com 70 cv na barra de tração, portanto mais de 100 cv no motor, para tratores de pneus. Se houver o acoplamento de duas unidades em tandem



ASSOCIAÇÃO BAIANA DOS CRIADORES DE CAVALOS

NOTICIÁRIO

Avenida Luiz Viana Filho, S/N Parque de Exposições de Salvador - Paralela - Itapoan - Tel.: 249-9053 - Salvador - Ba.

1. 1 LEILÃO DESTAQUES DO MANGALARGA MARCHADOR DA BAHIA.

Alcançou pleno êxito o evento promovido, em 13 de setembro no Hotel Quatro Rodas, pela Associação, através do Núcleo Baiano do Mangalarga Marchador e apoio da A.B.C.C.M. Marchador.

Foram comercializados 46 animais além de seis coberturas de garanhões baianos, observando-se a média geral de Cz\$ 250.043,47 por animal, recorde nacional para o Mangalarga Marchador.

Os maiores lances verificaram-se para a potra de 8 meses, Rima Bel-dade, (Cz\$ 732.000,00) da criadora Maria Amélia S. da Cunha e para o garanhão Itamonte HB (Cz\$ 600.000,00) da Sociedade Agrícola Santa Tereza Ltda.

A Cobertura do garanhão Cafundó Nobre, propriedade de Heitor Andrade, foi arrematada por Cz\$ 210.000,00, também um novo recorde nacional para a Raça.

Espera a Associação que este Leilão se constitua num marco inicial para efetivação de outros, não só do Marchador, como das demais raças equíneas criadas no Estado.

2. ANUÁRIO EQUÍDEO DA BAHIA:

Até o final do ano deverá ser editado o I Anuário Equídeo da Bahia, o qual pretende mostrar o histórico do desenvolvimento das várias raças criadas na Bahia, como também

a relação dos criadores baianos, contendo as principais informações dos seus plantéis, tanto quantitativa quanto qualitativamente.

Os dados para a edição encontram-se em fase de tabulação, em função dos questionários distribuídos e respondidos pelos criadores.

3 SEMANA BAIANA DO CAVALO EM 1987

Já está confirmada para 05 a 12 de Julho de 1987, devendo efetivar-se no Parque de Exposições Agropecuárias de Salvador.

Atendendo solicitações de alguns associados, a A.B.C.C. está estudando a possibilidade de alternar, bianualmente, a cidade local da exposição, visando a sua interiorização, a partir de 1988.

Em função do porte alcançado pela Semana Baiana é necessário que os parques de exposições apresentem condições mínimas de alojamento dos animais, além das cidades disporem de infraestrutura hoteleira compatível à demanda requerida pelo evento.

4. DR. CARLOS VICENTE BAHIA- NA MARQUES:

Após longos anos de luta em prol da ABCC, cuja existência em muito se deve a ele, lamentamos o seu afastamento das atividades de campo da entidade, requisitado que

foi, pelo Governo do Estado, para prestar seus serviços como Diretor Técnico da Fundação Fazenda Cruzeiro do Mocó, onde, temos certeza, continuará lutando pelo seu grande ideal que é o nosso cavalo.

Daqui os nossos votos de êxito no novo encargo.

Por decisão unânime dos seus pares, continuará entretanto o Dr. Bahiana ocupando o cargo de Superintendente Técnico da A.B.C.C.

5. CAVALGADA:

Visando difundir e promover o lado funcional do cavalo a Associação estará promovendo a I CAVALGADA - Santo Amaro / Conceição da Feira, numa extensão aproximada de 50 Km.

Observando-se o número de criadores interessados pode-se anteciper a importância do evento e garantir-se o seu sucesso. A data será 07 de Dezembro de 1986.

6. AGRADECIMENTO:

À EDITORA DOS CRIADORES pela concessão desse espaço destinado a promover a equideocultura baiana.

Conclamamos os companheiros associados interessados na divulgação de fatos de importância, relativos aos equídeos na Bahia, contatarem a Secretária da ABCC para utilização desse espaço.

A ABC - RIO ESTÁ MOVIMENTANDO O SETOR AGROPECUÁRIO FLUMINENSE

Conforme anunciado no número anterior, no dia 5 de novembro último, na sede da ABC-Rio (Associação Brasileira dos Criadores), o gerente Sr. José Cristiano Vilela, com a intenção de criar um vínculo mais estreito entre a ABC e seus Associados irá desde então programar regularmente palestras conjuntamente com laboratórios que prestam serviço no Rio de Janeiro. Esta idéia de ocupar as instalações da sede da ABC no Rio com reuniões técnicas, vem desde a inauguração da loja e, atualmente, o Núcleo dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador e a ABC, através de seu gerente, estão aproveitando muito bem este espaço.

A segunda palestra deste programa foi proferida pelo laboratório Energe S.A. - alimentos especiais. Os técnicos que palestraram foram o Médico-Veterinário Wilson Donegana Gouveia e o Dr. José Resende que iniciaram falando sobre o papel da atual situação da pecuária leiteira no mundo, Brasil e no Rio de Janeiro. Dr. Resende comentou que o Brasil hoje se aproxima de 100 milhões de cabe-

ças e, segundo estatísticas da FAO-1985, cada brasileiro consome 84 litros de leite por ano. "O Brasil pode produzir muito mais porque seus pastos são verdes o ano todo", falou Dr. Resende. E segundo estatísticas do Ministério da Agricultura - Serviço de Inspeção Federal - de 1980 a 1984 a produção de leite no Rio de Janeiro cresceu de 360.084 para 372.824 milhões de litros de leite por ano e a disponibilidade de leite por habitante/dia estava na casa de 81,3 ml em 1980 e 87,7 ml em 1984. "Na verdade o carioca não tomava um copo de leite por dia. Hoje em dia a média da produção vaca/dia é de três litros".

Seguindo, as estatísticas mostraram que o número de pecuaristas que produzem acima de 50 litros por dia é de 63,88%; de 51 a 100 litros é de 19,06% e 101 a 200 litros soma 10,8%.

Dr. Resende apresentou um quadro, elaborado por eles próprios, com as estimativas de produção do Estado do Rio de Janeiro para 1986: Leite Especial Leite C somando 364 milhões de litros/dia; Leite B com 70 milhões de litros diários.

"O leite reconstituído no Rio de Janeiro está suprimindo uma parte da população a outra metade está sendo alimentada com mais 240 milhões de litros que são importados de outros estados. Este dado muito me entristece e assusta como brasileiro, patriota e atuante neste setor de

produção leiteira", comentou Dr. Resende. O Rio de Janeiro importa 54% da soma do total de leite consumido no Estado do Rio de Janeiro.

Esta palestra teve como finalidade principal apresentar o produto industrializado por este laboratório - Amamenta - e cuja função principal é economizar 4 litros de leite por dia oferecido aos 160 mil bezerros de todo o Estado, proporcionando o escoamento para o mercado consumidor de 42,8% a mais de litros de leite. "A economia pode ser feita por uma sim-

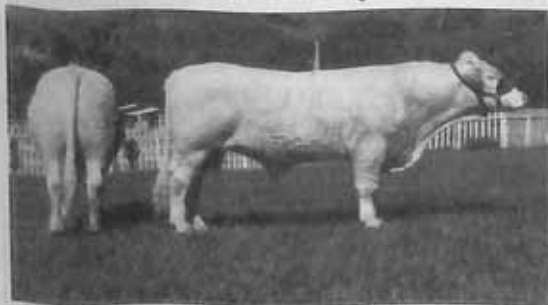
ples mudança de manejo com os bezerros que ao invés de alimentá-lo com leite da própria mãe substitui-se pelo leite de soja desidratado cuja fórmula é composta de todos os nutrientes necessários ao crescimento do animal".

Dr. Wilson comentou que o bezerro deve ser bem tratado para que possa responder conforme o planejamento do produtor, "este é o ponto inicial para que o Brasil possa produzir o alimento básico para a população e abastecer todo o território Nacional."

Encerrando Sr. Vilela, gerente da Loja ABC-Rio, disse que o "objetivo principal destas programações é o produtor e, mediante esta afirmação, estou disposto a contactar outras empresas que queiram como a Energe S.A., transferir conhecimentos aos produtores do Estado do Rio de Janeiro".

Agora adaptado no Centro Sul Um Plantel de Excepcional Qualidade **Charolês**

COMPROVADA A MELHOR RAÇA PARA CRUZAMENTO



TOUROS PO - 18 meses - 800 kg.



MATRIZES PO

Cabanha São Pedro

ESTRADA RIO-BAHIA — BR 116 km 49
Fone (021) 286-7648 — TERESÓPOLIS - RJ

MANGALARGA MARCHADOR- ATIVIDADES NÚCLEO - RIO

A Associação Brasileira dos Criadores dos cavalos Mangalarga Marchador através do Diretor de Registros Antonio Brandão da Rocha e os técnicos credenciados desta entidade para atender no Rio de Janeiro, Dr Rubens Caldas Pessanha - Rubinho - e o Dr. Sérgio Eduardo Alencar esteve presente a um encontro marcado pelo Núcleo dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador do Estado do Rio de Janeiro no último dia 11 de novembro na sede do Núcleo-Rio localizado na sobre-loja do prédio da ABC. O assunto em pauta eram os problemas encontrados pelos criadores no desenvolvimento do trabalho com a raça Mangalarga marchador.

O Sr. Brandão começou o bate papo dizendo que se dispõe a dar um maior andamento no "processo do registro". "Estamos fazendo os registros de outubro".

A mesa foi composta pelo Diretor de Registro, por dois técnicos e pelo Sr. Mario Piragibe. O debate foi aberto pelo Presidente do Núcleo-Rio Sr Eider Ribeiro Dantas Filho.

"Os erros mais frequentes dos pelos criadores, quando no momento de preencher os formulários, é a informação errada com relação ao potro", disse o Sr. Brandão acrescentando ainda que estes formulários são muito minuciosos e, como a maioria dos presentes concordou à reunião, são bastante complicados. Os recentes criadores de cavalos são inexperientes e a estes falta assistência técnica por parte da ABCCMM.

Na ocasião os registradores da Brasileira trouxeram uma lista de itens que, possivelmente podem atrasar o processo de registro. Entre eles estão: nomes que

podem ser interpretados com duplo sentido, denominações com indícios de linhagens famosas, nomes religiosos e outros.

Atendendo a inúmeros pedidos dos criadores fluminenses, visando maior fluência no trabalho de atendimento aos equídeocultores, está sendo aplicado um sistema de atender dois criatórios por dia; e antes de qualquer visita o registrador entrará em contato com o criador para que este prepare todos os papéis (notificação de nascimento, caderneta e registro provisório) agilizando, assim, o trabalho. O técnico portará um bloco onde será anotado o nome do potro, mãe, pai, a data de nascimento e cobertura e estes dados deverão estar idênticos à caderneta do criador. Todo este trabalho está sendo acionado na intensão de se levantar o plantel de todo o Estado do Rio de Janeiro e de uma melhor forma continuar executando os devidos registros, assim todos os criadores serão visitados. "Depois de duas vistorias em cada plantel, os animais que não constarem na listagem da Brasileira serão cortados, não sem antes haver uma comunicação ao proprietário", explicou Sérgio Alencar. Este levantamento do rebanho promovido pela ABCCMM foi, nesta oportunidade, parabenizado pelo criador Claudio Caiado.

Com relação ao problema do uso de caderneta o Diretor de Registros contou que quando era funcionário de uma fazenda de criação de cavalos, trabalhava com duas cadernetas; uma que o funcionário tinha acesso, podendo fazer algumas anotações e outra onde eram passados a limpo todos os dados, e quando fosse necessária apresentar a mesma aos técnicos da Associação sem nenhuma rasura.

Muitas sugestões foram ouvidas quando o criador Carlos Ernani levantou a hipótese de mudar-se o local e maneira de marcar os animais visando melhorar a estética da marcação. Para que isto aconteça, é preciso que a ABCCMM, estude o assunto juntamente com os membros da diretoria. E foi então que o Sr. Francisco Barbieri sugeriu que se formasse uma comissão de criadores para formular um trabalho e ser enviado à Associação em uns tempos para cá, foi se tornando bastante oneroso a manutenção de motores movidos à gasolina para transportar capim, arar, gradear e outras funções.

Em 1976, Custódio Almeida e Custódio Afonso, começaram a realizar um trabalho de cruzas entre raças de equinos que possuem características físicas fortes para o trabalho de tração. "Queríamos

forma de documento-projeto. Como Rogério Goulart aproveitando o assunto em pauta e criando grande polêmica mencionou: O porquê das fêmeas não são marcadas, com o seu respectivo número de registro.

Ao se falar em caracterização do Sérgio Beck tomou a palavra dizendo que o padrão da raça deve ser baseado em uma das origens e que os criadores devem discutir, junto à ABCCMM para melhor definir o padrão do cavalo, o andamento, ainda discutir a conduta de pontuação de exposições e uma maior orientação de técnicos para que estes possam avaliar mais convicamente e sem discriminação os padrões raciais. Dentro deste assunto Sr. Muchaluat contou que mesmo no Rio de Janeiro, Sangue Árabe, onde todos os animais são registrados, com a seleção somando a idade de, aproximadamente, 300 anos, e houver uma revisão das características físicas qualidades segundo as normas do padrão, não restará, possivelmente, 20% do rebanho registrado, afirmando que importante é o técnico orientar o criador novo porque o mais antigo sabe lidar com manejar e selecionar os animais para estes sejam justamente registrados. Aproveitando o comentário de Muchaluat, o criador Osvaldo Sargentelli falou por ser criador há pouco tempo, levantou a dúvida: de qual a marcha mais comercializável. A este respondeu Sérgio dizendo que "a melhor é aquela que é mais adequada ao cavaleiro".

A presença foi marcante com um número de participantes cresce consideravelmente a cada reunião, com um público bastante misto oscilando entre criadores de Mangalarga Marchador e outras raças.

As atividades do Núcleo dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador do Estado do Rio de Janeiro foi mais divulgada por um criador de Campolima, Aloysio Resende, quando conversamos a reportagem da REVISTA DOS CRIADORES dizendo que estas informações muito interessa aos criadores de Campolima pois, ambas as raças são igualmente brasileiras e marcham com animais de meio-sangue potros são produtores de leite, não podem dar ao luxo de produzirem leite e necessitem de cuidados mais especiais", disse Custódio Afonso na visita à Revista dos Criadores. São mais mestiços, por muitas vezes, não devem em suas características, são maleáveis e resistentes e outras qualidades.

A RAÇA CRIOULO ESTÁ SE FORMANDO NO RIO

Custódio Almeida começou a criar gado há mais de 20 anos e, nesta época, o combustível de transporte era barato. De

tem rusticidade, e assim por diante. "Sempre faltava um item necessário ao bom desempenho do trabalho", concluiu. Últimamente essas cruzas estavam sendo feitas com um garanhão da raça Quarto-de-Milha.

"Recentemente fomos convidados a visitar, junto a diretoria da ABC (Associação Brasileira dos Criadores), a exposição de Palermo na Argentina. "Neste País, tivemos, eu e meu pai, a oportunidade de conhecer algumas cabanhas argentinas e comprovar a rusticidade, força física e resistência da raça Crioulo", contou Custódio. A capacidade de resistência do cavalo foi comprovada devido a um convite para uma caçada, feito a Custódio Afonso, em uma propriedade de extensas terras no Sul do País. Entrando matto a dentro, nas primeiras horas da manhã, encontraram um rebanho que estava de viagem há três dias e um dos peões que trazia o gado, se encontrava ainda montado dormindo sobre o cavalo. "Este fato muito me impressionou porque o cavalo já bastante cansado de tanto trabalho, teve de descansar devidamente selado e com o peão montado". Este foi um dos motivos principais que levou Custódio a se convencer de que a raça Crioulo é a mais adequada para o manejo com o gado executando o trabalho com muita resistência e manobabilidade. "Fui vencido pelas evidências e pela opinião acertada de meu pai que sempre defendeu esta raça", confessou.

O cavalo da raça Crioulo talvez seja o equino mais brasileiro de todos devido, fundamentalmente, à seleção que vem sofrendo, naturalmente, há mais de 400 séculos e, por isso, é um cavalo rústico, fértil, pouco exigente na alimentação, de vida longa, dócil, resistente, muito bonito e com grandes aptidões para o trabalho no campo. "Sempre ouvi dizer que esta raça nunca se adaptaria em regiões montanhosas por estarem acostumados com planícies, mas através de pesquisas feitas", relatou Custódio Afonso, "a história desta raça no Brasil conta que os primeiros exemplares foram trazidos pelos espanhóis e desembarcados nas Antilhas, atravessando a região Andina, espalhando-se no Chile e instalando-se, definitivamente, nos Pampas brasileiros e argentinos, sobrevivendo e adaptando-se nos mais diversos tipos de solos, topografias e temperaturas. A raça Crioulo em 1993 fará 500 anos de Brasil.

Em Esteio na Expointer, a empresa agropecuária Custódio Almeida e Filhos, adquiriu um garanhão e três fêmeas para

começarem o trabalho com a raça Crioulo no Estado do Rio de Janeiro, trazendo uma atividade funcional com cavalos para suas propriedades. Posteriormente, em Pelotas, compraram mais duas fêmeas e um garanhão. Um outro criador, Sr. Luiz Petinari, também na mesma época, adquiriu dez fêmeas e um macho. "Posso dizer que com esta soma formou-se o primeiro núcleo de criadores da raça Crioulo no Rio de Janeiro", admitiu Custódio Afonso.

Este ano os organizadores da Exposição Internacional de Esteio tiveram uma conduta diferente para selecionar os animais, sendo da seguinte forma: cada região tinha uma cota em função do número de animais e de criadores. Apenas 40% do total relacionado passaram na pré-seleção para a exposição. Portanto, "a última Expointer apresentou excelentes animais e a diferença entre o cavalo de menor qualificação e o mais qualificado era, praticamente, ínfima, muito estreita".

O FUTURO DA RAÇA NO RIO DE JANEIRO

Depois da compra destas cabeças Custódio Afonso conta que ficou surpreso com o mercado que encontrou no Rio de Janeiro e que esta raça se encaixa em 4 tipos de mercado: primeiro para os criadores que queiram trabalhar com o cavalo no campo preservando os animais puros. Segundo para os criadores sem muito poder aquisitivo e que querem também trabalhá-lo no campo só que começando por um garanhão puro para cruzar com éguas mestiças. Terceiro para aqueles criadores que sempre apresentam seus cavalos em provas de rédeas, funcionais e em provas de hipismo rural, "cuja raça vem se colocando muito bem nestes campeonatos". - Por fim, em quarto lugar, esta raça está sendo bastante usada na cruz com PSI para formar cavalos de pólo e, segundo um criador vizinho da Granja D'Abadia, hoje em dia estão sendo utilizados animais importados da Argentina e estes, por muitas vezes, já chegam castrados.

O Crioulo está dominando o mercado equino em vários estados brasileiros e além do Rio Grande do Sul, já existem núcleos no Paraná, São Paulo, em fase de organização no Mato Grosso, Goiás e Rio de Janeiro. Neste último o próprio Custódio Afonso está sendo muito cogitado para presidente por todos os outros criadores, entre eles: José Teodoro Brito, Luiz Eduardo M.O. Castro, Cláudio Hadad, Manuel Pillo, Custódio Lopes de Almeida e Luiz Petinari.

Uma dica: "acho interessante que as pessoas que vierem a adquirir equinos para criá-los em regiões agrestes, se preocupem em notar algumas características que ditam ser o animal mais resistente a este tipo de clima, como por exemplo, pouco pelo branco, coloração da mucosa do casco devem ser escuros (mais resistente ao clima quente) e outros fatores primordiais", instruiu Custódio.

"Esta raça é de excelente qualidade onde os animais são criados à campo e sem muitas minúcias no trato. Eu vi animais em Esteio que foram tirados do campo três meses antes da Expointer, domados em 60 dias e tratados, só neste período, com ração e se apresentaram com excelente forma", exaltou.

AS NOVIDADES

No sul do País foi instituída uma prova de resistência onde os equinos são postos a caminhar 250 Km, com tempo determinado, e tratados somente a campo. Nesta prova a raça Crioulo tem se mostrado bastante capaz e está vencendo todos os campeonatos, além de outras como as provas de agilidade, manobabilidade, arranque, enfim todas as provas que atestem suas aptidões de luta com o gado. "Essas competições acima descritas são as preliminares para o "Freio de Ouro" que é o título máximo dado ao animal que provou ter muita habilidade com o gado, resistência, capacidade de recuperação, agilidade e etc". As notas são dadas com peso de 60% para as qualidades primordiais e 40% pela morfologia. O cavalo campeão em 1986, tanto no "Freio de Ouro" quanto nas provas de pista, é o garanhão BT Sargento e, portanto, grande parte dos programas de seleção e cruzamento estão sendo feitos a partir deste garanhão de comprovada qualidades".

De uns tempos para cá, no Rio Grande do Sul, está sendo implantado o registro de Mérito que é a avaliação dos animais puros registrados. As notas para este registro pesam em 50% para prova de caminhada, 30% para morfologia e 20% para funcionalidade. "Pretende-se com isto animais de excelente qualidade".

Encerrando a entrevista com a REVISTA DOS CRIADORES, Custódio Afonso comentou que "esta raça completa a grande lacuna em tração animal no nosso País visando, principalmente, a economia". Para todo e qualquer trabalho em prol da criação do cavalo da raça Crioulo, Custódio afirmou que dará todo o apoio necessário e que lhe for possível a atividade.

I ENCONTRO CAMPOLINA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O Clube do Cavalo Campolina do Estado do Rio de Janeiro fará realizar no Hotel Bucsky, em Nova Friburgo, interior do Estado, na região Serrana, nos dias 12, 13 e 14 de novembro o I Encontro Campolina no Rio e estão convidados os criadores de Campolina bem como todos os criadores de cavalos que queiram

visitar o Encontro prestigiando o Clube do Campolina.

Inscritos estão, até agora, mais de 96 criadores lotando, portanto, todas as reservas disponíveis do Hotel.

A programação consiste em bingo dançante, noite de pagode, Mesa-Redonda para amplo debate aberto a assuntos de interesse dos criadores, cavalcada para adultos e crianças sendo que terá um local exclusivo para modalidade infantil, concurso de marcha para fêmeas e machos, e o Leilão Campolina do I Encontro com 31

animais inscritos, altamente selecionados e com a grande maioria de fêmeas 25 fêmeas e 6 machos -. Estes foram selecionados por uma comissão de quatro criadores que percorreram todas as propriedades visitando os animais.

Estarão participando além dos criadores do Estado do Rio de Janeiro, os de Minas Gerais e São Paulo. Todos os sócios do Clube do Cavalo Campolina do Estado do Rio de Janeiro estarão presentes que somam, aproximadamente, 100 sócios.

TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES NA PRÓPRIA FAZENDA

Bernard Winkler, proprietário da 4 Meninas Agropecuária Ltda., está há 5 anos testando a técnica de transferência de embrião dentro da própria fazenda, e para isto, montou um mini-laboratório com todos os equipamentos necessários. Inicialmente, aplicava o sistema de implante por cirurgia e de dois anos para cá, está utilizando embriões congelados. "A diferença deste sistema é que estamos programando o ciclo do nosso próprio rebanho. Até hoje obtivemos 5% de produtos gerados e paridos com o transplante executado com pipeta", contou Bernard Winkler.

Nestes 5 anos tivemos sucesso em, aproximadamente, 20 produtos e, como disse o proprietário da 4 Meninas Agropecuária Ltda., "toda vez que uma etapa já estava praticamente dominada, começávamos a aplicar outro sistema, visando

conhecer muitas ramificações deste assunto."

As matrizes para colheita de embriões são utilizadas durante 1 ano e meio e, depois deste período, são postas para descansar afim de que suas funções sejam normalizadas. "Estas só entrarão no trabalho novamente se estiverem organicamente saudáveis".

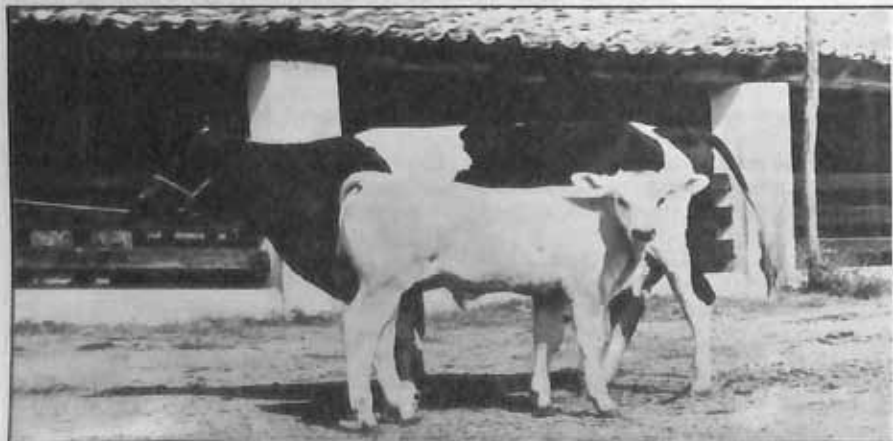
15 foi o maior número de embriões recolhido de uma mesma matriz destes, nasceram 8 produtos. Sr. Bernard Winkler está trabalhando somente com a raça Chianina e, depois da técnica dominada, é que "vou passar para o rebanho da raça Guzerá que também crio em minha fazenda".

O objetivo básico deste trabalho é a economia, isto é, com esta técnica dominada, o rebanho da 4M Agropecuária Ltda poderá ser reduzido em número de cabeças, portanto, "a economia vem em função da diminuição da ração, da manutenção dos pastos, medicamentos, veterinário e muitos outros fatores que encare-

cem a atividade. O aumento da produção por esta técnica é quase ilimitado, com 1/5 das vacas produzindo cinco vezes mais bezerros", dimensionou.

O técnico que está atuando neste trabalho é o Dr. Teodoro Romano Vaske, do Cenagen - Centro Nacional de Recursos Genéticos - da Embrapa, escritório de Brasília, atuando na preservação de raças em extinção. O Médico-Veterinário da Fazenda é o Dr. Zenirso José Bassetti que atua no controle sanitário das matrizes e este, gradativamente, irá assimilar a tecnologia para que, na propriedade não seja mais necessária a presença do profissional em reprodução genética.

Em termos de futuro "pretendemos não vender o bezerro em pé produzido por transferência de embrião mas sim, as vacas que estão gerando um feto produzido em laboratório, fazendo com que o parto se dê em local onde a vaca já esteja ambientada, evitando os problemas de adaptação com a alimentação e manejo", concluiu Sr. Bernard Winkler.



Produto de Transferência de embrião, nascido na Fazenda 4M Agropecuária Ltda em abril de 1986.

O seu Premix, M. Cassab tem.

Como é bom ver a criação crescendo e produzindo com economia, e saber que terminaram os problemas e a preocupação com estoques, fornecimento imediato e constância de qualidade.

O seu Premix M. Cassab é a solução. Trata-se de um pacote tecnológico, eficiente, com opções de formulações e produtos para você fazer a ração mais balanceada às suas condições e necessidades.

Os Premix M. Cassab contam ainda com estoque permanente de todas as matérias-primas; técnicos em produção e nutrição animal; programas eficientes de computador; laboratório; enfim, tudo para você produzir melhor.

Em matéria de nutrição, o seu Premix M. Cassab é a solução.

O telefone do seu Premix M. Cassab é (011) 260-6133.



**Nós ajudamos
você a produzir.**

M. Cassab Comércio e Indústria Ltda.

Vendas/Fábrica/Depósito: R. Bartolomeu Pais, 43 - CEP 05092 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 260-6133.
Escritório: Al. Campinas, 463 - 15º andar - CEP 01404 - São Paulo - SP - Telex: (011) 23271 FEED BR.

GRANDE EXPOSIÇÃO DE SÃO LUIZ - MARANHÃO

Revestiu-se de completo êxito a XXXII Exposição Agropecuária Estadual do Maranhão — EXPOEMA/86, realizada em São Luís — MA, no Parque Independência, durante o período de 31 de agosto a 07 de setembro do corrente exercício, concomitantemente com a IV Exposição Nacional da Raça Guzerá e a II Exposição de Búfalos, eventos estes promovidos pelo Governo LUIZ ROCHA, através do Sistema Estadual de Agricultura e Abastecimento, sob a gestão do Eng.º Agr.º Valdemar Cabral de Paula, com a colaboração do Ministério da Agricultura, Federação da Agricultura do Estado do Maranhão, Associação dos Criadores do Estado do Maranhão, Sociedade Rural do Maranhão, Associação dos Criadores de Búfalos do Maranhão e Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil.

Referida mostra, cuja importância para a economia maranhense se acentua a cada ano, mais uma vez veio demonstrar o esforço do atual Governo em dinamizar o setor agropecuário do Estado, promovendo o melhoramento genético das raças criadas na região e favorecendo sua comercialização, bem como confirmar a realização de um trabalho sério de quatro anos em prol do setor primário.

Comprovando o sucesso obtido com a mencionada exposição, foram efetivados sete leilões, abrangendo

um total de 900 animais, dentre os quais bubalinos, búfalos, guzerás de campo e de elite, nelotampas e bovinos, alcançando um volume de financiamento de Cz\$ 13.000.000,00 (treze milhões de cruzados).

O montante total de comercialização de animais efetuada durante a EXPOEMA-86 foi da ordem de Cz\$ 30.000.000,00 (trinta milhões de cruzados), para o que colaboraram os Bancos do Nordeste S/A, do Estado do Maranhão e BRADESCO, montante este que bem evidencia o alto significado da promoção para a economia maranhense.

Para melhor viabilização da EXPOEMA-86, evento de repercussão nacional, o Parque Independência, sob a administração da Secretaria de Agricultura, considerado um dos maiores do Nordeste para promoções dessa natureza, passou por uma série de obras, reformas e ampliações de forma a dispor de toda uma infraestrutura capaz de fazer face aos eventos então programados, dentre as quais destacam-se:

- construção do Palácio dos Leilões, com pista toda em alvenaria, com capacidade para atender 450 pessoas, com cadeiras especiais, currais para acomodar 400 animais, boxes para bancos e estabelecimentos comerciais e ainda sanitários públicos;

- construção do Palácio da Agricultura, com instalações para a FAE-

MA, Associação dos Criadores do Maranhão e Sociedade Rural do Maranhão, além de um auditório com capacidade para 60 pessoas, destinado a reuniões, encontros, palestras de interesse para o setor;

- ampliação da capineira do Parque de 10 ha para 30 ha de pastagem;

- construção de 174 baias de alvenaria e reforma de 65 de madeira;

- ampliação dos currais e estábulos, estes últimos de 5 para 11, sendo um específico para gado de leite o que aumentou o número de áreas para 636;

- ampliação do sistema hidráulico do Parque, com a construção de um poço artesiano e cisterna com capacidade de 40.000 litros; e

- construção de 10 sanitários públicos.

Dessa forma, foi possível abrigar naquele recinto 3.200 animais oriundos de diversos Estados da Federação, dentre os quais Ceará, Pernambuco, Paraíba, Piauí, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e Rio de Janeiro, pertencentes a 10 das mais altas patentes zootécnicas.

Vale ressaltar que, durante os cursos realizados na EXPOEMA-86, setenta por cento dos grandes prêmios coube a criadores do Maranhão, o que demonstra claramente o crescimento da pecuária maranhense, bem como a elevação do padrão zootécnico dos animais ali criados.

O Maranhão já tem sua UDR

A UNIÃO DEMOCRÁTICA RURALISTA ESTADUAL, sociedade civil, criada no estado do Maranhão, em 4 de setembro de 1986, veio para preencher uma lacuna, no desenvolvimento das atividades agrárias do grande estado: a UNIÃO DEMOCRÁTICA RURALISTA ESTADUAL, destina-se a reunir em seu quadro social, todos proprietários de imóveis no território maranhense, sua ação é inspirada fundamentalmente nos rígidos princípios a VIDA, A LIBERDADE, A LIVRE INICIATIVA, A SEGURANÇA FÍSICA E PATRIMONIAL, A LIVRE LOCOMOÇÃO E PERMANÊNCIA E AO DIREITO INTEGRAL A PROPRIEDADE PRIVADA.

Graças a pleide de homens de bem que geram riquezas, para o estado e o país, com a liderança no âmbito estadual do ruralista Hugo Romero Saraiva, contando com a simpatia e colaboração do Exmo. Sr. Governador do Estado do Maranhão, e, também homem

do campo Dr. Luiz Rocha, e, o Secretário da Fazenda do Estado dr. Nelson Frota, a UNIÃO DEMOCRÁTICA RURALISTA DO ESTADO DO MARANHÃO, já está grande. Na oportunidade da fundação da entidade, eleita a primeira Diretoria.

Para a Fundação da UDR, Estadual, veio a São Luiz, o Presidente Nacional da UDR Dr. Ronaldo Caldeira e os diretores Salvador Sidney Farina, Altair Veloso Olímpio Jayme. Logo após a instalação da UDR-ESTADUAL, no recinto Parque de Exposições de São Luiz foi realizado com pleno êxito, um concorrido leilão de animais, em benefício da UDR-ESTADUAL, estes animais foram doados por associados e simpatizantes da entidade. De agora em diante o ruralista maranhense tem mais uma entidade para lutar em prol do desenvolvimento.



Governador Jarden Barbalho, Dr. Newton Camargo, ex-presidente da ABCZ e Dr. Ivaldo Menezes Lobato, presidente da A.R.P.P.

Na abertura da XXI EXPOSIÇÃO FEIRA AGROPECUÁRIA DO PARÁ, a comissão organizadora da mostra, fez constar da programação, uma EXALTAÇÃO À PECUÁRIA DO PARÁ, trazendo moradores e filhos das regiões Norte e Sul do Estado que mostraram aos expositores e visitantes, usos e costumes destas regiões, principalmente no que diz respeito ao folclore e o trato com os "coisas" do campo.

No campo folclórico, destacou-se uma representação da Ilha do Marajó, com a apresentação do LUNDUN, dança e canto de origem africana, trazida pelos escravos da nação BANTOS, de Angola. A apresentação, foi um sucesso. O cavaleiro, chega, montado em um búfalo, trazendo sua dama na garupa da montaria (como é costume antigo, na ilha do Marajó), aproximam-se para dançar o lundun. Juvêncio Amador (o cavaleiro), e Ana Maria Cabral de Vasconcelos (a dama), começaram a dançar!... bailado de par solto, homem e mulher de pés descalços... exatamente como todas as danças criadas pelos povos africanos, sempre voltada para a interpretação de um determinado tema.

Na ilha, por seu isolamento, os costumes se guardam, e, o Lundun, foi conservado em sua íntegra. É uma dança muito sensual, os dançarinos apenas se movem no começo, fazendo estalar os dedos, em um som de castanholas, levantando e arredondando os braços, balançando-se molemente. O molejo, os requebros, o ritmo, a negação do amor, o apelo sensual, é, entretanto no Marajó, revestido, de uma aura de pureza incrível, lá também foram conservados os atabaques, as músicas e a coreografia africana.

Exaltação à Pecuária do Pará

AS HOMENAGENS

Por ocasião da abertura da XXI EXPOSIÇÃO FEIRA AGROPECUÁRIA DO PARÁ, foram prestadas algumas significativas homenagens, às pessoas que lutam para o engrandecimento da pecuária do Estado, entre elas podemos citar:

JUVÊNCIO AMADOR: aos 80 anos de idade, cheio de vitalidade, vaqueiro típico da ilha do Marajó, montando um búfalo da raça Mediterrâneo, animal de montaria, ideal nas estações chuvosas, entra no picadeiro, vestindo uma roupa de vaqueiro, sobre ela, uma vistosa "BAETA", protetor que não se via há muito. Esta peça, serve, para proteger os marajoenses, contra as intempéries do tempo. Até hoje, o "velho Juvêncio" presta serviços à Fazenda Tapera, como vaqueiro há mais de 46 anos. Recebe nesta ocasião uma placa das mãos do Governador Jader Barbalho, pelos bons serviços prestados à pecuária Paraense.

ANA MARIA CABRAL DE VASCONCELOS: recebeu uma homenagem especial da primeira dama D. Alcione Barbalho, como representante da mulher marajoense. Ana Maria, pertence a uma



Dr. Helio Michelone, presidente da ABCB e Dr. Liberto Magno da Silva Castro.



Dona Dita Acatauassu e Sr. Benedito Mutran Filho, participantes do Tinga-Una.

geração oriunda de um casal que teve 24 filhos, e, por sua vez, tem seis filhos e sete netos. Casou-se precocemente, tendo nascido, crescido e vivido até hoje na Fazenda Tapera, onde presta serviços. Dos seus filhos, três são moças, que lecionam na Escola da Fazenda. Todas tem curso pedagógico.

EDUARDO DE ARAÚJO BRAGA: recebeu a homenagem de sua patrão Dona Heliana de Miranda Stegmann, proprietária da Fazenda Tuyuyu, onde é vaqueiro. Eduardo, de 55 anos, chegou montado em um cavalo da raça Marajoara, mostrando inclusive os arreios de serviço, corda de relho e a cabeçada de bridas, que tem bolta como enfeites, que são colocadas para livrar os animais da perseguição das moscas, protegendo os olhos dos animais.

JOÃO DA SILVA CORDEIRO (CARANDÁ) entrou no picadeiro montado em um boi, usado para longas viagens, trazendo na garupa a mala feita por ele mesmo, para guardar os seus pertences, e o "SURREÃO", que serve para levar o "FRITO DE VAQUEIRO" (iguarias usadas para longas viagens).

CARANDÁ, tem 78 anos de idade, e trabalha a 46 anos na Fazenda Ribancreira.

Era conhecido como um dos melhores lacadores de Bufalo bravo, e, a sua coragem era lendária. Recebeu sua placa das mãos de Guilherme Henrieur, o Mike.

CORVIANO SENA OLEASTRO: Montado em um cavalo da raça pururuca, animal usado geralmente, para passeio, mas que trabalha tão bem como qualquer bom cavalo marajoara. O "compadre Corbi" como é mais conhecido, tem 76 anos e trabalha a 51 anos na Fazenda IPê, do município de Chaves. Ele é homenageado com uma placa, lhe que foi entregue por D. Adeuzinda Lobato.

JOSÉ WALDEMIRO APOLINÁRIO: Foi o próximo a ser homenageado. Vem montado em um imponente mangalarga tocando um possante e estridente berrante, instrumento usado para acalmar e orientar o gado.

Na zona Bragantina e no Sul do Pará, há a influência de vários estados. No município de Paragominas, Goiás, Minas Gerais e Pará, os naturais de São Paulo, Bahia e outros estados, se juntaram aos pioneiros, trouxeram os seus costumes, o seu manejo de gado, suas maneiras de montar, mas trouxeram sobretudo, a sua coragem a sua persistência e o seu entu-

siasmo, trazendo progresso para a terra paraense.

HOMENAGEM ESPECIAL

Não constou da programação oficial, mas nós jornalistas, num pleito de reconhecimento, prestamos nesta oportunidade de uma homenagem especial à Dona Dina Acatauassú, que programou toda esta homenagem aos verdadeiros pioneiros da pecuária paraense, trazendo inclusive para o deleite de todos a tradicionalíssima dança do lundun. Grato dona Dina, esta é a nossa homenagem especial.

**3.ª
EDIÇÃO**
Revista e aumentada

MANGALARGA - E O CAVALO DE SELA BRASILEIRO

DR. FAUSTO SIMÕES



O cavalo e o homem.
O cavalo Mangalarga. Troncos formadores da raça. Aptidões do cavalo Mangalarga. Estado atual da seleção. O Mangalarga e o tipo universal do cavalo de sela. Índices ideais para o cavalo de sela. O que os árabes nos transmitem. O padrão do Mangalarga. Sobre os aprumos. As taras. Dos andamentos.

Compensações de defeitos. Pelagens, manchas e particularidades. Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga. As raças formadoras do Mangalarga. Os núcleos atuais que mais influenciam sobre a raça. O Mangalarga. O Marchador Mineiro e as demais raças eqüinas nacionais. Avaliação dos eqüinos.

Volume encadernado e com sobrecapa a cores

À venda ou pedidos à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. — Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA

Av. Conde Francisco Matarazzo, 445 — São Paulo — SP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo — SP

Livrarias da Capital e do Interior

G

FAZENDA BOI BRANCO

Prop.: Gastão Carvalho Filho

Travessa Piedade, 651 - CEP. 66000

Tels.: (091) 224-3088 - 225-0910 — Belém - PA

Grande Campeão Paragominas 1986

Grande Campeão Castanhal 1986



**Panabasio da Zeb.
B. 2041**

Maranamu da Zebulândia
B.942

Fasquia da S.C
J.8383

**O Grande Raçador da Fazenda Boi Branco
Estará à venda no 3.º Leilão Tinga Una
20 - Junho - 87 - Hilton Hotel - Belém - PA**



2.º NELORE



2.º NELORE DOS CRIADORES PAULISTAS

GARROTES DE ÓTIMO DESENVOLVIMENTO COLOCADOS EM LICITAÇÃO

Tivemos no último sábado de Novembro (dia 29) o grande encontro de criadores neloristas no recinto da VI EXPANDE, durante a realização do 2.º Nelore da Praça, evento que contou com a participação de criadores tradicionais como Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, Julio de Mesquita Neto, Luiz Vieira de Carvalho Mesquita e irmãos e Willian Koury, além dos convidados Alberto Bacarat, Carpa S/A, José Luiz Niemeyer dos Santos e Werner F. Jost.

Estiveram presentes mais de 300 pessoas, entre criadores e convidados. Um destaque especial para o criador Roberto Justo Fernandes de Garça, que adquiriu 16 lotes durante as licitações, que foram apregoadas pelos competentes Daniel e Nilmar.

Os criadores que organizaram o 2.º Nelore da Praça agradecem a todos os companheiros e compradores presentes, convidando-os desde já para o próximo Leilão em Novembro de 87.

A PRAÇA



...ações, a maior comprador da evento.



Leis. Paulo Ernesto, Junior (Pedigree) e Sra. Era um misto do Rio com Minas.



...e Volta Grande, prestigiando os.



Duda Biaggio e Werner Jost, figuras importantes da Neloze.



...e Teixeira, presenças simpáticas no recinto.



Criadores balanos como Gileno Calheira, prestigiaram o acontecimento.



Antenor Julia Bernardes, Li Teixeira



Zé Luiz Niemeyer dos Santos, Alberto U Mendes Jr., Osmar Pedrosa e Ricardo, sempre presentes nos grandes Leilões.

FAZENDA CEDRO

Prop.: Benedito Mutran Filho

Marabá - PA

ESCR.: RUA BERNARDO SAYÃO N.º 4800 - FONE: (091) 229-0188 - BELÉM - PA

Assistência Técnica: José Otavio Lemos



CHÂDINI POI

DA PRIMAVERA



ITALIANO

DA F.C

XXI Exposição Agropecuária de Belém - 1986

Maior número de pontos (3.ª vez consecutiva)

6 campeonatos - 2 reservado campeonato - 1 grande campeonato
e 1 reservado grande campeonato melhor criador do estado

VR da RV

VALOR M DA RV

A beleza e qualidade de

na variedade inocua

CRISTIN A VENDA NA

SAO PAULO, SP, 1973



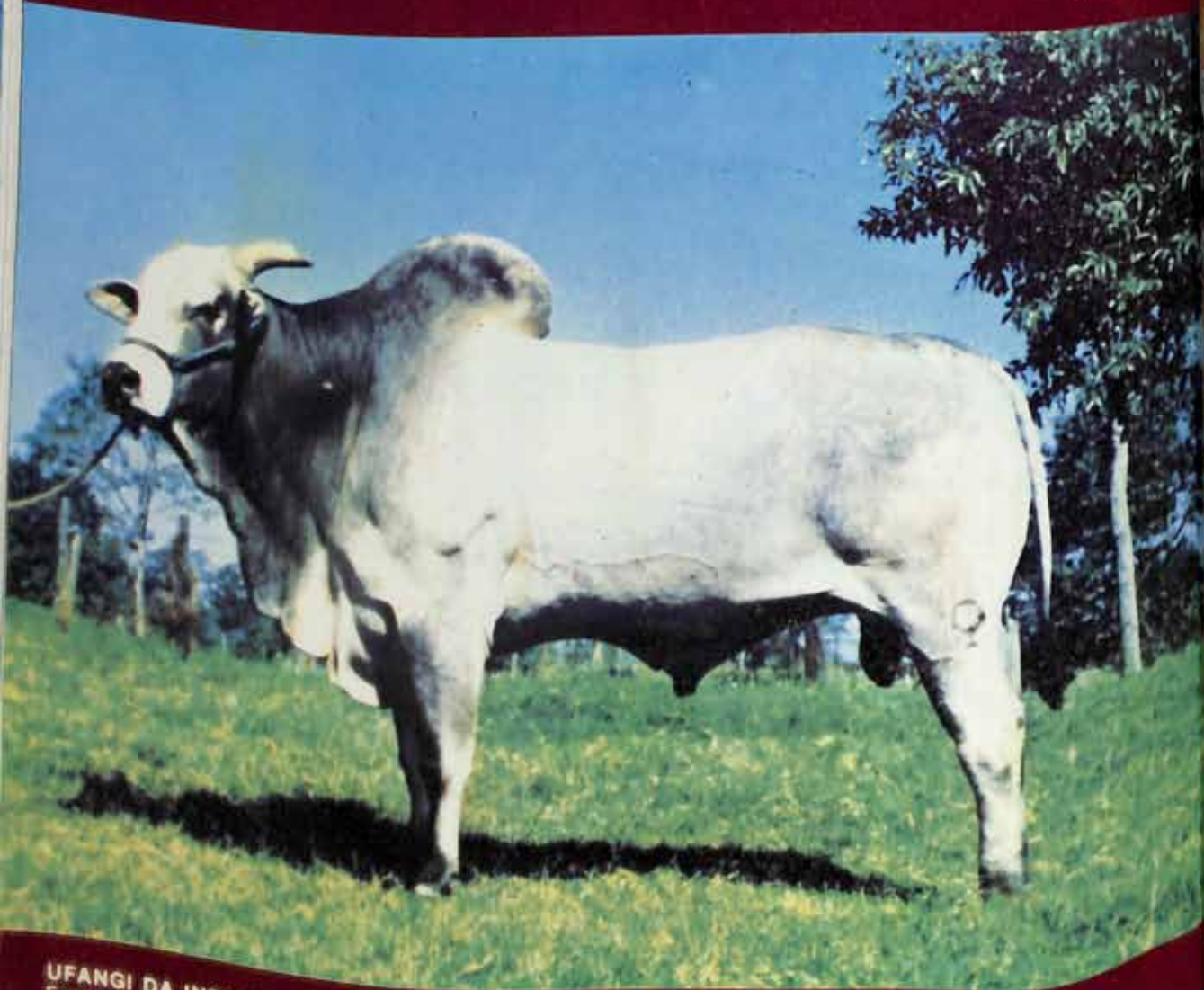
FAZENDA INDIANA LTDA



Bom no peso
e bom na raça
só NELORE
marca Taca

SUCESORES DE DURVAL GARCIA DE MENEZES
Seleção e Vendas: PAULO ERNESTO ALVES DE MENEZES
Corresp.: Av. Heitor Beltrão, 18 — Tijuca CEP 20550
Fones: 228-7678 — 264-0585 — Rio de Janeiro — RJ

Bom no peso
e bom na raça
só NELORE
marca Taca



UFANGI DA INDIANA P.O.I. — RGN 8804 — RGD B—32 1.100 Kg. Altura na Garupa: 1,73m.
Fertilidade de 91% com 55 vacas a campo. Peso médio dos filhos na desmama, 228 Kg. Reprodutor
da Fazenda Indiana, filho de Nitur da Indiana "POI". Eficiência comprovada racial e
economicamente. Coletando semem na Lagoa da Serra.

GODAR — ÚLTIMO TOURO IMPORTADO COM SÊMEN À VENDA NA SEMBRA — BARRETOS — SP

6 Touros importados e 12 Touros P.O.I. servem 600 fêmeas P.O. com
tradição desde 1918 e 180 fêmeas P.O.I. e importadas.

SELEÇÃO DE NELORE DESDE 1918

VOCÊ CONHECE

raça pura, tipicamente tropical e com dupla aptidão comprovada?
rebanho desta raça que esteja sendo submetido ao controle
teiro oficial desde 1962?
rebanho desta raça que, mesmo detentor de altas produções
teiras, mantém um padrão
peso semelhante àqueles selecionados exclusivamente para corte?



EGÍTIMO

Prod. mãe – 365 dias – 6.418 Kg de leite



1. AZOTO

Prod. mãe – 339 dias – 6.481 Kg de leite



2. ARTILHEIRO

Prod. mãe – 365 dias – 4.056 Kg de leite

GIR LEITEIRO

FAZ. SANTANA DA SERRA
Km 295 Rod. Mococa – Cajuru
Fones: (0196) 55.0801 ou
Rural (101) 98.1164

FB

DE MOCOCA



2. CADARÇO

Prod. mãe – 365 dias – 6.123 Kg de leite



1. RÉPOM

Prod. mãe – 365 dias – 5.236 Kg de leite



2. SÂNDALO

Prod. mãe – 365 dias – 6.418 Kg de leite

Agora você já sabe que Gir leiteiro de verdade, só com
lactações completas e controle leiteiro oficial.

SÊMEN À DISPOSIÇÃO NA

1 – Agropecuária Lagoa da Serra
2 – Pecplan Bradesco

Cruzamento de raça.

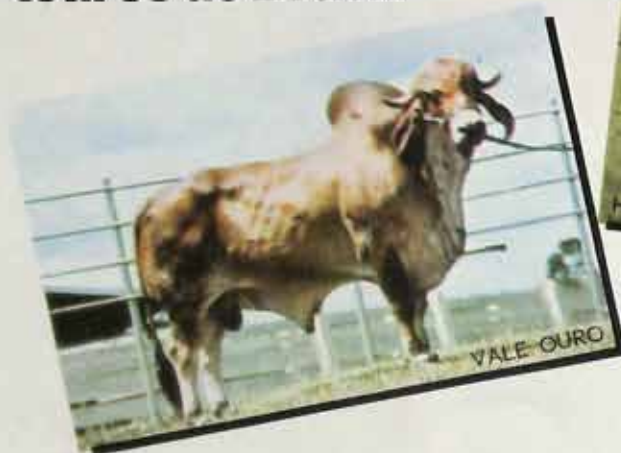
**Fazenda
Brasília**

**Lagoa
da Serra**

**A primeira entrou
com 7 dos melhores
touros do Brasil.**



**A segunda, com
a maior experiência
em industrialização e
comercialização
de semen.**



Não esqueça que Gir Leiteiro é a solução. Aproveite que você está com a faca e o queijo na mão e procure a Lagoa da Serra. Ela é responsável pela industrialização e comercialização do semen desses touros.

Reprodutores em coleta	Mãe	Pai
VALE OURO Rq. A 6796	HALENIA Rq. L 2718 7 lactações produziu 33.935 kg. Maior produção 6.127 kg. 6 LM e 1 LE	CAXANGÁ - 30 filhas em controle oficial produziram 3937 kg de média. 1M 7S e 1E 2V
RAMADA Rq. A 3225		HINDOSMAN - 33 filhas em controle oficial produziram 4062 kg de média
UNIVERSO Rq. A 1991		IGUATU - Diversas filhas acima de 5000 kg
SUBARÃO Rq. A 7382		IGUATU Rq. A 6163
NERU Rq. A 6717	LEITEIRA Rq. D 6292 6 lactações produziu 30250 kg. Maior produção 6.335 kg. 6 LM	IGUATU Rq. A 6163
ONASSIS Rq. A 6395	SAIONARA Rq. D 5586 5 lactações produziu 2356 kg. Maior produção 5261 kg	JAPÃO - 30 filhas em controle oficial produziram 4027 kg de média. 52 LM e 6 LE
BRIGADEIRO Rq. 2529	PRATINHA Rq. C 4436 7 lactações produziu 33.145 kg. Maior produção 6.128 kg. 5 LM e 1 LE	JAPÃO Rq. 4959
	FRANCELINA* Rq. M 6904 11 lactações produziu 45.999 kg. Maior produção 5.318 kg. REPRODUÇÃO LITEIRA - 8 LM e 5 LE	PACU Rq. A 6765
Destaque do Mês		
VALE OURO Reg. A 6796	HALENIA (foto). 7 Lactações — produziu 33.935 kg maior produção 6.127 kg 6 LM e 1 LE	

**Fazenda
Brasília**

Rubens Resende Peres
Praça José Peres, 10 CEP 35.360
Fones: (033) 352-1327 e 352-1315
São Pedro das Ferreiras - MG
Correspondência: Av. Uruguaia, 276
4º andar
Bairro São - CEP 30.310
Fones: (031) 225-1299 - Telex: (031) 3203
Belo Horizonte - MG

**Lagoa
da Serra**

Agropecuária Lagoa da Serra Ltda
Rodovia Carlos Tonanni, Km 337, Caixa
Postal 60 - Fones: (016) 642-2299 - Telex:
(016) 5784 - CPN BR
Sertãozinho - SP - CEP 14.160
São Paulo - Fones: (011) 262-9401
Telex: (011) 27647

Agro Pastoril dos Poções Ltda.

Prop.: Arthur Souto Maior Filizzola

Fazenda dos Poções

Município JEQUITIBÁ - MG

Fones: (031) 223-1630 Res. (041) 233-8175 e 233-8422 Com.



**Nova opção do Gir Leiteiro: porte - fertilidade -
caracterização - mansidão - leite e longa vida produtiva**



JANÁ

Reservada Campeã em Belo Horizonte - 85

12,9 2x 365 d. 5.810 kg. 216 kg. gordura 3.73 %

Livro de Mérito e Livro de Escol

GIR LEITEIRO DA Fazenda Santo Antonio do Mocambo



Acomodada

Reg. T 8380

365 D. 4.241. 3 kg.

Hileia
Reg. 0.8341
330 d. 3.891 kg* de leite



Trincheira

Reg. S - 3803

365 d. 3.668,25 hg. de leite

Prop.: Dr. José Lucio Resende e outros

Município de Matozinhos, MG — Tel.: (031) 661-1312

Escritório: Rua Santa Rita Durão, 1160 — C.P. 30140 — Fone: (031) 212-5011
BELO HORIZONTE - MG



FAZENDA MATINADAS

FRANCISCO E ARMANDO AUGUSTO
LOBATO

END: ESC. TRAV. RUY BARBOSA N°403 FONES: (091) 224-5088 E 223-6301 BELÉM - PA



BENDHU POI VR
NOVA OPÇÃO

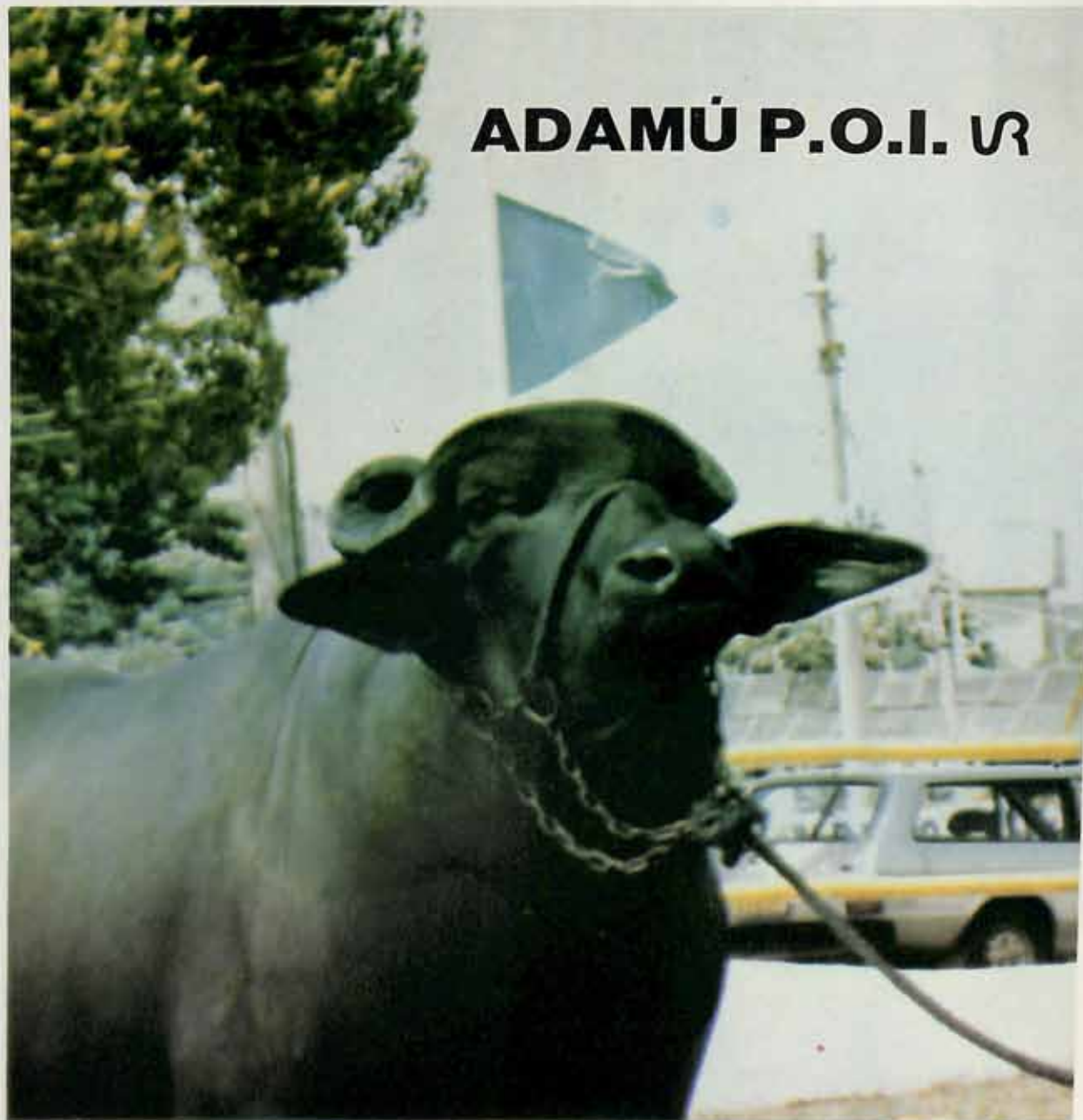
37 meses: 785 kg



- Campeão Touro Jovem XXI Expo - Belém - 86
- Grande Campeão na XXI Expo - Belém - 86
- Grande Campeão na Expo - Paragominas - 86
- Campeão Touro Jovem na Expo - Paragominas - 86
- Campeão Junior e Reservado Grande Campeão na Expo - Soure - 85

PARTICIPE DO 3.º LEILÃO **TINGA UNA** DIA 20 DE JUNHO DE 1987
HILTON HOTEL BELÉM. A **FAZ. MATINADAS** COLOCARÁ À VENDA
NESTE LEILÃO ENTRE OUTROS ANIMAIS — 6 MACHOS MURRAH POI
E 2 FÊMEAS MURRAH POI. CABECEIRA DO PLANTEL.

ADAMÚ P.O.I. ʒ



DA

DITOSA

TINGA UNA



**VENDA PERMANENTE
DE PRODUTOS**

**20 - JUNHO - 87
LEILÃO TINGA UNA**

CALISA

**Armando Teixeira
e Filhos**

Esc. 14 DE ABRIL, 1242

Fones: (091) 229-5129

229-9364

66.000 — BELÉM - PA

PAULISTANO DA FORTALEZA

CHEFE DO PLANTEL CALISA
PAI DE INÚMEROS CAMPEÕES E
RESPONSÁVEL PELOS RECORDES
NACIONAIS E MUNDIAIS DE PREÇOS
EM BUBALINOS ATRAVÉS DE SUA
ESPETACULAR PROGENIE.

A CALISA TEM ORGULHO EM PODER
CONTAR COM ESTE PATRIMÔNIO
GENÉTICO DA RAÇA MURRAH.



PROGENIE DE PAULISTANO DA FORTALEZA

3.º Leilão Tinga Una

20 de junho de 1987 — Hilton Hotel — Belém — PA

B

HURUGÚ



DARSHAN
P.O.I. da
ITAQUI
560 kg aos
16 meses

Assistência técnica: José Otávio Lemos

B

Fazenda Itaqui Agropecuária Ltda.
Rua Senador Manoel Barata, n.º 138
Fones: (091) 225-2166 e 225-2013 — Belém - PA

GUZERÁ DO NYR

Fazenda Eldorado — Santa Inês, Maranhão
NELSON FROTA



ENDOCARPO MF

- Campeão Junior e Reservado Grande Campeão Nordestino - Recife - 86
- Reservado Campeão Touro Jovem Nacional - Uberaba - 86
- Reservado Campeão Touro Jovem - Expo Nacional Guzerá - São Luiz - 86
- Reservado Campeão Touro Jovem Nordestino - Recife - 86

Endereços:

Fazenda (098) 851-1083

Escritório (098) 222-6729

MARCHIGIANA

MAIS CARNE EM MENOS TEMPO

33



BENITO DA POUSO ALTO

Vissano P.O.I.

Marina Quatro Irmãos

IDADE	205 Dias	365 Dias
PESO (KG)	305 KG	510 KG

Campeão Bezerro - Londrina Abril/86

Campeão Tipo Frigorífico - Londrina Abril/86

VENDA DE FÊMEAS CRUZADAS 3/4 E TOURINHOS P.O 7/8, 3/4 E 1/2 SANGUE.

POUSO ALTO E BORDA

PROPRIETÁRIOS: ALEXANDROS ABATZOGLOU
GEORGES M. ABATZOGLOU

LÍBERO DA SANTANA

Manilo P.O.I.

IDADE	205 Dias	365 Dias
PESO (KG)	327	620

Bambina da Santana

Campeão da Raça - Londrina/85
à disposição na Lagoa da Serra



LATORE DA SANTANA

Bruco da Santana
Espressione da Santana

Campeão Touro Senior -
Londrina Abril/86
Reservado Grande Campeão
da Raça - Londrina Abril/86

*SÊMEM à disposição na
Lagoa da Serra

FAZENDA POUSO ALTO E BORDA

Estrada Itapeva/Itararé - KM 298
Fones (0155) 22 3415 - Fazenda
22 1287 - Escritório Central
CEP 18400 - C.P. 53 - Itapeva - S.P.

PARDO SUÍÇO DA COLINA

Fazenda Colina São João - Pombos - PE

JOSÉ AUGUSTO FALCÃO PONTUAL

O Plantel Penta-Campeão Nordestino - 1982/83/84/85/86

O maior número de pontos, entre todas as raças, na 45ª Expo em Recife/86



Corona Floripes Improver — Campeã Vaca Sênior/Progenie de Mãe e Grande Campeã Recife/86.



Corona Nikky Harry — Campeã Vaca Adulta/Melhor Úbere. Recife/86.



Colina Aline Performer — Reservada Campeã Vaca Jovem. Recife/86.



Colina Crisna King — Campeã Novilha Menor. Recife/86.



Colina Damasco King — Campeão Bezerro. Recife/86.



Colina Davane King — Campeã Bezerra. Recife/86.

Técnico Responsável: Dr. Marcos Malta - CRMV 1145

Av. Conde da Boa Vista, 1235/1245

Fones: (081)222-5361/5233

Residência — Fone: (081) 341-1001

pneumac



GASTÃO C. ALMEIDA

FAZENDA BOA ESPERANÇA

LAGOA DOS GATOS - PE
FONE (081) 341-5500 - RECIFE

**VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES E MATRIZES
INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL COM OS SEGUINTE TOUROS AMERICANOS:**

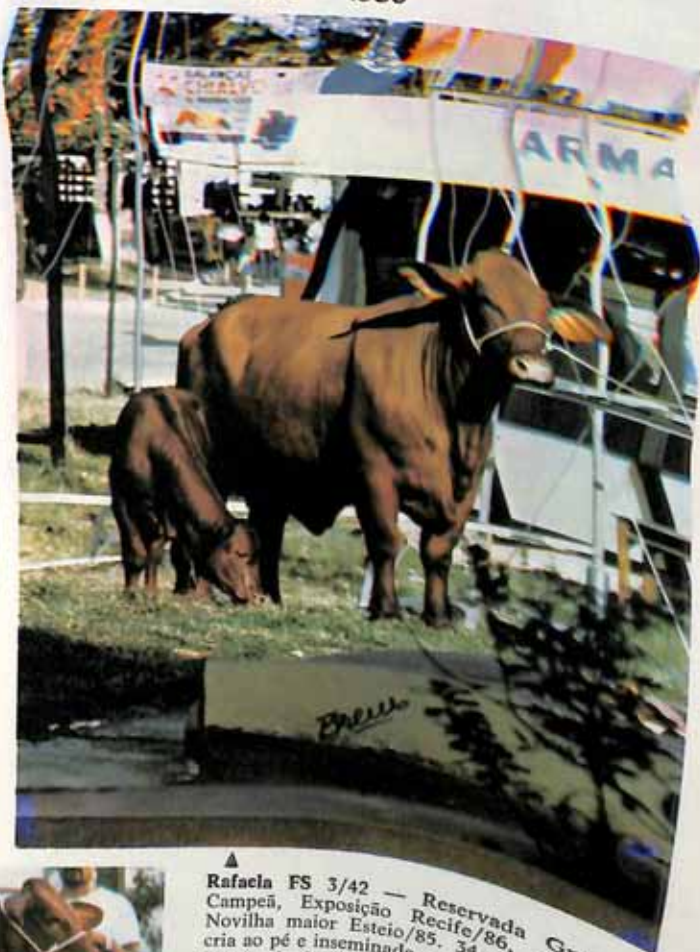
APACHE 509 ● BRAVO 3587 ● CAPITÃO 4301
DUKE 17/4 ● SUPERMAN 1377 ● SENOR PICO 0/988

E AINDA, MONTA NATURAL COM O GRANDE RAÇADOR IMPORTADO DOS E.U.A., EL CAPITAN - 4282
Pela soma de pontos - Palma de Ouro em Recife - 1986



Mais Mercapitan FS 230-267. Grande Campeã Exposição Recife/84/86, João Pessoa 85, Bahia 83. Está com 814 kg, com uma filha de 4 meses ao pé, pesando 255 kg e está prenhe de 90 dias, com Bravo 3587.

Vendida no 2.º leilão Santa Gertrudis/Recife, por Cz\$ 99.000,00, recorde Nacional. Comprador D.ª Wilma Alexandre Simões. Brasópolis, MG.



▲
Rafaela FS 3/42 — Reservada Campeã, Exposição Recife/86. Novilha maior Esteio/85. 34 meses, cria ao pé e inseminada e prenhe do touro importado Supermen 1377. Grande Campeã

4
Cinderela — Campeã Bezerra Recife/86. Está pesando 421 kg aos 10 meses e 12 dias. Filha do famoso Raçador Bravo 3587. Será uma futura Campeã.





Fazendas Cristo Rei

Prop.: Alonso Elias Cristo

Esc.: Av. Senador Ramos, 2.809

Tel.: (091) 233-1419 - Belém - PA

FAZENDA CRISTO REI CONTRIBUI PARA MELHORIA DO REBANHO PARAENSE

A "FAZENDA CRISTO REI", do empresário Alonso Elias Cristo, está dando uma grande contribuição para a melhoria da pecuária Paraense.

Demonstrando visão, arrojo e coragem, o proprietário desta Fazenda, foi à Exposição Internacional de Esteio, no Rio Grande do Sul, adquiriu exemplares campeões, reprodutores e matrizes, das afamadas raças européias, Chianino e Machigiana, com intuito de dar sua parcela de contribuição à pecuária do estado. Atitude como esta, que deveria ser seguida pelos pecuaristas deste estado, para elevação cada vez mais, da qualidade do rebanho do Estado do Pará.

O empresário Alonso Elias Cristo, cruzará os reprodutores

Chianino e Machigiana, com fêmeas Nelore, com este cruzamento, haverá um gado precoce, nascendo os bezerros com aproximadamente 52 quilos, indo para o abate com a faixa etária de 2 (dois) anos, com o peso médio de 20 arrobas. Portanto a contribuição que este empresário está dando terá que ser ressaltada, pois os bons exemplos, deverão ser seguidos.

Não pára aí o alto grau de contribuição de Alonso à pecuária, pois na "FAZENDA CRISTO REI", já existe uma seleção de alta linhagem das raças Chianino e Machigiana, controlada e registrada, cria também gado da raça Holandesa e seleção de equinos da raça Mangalarga Marchador e pôneys. Nesta edição, estamos apresentando alguns exemplares da "FAZENDA CRISTO REI".



LAMPANTE DA SANTANA — Reg. 204.PT.82
Pai: AMICO DA SANTANA 001 — Reg. 045.
Mãe: FANCICULA DA SANTANA 045 — Reg. 308 PT 78



BEZERROS DA RAÇA CHIANINA
CRIOULOS DA FAZENDA
CRISTO REI



ZEPELIN GM - Reg. 3742
Pai: WHISQUE GM (613) 3071
Mãe: REGALIA GM (482) 2095



LOTE DE TOUROS
MESTIÇOS CHIANINO x
NELORE

Fazendas Cristo Rei

Prop.: Alonso Elias Cristo

Esc.: Av. Senador Ramos, 2.809

Tel.: (091) 233-1419 - Belém - PA



GAZ DA FÁTIMA — Reg. 3557

STELVIO 4 M - Reg. 2129

SELVA 4 M - Reg. 2136



LOTE DE BEZERRAS
DE CRUZAMENTO
CHIANINA x NELORE



VELUDO DO RIO DOS BOIS — Reg. 03098

Pai: JAGUAR DE PASSA TEMPO — Reg. 0233

Meto: ZINABRE DE PASSA TEMPO — Reg. 0114

E TELEVISÃO DE PASSA TEMPO — Reg. 2945



DINASTIA DA HERANÇA FM — Reg. 19939

Pai: ARUTO SM — Reg. 01727

Mãe: ROLA SM — Reg. 12490

O CAVALO MAIS PREMIADO DE TODOS OS TEMPOS AGORA NO BRASIL

Com objetivo de melhorar o plantel dos HARAS 5 Irmãos e Santa Sofia, de propriedade de Orestes Prata Tibery Junior e Olga e Gilda Ellis, foi realizada a importação dos EE.UU. do garanhão L H GARCIA, por AN- MALIK E L H TASHA tordilho de 5 anos com as seguintes premiações:

Campeão Nacional Americano Potro

Grande Campeão do Canadá (29 pontos em 30 possíveis)

Grande Campeão e Campeão Supremo Scottsdale (59 pontos em 60 possíveis)

Top Ten- 3º lugar na última Exposição Nacional Americana 1986.



ENGENHO JUNDIÁ

VICÊNCIA — PERNAMBUCO

JOÃO ANTONIO CORREIA DE O. ANDRADE

Fone: (081) 231-2113 — RECIFE

Grande Campeão da
Raça Pitangueira -
45ª Expo/Recife
1986



ESTILO — Grande Campeão
Expo Nordestina 84/85/86.
Peso: 870 kg - Idade: 9 anos.

Progenie Comprovada

Carne e leite nos
trópicos.

Tourinhos à venda
na Fazenda.

ocaucu

AGRÍCOLA E COMERCIAL S.A.

FAZENDA SANTA FILOMENA

Prop.: Dr. Roberto Calmon de
Barros Barreto
Resp. Técnico: Eng. Agr. José
Wilson Baião
Fones: (101) Ocaucu 228 e 298
(0195) 83-1431 e 83-2016
Cx Postal 36 - CEP 13690
Descalvado - SP



TATER FEATURE

Reg. P6536 - Puro
Nasc. 11/12/81

TATER QUESTION

TRUCKELS FILLY

THE VICTIMIAN

TATER'S QUESTION

TRUCKLE FEATURE

TROUBLE'S MAID



ÂMBAR TABATINGA

Pai: Tabatinga Cossaco,
Mãe: Tabatinga Tabatinga.
Grande Campeão Estadual da Raça.
Tendo participado do Conjunto
Progênie de Pai e Mãe - BH/82.
Campeão Progênie de Pai em Diversas
Exposições, Recordista da Prova do
Cavalo do Peão Salvador/83. Grande
Campeão Baiano/83.



CANGACEIRO TABATINGA

Pai: Tabatinga Predileto.
Mãe: Maria Bonita Tabatinga.
Campeão Progênie em diversas
Exposições, Campeão Cavalo
Salvador/85. Campeão de Marcha
Salvador/85.



Lote de Matrizes de Origem
ABAÍBA e TABATINGA.



HARAS ITAPARICA

Conceição da Feira - Bahia.
Prop.: **CÂNDIDO ALBERTO GONÇALVES
BRAGA**
End.: Rua Lord Cochrane, 96
Fones.: (071) 247-9533 e
235-8308 - Salvador - BA



ITAPARICA ESTATUA — | Âmbar Tabatinga
Itaparica Dabaíba

Campeã Potra na 3.^a Semana Baiana do Cavalo - Salvador
Campeã Nacional Jr. na 14.^a EXPOINEL - Salvador/85.



ITAPARICA ESPERANÇA — | Âmbar Tabatinga
Abaíba Cereja

Campeã na 14.^a EXPOINEL - Salvador/85.



EXPOINEL DAS TRÊS BARRAS — Jumento Pêga



MACIQUE DO RIBEIRÃO — Raça Piquira



ITAPARICA FLAUTA — | Âmbar Tabatinga
Cruzília Tabatinga

Campeã Mirim na Exposição Estadual - Salvador/86.



ITAPARICA FAGULHA — | Faragaro do R. Apach
Carraca Tabatinga

Campeã Mirim na Exposição de Vitória da Conquista/86.



ITAPARICA-GIBRALTAR — | Ambar Tabatinga
Abaíba Cereja

Campeão Mirim na IV Semana Baiana do Cavalo
Salvador 86.
4º Prêmio na 5ª Exposição Nacional do Marchador
B. Horizonte 86.

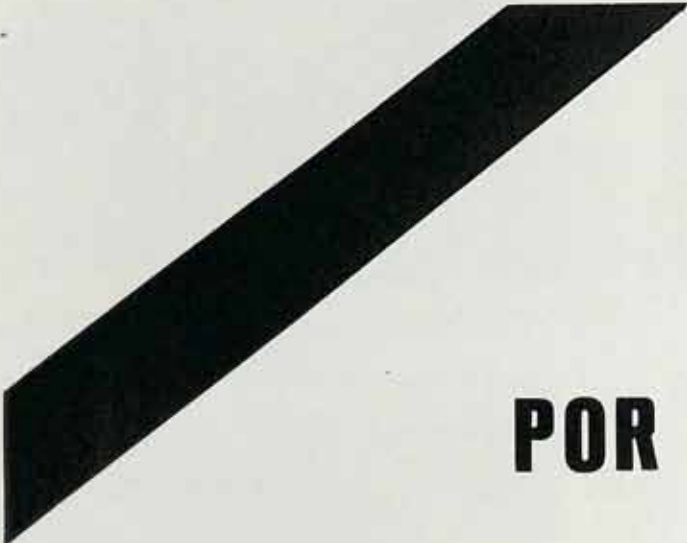
HARAS ITAPARICA

CÂNDIDO ALBERTO GONÇALVES BRAGA
Assistência Veterinária.

Dr. Luiz Augusto Macedo Leal
CRMV - 10 - 1.151.

Rua: Lord Cochrane, nº 96 - Fone: 235-8308
Salvador - BA

Criação e Seleção de Mangalarga Marchador, Piquira e
Jumento Pêga.



POR QUE?

Por que havia de ser um dia de festa e euforia o dia do leilão de ouro do cavalo Campolina?

Por que havia de ser em São Paulo, a maior cidade onde o Frevo foi como um grande Bandeirante desbravador de novos horizontes para a raça?

Por que havia de ser o melhor, o insuperável o mais admirado e o mais premiado?

Por que havia de ser do criador mais entusiasta maior divulgador e que mais se identifica com a raça Campolina?

Por que Senhor?

Por que devia ter morrido o Frevo?...

Mas os nossos amigos Amadeu e Jaime possuem muito mais, possuem raça, tenacidade e ao lado disso novas glórias e novas alegrias terão. E junto a toda essa força está a solidariedade da família Campolinista de São Paulo.

José Mário Siqueira Matheus



Alô Amigos

Ainda não se completaram os tempos que compõem um ano quando tivemos aquela implosão de alegria, aquela sensação de bem estar, aquela esperança de ver o nosso Brasil mais sadio, de antever melhores dias para os nossos filhos.

Era o plano cruzado que estava surgindo, elaborado por homens de destaque da alta cúpula federal apoiados e incentivados pelo mais alto mandatário do País. Estaríamos salvos? O Plano em si, senão maravilhoso era para nós muito bom. Até dias antes das eleições sentimos isso, apesar dos altos e baixos de sua oscilação com mais baixos do que altos. Mas, a música tocava e nós obedientes, dançávamos de acordo com ela, quando veio o gigantesco estouro do CRUZADO 2, um nocaute técnico que prostou no tablado da vida 130 milhões de brasileiros! Fomos traídos. Fomos traídos sim, mas o que se há de fazer?

Acreditar em **P**, esperar milagres de **M**, achar que o **D** é bom e que o **B** é que virá para nos salvar?

Balelas, balelas e nada mais, como bem diz um colega colunista "e assim caminha a mediocridade..."

Estamos no último mês do ano e o mais comum nesta época é dizer e ouvir com o coração alegre "Feliz Natal"! Continuo como vocês, embora com o coração decepcionado, enfraquecido pelas injustiças e traições balbuciando sempre, porém, aquela frase tão tradicional, tão fraterna, tão humana.

Teremos sim, o Natal. Mas a felicidade quando virá?

Tentemos fingir como "Eles" o fizeram. Vamos tentar enganarmo-nos, iludirmo-nos como por exemplo, assim:

"FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO"...

Abraços

L. Noronha

Mangalarga...ndo brasa



Visita à Fazenda Santa Amélia. Vejam que "timaço" JO, o sempre natural criador famoso e anfitrião, Totonho, Luizinho Andrade, Joãozinho (da Família J.O.), eu (Noronha), Wanderley, Luis Carlos e Wilson Codogno. Era de manhã, pertinho do almoço. José Oswaldo pediu que "botassem mais água no feijão". (Muito mais água, diga-se).

• Putz! chegamos ao final de mais um ano. Esqueçamos tudo de desagradável que tenha sucedido. Transportemos nossas esperanças, nossos anseios à raça Mangalarga pois ela pelo menos é leal, pura e está imune do germe da traição, palavra amarga bastante em voga ultimamente, palavra que entristeceu e decepcionou 130 milhões de brasileiros.

• Mas vamos ao Mangalarga e a tudo que a ele se relaciona. O resto é resto, é lixo. Deixemo-lo pois, prá lá!

• Com enorme satisfação recebo telefonema do meu querido amigo José Carlos Jerônimo Ortega comunicando-me, a mim e aos leitores desta coluna, que acabara de arrendar um extraordinário raçador.

• Trata-se de Kalu do JEK (Tropical J.O. e Visão J.O.) um cavalo oriundo da seleção de José Eduardo Kuntgem e que estava em Maringá, Paraná, depois de passar curta temporada no famoso, no pitoresco

co Haras Império do selecionador Orpheu José da Costa.

• Como vêm, parece mesmo que Ortega está totalmente disposto a atingir a celebridade com o seu esmerado plantel. Com ótimas matrizes, com o Cheyene P.N. (um espetáculo de potro, em minha opinião) e com o formidável Titã M.J. faz com que a gente pense primeiramente nesse trajeto vitorioso que há de vir com certeza.

• O engenheiro agrônomo, Dr. Maurílio Junqueira de Carvalho, técnico do Stud Book da ABCCRM, além de excelente figura humana que é tem também a grande e merecida felicidade de ser um dos nossos bons criadores de Mangalarga, com Haras instalado em sua cidade, Lins, SP.

• Maurílio é proprietário de um magnífico garanhão que é CAPUZ J.O. por Turbante J.O. e Faxina (Sheik).

• Conheci Capuz J.O. quando pequeno com poucos meses e achei-o soberbo. Quero vê-lo agora. Os que o conhecem

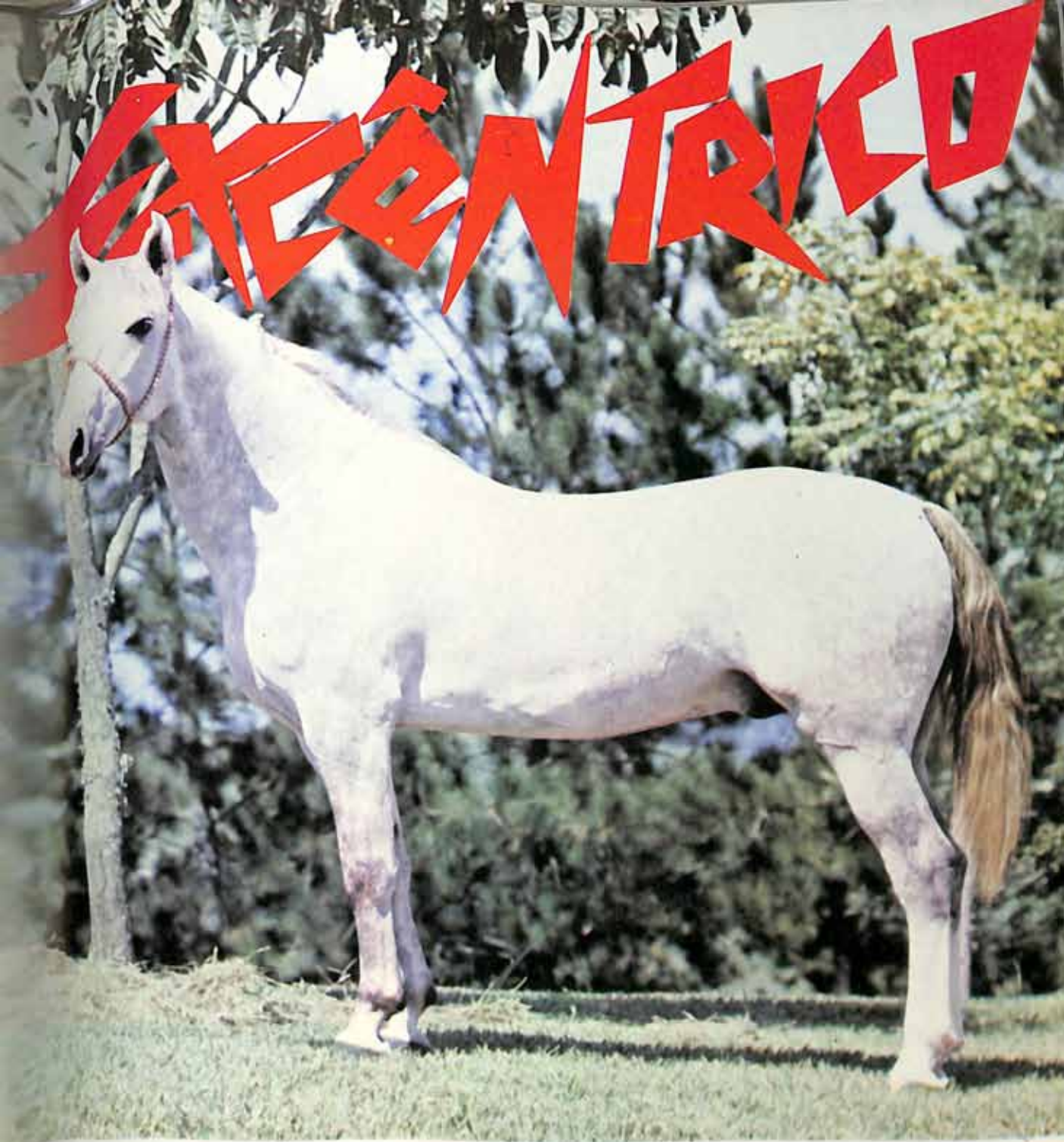
dizem maravilhas dele. Com muita alegria estou acreditando muito nestas opiniões, mas perdoem-me os amigos, "o que os olhos não vêm o coração não sente"...

• Fazia já algum tempo que não mantinha um contato maior com o empresário e grande criador-selecionador que é Orpheu José da Costa.

• Dia destes, entretanto, em São João recebo telefonema do bom amigo. Logo de início, percebi sua extasiante euforia. E que os filhos de Grino O.J.C. estão despontando segundo ele, e com o endosso do Dr. Eduardo B. Marchi, de maneira sensacional.

• "Nós ainda vamos ter muitos filhos de Grino O.J.C. netos de Cocar J.O. triunfando nas pistas" foram as últimas palavras de O.J.C. naquele gostoso bate-papo.

• E olhem gente, o homem se não tem uma "Bola de Cristal" tem um fantástico Presentimento das coisas. Vide seus leilões. Tudo que o moço previu, aconteceu. Sucessos inesquecíveis.



Seleção de Mangalarga Paulista

Excêntrico B.P.

01/12/81

Adonis J.O.

Cabiúna



**FAZENDA
PULLMAN**

MANOEL C. DE SOUZA NETO



**INVASOR R.S. Turbante J.O. x Catira do Carelu. Haras D.L.
Francisco De Lucia — Bebedouro - SP**

• Ainda na memória de todos que criam e preferem o nosso Mangalarga, a sensacional tropa R.S. de Presidente Alves, do nosso muito e sempre querido amigo Eduardo Ribeiro dos Santos, Duca, hoje criador (e dos bons, também) de cavalos anglo-árabes.

• Pois bem. Na feitura daquele estupendo celeiro de cruaques, Duca contou com a colaboração dentre outros, do meu amigo (acredito que de todos) Helio Roberto Ferreira, carinhosamente conhecido e chamado pelas pessoas do meio de Helio Boi.

• Helio está agora em Catanduva emprestando seus conhecimentos e préstimos a um iniciante craidor já muito conhecido e de simpatia única que é Walter Gradella.

• Como vêm, uma ótima aquisição do Walter. Talvez a

melhor. Os cavalos e éguas de boa qualidade que deverá possuir, certamente o Helio saberá indicá-los.

• Carlos Lessa, um novo "velho" amigo está entusiasmadíssimo (e com a mais justa razão) com o filho de Cocar J.O., o Hemo, que em Bauru

86 foi Reservado Campeão Potro.



Stefano Cesari



Carlos Lessa da Fonseca

• Como todos recordam, acredito, Hemo foi comprado de Orpheu J. Costa por um condomínio formado por Lessa, Elio Sacco, Gilberto Nascimento, Stefano Cesari, Gilberto P. Barreto e Wilson Nogueira Rezende.

Mangalarga...ndo brasa

• Noite dessas, num restaurante central desta São Paulo da minha vida, topo (é com que satisfação) com meu amigo de quase trinta anos Carlos Tourinho de Abreu (ex Paladino J.O.) e sua Exma. esposa D. Marisinha.

• Nosso papo se não muito longo foi pelo menos super agradável, tenho certeza que para ambas as partes.

• Tourinho e eu recordamos boa parte do passado, falamos do presente e, também do futuro. Nestes dois últimos, por exemplo, Tourinho incluiu (seus olhos vibravam quando falava) de seu estuendo Navarone T.A. um filho de Turbante J.O. que o próprio José Oswaldo destaca sempre como um dos melhores e mais bonitos do seu afamadíssimo reprodutor.

• Depois de nossas férias de janeiro voltaremos às atividades, farei e darei (se o Tourinho me facilitar) melhores e maiores detalhes sobre esta "Féra" que a Bahia está emprestando ao mundo mangalarguista para melhorar ainda mais as condições de nossas tropas, com seu sangue com certeza extraordinariamente bom.

• Sempre que posso dou minhas esticadas e vou ver como os meus amigos estão criando, o que há de novo em suas tropas, enfim vou pela estrada afora do Mangalarga, caçando notícias que tragam, de preferência e principalmente alguma alegria ao meu coração.

• Assim sendo, visitei o Haras D.L. do meu querido amigo Francisco De Lucia, que tem no seu filho o Cacaio, além de sócio, olheiro, um competidor muito sério. A tropa está dividida (no muitíssimo, notem bem, bom sentido) e a competição (só den-



Francisco de Lucia



Francisco Carlos de Lucia (Cacaio)

tro de casa) é super bacana, sadia, sensacional.

• Cada qual com um produto melhor que o outro. Marquesa D.L., por exemplo filha de Elmo J.O. é uma coisa que existe pois eu vi. É simplesmente maravilhosa. E maravilhosas, também, as primeiras produções de Invasor R.S. (Turbante J.O. e Catira do Carelu). Vale a pena ir lá pra ver tudo de perto. Uma (ou duas) grande tropa a marca D.L.

• Luizinho Andrade está contentíssimo, pois além de suas matrizes criarem fêmeas em grande porcentagem, as produções de Tucumã M.J. são, também algo de arrepiar.

• José Oswaldo Junqueira esteve (comigo) lá e ficou encantado com os filhos e filhas do filho de seu Turbante J.O. com a Cumparcita J.O., propriedade do craque selecionador, Olinto Marques de Paulo.

• Quanto às notáveis matrizes adquiridas de Marcelo Malzone, Luiz Andrade então, quando fala demonstra toda a sua alegria, a sua alta sensibilidade e grande amor à raça, através o que tem vindo de algumas delas que já criaram, tais como: Estampa Mangalarga (com linda fêmea de Turbante J.O.), Suely da Boa Vista (com igual fêmea também de Turbante J.O.) e Sertaneja A.J. que trouxe um machinho lindo, mas lindo mesmo, ainda de Turbante.

• Vejam os senhores como anda o nosso meio, o nosso criatório. Se a gente que é apenas "torcedor" está vibrando, calculem os proprietários dos grandes plantéis como estão. Vale ou não vale a pena ser criador de mangalarga?

• Outra tropa que muito me alegrou foi a do Haras WM

do amigo de todos e Diretor da ABCCRM, William G. Mira.

• Filhos e filhas de Hawai Mangalarga (Almanaque Mangalarga) merecem ser vistos. São portentosos, são merecedores de sua visita.

• O interessante, entretanto é que Hawai Mangalarga tem dado 80% de alazão quando todos sabem que ele Hawai, é tordilho. Mas se não prevaleceu a cor, sua classe, beleza e andar preponderam em todos. Hawai Mangalarga, tenham certeza, é realmente espetacular. Melhor para nós, melhor para o William (evidente) e muito melhor para a raça. Sua contribuição de sangue deverá valer muito.



William Carlos Giglio Mira

• Após o sucesso Arco-Iris, jantei noite dessas com o casal Manoel C. Sousa Neto-Mônica, rainha da simpatia, excepcional pessoa e amante n.º 1 da nossa querida raça.

• Passei, como já aconteceu outras vezes, horas deliciosas na bonita mansão do Morumbi, do Maneco e da Mônica.

• Falamos muito sobre o sucesso do Arco-Iris. Falamos, evidente, no grande progresso da raça e dialogamos, planejamos o futuro Arco-Iris 1987, que já tem data marcada para 6 de novembro e novo sucesso, nova vitória garantida.

• Nelson Franco Spielmann sentiu, procurou-me e explicou o porquê de sua ausência e de sua esposa Claudia, naquele evento sensacional (Arco-Iris) onde todos os integrantes são seus fraternos amigos.

• Nelson, amigo, agora você está "liberado". Fique à vontade, mas repito (sempre é bom) todos sentiram o seu não comparecimento.

Mangalarga...ndo brasa

• O Haras 3R do conhecido e afamado criador Reginaldo Bertholino teve três de seus principais produtos pontuados e registrados pela inteligência, competência e austeridade do Dr. Eduardo Benedito Marchi.

• Lemar R.B. 96 pontos!
— Lembrança R.B. — 94 pontos!
Legítimo R.B. — 94 pontos!

• Marchi fez questão de mencionar a perfeita dinâmica dos craques do Reginaldo: "Andamento muito bom, correto, que oferece muito conforto ao cavaleiro."



Marcelo Malzoni e Magaly par constante em eventos Mangalarga no Leilão Arco-Iris, um dos melhores e mais elegantes do ano.

LUXO DO JEK, um dos célebres da raça, elegantemente montado pela senhorinha Luciana Spielmann, filha do empresário e brilhante criador Nelson Spielmann, Haras 3 Lagos, Ibiúna - SP.



AVEIA OU ROLÃO? EIS A QUESTÃO!!!

Engº Agrº Nelson I.H. Pupo
M.S. em Zootecnia Nutricionista

Até bem pouco tempo atrás, felizmente, a alimentação dos eqüinos de alta qualidade no Brasil, caracterizava-se por acompanhar minuciosamente, os padrões estabelecidos pelos europeus, calcados basicamente no famoso binômio aveia-alfafa. Tal fato ocorreu e ainda ocorre em muitos criatórios, explicado pela própria história da eqüinocultura nacional, já que, junto com os animais importados em épocas remotas, trouxeram também a tecnologia para bem criá-los, não só no importantíssimo e fundamental aspecto ligado a nutrição, como também nos ligados às instalações, manejo, etc.

Não obstante as criações tenham obtido relativo sucesso até então, não devemos nos esquecer que a Europa é caracterizada por um clima temperado, bastante ameno durante as estações do ano em que se pratica a agricultura, onde, dentre as poucas culturas viáveis para a exploração eqüina, o binômio citado apresenta-se como a melhor opção, o que sem dúvida alguma não deixa de ser plenamente reconhecida, já que o valor nutritivo de ambas é indiscutível. Por outro lado, o Brasil é um país de clima tropical, que não possui os rigores do inverno europeu e que, juntamente com outros fatores, possibilitam o cultivo de um número bem mais amplo de alimentos, que além de excelentes, apresentam um custo bastante reduzido quando comparado com a aveia e a alfafa.

Como é do conhecimento de todos, a alimentação é um dos fatores que mais oneram os custos de produção, responsável por cerca de 70% dos custos totais. Assim sendo, devemos ter sempre em mente, que a minimização dos custos com a alimentação é uma meta a ser alcançada, para que possamos aceitar no futuro, comercializar nossos produtos pelos preços normais vigentes no mercado, nem sempre altos e recompensadores, fato que temos observado muito atualmente, nos inúmeros leilões realizados.

De acordo com o famoso nutricionista norte-americano Frank B. Morrison, em sua conhecida obra "Alimentos e Alimentação dos Animais", presta-se menos atenção a alimentação dos eqüinos, que a dos demais

animais domésticos e, indo mais além, informa que nas condições daquele país, poder-se-ia obter uma economia da ordem de 10 a 20% nos custos da alimentação, simplesmente através de uma escolha mais conveniente dos alimentos a serem utilizados. Prosseguindo nesse raciocínio, os zootecnistas brasileiros W. R. Jardim e A.P. Torres relatam no livro "Criação de Cavalos e Outros Eqüídeos", que o Brasil pode contar com inúmeros outros alimentos, mais difíceis de serem produzidos na Europa e Estados Unidos, que podem ser vantajosamente empregados com resultados equivalentes, concluindo então que a redução dos custos com a alimentação poderia atingir níveis superiores aos imaginados por Morrison.

Assim é que o Brasil, através dos esforços dos técnicos ligados ao setor, não só tem condições, como já desenvolveu sua tecnologia nutricional, obtida através de alternativas técnico-científicas de elevada viabilidade, fornecendo outros alimentos, também de alto valor nutritivo, pois dentro de certos limites é claro, **o que importa não são os alimentos fornecidos, mas sim os nutrientes ingeridos.**

Um exemplo típico dessa reação brasileira, foram os trabalhos pioneiros do Profº Roberto Losito (ESALQ - Piracicaba), com a introdução do "rolão de milho" (espiga inteira desintegrada) na alimentação de eqüinos de alto padrão zootécnico. O emprego desse ingrediente, na época tradicional apenas na alimentação de bovinos, portanto muito discutido e contestado por inúmeros técnicos e criadores de eqüinos, hoje é, felizmente, após romper vitoriosamente a barreira dos "tabus da eqüinocultura tupiniquim", não só uma realidade concreta, palpável, mas também uma **necessidade incontestável**, aceita pela grande maioria das pessoas ligadas ao setor, que contribuiu sobremaneira para a diminuição dos custos da ração concentrada (suplementar), já que pode ser facilmente produzido nas próprias fazendas ou haras, além de contribuir com a maior das parcelas, para a redução da incidência de cólicas pela ausência de fibras nas dietas, a níveis que podem ser considerados insignificantes

comparativamente aos registrados anteriormente.

Tendo em vista os excelentes resultados obtidos há anos por um grande número de criadores, com o emprego do "rolão de milho" em mistura com outros ingredientes, necessariamente um concentrado proteico de alta qualidade, na composição de rações balanceadas, já se pode afirmar, com grande margem de segurança, que há uma opção econômica para substituir a aveia amassada, ingrediente este, que até então tinha presença obrigatória em todas as formulações de rações para eqüinos.

Entretanto, parcela razoável de técnicos e criadores ainda permanecem céticos, não aceitando a alteração mencionada, fruto do trabalho honesto e bem intencionados dos técnicos brasileiros que devem, antes de mais nada, serem também e devidamente respeitados. Ainda é comum ouvir-se de alguns técnicos e criadores: **"milho é para porco, engorda, pra cavalos só aveia amassada"**.

Realmente o milho engorda e devemos até dar graças a Deus pela sua existência, porém tal fato ocorre única e exclusivamente por desconhecimento científico de tais pessoas, que o testaram em lugar de aveia, cuja substituição fora operada em **litros**. Ora, o milho é bem mais rico em energia (ver Quadro 1) que a aveia, além do que um litro de milho pesa cerca de 300 gramas e mais que um litro de aveia. Pergunto: para onde vai essa energia excedente? Para a formação de tecido adiposo, é claro... Caso a substituição tivesse sido realizada em quilos e, fossem respeitados os respectivos valores energéticos, nenhuma alteração seria observada. Além do mais tecnicamente falando, **cavalo não come litros, mas sim quilos ou gramas** dos diversos ingredientes ou, se quisermos aprofundar um pouco mais, dos diversos nutrientes que lhes são necessários.

Devemos, antes de mais nada, reconhecer as excelentes qualidades físicas e químicas da aveia amassada para a nutrição dos eqüinos, pois, não só é um alimento de baixa densidade e, portanto, dá origem a uma digesta caracterizada por uma massa solta, de fácil digestão, como também for-

nece adequadas quantidades de fibra bruta, que auxilia na prevenção de certos tipos de cólicas, sem contar o bom teor de elementos orgânicos de fácil digestão (amido) que suprirão suas necessidades energéticas. Não obstante possua uma razoável concentração proteica, está muito aquém dos farelos normalmente utilizados para fornecer as quantidades adequadas de proteínas, além do que sua proteína, tal como a dos demais cereais, não é de boa qualidade, sendo pobre em aminoácidos essenciais (lisina, metionina, triptofano, etc.) e de baixo valor biológico. Cita-se ainda, suas baixas concentrações em vitaminas A e D e relação cálcio: fósforo invertida, isto é mais fósforo que cálcio.

Com relação ao seu fluxo pelo trato gastrointestinal, pode-se afirmar que a aveia não apresenta efeito laxativo nem constipante, mas há citações na literatura dando conta de que sua casca provoca irritação das mucosas do aparelho digestivo, causando problemas de ordem fisiológica. A literatura registra ainda, que o excesso de aveia na dieta dos equínos torna a reação acidogênica, reduzindo as reservas alcalinas no sangue e a resistência a fadiga, e provocando a desmineralização óssea. Não se trata de dados conclusivos, mas é um alerta para que tomemos os devidos cuidados. Um aspecto negativo que deve ser mencionado, refere-se ao fato de que o Brasil não é um país grande produtor de aveia, cujo volume produzido anualmente está muito abaixo das cifras necessárias para suprir o consumo humano e animal (forte concorrência), além de possuir qualidade duvidosa, bastante inferior a estrangeira. Tal fato obriga o país a importar grandes quantidades, sobretudo da Argentina, que naturalmente chegam a rede distribuidora do comércio e chegam bem elevados, proibitivos algumas vezes, principalmente por ocasião das crises de abastecimento.

Em resumo, a aveia não possui, de maneira alguma as qualidades miraculosas que lhe atribuem alguns aficionados, mesmo porque não é um alimento completo e pode-se dizer que possui baixo valor nutritivo em relação ao grande volume ingerido, podendo perfeitamente ser substituído por outros ingredientes energéticos tradicionalmente produzidos no Brasil e facilmente encontrados no mercado.

Esses comentários que tecemos a respeito da aveia não fazem, absolutamente, parte de uma campanha contra o produto mas sim, um esclarecimento da realidade nacional que nós, como nutricionistas do ramo, temos a obrigação de prestar. Além disso, não estamos sozinho nessa linha de conduta, pois, além dos fatos observados em nossos trabalhos a nível de campo, estamos alicerçados nas opiniões de autoridades mundiais no assunto, técnicos respeitados

por todos que militam na equinocultura. Como exemplo, podemos citar o famoso hipólogo argentino Daniel Inchausti que faz, em seu livro "Raza Pura Sangre de Carrera", editado em 1953, os seguintes comentários: "a aveia é um grão considerado imprescindível pela maioria dos tratadores, embora não haja um motivo real para essa preferência, a não ser que a rotina possa ser considerada como motivo". Diz ainda o citado hipólogo: "já ultrapassamos a época em que se impunha o método inglês: aveia, um pouco de feno de alfafa e outro tanto de pasto verde. Qualquer desvio dessas regras parecia (e parece, acrescentamos nós...) uma verdadeira heresia".

Outro exemplo é o de Jean Louis Tisserand, professor da Universidade de Dijon - França, que opina em seu livro "L'Alimentation Pratique du Cheval": "nada em nível científico parece justificar essa preferência. O milho é mais interessante que a aveia, pois é mais rico em energia e é, aliás, muito utilizado na América do Norte com bons resultados".

O milho, por outro lado também está longe de ser um alimento completo, uma vez que apesar de fornecer altas quantidades de energia, possui baixos teores de proteína, a qual (zeína) é de má qualidade, já que é extremamente deficiente em aminoácidos essenciais. Encerra bons teores de carotenoides (pró-vitamina A) e tal qual a aveia, apresenta relação cálcio: fósforo invertida, fato que pode provocar o aparecimento da "cara inchada" se fornecido de forma exclusiva, em abundância.

A forma física com que o milho é fornecido aos equínos também assume fundamental importância, uma vez que interfere sobremaneira no processo digestivo. O fubá fino, por exemplo, não deve ser utilizado, pois possuindo baixíssima granulometria, alto peso específico e baixos teores de fibra bruta, forma uma massa compacta e indigesta no estômago, a qual pode sofrer fermentação pelos microorganismos não inativados pela ação de ácido clorídrico, cuja liberação pelo epitélio estomacal não é estimulada em virtude do pequeno volume e rápida ingestão, surgindo então grandes quantidades de gases que poderão facilmente provocar a temerária cólica gasosa, já que os equínos não apresentam eructação. Além desse aspecto, o fubá fino apresenta-se como um pó, não apreciado pelos equínos que em virtude de características anatômicas que possui, não param de respirar enquanto comem, podendo provocar problemas em suas vias respiratórias. Muito mais viável é o seu fornecimento na forma de grãos quebrados (3 a 4 partes) ou no máximo quifera grossa. A laminação do grão, processo ainda pouco empregado no Brasil, mas altamente difundido e utilizado nos Estados Unidos, apresenta-se como uma das melhores alternativas, visto que

origina uma massa menos densa, solta, de fácil digestão pelo animal. Entretanto, há necessidade de se possuir máquinas específicas para sua obtenção. Como última alternativa viável, podemos citar o "rolão" (milho desintegrado com palha e sabugo), que é a maneira mais "cabocla" de se fornecer milho aos equínos, plenamente recomendável para a quase totalidade de nossos criatórios. Já amplamente utilizado por criadores de inúmeras raças nacionais e estrangeiras, o "rolão" deixou de ser uma realidade, para ser uma necessidade. Fácil de ser produzido, já que a grande maioria de nossas propriedades possuem um desintegrador, pequeno que seja, mas útilíssimo e de custo acessível a qualquer criador. Esta forma de fornecimento mostra-se viável não só a nível de campo, mas também nos clubes hípicas e escolas de equitação localizadas nas grandes capitais, locais estes onde se observa extrema carência de volumosos em abundância, onde o "rolão" viria a suprir as necessidades de fibra não ingerida pelos animais, que se encontram permanentemente estabulados, reduzindo com isso, a incidência de cólicas a níveis insignificantes.

Então, o milho apresenta-se como o principal concentrado energético para a equinocultura nacional, cujo valor nutritivo é comparável com o volume ingerido e é facilmente cultivado de norte a sul do país, além do que há boa oferta no mercado, salvo poucas e raras ocasiões em que há crise no setor.

Com relação a palatabilidade ambos, milho e aveia, são igualmente bem aceitos pelos equínos.

AVEIA OU ROLÃO? ÉIS A QUESTÃO!!!

Para que todos tenham conhecimento dos valores nutritivos de ambos alimentos, nas diversas formas de fornecimento mencionadas, o Quadro 1 apresenta dados suficientes para que cada leitor possa fazer uma boa comparação a tirar suas próprias conclusões, a despeito das informações e opiniões do autor, emitidas no presente trabalho.

Uma análise comparativa dos números contidos no citado quadro, confrontando os principais elementos nutritivos dos três alimentos abordados, nos possibilita tirar os esclarecimentos necessários e suficientes para concretizar definitivamente nossa maneira de encarar os nutricionais.

Os valores das matérias seca são necessários para que se tenha condições de transformar os teores de todos os elementos mencionados, em cam por cento de matéria seca, portanto zero da umidade, e aí sim compará-los tecnicamente. Como, entretanto, possuem teores bastante seme-

QUADRO 1 - Valores médios da análise bromatológica e parte do aminograma da aveia, milho (grão) e "rolão" (M.D.P.S.)

ELEMENTOS	AVEIA % na M.N.	MILHO (grão)* % na M.N.	ROLÃO % na M.N.
Matéria seca	89,0	89,1	86,2
Cinzas	3,9	1,6	1,9
Fibra bruta	11,0	2,0	10,5
Extrato Etereo	4,7	4,6	3,4
Proteína bruta	11,8	9,3	7,4
Nutri.dig.totais	60,0	80,0	73,0
Energia dig.(Mcal/Kg)	2,65	3,53	3,09
Cálcio	0,11	0,02	0,03
Fósforo	0,35	0,30	0,26
Cistina	0,17	0,11	0,14
Lisina	0,37	0,27	0,18
Metionina	0,17	0,14	0,14
Triptofano	0,14	0,16	0,07

(*) grãos quebrados ou quítera.
Fonte: Adaptado pelo autor.

lhantes, vamos considerar como válida a comparação pura e simples dos dados apresentados:

- **cinzas:** refletem os teores de elementos minerais, obtidos pela exclusão total da matéria orgânica existente. Apesar das diferenças observadas, não julgamos de maior importância, mesmo porque poderá ser devido a maior presença sílica (areia) na aveia que, como todos sabemos, não apresenta valor nutritivo algum. Além disso maiores teores de cinzas significam menores em matéria orgânica e, portanto, de elementos energéticos.

- **fibra bruta:** não obstante possua reduzida digestibilidade, apresenta-se como de grande utilidade para o atendimento das necessidades de empacho dos animais e, principalmente, na prevenção de cólicas quando um grão possui maior teor de fibra bruta que outro, significa que possui menor concentração de amido, que é principal elemento energético, considerado como "o combustível da máquina animal". Assim, a aveia difere do grão de milho, mas assemelha-se bastante ao "rolão".

- **extrato etéreo:** apesar de ser um elemento altamente energético, dispensa maiores comentários, mesmo porque os teores dos três alimentos estão bastante próximos um do outro.

- **proteína bruta:** teores mais elevados são bastante importantes nutricionalmente, já que é um nutriente de função plástica por excelência, e economicamente, pois o concentrado protéico é o ingrediente mais oneroso de uma mistura, responsável pela maior parcela dos custos da ração. Neste aspecto, a aveia é um pouco superior ao grão de milho e mais ainda quando com-

parada ao "rolão". Entretanto, como já foi mencionado anteriormente, a qualidade das proteínas de ambos os cereais é bastante baixa, já que são pobres em aminoácidos essenciais. Na formulação de rações, computa-se esses valores, porém representam pouco perto das necessidades totais de todas as categorias de animais.

- **nutrientes digestíveis totais:** representam a soma de toda matéria orgânica digestível, passível de ser metabolizada (queimada) para a produção de energia. Em resumo, reflete o valor energético do alimento. Neste caso, a grande superioridade do grão de milho é incontestável e mesmo o "rolão" é algo superior a aveia. Não se deve esquecer, que o cavalo moderno é um atleta e como tal, deve ser alimentado corretamente, ingerindo quantidades adequadas de energia.

- **energia digestível:** é outra forma de descrever os valores energéticos dos alimentos. Os comentários são iguais aos relatados no item anterior.

- **cálcio e fósforo:** são dois dos minerais mais importantes nutricionalmente falando, limitantes para um bom desempenho dos animais, principalmente das categorias jovens, éguas em lactação e no terço final de gestação. A aveia é um pouco superior aos demais, porém todos são pobres em cálcio e, conseqüentemente, apresentam relação cálcio: fósforo invertidas. Também nestes casos, leva-se em consideração as quantidades de ambos os minerais fornecidos por qualquer dos três ingredientes, quando se formula uma ração balanceada, todavia pouco representam, já que o cálcio é muito baixo e o fósforo, apesar de mais elevado, é fítico e, portanto, de reduzida disponibilidade aos animais.

- **lisina, metionina e triptofano:** os três

são aminoácidos essenciais, provavelmente os mais importantes de todos, já que são pouco encontrados nos produtos de origem vegetal e também são sintetizados pelo animal em velocidade muito aquém de suas reais necessidades. As necessidades dietéticas dos diferentes aminoácidos para os equinos são ainda pouco conhecidas, porém sabe-se que a lisina é fundamental para o crescimento de potros jovens. Trata-se, portanto, de um campo ainda bastante obscuro da nutrição dos equinos, ao contrário de outros monogástricos (suínos e aves), cujos conhecimentos já se encontram bastante avançados, mas que vem sendo bastante pesquisado nos países mais avançados.

De qualquer forma, os três alimentos mencionados são pobres nesses aminoácidos que, necessariamente, deverão ser fornecidos por outros ingredientes como o farelo de soja ou, sobretudo outros de origem animal.

AVEIA OU ROLÃO? EIS A QUESTÃO!!!

O Departamento de Zootecnia da ESALQ-Piracicaba, na busca de resultados científicos que esclarecessem a questão, conduziu uma pesquisa utilizando potros Puro Sangue Inglês (P.S.I.) com 8 meses de idade, peso vivo médio de 225 quilos e 1,30 metro de altura, que foram divididos em dois lotes, submetidos a rações balanceadas distintas:

RAÇÃO A - contendo 50% de aveia

RAÇÃO B - contendo 50% de "rolão"

O período experimental foi de 150 dias durante os quais os animais foram alimentados com uma dieta composta de 4,5 quilos do concentrado e 5,0 quilos de feno de Rhodes, diariamente.

A análise estatística dos dados coletados permitiu as seguintes conclusões:

a) não houve diferença estatística significativa entre os dois tratamentos mencionados, em todos os parâmetros testados: ganho de peso, altura da cernelha, altura da garupa, perímetro torácico e perímetro da canela.

b) a ração B, que continha "rolão", mostrou-se 73% mais econômica que a ração A.

Levando-se em conta os resultados obtidos e a seriedade com que a pesquisa foi conduzida, podemos concluir, com significativa margem de segurança, que a utilização do "rolão" na composição de misturas balanceadas, mostra-se viável técnica e economicamente, pois proporcionou, não só um bom desenvolvimento de uma exigente categoria animal, como também uma sensível redução dos custos de produção, ratificando os pareceres de Morrison, Jardim e Torres, mencionados no início deste artigo.

EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA, 1ª EXPOSIÇÃO DO CAVALO MANGALARGA MARCHADOR

Publicamos a seguir a relação dos Campeões da 1ª Exposição Especializada do Cavalo Mangalarga Marchador, realizada no período de 05 a 12 de outubro de 1986, em Vitória da Conquista, BA.

Campeão Mirim
Garcia do Bandolim, propriedade de Geraldo Sobral Santos, Fazenda Haras do Bandolim, mun. Itajó da Colônia-BA.

Campeão Júnior
Itapirica Flauta, propriedade de Candido Alberto Gonçalves Braga, Fazenda Haras Itapirica, mun. Conceição da Feira-BA.

Campeã Potra
Mig-Ervadoça, propriedade de Miguel Viriato de Souza, Fazenda Aurora, mun. Vitória da Conquista-BA.

Campeã e Reserv. e Campeã Égua Jovem
Prênda da Tradição, propriedade de Guirley de Souza Teixeira, Fazenda Olho D'Água, mun. Cândido Sales-BA.

Campeã Égua e Campeã da Raça
Mar Guerra, propriedade de Jenner Augusto da Silveira Filho, Fazenda Alegria, mun. Itambé-BA.

Campeão Júnior
Mar Jumbo, propriedade de Marcelino Mendes de Almeida, Fazenda São João, mun. Vitória da Conquista-BA.

Campeão Mirim
CS Ramos Gadafi, propriedade de Ana Eliza Miranda Fernandes de Souza, Fazenda Haras Tambur, mun. Ipirá-BA.

Campeã Sênior
Jay Tapula, propriedade de Jaymillon Guarnão Cunha, Fazenda Santa Helena, mun. da Vitória da Conquista-BA.

Campeão Mirim
Mig Granizo, propriedade de Gileno D'Almeida Guarnão, Fazenda Rancho Itagira, mun. Vitória da Conquista-BA.

Campeão potro
GBI Antares, propriedade de Amíl Francisco de Moraes, Fazenda Varadinha, mun. Iticub-BA.

Campeão Potro
Jubilabê da Praguia, propriedade de Tielano Leony, Fazenda Umburanas, mun. Iticub-BA.

Campeão Júnior
Unami JG, propriedade de José Geraldo Gomes Aires, Fazenda Santo Antônio da Lagoa da Praia, mun. Serra dos Amoris-BA.

Campeão Cavalo Jovem de Marcha
Itapirica Exclusivo, propriedade de Candido Alberto Gonçalves Braga, Fazenda Haras Itapirica, mun. Conceição da Feira-BA.

Campeão Cavalo Jovem e Campeão da Marcha
Orvalho do Diamante, propriedade de Francisco Franco de Azeite, Neto, Fazenda Santa Fé, mun. Boa Vista do Tupim-BA.

Campeão Cavalo Jovem e Res. Campeão da Raça
Mig Danúbio, propriedade de Miguel Viriato de Souza, Fazenda Aurora, mun. Vitória da Conquista-BA.

Campeão Cavalo
Fla-Flo da Srª Terezinha, propriedade de Luiz Maciel Calmon de Almeida, Fazenda Ponto Chic, mun. Sítio Vitória-BA.

Campeão Cavalo Adulto
Rocobara Polar, proprietário Luiz Antonio Campos Madureira, Fazenda Itatiaia, mun. Nova Canaã-BA.

Campeão de Marcha Cavalo Sênior
Preludio do Jg. Am, propriedade de Paulo Marcelo de Almeida Costa, Fazenda Bom Jardim, mun. Simão Dias-SE.

DOIS RECORDES QUEBRADOS NO 1º PÊGA DA ESTÂNCIA

O 1º Leilão Pêga da Estância, realizado pela Remate em Barra Bonita, SP, a 25 de outubro, teve recordes e preços excelentes, já que duas fêmeas superaram as marcas maiores para a raça. Por outro lado, os 60 animais vendidos alcançaram um faturamento de Cz\$ 16.944 milhões, com média de Cz\$ 288.400,00 considerando um resultado muito bom. Dessa total, Cz\$ 274.866,00 ficaram para os machos (18) e Cz\$ 564.666,00 para as fêmeas (18).

O maior comprador foi Silvio Santos Santos Souza, proprietário da Fazenda Silvânia Botucatu, SP, que na ocasião levou quatro fêmeas Pêga e um macho, pela cifra de Cz\$ 2.244 milhões. Outros que se destacaram entre os arrematadores, foram Marco Antônio Barbosa e Anderson Moraes. Anderson, proprietário da Fazenda Estância Onon, Miracatu, SP, diz que apesar de estar começando na criação se dispõe a selecionar o Pêga, afirmando também que o Brasil precisa muito da raça, isto por ser o Pêga um animal forte, rústico e ideal para as nossas condições.

MERCADO PARA A RAÇA ÁRABE TENDE A ESTABILIZAR

O 3º Leilão 1.001 Noites do Cavalo Árabe, realizado em São Paulo, no dia 18 de outubro, serviu para mostrar que o mercado se estabilizou em patamares concretos, deixando de lado os tempos incertos. Assim, os 35 animais oferecidos saíram por Cz\$ 27.324 milhões, com média geral de Cz\$ 780 mil, sendo que as 28 fêmeas totalizaram Cz\$ 815.000,00 e os sete machos Cz\$ 648.000,00.

As boas vendas se deram achado de que o leilão apresentou pedigree de alto nível dentro do criatório nacional e, o grande destaque coube à égua argentina Lady Jane, filha de Kilar e Jadlyn,

apresentada pelo Haras Black River levando ao pé a potranca BR Wanna River, de quatro meses, filha de Sadet, preta do mesmo garanhão.

Lady Jane foi arrematada pelo Haras Vista Bela, de Campinas, ao preço de Cz\$ 1.440 milhão.

NOITE DOS ANGLO-ÁRABES NO PARQUE DA ÁGUA BRANCA - SP

Na noite de 26 de outubro, no Parque da Água Branca, em São Paulo, os Anglo-Árabes foram os donos da festa durante a realização do Hall Arabian 86. A realização do evento esteve a cargo da Promave Leilões e, os 49 animais apresentados renderam a soma de Cz\$ 5.040 milhões, sendo que a média dos 22 machos foi de Cz\$ 99.818,00 e das fêmeas de Cz\$ 105.333,00.

A potra Eds Day da Sera, filha de Urubadi, um Anglo-Árabe e Milonga, uma Puro Sangue Inglês, foi vendida para Luiz Roberto Pardo, do Haras São Manoel, Presidente Bernardes, SP, por Cz\$ 270 mil. Após a transação, Ubiratã, o vendedor da potra, deu plena garantia ao seu comprador, afirmando que, se a potra morrer no período de desmama, o mesmo estará isento de pagar as promissórias restantes e receberá de volta todo dinheiro aplicado.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, PROMOVE LEILÃO DE MANGALARGA NA EXPO-PRA-TA

Realizado no dia 18 de outubro, em São José do Rio Preto, SP, durante a Expo-Prata, um leilão exclusivo da raça Mangalarga, onde foram oferecidos 30 ani-

mais, os quais movimentaram a soma de Cz\$ 2.082 milhões e, uma média geral de Cz\$ 69.400,00. Já a média registrada para os 15 potros, foi de Cz\$ 43.200,00 e para as sete potras, de Cz\$ 77.857,00, quanto aos quatro cavalos apresentados, estes tiveram a média de Cz\$ 71.500,00, e as quatro éguas, alcançaram preço médio de Cz\$ 150.750,00.

Entretanto, o maior preço ficou mesmo para uma égua, de propriedade da Fazenda Kim, arrematada por Francisco Jafes, de Jales, SP, por Cz\$ 242 mil.

Outra égua, também da Fazenda Kim, foi vendida por cerca de Cz\$ 176 mil, para o comprador Eurides Martins Mendonça.

I LEILÃO MANGALARGA BAHIA VERÃO

Com um show de luzes, neon, laser, efeitos de fumaça acompanhados por agradecimentos pela receptividade do povo baiano, aconteceu no Hotel Quatro Rodas de Salvador, no dia 08 de novembro, o I Leilão Mangalarga Bahia Verão, cuja organização ficou a cargo da Promave Leilões e Censurados.

Os 55 animais apresentados pelo leiloeiro Antonio Carlos Pinheiro Machado, alcançaram um total de Cz\$ 14.784.000,00 com média de 14.784,00 mil, que serão pagas em 12 parcelas e resgatas em 24 OTN. As 19 justeadas em 24 OTN. As 19 éguas totalizaram Cz\$ 4.920.000,00, e os seis garanhões Cz\$ 1.224.000,00. Os nove potros foram responsáveis pelo faturamento de Cz\$ 1.271.999,00, sendo que as 21 potras foram responsáveis pelo faturamento de Cz\$ 7.367.999,94.

Na ocasião, a égua Barbarela TA destacou-se como recorde do leilão da Bahia, que vendida por Tourinho de Agreú a Jaffer Felício Jorge atingiu a marca de Cz\$ 1.056.000,00, batendo o recorde de preços de todas as raças equinas leiloadas na região.

2º LEILÃO INTERNACIONAL DA GR DE QUARTO DE MILHA

O 2º Leilão Internacional da GR de Quarto de Milha, realizado a 24 de outubro, em Presidente Prudente, São Paulo, estabeleceu um novo recorde para lêmneas em Cz\$ 1.900 milhão e uma valorização de Cz\$ 615% sobre a média do ano passado. Outro detalhe importante, foi a venda de um macho a Cz\$ 1.050 milhão. Os 54 animais apresentados totalizaram Cz\$ 31.920.000,00, com uma média geral de Cz\$ 591.111,00.

O evento reuniu uma generosa seleção de lêmneas puras, em proporções difíceis de se encontrar para promoções da raça, sendo que para 24 machos, foram leiloadas 29 lêmneas.

O recorde ficou para um cavalo zaino de três anos, Skipper, filho de recreio SKR, que passou de Rodrigues Negrão para o Haras Flamingo, de Presidente Prudente.

CAVALO ÁRABE É VENDIDO ATRAVÉS DE CONDOMÍNIO

O cavalo "Dim's NA", puro sangue árabe, filho de Manzo e Damira Wallah-FA, pertencente ao criador Nagib Audl, foi adquirido por um grupo de criadores através de condomínio. Dim's NA, foi comprado por 60 cotas ao preço de Cz\$ 121.296 mil, financiadas pelo prazo de cinco anos e pagas através de prestações mensais, corrigidas pela OTN. Os novos proprietários têm direito a uma cobertura do reprodutor por ano, com uma das éguas de seu plantel, sendo o primeiro cavalo que a Fazenda Santa Gertrudes, de Audl, testa no sistema de condomínio, através de um programa em que o criador colocou em fase de execução.

Na opinião de Nagib Audl, o programa pretende melhorar o rebanho equino utilizando o que há de melhor, ou seja, o cavalo ára-

be, já que é uma forma de apoio e incentivo aos criadores e aos pecuaristas, que se valem do cavalo como uma ferramenta de trabalho.

MANGALARGA MARCHADOR CONTINUA MOSTRANDO QUE A RAÇA ESTÁ FIRME NO MERCADO

Realizado dia 23 de outubro, no Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo, o Leilão Tope Mangalarga Marchador, que pela terceira edição consecutiva registrou média de Cz\$ 206.170,00, uma valorização de 125% em relação ao ano anterior. Na ocasião, foram apresentados 47 animais, arrematados por Cz\$ 9.690.000,00, as oito éguas apresentadas, obtiveram uma média Cz\$ 256.500,00, as 22 potras Cz\$ 180.545,00, os oito cavalos Cz\$ 237.000,00 e os nove potros Cz\$ 195.667,00.

Aldo Neves Godinho, foi o comprador que arrematou o lote mais caro da noite, ou seja, levou Amarati AJ, potro tordinho de novembro de 84, filho da Abaila Gim em Providência Olá, apresentado pelo criador Antonio Ribeiro Junqueira. Amarati foi comprado por Cz\$ 660 mil, passando a incorporar o plantel de 50 animais da Fazenda Santa Rita, Itupeva, SP.

BONS PREÇOS PARA O HOLANDÊS

Promovido a 30 de outubro no Tattersall do Parque da Água Branca, São Paulo, pela Djama B, Lima o Leilão Special 86, onde vários criadores e selecionadores do gado Holandês, apresentaram 33 animais que renderam a soma de Cz\$ 2.445.000,00, com uma média de Cz\$ 74.090,00, havendo um crescimento de 186%.

A maior venda da noite ficou para Guilherme Walter Soares Caldas, da Fazenda São José, Agual, SP, que vendeu nove produtos puros a Cz\$ 730 mil que classificou os resultados como razoáveis, porém o maior arrematador da noite foi Renato Traldi Jú-

nior, da Agropecuária Tangará, de Joinville, SC.

Na ocasião, Traldi comprou quatro puros de origem e duas GHB por Cz\$ 525 mil, que irão se unir ao rebanho de 40 produtos PO da Tangará, a qual possui também 180 cabeças de gado Canchim.

PREÇOS FIRMES PARA NELORE

O 2º Leilão Internacional da GR de Nelore Mocho, ocorrido no dia 25 de outubro de 1986, em Presidente Prudente, SP, reuniu 95 animais, os quais foram arrematados por Cz\$ 9.910.000,00, obtendo uma média geral de Cz\$ 104.316,00.

Dos produtos oferecidos, os que mais se destacaram pela grande disputa foram um touro cotado em Cz\$ 520 mil e uma vaca, que sai por Cz\$ 400 mil. Entretanto, quem mais ofereceu animais foi a São Geraldo, que entrou com 35 dos machos e lêmneas comercializados, ficando o restante da oferta por conta de Antonio Renato Prata, Francisco Jacinto da Silveira, entre outros.

LIQUIDAÇÃO DE CAVALOS CRIoulos

Para liquidar o plantel de Crioulos da Cabana São Francisco do Pinhal, de Jesusa da Cunha Souza e Filhos, de Jílio de Castilhos, RS, o leiloeiro Marcelo Silva não precisou mais do que três horas. Os 83 animais ofertados em pista, representavam o trabalho de 50 anos de seleção e foi muitíssimo disputado por criadores de 17 municípios do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Mato Grosso e Goiás.

O evento realizou-se no dia 17 de outubro, na pista de exposições da Universidade Federal de Santa Maria, onde foi levantado o montante de Cz\$ 16.420,00 com a venda dos animais, sendo que a égua moura, 325 do Pinhal, prenhe do Estrangeiro do Cinco Sinos, obteve o preço mais alto, ou seja, Cz\$ 640 mil, através do lance de Dornival Klauke, de Palmarejo do Sul.

SUMÁRIO

• SUPLEMENTOS MINERAIS PARA O GADO BOVINO EM PASTEJO NAS REGIÕES TROPICAIS

Métodos para ministrar minerais ao gado de pastejo — Suplementos minerais mediante sistema de eleição livre — Fatores que influem no consumo de minerais — Fertilidade do solo e tipo de forragem consumida — Suplementos energéticos protéicos disponíveis — Necessidades individuais — Conteúdo de sal na água de bebida dos animais — Adaptabilidade das misturas de minerais — Disponibilidade de fornecimentos recentes de minerais — Forma física dos minerais — Seleção de um suplemento mineral de eleição livre — Informações necessárias para a avaliação dos suplementos minerais — Necessidades — Disponibilidade biológica — Ingestão de suplementos minerais e de matéria seca — Concentração de elementos na mistura mineral — Cálculos necessários para a formulação de suplementos minerais — Avaliação geral dos suplementos minerais — Necessidades estacionais de minerais suplementares — Benefícios econômicos dos suplementos minerais — Conclusões.

• A SEGURANÇA DA RADIAÇÃO

• INFECÇÕES POR HERPESVIRUS DERMATOTRÓPICO EM BOVINOS

Mamilitite do herpes bovino — Dermatite pustular mamária — Diagnóstico diferencial da infecção por herpesvirus dermatotrópico dos bovinos.

• NOTAS ZOOTÉCNICAS

- Gêmeos bovinos nascidos com diferenças de dias.
- Falta de ruminação indica problemas.
- As vacas são mais sensíveis ao calor durante a lactação.
- A refrigeração evaporativa dos animais é compensadora.
- Retenção dos testículos em bezerros.
- O período pós-parto e a futura fertilidade de búfalas.

Suplementos minerais para o gado bovino em pastejo nas regiões tropicais

Ainda que em geral se conheçam bem as deficiências de minerais ou sua toxicidade nas diferentes regiões, não é fácil proporcionar ao gado que pasta suplementos apropriados e bem aceitos pelos animais. No presente artigo são examinados os métodos para ministrar os minerais, estuda-se a melhor maneira de satisfazer as necessidades dos animais e se colocam em evidência os benefícios econômicos que deles derivam.

Há tempo considera-se que as carências e desequilíbrios dos minerais nos solos ou nas forragens são causa de baixa produção e dos problemas de reprodução do gado bovino em pastejo nas zonas tropicais. Nesse regime, o gado depende muito das forragens para satisfazer suas necessida-

des de minerais. Grande parte das forragens das regiões tropicais de todo o mundo não satisfazem completamente as necessidades de minerais dos animais que pastam. Em 46 países em desenvolvimento, tropicais, registram-se deficiências de fósforo; em 19, de magnésio; em 21, de

sódio; em 24, de cobalto; em 34, de cobre; e em 20, de selênio (McDowell, Conrad e Ellis, 1983).

Em algumas das primeiras comunicações sobre os efeitos benéficos da minitração de suplementos de fósforo sobre o rendimento global do gado bovino vê-se

que ela procedem da África meridional e remontam aos princípios do século (Van Niekerk, 1978). Em 1929, Bisschop e DuToit demonstraram que a mineração de fósforo suplementar (farinha de ossos) deixava o peso dos bois em 30%, ao passo que no caso das vacas, estas pesavam 20% mais e produziam 30% mais bezerros (citado por Van Niekerk, 1978). No Quadro 1 são mostrados os aumentos da capacidade de reprodução devidos aos suplementos minerais que se registraram em 17 experimentos realizados na América Latina, África e Ásia. A média das 17 comunicações consideradas em conjunto indicou uma porcentagem média de partos de 52,6% para os animais aos quais só se dava sal, frente aos 75,5% para aqueles que recebiam outros suplementos minerais.

Têm-se resumido as comunicações sobre os maiores ganhos de peso do gado bovino que recebe suplementos minerais em várias regiões do Mundo (McDowell, Conrad e Ellis (1983). Em um estudo de quatro anos de duração foi demonstrado que a mineração de suplementos minerais produziu efeitos espetaculares na produção global do gado dos "Ilanos" da Colômbia (Miles & McDowell (1983). A multiplicação da porcentagem do desmama pelo peso, ao se produzir essa fase, deu em resultado uma produção para as vacas que haviam recebido minerais completos de 88,7 kg de bezerro por vaca, face aos 44,8 kg obtidos para as que haviam recebido só sal.

Métodos para ministrar minerais ao gado de pastagem

Entre os métodos indiretos para ministrar minerais ao gado de pasto figuram o uso de fertilizantes que contêm minerais, a alteração do pH do solo e o fomento da cultura de certas forrageiras. Underwood (1981) assinala que o método indireto para combater a carência de minerais não deixa de apresentar problemas devidos à maior complexidade das interrelações entre o solo, a vegetação e os minerais, por dificuldades causadas pelas condições climáticas instáveis e os custos.

Quando as condições econômicas e climáticas são favoráveis, a aplicação de fertilizantes no solo constitui um meio eficaz para melhorar tanto o rendimento como a composição mineral da vegetação. Estudos efetuados na Austrália (Underwood, 1981) demonstraram que o fertilizante superfosfatado no solo faz aumentar o conteúdo de fósforo das plantas e também melhora o paladar e a digestibilidade da forragem. O maior teor de minerais das forrageiras, obtido mediante fertilização, apresenta outra vantagem, sendo o que assegura um consumo mais uniforme de minerais ao ingerirem todos os animais maiores quantidades delas na forragem. O principal problema dos suplementos minerais ministrados mediante o sistema de eleição livre é que nem todos os animais do rebanho consomem quantidades suficientes. Entretanto, a menos que se produza um aumento manifesto da produção forrageira, que possa ser aproveitado eficazmente pelo gado em pastagem, o emprego de fertilizantes que con-

Quadro 1. Estudos efetuados na América Latina, África e Ásia sobre os efeitos dos suplementos minerais no aumento das porcentagens de partição

País	Testemunha ¹	Test. + supl. mineral	Referências ²
Bolívia	67,5	80,0 ²	Bauer (1976, dados n/public.)
Bolívia	73,8	86,4 ³	Bauer e cols. (1981)
Brasil	55,0	77,0 ⁴	Conrad & Mendes (1965)
Brasil	49,0	72,0 ²	Guimarães e do Nascimento (1971)
Brasil	25,6	47,3 ²	Grunt & Santiago (1969)
Colômbia	50,0	84,0 ⁴	Stonaker (1975)
Filipinas	57,0	79,0 ⁴	Calub & Amril (1979)
Filipinas	76,0	80-82 ⁴	Nocom (comunicação pessoal)
Panamá	62,2	68,8 ⁵	Rios Araújo (1972)
Panamá	42,0	80,0 ²	Poultney (1972, com. pessoal)
Peru	25,0	75,0 ⁶	Echevarria e cols. (1974)
África do Sul	51,0	80,0 ²	Theiler e cols. (1928)
Tailândia	49,0	67,0 ²	Tumwasorn (1981)
Uruguai	48,0	64,0 ²	De León Lora (1963)
Uruguai	86,9	96,4 ²	Schiermann (1965)
Uruguai	50,0	75,0 ²	Pittaluga e cols. (1980)
Uruguai	27,0	70,0 ²	Arroyo & Maurer (1982)

1. Os animais testemunha receberam somente sal (NaCl) — 2. Farinha de ossos — 3. Fosfato de ossos — 4. Mistura completa de minerais — 5. Fosfato dicálcico + superfosfato triplo — 6. Fosfato dicálcico + sulfato de cobre — 7. Combinação de diversos tratamentos, inclusive farinha de ossos, a mistura completa de minerais e a fertilização com fósforo — 8. As referências completas são citadas por McDowell & Conrad (1977) e McDowell, Conrad & Ellis (1983), com a exceção de Pittaluga e cols. (1980).

têm minerais torna-se proibitivo do ponto de vista econômico. Os métodos para ministrar minerais que ocasionam menos custos consistem, em geral, em seu fornecimento direto ao gado na água, na forma natural em que se acham, em misturas e poções, em preparações que são absorvidas no rúmen (como os grânulos de cobalto e agulhas de óxido de cobre) e injeções. Underwood (1981) examinou as vantagens dos diferentes métodos de mineração dos suplementos minerais.

Suplementos minerais mediante sistema de eleição livre

O consumo voluntário dos diferentes minerais ou suas misturas por parte dos animais é denominado "de eleição livre". Pamp, Goodrich e Meiske (1976) examinaram as publicações existentes sobre a administração de minerais ao gado segundo o sistema de eleição livre. Para muitos tipos de gado, entre eles o porco, as aves, o gado bovino criado em currais de engorda e as vacas leiteiras, os suplementos de minerais são incorporados nas rações de forragem, o que em geral assegura que os animais recebam os elementos necessários. Mas para o gado em regime de pastagem, no qual não é econômico ministrar rações concentradas, é preciso admitir a ingestão voluntária de suplementos minerais. Conquanto se tenha comprovado que alguns animais consomem quantidades excessivas ou insuficientes de suplementos minerais, não há nenhum outro modo prático de satisfazer as necessidades em condições de pastagem. Esta prática de ministrar minerais aos ruminantes, mediante sistema de eleição livre, é empregada há muitos anos e se baseia na suposição de que os animais sabem que minerais necessitam e em que quantidade.

Arnold (1964) assinalou que existem na

literatura provas suficientes de que a maioria dos mamíferos têm pouco instinto nutricional, preferindo uma dieta saborosa, embora de má qualidade, a outra, nutritiva, mas de mau gosto, inclusive ao ponto de morrer por desnutrição.

Experiências foram realizadas com vacas leiteiras em lactação para determinar se consumiam suficiente fosfato dicálcico para satisfazer suas necessidades de cálcio e fósforo (Coppock, Everett e Merrill, 1972; Coppock, Everett e Belyea, 1976). Em condições de baixa ingestão de cálcio e fósforo, as vacas não consumiram, por sua própria escolha, suficiente fosfato dicálcico para atender suas necessidades e para sanar as carências. Chegou-se, pois, à conclusão de que as vacas leiteiras em lactação não apreciavam ou não aceitavam em absoluto o cálcio ou o fósforo.

Outro método para proporcionar minerais mediante a livre escolha é o de um cocho de "auto-serviço" no qual se oferece ao animal a eleição entre dez ou mais minerais e vitaminas, em lugar de ministrar-lhes um ou dois elementos determinados ou suplementos completos. As conclusões gerais dos estudos de avaliação do sistema de "auto-serviço" de minerais de eleição livre foram que as vacas lactantes não consumiam quantidades suficientes de minerais para satisfazer suas necessidades e que a ingestão voluntária dependia mais da aceitabilidade que do apetite ou do desejo intenso de minerais (Hutjens & Young, 1976; Muller e cols., 1977).

Fatores que influem no consumo de minerais

A ingestão diária média de misturas de minerais de eleição livre pelo gado em pastagem é sumamente variável. Coppock, Everett e Merrill (1972) mediram o consumo diário individual de fosfato dicálcico de 69 vacas leiteiras em lactação du-

rante um experimento de 22 semanas. As variações no consumo de minerais por cabeça foram consideráveis, flutuando de 0 a mais de 1 000 g diários. Os valores que influíram no consumo de misturas minerais foram enumerados por Cunha e cols. (1970) e são:

- a fertilidade do solo e o tipo de forragem consumido;
- suplementos energéticos-proteicos disponíveis;
- necessidades individuais;
- conteúdo de sal na água que os animais bebem;
- aceitabilidade da mistura de minerais;
- disponibilidade de fornecimentos recentes de minerais e
- forma física dos minerais.

• **Fertilidade do solo e tipo da forragem consumido.** Em geral, quanto mais alto o nível de fertilidade do solo, mais baixo será o consumo de minerais. Segundo Barrows (1977), o gado parece consumir sal, cálcio, fósforo e magnésio em relação ao teor de cada um desses elementos no pasto. Vários trabalhos assinalam que o gado vacum que pasta em prados naturais consome mais suplementos minerais que o que se alimenta em pastagens melhoradas. O gado que se alimenta com pastos de má qualidade ou submetidos a um pastejo excessivo consome mais suplementos minerais.

• **Suplementos energéticos-proteicos disponíveis.** O tipo e o nível de suplementos energéticos-proteicos influem na ingestão de minerais. Os suplementos desta ordem que contêm, além disso, minerais, reduzem as necessidades e o desejo de uma ingestão voluntária de minerais.

• **Necessidades individuais.** O índice de crescimento, a porcentagem de parição e a produção de leite influem nas necessidades de minerais.

As maiores carências devidas à gestação ou à lactação aumentam as necessidades de minerais e consequentemente o consumo. Barrows (1977) informou que o consumo de elementos minerais tende a diminuir à medida que as vacas envelhecem.

• **Conteúdo de sal na água de bebida dos animais.** A concentração de sal naturalmente elevada da água reduz a ingestão de suplementos minerais. O gado sente um desejo natural de sal. Não obstante, se esse desejo é satisfeito mediante o alto teor de sal na água que bebem, os animais em regime de pasto reduzem ou suprimem o consumo voluntário de misturas minerais baseadas no sal. Quando o conteúdo de sal naturalmente presente na água é elevado, os suplementos de minerais não podem ser baseados no sal, pelo que convém separá-los de outros estimulantes do apetite, como o farelo de sementes de algodão e o melango.

• **Adaptabilidade das misturas de minerais.** Como já foi dito, as investigações demonstraram que o gado não sente um desejo especial da maioria dos minerais, à parte o sal comum. Devido à sua aceitabilidade este último é um valioso "portador" de outros minerais. Uma mistura que contém de 30 a 40% de sal, ou mais, será consumida em geral voluntariamente em quantidades suficientes para satisfazer

as necessidades suplementares de outros minerais.

Dew, Stoddard e Bateman (1954) experimentaram com um grupo de vacas leiteiras, dando-lhes livre acesso a várias combinações de cloreto de sódio e farinha de ossos tratada a vapor. Se o cloreto de sódio era ministrado em recipientes separados, o consumo de farinha de ossos diminuía para 1 g diário por cabeça, em média. Em troca, se se misturava o cloreto de sódio, seu consumo era oito vezes superior. Numerosos comunicados assinalam os efeitos benéficos da farinha de ossos nos suplementos de escolha livre. Os métodos de elaboração da farinha de ossos e de outros suplementos influem no valor nutritivo dos produtos e em sua aceitabilidade e, por conseguinte, em seu consumo. As farinhas de ossos elaboradas incorretamente podem emitir um odor desagradável que reduz seu consumo, podendo, ademais, transmitir o botulismo, a febre aftosa e outras condições patológicas.

Uma fonte diversa da farinha de ossos que é relativamente bem aceita é o fosfato monossódico. Coppock, Everett e Merrill (1972) assinalam que o gado leiteiro alimentado com três regimes diferentes de ração preferiram o fosfato dicálcico ao fosfato desfluorado. Os investigadores chegaram à conclusão de que os bovinos preferiam um suplemento ácido (pH 3,5) como o fosfato dicálcico a um alcalino (pH 8,5) como o fosfato desfluorado.

A idéia de que os animais somente consomem suplementos de sabor agradável fica demonstrada quando se põe à disposição do gado que sofre de carência de magnésio um suplemento com este elemento, por exemplo, óxido de magnésio em um regime de eleição livre. O gado terminará morrendo de tetania causada pela planta antes de consumir essa fonte pouco apetitosa de magnésio. Ao contrário, se as concentrações, mesmo elevadas de óxido de magnésio, (por exemplo, cerca de 25% se combinam com ingredientes de bom sabor, pode-se prevenir a tetania graças ao consumo suficiente da mistura.

Os estimulantes do apetite e do sabor, como as sementes de algodão, o melango desidratado, as culturas de levedura seca e as gorduras, contribuem para um consumo mais uniforme e generalizado em todo o rebanho. Alguns desses produtos não só fazem com que o suplemento fique livre de pó, úmido e fluido, como também adicionam energia e proteínas. Sem embargo, os ingredientes que aumentam a aceitabilidade devem ser utilizados com moderação, para que não originem um consumo excessivo.

• **Disponibilidade de fornecimentos recentes de minerais.** A dieta e o acesso anteriores a suplementos minerais influem no consumo a curto prazo desses elementos. Quando os animais passam longos períodos de tempo sem acesso aos minerais, podem desenvolver um desejo de tal ordem que eles amiúde se ferem ao procurar alcançar o sal. Nestas condições, a consumição de dietas a dez vezes mais minerais que as quantidades diárias normais, até que seu apetite se veja satisfeito.

Os cochos protegidos da chuva contribuem para aumentar a ingestão de mine-

rais, já que evitam que fiquem compactados, úmidos ou voem quando sopra o vento. A eleição de estimulantes do sabor ou do apetite é importante quando se examina o valor de conservação de um suplemento. A utilização de 20 a 40% de sal impede que se umideça ou voe com o vento.

O gado usará com maior frequência os cochos se estes ficam perto de bebedouros, das zonas de descanso protegidas do sol, raspadores (coçadores) desinfetantes e das zonas de melhores pastos. Os cochos destinados a minerais devem ser suficientemente baixos para que os bezerros possam também consumir os minerais, estar a menos de 800 m uns dos outros e seu número deve ser suficiente para a capacidade da pastagem. A este respeito recomenda-se aproximadamente um cocho de minerais por 50 cabeças de gado. Quando os animais precisam percorrer grandes distâncias para chegar até o cocho de minerais, o consumo diminui.

Em algumas regiões tropicais com grandes extensões de pastagem é muito difícil situar os cochos de maneira que os animais tenham constante acesso aos minerais. Isto é sobretudo um problema quando pastam em grandes extensões sem um bebedouro central. Também é problema nas regiões sujeitas a inundações estacionais, a localização dos cochos de minerais acima do nível de água.

• **Forma física dos minerais.** Quando os minerais são ofertados na forma de blocos, seu consumo costuma ser inferior em cerca de 10% dos mesmos elementos a granel. Um elemento importante para esses blocos é o grau de dureza, tendo-se em consideração a chuva, a umidade e outras condições ambientais. Os blocos demasiadamente moles se dissolvem com a chuva e, se duros, o gado encontra dificuldade para consumir uma quantidade suficiente. Se o gado permanece somente um período limitado de tempo perto dos blocos, a dureza excessiva deles se traduzirá por uma diminuição do consumo de minerais.

Seleção de um suplemento mineral de eleição livre

Embora se tenha demonstrado que o gado em regime de pasto não satisfaz equilibradamente suas necessidades de minerais, quando é livre a escolha, não há outra maneira prática de atender as necessidades de minerais dos bovinos neste regime. Se se quer ter a segurança de proporcionar a baixo custo uma alimentação suficientemente rica de minerais, deverão ser postos à disposição do gado suplementos minerais "completos" para que eles os consumam de acordo com sua eleição (Cunha e cols., 1964). Uma mistura "completa" de minerais inclui habitualmente uma fonte de fósforo pobre em flúoreto, cálcio, cobalto, cobre, iodo, manganês e zinco. Também podem ser juntados selênio, magnésio, potássio, enxofre, ferro e outros elementos, ou então esperar que outras informações sugiram a necessidade de tais elementos. No caso do magnésio, um suplemento por via oral só tem valor durante o aparecimento estacional da "tetania das pastagens" (Allcroft, 1961). Um

mo de cálcio, cobre ou selênio pode ser mais prejudicial para a produção dos animais que qualquer benefício possível de um suplemento mineral. Nas regiões onde predomina uma forragem de baixo teor de molibdênio há necessidade de misturas com um conteúdo de três a cinco vezes maior de cobre, a fim de evitar a toxicidade do molibdênio (Cunha, 1964). O nível exato de cobre necessário para evitar a toxicidade do molibdênio é um problema complexo que deve ser estudado para cada zona e em separado. No Quadro 2 são enumeradas as características de um "bom" suplemento mineral.

Quadro 2. Características de um "bom" suplemento mineral de livre escolha para o gado bovino

Um suplemento aceitável de minerais para os bovinos deve ter as seguintes características:

1. A mistura final deve conter um mínimo de 6 a 8% total de fósforo. Nas zonas onde as forragens contêm regularmente menos de 0,20% de fósforo, são preferíveis os suplementos minerais com 8 a 10% de fósforo.
2. A proporção cálcio-fósforo não deve ser muito superior a 2:1.
3. Deve cobrir uma proporção significativa (vale dizer, de 50%) das necessidades de cobalto, cobre, iodo, magnésio e zinco. Nas regiões com uma deficiência conhecida de oligoelementos, devem ser ministrados 100% de certos minerais.
4. Deve ser constituída de sais minerais de alta qualidade, que contenham as formas biologicamente utilizáveis de cada elemento mineral. É preciso evitar a inclusão de sais minerais com elementos tóxicos e procurar que a quantidade seja mínima. Por exemplo: deve-se evitar que os fosfatos tenham grandes concentrações de fluor, ou formular-se de tal maneira

- que o gado não receba mais de 30 a 40 ppm de fluor em sua dieta total.
5. Deve ser formulada de tal sorte que seu sabor permita um consumo suficiente para cobrir as necessidades.
6. Deve ser garantida por um fabricante idôneo, em relação ao controle de qualidade e quanto à exatidão das quantidades indicadas na etiqueta.
7. As partículas devem ter um tamanho aceitável, que permita misturar sem a formação de sedimentos mesmo pequenos.

Em relação aos minerais ministrados na alimentação, várias "autoridades" opinam que não se justifica o uso de misturas completas de minerais de eleição livre, destinadas à cobertura de uma ampla gama de meios e de regimes alimentares e que contém uma margem de segurança contra as deficiências. Essas "autoridades" consideram que essas misturas completas são um desperdício do ponto de vista econômico e, além do mais, podem ser nocivas.

Os autores do presente documento não estão de acordo com essa opinião sobre as misturas completas para os bovinos. O perigo de toxicidade ou os custos excessivos são muito reduzidos em relação às elevadas probabilidades de aumentar as taxas de produção do gado bovino administrando uma mistura completa de minerais de livre escolha, segundo as diretrizes que figuram no Quadro 2. O cobre e o selênio, nos níveis recomendados, seriam os minerais mais preocupantes no que respeita à toxicidade. Porém o gado bovino, ao contrário do ovino, é muito menos sensível à toxicidade do cobre e as formas inorgânicas do selênio (quer dizer, o selenito de sódio) não são bem aproveitadas pelos animais se se ministram em quantidades superiores às necessidades. Em conclusão, pode-se dizer que é melhor formular as misturas de livre eleição com base nas análises e outros dados disponíveis. No entanto, quando não há informações sobre a situação dos minerais em uma

determinada região, se justifica plenamente a administração de um suplemento mineral completo em um regime de eleição livre, seguindo as recomendações que figuram no Quadro 2.

Informações necessárias para a avaliação dos suplementos minerais

Para avaliar a quantidade de nutrientes de um suplemento mineral, é preciso ter uma idéia aproximada das necessidades de elementos nutritivos essenciais dos animais a que está destinado o suplemento. Isto inclui a idade dos animais, a fase do ciclo de produção ou de reprodução em curso, e a finalidade para a qual os animais são alimentados; a disponibilidade biológica relativa dos minerais nas fontes das quais são obtidos; a ingestão diária por cabeça da mistura mineral e o total de matéria seca previstos; e a concentração de nutrientes essenciais na mistura mineral (Houser, McDowell e Fick, 1978).

• **Necessidades.** Conquanto ainda não se conheçam os valores exatos relativos às necessidades de minerais das diferentes classes de animais submetidos a diferentes condições de vida, as investigações têm propiciado dados suficientes para chegar a algumas conclusões gerais com respeito às recomendações de ordem dietética (NRC, 1976). As cifras deverão ser utilizadas somente como guia aproximado, posto que as necessidades dos diferentes animais podem ser diversas das médias. Reconhece-se que não foram determinadas em sua maioria as necessidades no caso do gado zebu ou do que vive nas condições tropicais. Também se reconhece que, com a introdução de raças exóticas e dos cruzamentos, os índices de crescimento aumentaram, com o conseqüente incremento das necessidades de minerais. A despeito dessas deficiências, a maioria dos investigadores está de acordo em que esta é a melhor informação disponível e que deve ser tomada como base para essas necessidades, até que se conte com dados mais exatos.

HARAS SORRISO

ESTRADA RIO-BAHIA BR 116 — km 49

Fone: (021) 28-6748 — TEREZÓPOLIS - RJ

Prop.: CARLOS MAURICIO DE FREITAS

ROSEIRA, uma das
reprodutoras
com excelente
produto.

PREDILETO - único reprodutor com
filho Campeão Nacional 82-83.

**VENDA PERMANENTE
DE PRODUTOS E COBERTURAS**

Fazenda Nossa Senhora das Graças



Prop.: ANTONIO GOMES CALCADO
Fonet: (021) 551-6607, Rio de Janeiro, RJ



GIGANTE DE MARICA Labatinga Ringo
Bailarina de Marica



Res. Campeã Exp. Três Rios 1986

LIRA DE MARICA Paró de Marica
Amada Sierra

Criação de Nelore P.O., Búfalos
Jafarabad e Murrah POI, Mangalarga
Marchador, Jumento Pega, Cabras
Leiteiras e Ovelhas Deslanadas.

Caixa Postal 75
Silvado (021) 737-2764
Maricá - RJ

Venda de Produtos no
1.º Leilão da Região dos Lagos
Dia 4-4-87

Faz. N.S. das Graças - Faz. Ubas

Faz. Ipês - Faz. Vargem Grande

PEDIGREE LEILÕES

Quadro 3. Porcentagem de elemento mineral em algumas fontes de suplementos minerais comumente utilizadas e biodisponibilidade relativa

Elemento	Composto fonte	% do elemento no composto	Biodisponibilidade
Cálcio	Farinha de ossos tratada a vapor	29,0 (23-37)	Alta
	Fosfato mineral desfluorado	29,2 (19,9-35,1)	Intermediária
	Carbonato cálcico	40,0	Intermediária
	Fosfato mole	18,0	—
	Calça em pó	38,5	Intermediária
	Dolomítico	22,3	Intermediária
	Fosfato monocálcico	16,2	Alta
	Fosfato tricálcico	31,0-34,0	—
	Fosfato dicálcico	23,3	Alta
Cobalto	Feno	—	Baixa
	Carbonato de cobalto	46,0-55,0	—
	Sulfato de cobalto	21,0	—
Cobre	Sulfato de cobalto (mono)	25,0	—
	Sulfato cúprico	25,0	Alta
	Carbonato cúprico	53,0	Intermediária
Cromo	Cloreto cúprico	37,2	—
	Oxido cúprico	80,0	Baixa
Iodo	Iodato de cálcio	63,5	—
	EDDI	80,0	—
	Iodeto de potássio	69,0	—
Ferro	Oxido de ferro	46,0-60,0	Não disponível
	Sulfato ferroso	20,0-30,0	Alta
	Carbonato ferroso	36,0-42,0	Baixa
Magnésio	Carbonato de magnésio	21,0-28,0	Alta
	Cloreto de magnésio	12,0	Alta
	Oxido de magnésio	54,0-60,0	Alta
	Sulfato de magnésio	9,8-17,0	Alta
	Sulfato de potássio e magnésio	11,0	Alta
Manganês	Sulfato manganoso	27,0	Alta
	Oxido manganoso	52,0-62,0	Alta
Fósforo	Fosfato mineral desfluorado	13,3 (8,7-21,03)	Intermediária
	Fosfato cálcico	18,6-21,0	Alta
	Fosfato dicálcico	18,5	Intermediária
	Fosfato tricálcico	18,0	—
	Ácido fosfórico	23,0-25,0	Alta
	Fosfato de sódio	21,0-25,0	Alta
	Fosfato de potássio	22,8	—
Potássio	Fosfato mole	9,0	Baixa
	Cloreto de potássio	50,0	Alta
	Sulfato de potássio	41,0	Alta
Selenio	Sulfato de potássio e magnésio	18,0	—
	Selenito de sódio	45,6	Alta
Enxofre	Sulfato cálcico (gesso)	12,0-20,1	—
	Sulfato de potássio	28,0	—
	Sulfato de potássio e magnésio	22,0	—
	Sulfato sódico	10,0	Intermediária
	Sulfato sódico anidro	22,0	—
Zinco	Flores de enxofre	96,0	Baixa
	Carbonato de zinco	52,0	—
	Cloreto de zinco	48,0	—
	Sulfato de zinco	22,0-36,0	—
Cádmio	Oxido de zinco	46,0-73,0	—

Fonte: Ellis, MacDowell e Conrad (1983).

• **Disponibilidade biológica.** O Quadro 4 mostra a disponibilidade biológica e a porcentagem de elementos minerais presentes em algumas fontes habitualmente utilizadas para os suplementos minerais. As variações da biodisponibilidade das fontes devem ser levadas em consideração para avaliar ou formular um suplemento mineral.

• **Ingestão de suplementos minerais e matéria seca.** Têm-se examinado os numerosos fatores que influem no consumo dos suplementos minerais, chegando-se à conclusão geral de que a aceitabilidade dos suplementos influi mais na ingestão do que nas necessidades fisiológicas. Ao formular misturas minerais, a estimativa da ingestão necessária deve coincidir com a ingestão adequada. Quando se avaliam suplementos minerais cujo consumo não se conhece, os investigadores começam em geral com um valor de ingestão de 50 g por dia e ajustam logo esse valor segundo as condições locais.

É praticamente impossível estabelecer o consumo total de matéria seca do gado em regime de pastejo. Conquanto se estime que o gado ingere aproximadamente 2% de seu peso em forragem seca, pode ocorrer muito menos se ela é de má qualidade. Para o gado em idade madura, o consumo diário de matéria seca situa-se com frequência entre 7 e 10 kg.

• **Concentração de elementos na mistura mineral.** A concentração na dieta total de cada elemento integrante da mistura mineral pode ser comparada com as necessidades totais do dito elemento a fim de determinar se o suplemento fornece uma quantidade significativa. É difícil estabelecer para cada mineral qual é a proporção significativa que a mistura deveria fornecer, mas em geral considera-se que para os oligoelementos a cifra deve estar entre 25 e 50%. Nas zonas em que se registaram deficiências deve-se ministrar 100

• **Cálculos necessários para a formulação de suplementos minerais**

A quantidade de mineral que se deve ministrar ao animal é calculada do modo como no quadro 4.

No Quadro 4 são indicadas as necessidades de oligoelementos e as porcentagens de cada mineral que devem conter uma mistura para satisfazer 50 ou 100% das necessidades. Os valores baseiam-se na suposição de que o consumo diário seja de 50 g. Se o consumo é inferior, o suplemento deverá conter uma porcentagem maior de cada mineral. Analogamente, uma ingestão inferior de matéria seca reduzirá a porcentagem de minerais ne-

cessários na mistura. Cada pecuarista deverá determinar o consumo de minerais de seu rebanho e modificar os produtos quando forem necessários maiores índices de consumo (p. ex. aumentar de 5 para 10% o nível de farelo de sementes de algodão da mistura).

Em outro cálculo necessário para formular os suplementos minerais têm em conta a porcentagem do mineral desejado contido em um determinado composto disponível. Por exemplo, se há necessidade de 0,20% de cobre para satisfazer a necessidade, qual é a quantidade de carbonato cúprico (que contém 53,0% de cobre) necessária? Os cálculos são efetuados da seguinte maneira:

$$\begin{aligned} & \frac{\% \text{ do elemento desejado na mistura}}{\% \text{ do elemento no composto disponível}} \times 100 = \\ & = \frac{\% \text{ necessária do composto que contém o elemento}}{\% \text{ de cobre necessário} = 0,20} \\ & \frac{\% \text{ de cobre no carbonato cúprico} = 53,0}{0,20} \times 100 = 0,377 \text{ de carbonato cúprico necessário.} \end{aligned}$$

Assim, p. exemplo:

Então:

Quadro 4. Porcentagem de oligoelementos necessários no suplemento mineral adequado

Elemento	Necessidade máxima estimada	% de minerais em uma mistura para cobrir 50 ou 100% das necessidades ¹	
		50%	100%
Cobalto	0,1 ppm	0,001	0,002
Cobre	10 ppm	0,10	0,20
Iodo	0,8 ppm	0,008	0,016
Manganês	25 ppm	0,25	0,5
Zinco	50 ppm	0,50	1,0
Ferro	50 ppm	0,50	1,0
Selênio	0,1 ppm	0,001	0,002

1. Baseado no caso do gado bovino, em um consumo médio de 50 g/dia de mistura mineral e 10 kg/dia de forragem seca total por cabeça.

$$\begin{aligned} & \frac{\% \text{ do elemento na mistura mineral} \times \text{ingestão diária da mistura mineral (g)}}{\text{ingestão diária de matéria seca}} \times 100 = \\ & \% \text{ do elemento da mistura mineral no total} \end{aligned}$$

Exemplo:

Cobre na mistura mineral (%) = 0,12, a ingestão diária de mistura mineral (g) = 50 e a ingestão total de matéria seca (g) = 10 000

$$\text{Então: } \frac{0,0012 \times 50}{10\,000} \times 100 = 0,006 \text{ ou } 6 \text{ ppm}$$

Para converter a porcentagem em ppm, desloca-se a vírgula para quatro cifras decimais. Se as necessidades de cobre são de 10 ppm, 60% dessas necessidades são satisfeitas com a mistura.

Para calcular a porcentagem do elemento na mistura final utiliza-se a seguinte fórmula:

$$\begin{aligned} & \frac{\text{Quantidade da mistura mineral} \times \% \text{ de elemento na mistura mineral}}{\text{Quantidade total}} \times 100 = \\ & \% \text{ do elemento na mistura diluída} \end{aligned}$$

Exemplo:

Foi recomendado ministrar 500 g de mistura por 2 kg de sal e a porcentagem de cálcio da mistura é de 18,38%,

$$\text{Então: } \frac{500 \text{ g} \times 0,1838}{2\,500 \text{ g}} \times 100 = 3,68\% \text{ de cálcio na mistura final}$$

Avaliação geral dos suplementos minerais

Os problemas com que se deparam nos programas de fornecimento de suplementos minerais para as diferentes regiões tropicais foram resumidos por McDowell & Conrad em 1977 e incluem:

- insuficiência das análises químicas e dados biológicos para determinar que minerais são necessários e em que quantidades;

- falta de dados sobre consumo de minerais necessários para formular os suplementos;

- informação inexata e/ou confusa nas etiquetas sobre os ingredientes minerais;

- suplementos com quantidades insuficientes e desequilibradas;

- misturas minerais uniformes e inadaptadas às diferentes regiões ecológicas (p. ex., a distribuição de suplementos que contém selênio em uma região com problemas tóxicos devidos a este mineral);

- o não cumprimento por parte dos criadores, ao ministrar as misturas, das recomendações dos fabricantes (p. ex., misturas minerais diluídas em uma proporção de 10:1 e 100:1 com adição de sal; e

• dificuldades relativas ao transporte e armazenamento e o custo dos suplementos minerais.

As empresas responsáveis que fabricam e vendem suplementos minerais de alta qualidade prestam um serviço valioso aos pecuaristas. No entanto, outras firmas fazem declarações publicitárias exageradas ou fabricam produtos inferiores, que pouco valor apresentam ou, o que é ainda pior, podem mesmo prejudicar a produção animal. As análises de misturas minerais realizadas em toda a América Latina têm demonstrado amiúde que as quantidades dos elementos indicadas nas etiquetas guardam pouca relação com as encontradas efetivamente no suplemento. No Quadro 5 são dados exemplos de quatro diferentes países (Ellis, McDowell e Conrad, 1983). As investigações realiza-

das no Equador têm revelado a falta de fidelidade de algumas empresas que vendem suplementos minerais. Analisaram-se 50 produtos que declaravam conter minerais, para comprovar se as afirmações eram verdadeiras. Verificou-se que aproximadamente 10% delas eram corretas, ao passo que a maioria apresentava nas etiquetas informações inexatas sobre os ingredientes minerais e outras continham quantidades insuficientes ou desequilíbrios minerais. Uma prática muito fraudulenta de um determinado fabricante consistia em adquirir no mercado um produto relativamente bom, misturá-lo com 20 a 30% de terra e, após, vender a mistura resultante com uma nova marca.

No Quadro 6 é dado o exemplo de uma mistura mineral de qualidade inferior, disponível na América Latina. Este suple-

mento mineral é recomendado para os gados bovino, ovino, porcino e as aves. É impossível satisfazer as necessidades dos ruminantes e dos animais monogástricos com uma mesma mistura. Esta mistura mineral desequilibrada, com um conteúdo extremamente elevado de cálcio (29,4%) e baixo de fósforo (1,8%), tem provavelmente efeitos mais nocivos para o gado em pastagem que a falta de minerais suplementares.

Necessidades estacionais de minerais suplementares

Como as forrageiras tropicais contêm menos minerais durante a estação seca, poder-se-ia supor que neste período se produzem maiores carências. Entretanto ou-

Quadro 5. Relação entre o conteúdo anunciado de minerais nos suplementos vendidos em quatro países latino-americanos e as análises de laboratório^{1,2}

Mineral	País 1		País 2		País 3		País 4	
	Etiqueta	Laborat.	Etiqueta	Laborat.	Etiqueta	Laborat.	Etiqueta	Laborat.
Ca	12,00	3,42	30,00	21,77	20,6	18,38	16,10	13,99
P	20,40	1,16	20,00	14,62	15,30	14,86	21,10	16,11
Mg	0,038	0,153	—	1,15	1,08	1,07	1,59	1,38
K	—	0,756	—	0,23	—	0,072	0,076	0,076
Na	0,026	21,21	—	2,05	2,40	2,30	—	0,049
Fe	0,16	0,21	0,4	0,00001	0,10	0,22	1,80	1,87
Cu	0,016	0,0035	—	0,87	0,05	0,008	0,197	0,214
Co	0,0016	0,0006	—	—	0,003	0,001	0,072	0,022
Mn	0,48	0,103	—	0,000006	0,1	0,2	0,482	0,171
Mu	—	0,003	—	0,000093	0,001	—	—	0,00034
Zn	0,008	0,0056	—	0,0149	0,24	0,93	1,06	1,15
I	0,096	—	—	—	—	—	0,076	—

1. Composição indicada na etiqueta comparada com as análises de laboratório;

2. Dados tomados de Ellis e cols. 1983.

Quadro 6. Exemplo de uma mistura mineral de qualidade inferior disponível na América Latina^{1,2}

Elemento	Quantidade admissível na dieta	% na mistura mineral	Quantidade fornecida pela mist. miner.	% admissível na mist. mineral
Cloreto sódico	0,50%	20,00	0,10%	20,0
Cálcio	0,30%	29,44	0,147%	49,1
Fósforo	0,25%	1,80	0,009%	3,6
Magnésio	2 000 ppm	3,2	0,016%	8,0
Ferro	100 ppm	0,88	44 ppm	44,0
Zinco	50 ppm	0,02	1 ppm	2,0
Cobalto	0,1 ppm	0,002	0,1 ppm	100
Iodo	0,80 ppm	0,001	0,05 ppm	6,25
Cobre	10 ppm	0,015	0,75 ppm	7,5
Manganês	25 ppm	0,075	3,75 ppm	15,0
Selênio	0,1 ppm	0,0005	0,025 ppm	25,0

1. A mistura mineral é recomendada para os gados bovino, ovino, porcino e aves. Supõe-se que o consumo médio de minerais corresponderá aproximadamente a 0,5% da dieta total. Isto se baseia na ingestão estimada em 50 g de mistura mineral para o gado bovino e 10 kg diários de forragem seca total por cabeça.

2. As críticas à mistura mineral são as seguintes: (a) é extremamente pobre de P e excepcionalmente rica de Ca. A relação Ca:P é de 16,4:1; (b) o suplemento não fornece uma proporção significativa (quer dizer de 50%) das necessidades de Cu, I, Mn e Zn; (c) como a dieta contém cerca de 29,4% de Ca e só 20% de sal (NaCl), provavelmente seu sabor é pouco agradável.

tras diferentes comunicações, entre elas, as procedentes do Quênia e Colômbia assinalam que certas deficiências minerais se apresentam principalmente durante a estação úmida (McDowell, 1976). Depois das chuvas, quando os pastos estão verdes e abundantes, o gado em pastagem tem uma propensão maior para manifestar carências de cobalto ou de fósforo e os sintomas clínicos são mais graves. Van Nierkerk (1978) assinalou na África que os efeitos benéficos do fósforo se produzem sobre tudo durante a estação úmida, apesar de que era então quando o pasto continha maiores quantidades de fósforo. As investigações baseadas em um experimento de dois anos efetuado na Colômbia permitiram determinar as necessidades estacionais de minerais (Laredo, 1979). A ministração de minerais durante todo o ano não produziu nenhum benefício frente a ministração no decorrer dos cinco meses da estação chuvosa.

A maior incidência das deficiências minerais durante a estação úmida se deve não tanto à concentração de minerais da forragem como às necessidades muito maiores de tais elementos por parte do

em regime de pasto. Durante a estação úmida o gado aumenta rapidamente de peso, já que existe uma disponibilidade suficiente de proteínas e calorias, que suas necessidades de minerais são elevadas. Em troca, durante a estação seca, a insuficiência de proteínas e calorias se traduz por uma perda de peso nos animais, pelo que diminuem suas necessidades de minerais.

Benefícios econômicos dos suplementos minerais

Os benefícios econômicos dos suplementos minerais parecem óbvios. Todavia, a maioria dos produtores de bovinos em regime de pastejo não ministram regularmente minerais aos animais, exceto o sal comum. Miles & MacDowell (1983) afirmam que o nível de vendas dos suplementos minerais para o gado bovino pode indicar que a enorme maioria dos milhões de cabeças estimados para a América bovina dos "llanos" colombianos recebem suplementos minerais. As cifras sobre a venda de suplementos indicam que 50 a 80% do gado dessa região recebem suplementos minerais. Muitos experimentos têm demonstrado que a ministração de suplementos minerais produz aumentos espetaculares na produção, o que naturalmente se traduz por uma relação custo-benefício elevada. Cunha (1983) ilustrou a segurança e baixo custo, que representava a junção de oligoelementos ao sal vendido nos Estados Unidos, ao sal de 0,25 dólar dos EUA para o gado bovino de corte e 0,33 dólar para vacas leiteiras. A rentabilidade da indústria em minerais foi no mínimo 200%

em alguns estudos latino-americanos (Conrad, 1976). Utilizando os dados CIAT sobre a produção do sistema de rebanhos colombianos (CIAT, 1974), o custo dos suplementos minerais e as vendas brutas de carne bovina, Miles calculou a relação custo-benefício para os minerais administrados na alimentação (1983, dados não publicados). Por cada peso colombiano investido em minerais obteve-se um benefício espetacular de 15,6 pesos colombianos em comparação com os animais que recebiam sal comum.

Quando não se dispõe de informações sobre a situação, no que se refere aos minerais em uma região concreta, justifica-se a utilização de misturas minerais completas. Não obstante, quando há mais informações sobre a provável escassez de minerais, podem ser formuladas misturas mais econômicas. Na Colômbia, foram realizadas 10 experiências com gado bovino para avaliar os efeitos da ministração de suplementos comerciais completos em comparação com os de suplementos que só continham uma pequena quantidade de minerais cuja deficiência havia sido determinada previamente mediante análises da forragem e dos tecidos animais (Laredo, 1980). Os suplementos minerais preparados especificamente segundo as necessidades produziram os mesmos efeitos na produção, pela metade do custo.

Conclusões

No caso do gado em regime de pasto, no qual não é econômico o arração com concentrados, é preciso depender da ingestão livre de suplementos minerais. Vários fatores influem no consumo voluntário de misturas de minerais. O gado va-

cum tem pouco instinto nutricional e preferirá as misturas apetitosas às que foram realmente concebidas para satisfazer suas necessidades. Com frequência utilizam-se estimulantes do paladar e do apetite a fim de obter um consumo mais uniforme e generalizado em todo o rebanho.

O melhor é formular misturas de eleição livre para o consumo, baseadas em análises e outros dados disponíveis. Mas quando não se têm informações sobre a existência de minerais, convém utilizar suplementos minerais completos em um regime de livre eleição. Os minerais suplementares são necessários sobretudo durante a estação úmida, quando o gado aumenta de peso rapidamente e dispõe de calorias e proteínas suficientes. A rentabilidade dos suplementos minerais é elevada.

— McDowell, L. R.; Ellis, G. L.; Conrad, J. H. — Suplementos minerais para el ganado de pastoreo en las regiones tropicales. *Rev. Mundial de Zoot. Roma*, (52): 2-12, 1984, 27 refs.

Nota da R.: Os autores pertencem ao Departamento de Zootecnia da Universidade da Flórida, Gainesville, Flórida, EUA. Este artigo (Florida Agricultural Experiment Station Series n.º 4879) é baseado em investigações financiadas pela Agência para o Desenvolvimento Internacional que elabora estudos em cooperação sobre a importância dos minerais para o gado em regime de pastejo de 25 países tropicais (inclusive o Brasil). McDowell, dentre muitos trabalhos publicados importantes é autor do conhecido livro-texto "Improvement of livestock production on warm climates" editado em 1972 por W. H. Freeman & Company, São Francisco, EUA.

4M - GUZERÁ - 4M

A nova opção



JURAMENTO D.X

Juramento DX
Grande Campeão Nacional de 1985
 36 meses — 920 kg
Quatro Meninas
Agro-Pecuária Ltda.
Fazenda de Areas
 BOA SORTE — Município: Cantagalo - RJ
 Tel.: 7 (via 101)
 Rio (021) 210-1203 e 245-0980

A segurança da radiação

A radiografia é um instrumento indispensável para o diagnóstico das doenças, embora cheia de perigos se empregada sem os devidos cuidados. Os autores deste trabalho descrevem as precauções que podem minorar os riscos de danos somáticos e genéticos para as pessoas que operam o equipamento radiográfico. Trata-se de trabalho vindo a lume em outubro de 1980, mas ainda importante no momento em que se discutem os vários problemas relacionados com as radiações ionizantes.

A segurança da radiação e os efeitos da radiação ionizante são de grande importância para todos, especialmente quando nosso país (EUA) está usando reatores nucleares como fonte alternativa de energia para vários fins. Muitas pessoas não deixam de reconhecer que a radiação ionizante pode causar efeitos somáticos e genéticos adversos. Também se admite que há uma dose limiar para os efeitos genéticos, vale dizer, a alteração do material genético pode ocorrer em decorrência de qualquer exposição às radiações.

A existência de uma dose limiar para os efeitos somáticos, ou sejam, os efeitos que alteram o corpo durante o curso da vida, ainda é matéria debatida. Os resultados de pesquisas recentes sugerem a existência de um sub-grupo de pessoas na população geral que é particularmente vulnerável aos efeitos da radiação ionizante. Esse sub-grupo pode ter limiares mais baixos para os efeitos somáticos da radiação ionizante que a população geral. Devemos decidir, pois, se o risco da exposição em lide é equivalente aos benefícios auferidos com o uso da radiação, especialmente quando à exposição é contraindicada durante o curso de radiografias de animais. Também devemos verificar se as pessoas que trabalham com aparelhos de diagnóstico radiográfico contam com meios para a realização de trabalhos seguros.

Logicamente, o tempo de exposição a determinado conjunto de circunstâncias determina a possibilidade de ocorrerem danos com potenciais efeitos adversos. Por exemplo, os motoristas de ônibus sofrem de problemas da coluna e também têm uma probabilidade mais alta de acidentes pelo demorado tempo em que dirigem os veículos. O motorista de ônibus usualmente está bem ciente desses problemas potenciais de seu trabalho, mas sente que o benefício de obter maiores ganhos de salário leva ao risco de ter uma "má coluna" ou ser acidentado. Também há riscos inerentes a coisas tais como o uso de álcool. Nos EUA o consumo de bebidas alcoólicas está associado com aproximadamente 50% dos acidentes fatais em rodovias, 25 000 mortes e 800 000 acidentes anualmente. Aqui o benefício não é evidentemente a obtenção de maior salário, mas sim o prazer de beber e o risco é o aumento da probabilidade de acidentes.

Quando a radiação ionizante é usada para fins de diagnóstico em Veterinária os benefícios são o ganho de informações para diagnóstico e o lucro realizado. O risco é o potencial de induzir aberrações genéticas ou somáticas no animal e na pessoa que contém o animal quando se usa a contenção manual. Devemos decidir se o benefício do diagnóstico se sobrepõe aos riscos potenciais associados à radiografia.

Alguns profissionais que usavam fluoroscópios de cabeça ou fluoroscópios sem intensificação das imagens, nos anos 30, 40 e mesmo 50 tiveram subsequentemente queimaduras provenientes de radiação ou câncer. A exposição recebida por essas pessoas estava bem além da dose mínima permissível e bem distante daquela correntemente experimentada por alguém que faça radiografias de acordo com as recomendações de segurança e as seguintes sugestões:

- As pessoas com idade inferior a 18 anos e as mulheres gestantes não devem permanecer na sala de raios-X quando o animal é radiografado. Contudo, admite-se que essas pessoas fiquem fora da sala, mas em uma cabina de controle. Elas podem assistir a operação de um gerador de raios-X desde que a referida cabina atenda aos padrões de segurança contra as radiações relativas à blindagem e área controlada.

- O equipamento de raios-X será verificado por um técnico em segurança de radiações em intervalos regulares, de preferência anualmente. O profissional precisa ficar seguro de que o equipamento funciona propriamente e não apresenta fendas no tubo que contém os raios-X ou colimador e que podem ocasionar o escape da radiação além de níveis permissíveis.

- O colimador funcionará adequada



TOURINHO 3/4 MARCHIGIANA - NELORE
ZAIRO DE ITAPEVA
REG. A7636 - NASC. EM 14.12.83

DESENVOLV. PONDERAL

IDADE DIAS	AO NASCER	205	365	550	730
PEBO KG	38	355	528	724	901
GANHO DIÁRIO KG/DIA	—	1,563	1,352	1,252	1,187

MAIS CARNE EM MENOS TEMPO MARCHIGIANA - NELORE FAZENDA CERRADO DE CIMA ISRAEL SVERNER

ITAPEVA - SP - km 266 da Rodovia SP 258
ENTRE CAPÃO BONITO E ITAPEVA

**SELEÇÃO E VENDA DE REPRODUTORES
MARCHIGIANA PO E CRUZADOS 7/8 E 3/4**

INFORMAÇÕES:

EM SÃO PAULO: (011) 247-8995

TELEX 011.22388

EM ITAPEVA: (0155) 22-1916 e 22-1866 - Ramal 24

À NOITE (0155) 22-1423

mente e o feixe de raios-X será limitado à área de interesse. É impróprio ou desnecessário usar um grande campo de radiação para radiografar uma pequena área, por exemplo, usar um campo de radiação de 25,4 cm x 30,5 cm quando o tamanho da "cassette" é de 20,3 cm x 25,4 cm.

- Com o uso de um campo excessivamente amplo, a exposição do pessoal e do paciente aumenta e a imagem radiográfica é degradada devido à dispersão da radiação produzida.

- Do ponto de vista de uma radiação segura, a radiografia boa mostra a colimação do feixe sobre todos os lados da radiografia. Somente os aparelhos com um colimador de localização de luz será utilizado para radiografias de pequenos e grandes animais. Este colimador permite a localização fácil do feixe de raios-X em uma área de interesse. Os aparelhos mostrados nas Figs. 1, 2 e 4 têm esses colimadores e o da Fig. 5 não o tem. Os colimadores sem essas características serão substituídos pelos que as têm. Usualmente podem ser obtidos dos fabricantes desses aparelhos.

- Os animais a serem radiografados devem ser contidos quimicamente ou mediante meios tais como fitas, sacos de areia ou almofadas de espuma, desde que isso possa eliminar a necessidade de ter alguém na sala durante a exposição.

- Sendo contraindicada a contenção química e o animal não fica em posição, a despeito da contenção mecânica, é necessário usar a contenção manual e luvas. O pessoal deve usar um avental e luvas protetoras ao conter manualmente um animal. O avental e as luvas devem ter espessura equivalente a 0,5 mm de chumbo, em outras palavras, embora alguns Estados permitam aventais mais finos. O uso de aventais em forma de jaqueta ou abrigo esporádico é recomendado caso as partes laterais ou dorsal da área estejam sendo radiografadas. Infelizmente a maioria dos aventais são vendidos com fechos na frente, o que diminui sua capacidade caso fiquem presos a eles cabelos ou fios diversos.

- O pessoal que possa ficar exposto deverá usar um dosímetro ao nível da gola ou por fora do avental (Fig. 1). Em tais circunstâncias eles têm parte de seu corpo (inclusive mãos) dentro da área do feixe primário de raios-X. Os operadores deverão ficar o mais longe possível, fora do feixe primário, não agachados sobre o animal e não segurar o paciente ao longo de seus braços. São precauções à mais, o uso de óculos próprios, impregnados de chumbo, para proteger os olhos e golas também impregnadas de chumbo para proteger a glândula tireóide. O uso de barreiras de chumbo, móveis, com orifícios para introduzir e acomodar os braços permite a contenção manual com pouca exposição do pessoal (Fig. 2). O uso deste dispositivo é muito recomendado caso a contenção manual deva ser usada comumente. Os dispositivos para sustentação da "cassette" para exposições a feixes horizontais serão usados de sorte que o chassis não precisa ser mantido à mão

ou colocado em uma posição precária, onde pode mover-se durante a exposição.

- Os grandes animais serão sedados antes da exposição radiográfica, se necessário. Muitas radiografias de cavalos não tranquilizados são arruinadas pelos "artefatos" decorrentes da movimentação e inquietude do animal quando a chapa é exposta aos raios. A cassette nunca deve

Fig. 1 A. Técnica imprópria para a contenção manual de um animal. Conquanto a pessoa esteja usando um vestuário adequado e dosímetro (seta) ela se acha agachada sobre o paciente o que aumenta sua exposição e a possibilidade de ficar sob a ação do feixe primário de radiação. As radiografias são aplicadas sobre nós de sorte que uma parte da cabeça do assistente é vista na radiografia!



Fig. 1 B. Técnica adequada para contenção manual. O operador está com um vestuário protetor, inclusive óculos de chumbo e um dosímetro e se mantém o mais longe possível do feixe primário. A exposição à radiação dispersa nesta posição é de 40%, aproximadamente, daquela em que o operador segura o animal como em 1 A.

ser segura à mão, mesmo pela mão enluvada. O uso de uma alça em forma de U, que possa ser confeccionada por um ferreiro ou adquirida, permite que a pessoa que posiciona o chassis permaneça fora do alcance do feixe primário (Fig. 4).

- O uso de biombos "high-speed" ou "rare-earth" é recomendado para minorar a quantidade de radiação requerida para se obter uma imagem adequada; o uso de tais anteparos também diminui a potencialidade da formação de "artefatos" no momento e a exposição do pessoal. Os biombos "high-speed" são mais receptíveis que os "slower" e podem produzir alguma perda de detalhe da imagem. Contudo e em muitos casos, a quantidade de degradação da imagem não é suficiente para originar dificuldades de interpretação diagnóstica. Os AA. usam anteparos Lanex (rare-earth) em sua atividade.

- Os aparelhos portáteis nunca deverão

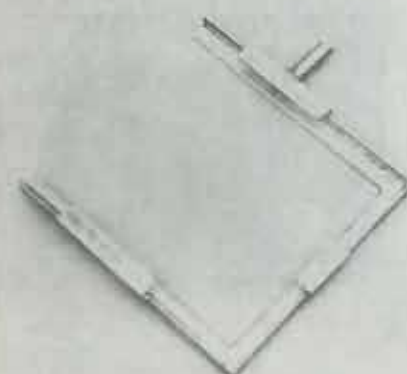


Fig. 4 A. Suporte da cassette feito em forma de U para uso em grandes animais.



Fig. 4 B. Técnica imprópria; a cassette não deve ser sustentada pela mão pois isso coloca essa parte da pessoa dentro do feixe de radiação primária. Além disso, esse lado está desprotegido devido ao tipo de avental utilizado. Uma jaqueta tipo esmalto esportivo deve ser usado nesta situação.

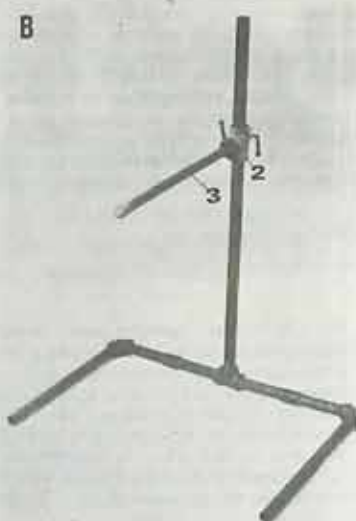


Fig. 3 A. Um suporte do chassis bem feito.



Fig. 3 B. Animal em posição para radiografia em feixe horizontal e usando a contenção manual; 1 = abrigo do tubo de raios-X e 2 = suporte da cassette.



Fig. 2 A. Vista de frente de uma barreira móvel com chumbo. Ela foi adaptada para uso na contenção manual mediante orifícios, de sorte que os braços do operador passam confortavelmente através da barreira. A janela de vidro com chumbo permite visualizar o paciente; note-se que o vestuário protetor e o dosímetro estão presentes por serem necessários. O sistema é preferido pelos AA, quando é necessária a contenção manual.



Fig. 2 B. Vista lateral da barreira móvel de chumbo.

Saúde tem nome

AV. BRIG. FARIA LIMA, 1857 - 8ª and. CJ 505 - FONE: 814-4622 - SÃO PAULO

CRED MED

ASSESSORIA DE VIDA E SAÚDE



Fig. 4 C. Embora usando um suporte da cas-
sette em forma de U para manuseio a curta
distância, a pessoa ainda se arrisca porque late-
ralmente permanece desprotegida pelo avental.



Fig. 4 D. Usando uma extensão do braço de
cassete o operador pode mover-se
para fora do feixe primário e tomar posição
segura. O modo a proteger-se com o avental. O uso
de óculos tratados com chumbo é recomendável.

er seguros quando em uso. As especifi-
cações dos aparelhos de raios-X informam
que eles não deixam escapar mais do que
uma certa quantidade de radiação. Não é
possível atenuar completamente os raios
e o aparelho é mantido no colo e a quan-
tidade de exposição da pessoa assim co-
mo o grau de movimento que aumenta os
"artefatos". Deve-se ter uma estante que
pode ser adquirida do fabricante do apa-
relho (Fig. 5). É vantajoso ficar pelo me-
nos 1,62 m atrás do aparelho de raios-X
para fazê-lo funcionar. Convém ter um fio
para as exposições operadas à distância.

Conclusão

A radiação ionizante pode ter um efeito
prejudicial sobre o ser humano e os ani-
mais e o potencial desses efeitos aumenta
com o incremento da exposição. Contudo,
o equipamento funciona apropriadamente,
se o feixe radiográfico é limitado
e de interesse, se forem usadas com-
binações de filme rápido e anteparo; se
é utilizada a contenção química quando
necessário e se forem usados aventais e lu-
tas protetoras; se a exposição for con-
trolada, os riscos potenciais da radiação
podem ser eficientemente controlados.
Como veterinários radiologistas, os AA
estão empenhados na segurança das ra-



Fig. 5 A. Técnica imprópria. O
aparelho de raios-X não deve
ser seguro durante o uso, pois
isso aumenta a exposição do
operador e também a chance de
aparecerem "artefatos" por mo-
vimentos. Este colimador (1)
não é do tipo de localização de
luz e deve ser substituído.



Fig. 5 B. Estante para manter o
aparelho de raios-X que pode
ser feita com um tubo de 1/2
polegada. O aparelho é suspenso
pelo braço (3).

dições e não podem negligenciar a quan-
tidade de exposição que recebem. Os pro-
fissionais desta área devem ter conheci-
mento dos riscos do uso do equipamento
radiográfico. Face os atuais conhecimen-
tos sobre a segurança da radiação, não se
deve experimentar o risco da exposição
aos excessos da radiação, além dos bene-
fícios dos processos de segurança da ra-
dição, tal como foram resumidos.

Quadro 1. Exposição relativa requerida
para produzir a mesma densidade da
chapa (escurecimento) em várias com-
binações de chapa e anteparo

Combinação chapa-anteparo	Exposição relativa
Chapa sem anteparo	10
Detalhe chapa anteparo-regular	3
Chapa anteparo-regular média	1
Chapa anteparo-rápida média	1
Chapa anteparo "high-speed". regular	1/2
Chapa anteparo "high-speed". rápida	1/2



Fig. 5 C. Esta parte do suporte é feita
por um ferreiro e soldada à porca (1)
por uma manga (2). O braço pode então
ser levantado ou abaixado mediante a
manga e apertando a cavilha (4).



Fig. 5 D. Técnica apropriada. O apa-
relho de raios-X é fixado na estante e o ope-
rador mantém-se a 1,80 m por detrás do
aparelho. O colimador deste aparelho não
é do tipo de localização de luz e deve ser
substituído.

Note-se que com o uso de anteparos de
alta velocidade e filme rápido, a exposi-
ção requerida é somente 1/4 daquela ne-
cessária para um sistema de anteparo mé-
dio. O uso de um sistema de velocidade
rápida ajuda a diminuir os artefatos de-
vidos aos movimentos e a exposição do
pessoal e do paciente.

— Rendano, Victor T. & Waltrous, Bar-
bara J. — Radiaton safety. Mod. Vet.
Pract. 61 (9): 750-4, 1980.

Nota da R.: Ambos os AA. pertencem ao
Colégio Estadual de Medicina Veterinária
de Nova Iorque, Universidade Cornell,
Ithaca, N.Y., EUA.

Infecções por herpesvirus dermatotrópico em bovinos

Desde 1963 o herpesvirus dermatotrópico (dermatopático) dos bovinos vem sendo reportado como causa de lesões cutâneas, principalmente do úbere e das tetas. A mamilitite foi vista primeiramente na Inglaterra em 1964 e, subsequentemente, citada na Escócia, Irlanda e Itália. Em 1970 o primeiro vírus, relacionado com a doença nodular da pele, caracterizada por lesões semelhantes àquelas da doença nodular cutânea comum na África, foi relatado em Minnesota. Em 1971 uma infecção ulcerativa, vesicular, da pele do úbere e das tetas foi identificada no Estado de Nova Iorque. Os resultados de um levantamento sorológico para infecção por vírus dermatopático bovino nos EUA foram apresentados em 1972. Detectaram-se anticorpos neutralizantes no soro para o herpesvirus dermatopático em 30% de 706 amostras de soro testadas em gado de Minnesota. No mesmo levantamento, 11,5% de 200 amostras de soro em gado da Virgínia eram positivas.

O herpesvirus da mamilitite bovina da Inglaterra, o herpesvirus dermatotrópico de Minnesota e o vírus Alberton que causa a doença nodular da pele na África foram considerados idênticos em 1977. Outro herpesvirus dermatotrópico sorologicamente distinto do herpesvirus da mamilitite foi reportado em 1977 como causa

da dermatite pustular mamária em gado nos Estados de Iowa e Dakota do Sul nos EUA.

• **Mamilitite do herpes bovino.** As vacas leiteiras em lactação, as não lactantes, as novilhas prenhes e as bezerras lactantes são afetadas pela mamilitite do herpes bovino. Os animais em lactação apresentam lesões no úbere e perineo. A extrema sensibilidade das tetas torna a ordenha muito difícil. Os bezerros de mama apresentam lesões na boca. Na Inglaterra e Escócia foi reportada a ocorrência sazonal da doença.

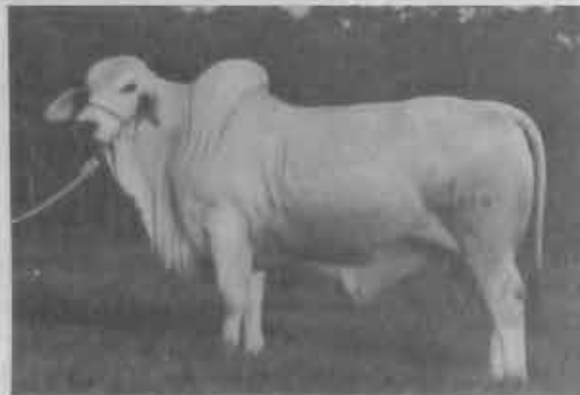
Os achados clínicos incluem a existência de uma placa de 1-2 cm de diâmetro, circular, que se cria na teta, causando o espessamento do canal desse órgão. A área da placa sofre necrose resultando em uma úlcera com bordas irregulares e a base eritematosa. Subsequentemente forma-se uma crosta escura e espessa. As lesões podem ter o mínimo de crostas e permanecerem unidas por prolongado período de tempo devido à irritação mecânica ocasionada pelas teteiras da ordenhadeira mecânica. Em algumas vacas toda a teta se torna inchada e coberta de pele necrosada inflexível e seca. No úbere as camadas superficiais da pele ficam necrosadas e se depreendem. As lesões podem persistir por um mês.

As bezerras lactentes, mamando em tetas infectadas apresentam úlceras e lesões necróticas circulares no espelho nasal. O eritema da mucosa gengival também é citado.

A mamilitite do herpes bovino tem sido produzida experimentalmente. O período de incubação variou de 4-8 dias usando injeções endo-venosas ou intradérmicas. As lesões permaneceram infecciosas após a inoculação por 1 até 10 dias. Foi associado alto grau de infectividade com o líquido da lesão e o dano da pele. A inoculação intradérmica em vacas somente produziu lesões locais. Os bezerros inoculados intradermicamente apresentaram lesões locais e generalizadas, bem como febre. Lesões sediadas no pescoço, lábios, focinho, entrada do peito e espáduas apareceram após a inoculação endovenosa. As lesões de teta e de úbere foram notavelmente ausentes, mas observou-se um pouco de febre.

Os estudos epizootológicos na Inglaterra revelaram que os animais mais novos são mais frequentemente afetados embora nem todos os mais velhos sejam imunes ao herpesvirus da mamilitite. A proporção média de animais afetados por rebanhos na Escócia foi de 50%. Um período de até 7 semanas decorreu entre a infecção do primeiro e do último animal afetado, com a média de 2-4 semanas.

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL



Ciclone de Tabapuã T-K 5820
734 kg aos 24 meses

TABAPUÃ

Se você quer peso, você quer TABAPUÃ, a raça feita para o Brasil: rusticidade, fertilidade e precocidade. Venha à origem do TABAPUÃ: Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã, Estado de São Paulo.

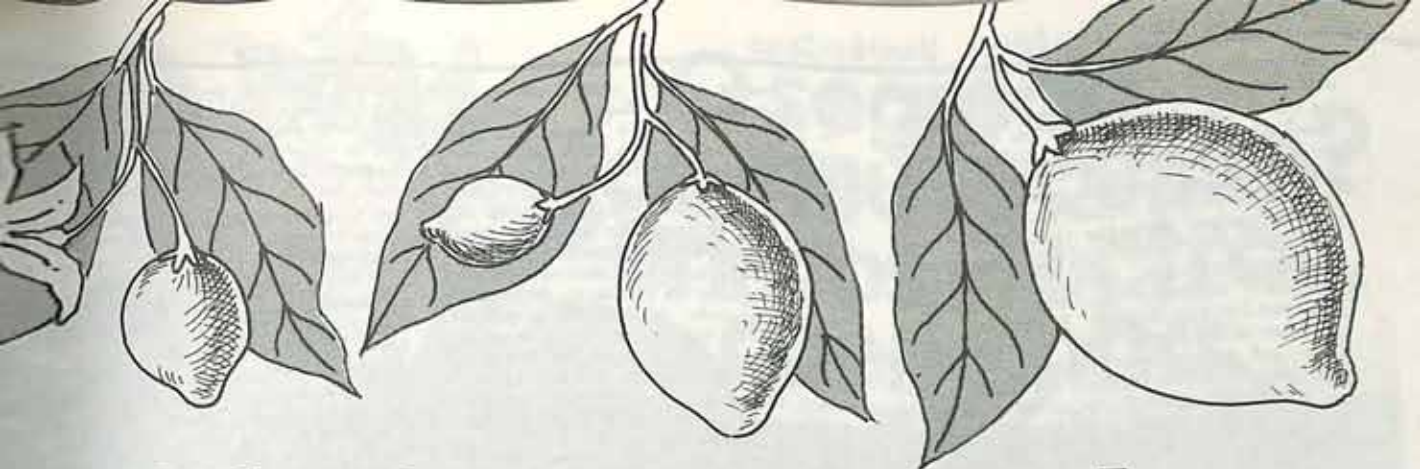
Dr. ALBERTO ORTENBLAD

Fazenda Água Milagrosa
C. Postal 23
15.880 - Tabapuã - SP
Tels.: (0175) 62-1117
PABX

Filial em MS: Granja Ipanema
Rodovia Campo
Grande - Cuiabá, a
40 km de Campo Grande
Tel.: (067) 624-6138

Escritório no Rio:

Rua da Assembleia, 92, 10.º and. — Rio de Janeiro, RJ



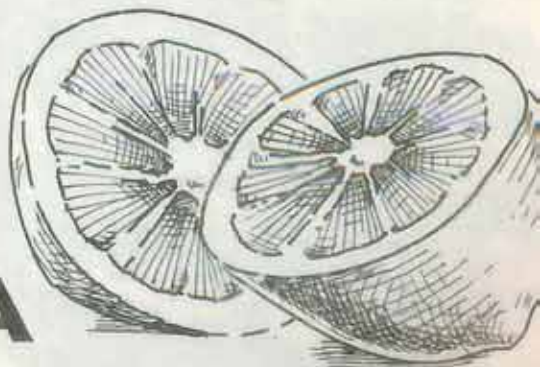
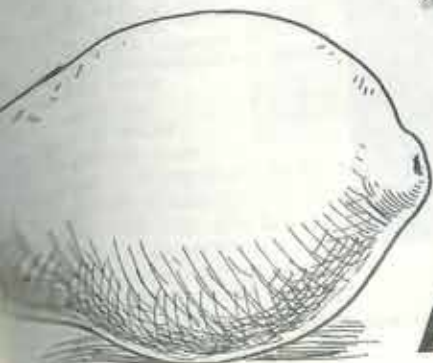
**Plante seu anúncio
no Suplemento Agrícola.
Você vai colher bons
resultados.**

PROPRIEDADES RURAIS ATINGIDAS (*)	
Suplemento Agrícola	89.713
D. Rural	35.918
A Granja	17.943

*Fonte: Pesquisa: "O Homem do Campo" - CBB & A

Para anunciar, peça
detalhes pelos telefones
856-2555 e 856-2556
(Depto. de Publicidade).

SUPLEMENTO
AGRICOLA
O ESTADO DE S. PAULO



O modo de transmissão da doença não está provado. A transmissão mecânica pelas máquinas de ordenhar ou pelos ordenhadores são as maneiras mais prováveis de disseminação em rebanhos leiteiros. Os insetos vetores podem transmitir a doença em rebanhos com vacas em lactação. Alguns rebanhos afetados tiveram a doença em animais introduzidos, mas outros eram rebanhos fechados. Nas infecções experimentais o contágio mediante contacto direto não foi verificado. É possível que as novilhas alberguem uma infecção inaparente até serem estressadas pela parturição. O desenvolvimento de lesões nas tetas e úberes parece requerer a traumatização da pele para permitir a entrada do vírus.

O diagnóstico definitivo da mamilita do herpes bovino baseia-se no teste de neutralização, isolamento e identificação do vírus que são feitos por limitado número de laboratórios de diagnóstico dos EUA. As biopsias de lesões agudas nas tetas e úberes revelam a inclusão de corpos intranucleares de vírus 1 a 4 dias após o aparecimento das lesões.

O tratamento da mamilita bovina por herpes é paliativo. A aplicação de cremes emolientes antes da ordenha e de loções adstringentes, após a ordenha têm sido recomendadas. A pomada de Whitfield e o sulfatiazol a 10% podem ser tentados. Têm-se relatado as propriedades anti-herpéticas do idoxiuridina. Preparações com tópicos desse fármaco têm pouco ou nenhum efeito em lesões de pele do ser humano. Portanto a utilidade potencial da idoxiuridina no tratamento da mamilita bovina por herpesvirus é mínima, mas os resultados de provas terapêuticas específicas não têm sido relatadas.

• **Dermatite pustular mamária.** Um herpesvirus sorologicamente indistinguível da linhagem DN 599 do herpesvirus bovino causa a dermatite purulenta mamária. A doença caracteriza-se pela formação de numerosas vesículas e pústulas com 1-10 mm de diâmetro, nas faces laterais e ventral do úbere. Algumas vesículas podem unir-se, há ulceração e formação de crostas após ruptura das vesículas. As escaras se formam após velhas lesões cicatrizadas. A principal diferença que distingue a mamilita bovina por herpesvirus e a dermatite pustular é a ausência de lesões nas tetas na última doença. Também, somente vacas em lactação são mencionadas como afetadas pela referida dermatite. Alguns animais sofrem recidivas após a parturição. A dermatite pustular mamária é uma doença muito mais benigna e raramente produz perdas econômicas, ao passo que a mamilita bovina herpética pode ser grave.

• **Diagnóstico diferencial da infecção por herpesvirus dermatotrópico dos bovinos.** Vários diagnósticos diferenciais devem ser considerados com as doenças virais dermatotrópicas dos bovinos. A varíola bovina, por exemplo, é caracterizada clinicamente por poucas lesões individuais pequenas e severas das tetas e partes mais baixas do úbere.

As lesões das tetas e do úbere motivadas pela febre aftosa estão associadas e esta doença que tem suas características pró-

prias. Nem a varíola, nem a aftosa têm sido registradas nos EUA.

A pseudo-varíola é o diagnóstico diferencial mais comum nos EUA. Ela se dissemina lentamente pelo rebanho e tem uma taxa de morbidade de até 100%; contudo, usualmente somente 5-10% dos animais são afetados ao mesmo tempo. Ocorre em vacas em lactação. As lesões agudas são inicialmente caracterizadas por eritema, seguido da formação de uma vesícula ou pústula. As pústulas se rompem dentro de 48 horas e se formam crostas sobre as vesículas rupturadas. O tecido de granulação se desenvolve por baixo da crosta, deixando um ganuloma semelhante a uma verruga. A pseudo-varíola é transmissível ao homem.

O impetigo do úbere causado pelo *Staphylococcus* sp é caracterizado inicialmente pela formação de pústulas de paredes

delgadas somente no úbere, usualmente perto da base das tetas. A fossensibilização causa uma lesão eritematosa mais difusa e exfoliativa, com severa irritação das partes laterais das tetas; não se observaram lesões, mesmo discretas.

O herpesvirus dermatotrópico bovino e outras infecções de pele por vírus são provavelmente mais comuns do que se sabe ou é relatado nos EUA.

— Nesbitt, Gene H. — Bovine dermatotropic herpesvirus infections. *Mod. Vet. Pract.* 61 (9): 751-3, 1980.

Nota da R.: O A. pertence ao Centro Médico de Animais de Nova Iorque, EUA. O herpes foi durante algum tempo confundido com a tinea tósurante e daí o nome de herpes tósurante, transmissível ao homem e atacando outros animais (cavalos, bois, cão e gato).



Fig. 1. Lesões da mamilita por herpes bovino, notando-se as múltiplas úlceras com base eritematosa.

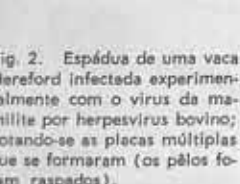


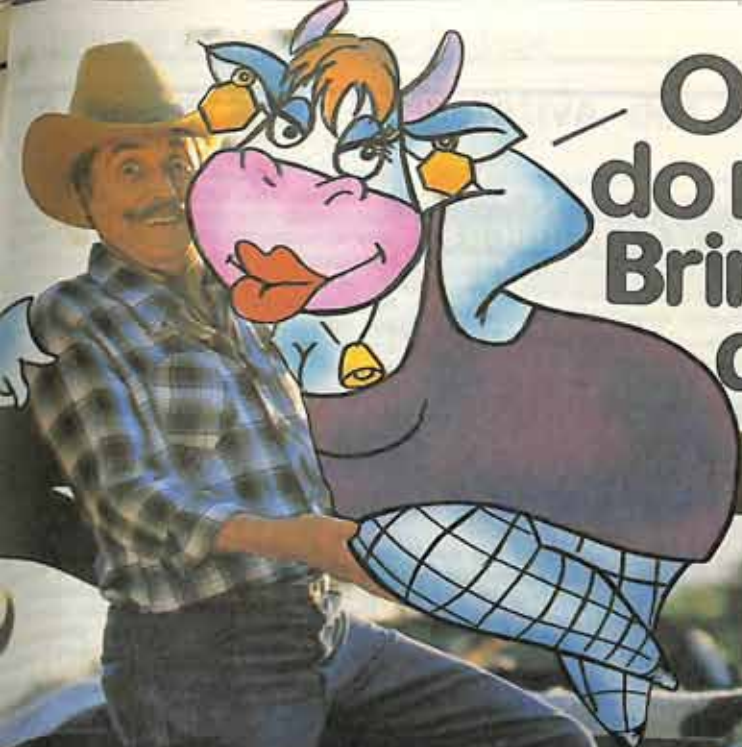
Fig. 2. Espádua de uma vaca Hereford infectada experimentalmente com o vírus da mamilita por herpesvirus bovino; notando-se as placas múltiplas que se formaram (os pelos foram raspados).



Fig. 3. Lesões de úbere de dermatite pustular mamária, notando-se as pústulas e escaras das lesões que sararam.



O segredo do meu sucesso? Brincos Flectron, queridinha.



Teste de Flectron em gado leiteiro
Local: 3 Fazendas / Minas Gerais
Período: set. / nov. - 1985 (90 dias)



Os testes não deixam dúvida. Graças a Flectron, a produtividade aumentou em 12%. Isto é: Flectron é muito mais lucro para o produtor.

...ocê não reparou
...us brincos
...São os brincos
...icidas Flectron.
...lectron é muito
...o que
...cia. Na hora de
...ir leite, por
...lo, é simples-
...fantástico. E não
...que estou
...os testes
...ados no Brasil
...ovam que
...uinhas que usam
...on têm uma
...ção leiteira
...maior. E sabe
...e Flectron me
...assim? Porque acabou com
...as moscas chatérrimas que
...me rondando. Eu não podia
...comer e beber sossegada!
...moscas ainda me enchiam
...ridas e doenças horroasas:
...bicheira, mastite e conjunti-
...que pode até cegar.

meu patrão. Porque desde que eu passei a usar Flectron, os lucros dele ficaram enormes. Por isso, se você pretende ser uma vaquinha de sucesso, berre para o seu patrão lhe dar os brincos mosquicidas Flectron. Com Flectron, você pode até

Mas agora, com Flectron, eu estou outra. As moscas pararam de cansar a minha beleza e, imagine, até os carrapatos diminuíram, espachando o tempo entre os banhos de carrapaticida que eu tomava. Estou saudável, tranqüila e bem alimentada — e posso fazer muito mais leite.

não ficar tão irresistível quanto eu. Mas a sua produção de leite vai ficar um amor.

PEARSON

Pearson Indústria e Comércio Ltda.
Rua Viúva Claudio, 150 / 160 - CEP 20970
Rio de Janeiro. Tel.: 261-4712



Notas Zootécnicas

Gêmeos bovinos nascidos com diferenças de dias

Um criador estranhou o fato de nascerem dois bezerros da mesma vaca com o intervalo de oito dias.

O Dr. L. C. Albertson, editor da *Coluna Veterinária* da revista *Hoard's Dairyman* informou o seguinte, a respeito:

O nascimento de gêmeos com oito dias de diferença acontece, embora raramente. Isto ocorreu em suas atividades profissionais três vezes em um ano. Uma das va-

cas que pariu dois produtos com um número de dias entre os partos apresentava duas cervixes uterinas, dois corpos de útero, sendo cada conjunto conectado ao correspondente ovário. As outras duas vacas tinham aparelhos reprodutivos aparentemente normais.

Quando os intervalos ocorrem dentro de oito dias há duas placentas completas, dois fêtos e duas alantóides. O nascimento de um bezerro assegura que o de

outro ocorrerá. Isto parecia duvidoso até que aconteceu três vezes e depois teve-se notícias de outros casos semelhantes.

De qualquer forma o criador deve solicitar a seu veterinário que examine a genitália da bezerra nascida (se o outro produto for macho) para verificar se não se trata de uma "freemartin", o que se deve ao fato de ter havido anastomose de vasos sanguíneos (H.D. 130 (14): 825, 1983).

As vacas são mais sensíveis ao calor durante a lactação

Temos verificado que as condições extenuantes do calor diminuem as taxas de concepção e a produção de leite das vacas. A temperatura elevada do corpo, uma medida da tensão pelo calor nos animais, pode reduzir a sobrevivência do embrião em desenvolvimento, a produção e mesmo a qualidade do leite. Todavia, as temperaturas corporais diferem segundo a fase da lactação no momento da ordenha?

Pesquisadores da Universidade do Havaí mediram as temperaturas vaginais de 15 vacas Holstein, estando os animais colocados em três grupos de 5 indivíduos cada: 1. em início da lactação (mais ou menos com 100 dias após o parto); 2. no fim da lactação (com mais de 240 dias de lactação); e vacas secas.

As temperaturas dos animais e do am-

biente foram registradas a cada 15 minutos num período de 17 dias. Nos dias mais quentes as vacas lactantes apresentaram temperatura corporal mais elevada do que as vacas secas, durante a maior parte do dia. Nos grupos situados no começo e no fim da lactação as temperaturas foram mais baixas após a ordenha. (H.D. 130 (14): 796, 1983).

Falta de ruminação indica problemas

Uma vaca leiteira gasta 11 horas por dia ruminando seu bolo alimentar e para tanto produz cerca de 38 l de leite nesse espaço de tempo. Essa grande quantidade de saliva agindo como substância "tampão" mantém o estado da ruminação.

Em um lote de vacas em repouso, vê-se que mais da metade delas está mascando em um determinado momento. Se elas permanecerem de pé parece haver descon-

fôrto e devem estar sofrendo de acidose, devido ao excesso de amido em sua ração. As vacas gostam dos alimentos fibrosos.

Para corrigir a acidose, o criador deve dar às vacas bicarbonato de sódio, mas isso é apenas um paliativo.

Os problemas alimentares das vacas são melhormente resolvidos mediante minia-tração de forragens colhidas tenras e de alta qualidade. Entretanto, uma forragem

muito rica em qualidade como a silagem menos úmida de alfafa (haylage), finamente picada pode deixar de proporcionar um efeito suficiente para a ruminação. Uma boa mistura de grãos pobre de amido também pode ser dada. A ração deve incluir alimentos grosseiros como as cascas de soja, glúten de milho, cevada achatada, milho e sabugo moídos na mistura de concentrados. (H.D. 130 (14): 796, 1983).

A refrigeração evaporativa dos animais é compensadora

Na Universidade do Arizona, EUA, realizaram-se testes no verão para verificar o comportamento das vacas sob dispositivos dotados de sombra com refrigeração evaporativa. As vacas com esse tratamento tiveram suas produções aumentadas de 10% e as taxas de concepção elevaram-se de 50%. A análise econômica revelou que a produção de leite mais elevada, somente de maio a setembro pagou as despesas com a refrigeração do gado, inclusive as operações da manutenção.

Segundo D. Armstrong, especialista em extensão leiteira, o lucro com a refrigeração de 125 vacas durante 153 dias foi de 12 623 dólares. Houve, também menos

10% de refugagens. Os totais provenientes do ganho anual potencial foram de 6 000 dólares.

As taxas de concepção para as vacas refrigeradas foram 25% nos meses mais quentes em comparação a 13% para as não refrigeradas. Em outras palavras, 60% dos animais refrigerados ficaram prenhes em setembro em contraposição a 42% para as outras vacas. Armstrong calculou em 16 875 dólares o ganho potencial para isso.

A sombra de tipo evaporativo é obtida mediante água sob pressão muito elevada e ventiladores que sopram ar sobre os animais no abrigo do curral ordinário. Não

são usados forros e a água é esborrifada pela pressão, apanhada pelos ventiladores e soprada.

Dependendo da umidade, o refrigerador ocasiona uma diferença de 5,6 a 11,2°C na temperatura ambiente. O gado leiteiro é refrigerado todas as vezes que está sendo ordenhado ou quando sai da área sombreada para comer, usualmente à noite ou pela manhã.

O investimento por vaca corresponde a 350-375 dólares. Quando aplicado a um período de 5,5 anos a 13,5% de juros o custo operacional corresponde 12 721 dólares para 125 vacas. (H.D. 130 (14): 796, 1985).

Retenção dos testículos em bezerros

Qual a causa da retenção dos testículos e se há alguma correção para isso são perguntas que fazem os criadores.

Segundo H.E. Amstutz da Universidade de Purdue, EUA, os testículos retidos ou parcialmente retidos em touros são quase sempre considerados genéticos. É possível que um testículo parcialmente retido possa ser causado por um traumatismo, mas isso corresponde a uma extensa cicatriz no escroto para que se possa aceitar como causa e tal anomalia não foi verificada pelo referido profissional em seus 33 anos de prática.

A intervenção cirúrgica para colocar um testículo parcialmente descido em seu devido lugar no escroto tem sido efetuada, mas isso é considerado um procedimento anti-ético em Veterinária e evidencia fraude de parte do criador. Segundo os princípios de Ética Veterinária da Associação de Medicina Veterinária dos EUA "o desempenho de procedimentos cirúrgicos em todas as espécies com o propósito de ocultar defeitos genéticos em animais é anti-ético. No entanto, se a saúde ou o bem estar do paciente requerer correção desses

defeitos recomenda-se que o paciente seja tornado incapaz para a reprodução.

O referido Professor ainda não observou que o testículo parcialmente decido interfira com a saúde ou o bem estar de um touro; assim, ele não recomenda a correção cirúrgica dessa anomalia. Porém, ele duvida que o proprietário de um animal nessas condições possa resistir à tentação de puxar os testículos, desde que esses órgãos possam ser colocados eventualmente no local desejado.

O período pós-parto e a futura fertilidade de búfalas

Segundo El Azab, E.A.; Mansoun, H. e Heshmet, H. da Faculdade de Med. Vet. de Zagazig, Egito, a genitália de 21 búfalas foi examinada duas vezes por semana, a partir do terceiro dia pós-parto, até a involução uterina completa e o aparecimento do primeiro cio. Além disso, a função ovariana foi controlada mediante duas determinações semanais da concentração de progesterona no leite.

Os intervalos médios necessários para a involução completa foram de 35,3 ± 5,3; 27,8 ± 3,2 e 26,1 ± 3,3 dias para os cornos pós-prenhes, não-prenhes e a cerviz uterina, respectivamente. O corpo lúteo regrediu após 27,1 ± 11,1 e 19,7 ± 5,3 dias para as vacas com produção de leite elevada e baixa, respectivamente.

A progesterona do leite aumentou gra-

dativamente da 1.ª para a 4.ª semana (2,8-6,6 ng/ml) e atingiu seu nível mais baixo durante a 6.ª semana (2,2 ng/ml). Durante a 7.ª e a 8.ª semanas o nível elevou-se novamente.

Foi observado que o primeiro cio pós-parto foi de tipo silencioso em 17 dentre 21 búfalas.

ONIX DO RAPS

DENGO DE SANS SOUCI POR JÜPTER E EXPOENTE PASSA TEMPO

GÁS CÔRSEGA por GÁS SUCESSO e GÁS BRIGITE

RUBENS A. PINTO DA SILVEIRA

Recanto São José - Bairro do Portão - Atibaia SP. (011)271.0848
Seleção e Venda de Animais

CAMPOLINA

COBERTURAS À VENDA



CARPOTECA

A EPAMIG é a única empresa de pesquisa no Brasil que desenvolve projetos que procuram descobrir outras propriedades para as plantas consideradas daninhas. Boa parte deste trabalho está arquivado na Carpoteca da Empresa, ou seja, na coleção de frutos reservados para a pesquisa agropecuária. Funcionando ao lado do herbário, são encontrados os carpotes frutos comestíveis do cerrado mineiro, como a "pouteria torta" ou uma árvore chamada de "ambaré", que é largamente usada pelos pescadores do Vale do São Francisco, em Minas, para construção de barcos ou bóias, além de outras importantes plantas tóxicas e ornamentais.

A pesquisa realizada pela EPAMIG procura registrar as diversas formas de utilização destas plantas nativas pelas populações do meio rural, enfatizando o seu uso como medicamento e na alimentação. Mitzi Brandão cita, como exemplo, o "picão", uma planta cujas folhas substituem a couve no Sul de Minas, e o "dente-de-leão", que é utilizado como curativo para dorça dos rins e do intestino.

A MACAÛBA

A macaúba - uma palmeira com ampla utilização na produção de cosméticos e combustíveis - teve seu tempo de maturação reduzido de três anos para quatro meses, em experiências realizadas no Laboratório de Cultura de Tecidos da Epamig, em Uberaba. A responsável pela pesquisa, Ilza Maria Sittolin, explica que esta planta demora mais de três anos para germinar, o que limita o seu uso comercial.

Agora, é possível exportar as amêndoas retiradas do coco de macaúba e implantá-la no embrião da planta, permitindo que ela supere diversas fases de maturação. Com uma média anual de produção de 400 plantas transplantadas, Sittolin já acredita no êxito desta experiência.

Segundo ela, vários grupos privados consultaram a Epamig sobre a possibilidade de produzirem mudas de macaúba em escala comercial. Este interesse deve-se à qualidade dos óleos retirados desta planta, que são considerados nobres pelas indústrias de cosméticos e servem para produção de combustíveis.

URÉIA NA ALIMENTAÇÃO DE RUMINANTES

Os Estados Unidos utilizam anualmente entre 500.000 e 1 milhão de toneladas de uréia na alimentação de ruminantes, dependendo da relação de preços entre alimentos energéticos e proteicos, principalmente milho e torta de soja.

Não há diferença alguma entre a uréia pecuária ou fertilizante, fabricadas no Brasil pela PETROPÉRTIL. Ambas contêm pelo menos 45% de nitrogênio. Não é feita adição de nenhuma substância para tornar a uréia menos dura, o que é desnecessário.

O tempo de adaptação à uréia não depende somente do nível de uréia, mas também da forma de fornecimento. Quando a uréia é fornecida em rações completas ou misturada ao volumoso, de forma que seja consumida lentamente durante o dia, o período de adaptação pode ser muito mais curto do que quando fornecida junto com o concentrado, veiculado em apenas 2 ou 3 vezes ao dia.

Somente pode ocorrer redução de consumo de concentrado, por baixa palatabilidade, quando se utiliza mistura com 3% ou mais de uréia.

O risco de intoxicação só existe quando ocorre possibilidade de consumo de uma dose elevada de uréia em um curto espaço de tempo. Deve-se fornecer quantidade controlada de uréia para não ultrapassar o limite de fornecimento diário (40-50g/100 Kg peso vivo) e deve-se preferir as formas de fornecimento que permitam um consumo bem distribuído durante o dia, ou seja, uma ração completa ou em mistura com alimento volumoso, se dar preferência para o uso da uréia em rações completas, isto é em mistura com concentrados e volumosos. Esta prática elimina qualquer risco de intoxicação, além de favorecer um elevado aproveitamento da amêndoa liberada pelas bactérias do rúmen.

O uso de melão + uréia tem sido reduzido, pois o melão tornou-se caro por ser matéria-prima para produção de álcool.

Não há nenhum trabalho de pesquisa que comprove a necessidade de adicionar alguma mistura que contenha uréia.

Todos os animais ruminantes, inclusive ovinos e bubalinos po-

dem aproveitar o NNP. Não está identificada qualquer diferença de utilização do NNP entre Bos taurus e Bos indicus.

Ricardo Burgi, Engenheiro Agrônomo formado pela ESALQ 1979; M.S. em Nutrição animal e Pastagens pela mesma escola em 1985; Sócio-gestor da Plano Consultoria Agropecuária S/C Ltda.

PESQUISA BUSCA SOLUÇÕES PARA PASTAGEM DEGRADADA

Brasília (CPAC) - A região dos Cerrados conta hoje com aproximadamente 75 milhões de hectares em pastagens naturais e cultivadas. Desse total - segundo dados do IBGE de 1980 -, cerca de 24 milhões de hectares são utilizados com pastagens de gramíneas naturalizadas e cultivadas, sendo que o gênero *Brachiaria* tem a maior representatividade.

Apesar de ocuparem uma área significativa e de importância para a economia da região, as pastagens estão passando por um processo acelerado de degradação. O fato vem afetando grande número de pecuaristas, pois, nestas condições, a queda da produtividade torna-se inevitável - tanto a nível de quantidade como em qualidade de forragem, refletindo no ganho de peso dos animais.

No centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (EMBRAPA/CPAC), o pesquisador Alexandre Barcellos vem se dedicando ao estudo das patagens da região e está propondo algumas medidas para recuperar as áreas degradadas, além de evitar que este seja o fim das patagens que ainda se encontram com produção satisfatória.

"No processo de recuperação das patagens, faz-se necessário a adoção de práticas de mecanização combinadas ao uso de insumos. Os custos são variáveis em função dos níveis de degradação, mas as práticas de recuperação devem ser compatíveis com as condições e apresentado bons resultados. Quando empregada no período chuvoso, a gradagem - através do revolvimento do solo - promove um crescimento vigoroso e condições favoráveis para o desenvolvimento das novas plantas. Essa tem sido uma prática utilizada com êxito nos experimentos do CPAC e que está sendo recomendada pelos pesquisadores.

"Certamente existe muito a ser feito em termos de se obter uma solução viável e econômica para recuperação de pastagens degradadas. Um dos aspectos de fundamental importância para frear os crescentes processos, bem como dar um grande passo para a recuperação de pastagens, seria a conscientização de que as pastagens necessitam ser encaradas como culturas, exigindo portanto, cuidados compatíveis para processar os requisitos indispensáveis na manutenção da fertilidade do solo e da produtividade", conclui Alexandre. Maiores informações poderão ser obtidas no CPAC, no seguinte endereço: BR 020, Km 18 - CP 70.023 - CEP 73.300 - Planaltina - DF.

HERBÁRIO DE MINAS

Desde 1975, a EPAMIG - Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais vem organizando o mais completo herbário especializado em agropecuária do Estado, classificado entre os primeiros do País, com um acervo de cerca de 20 mil exemplares e que reúne plantas nativas forrageiras, melíferas, daninhas e frutíferas de cerrado e de outras regiões mineiras. Estas plantas são classificadas de acordo com suas espécies batizadas e registradas como nova variedade. Depois são introduzidas em campos experimentais para averiguar a possibilidade de utilizar estas novas vegetais nativos na alimentação humana e de animais. Só no último ano, mais duas forrageiras nativas, que podem ser usadas como pastagens, foram descobertas pelos pesquisadores da Empresa no cerrado mineiro.

Todo este acervo, composto em 70% de plantas forrageiras do cerrado, 10% de plantas daninhas, 10% de leguminosas e o restante de vegetais concentrados em outras regiões do Estado, está catalogado e arquivado no herbário e é utilizado para assessorar dezenas de projetos de pesquisa. O herbário da EPAMIG está registrado no "Index Herbariorum", órgão com sede na Alemanha Ocidental que controla todos os herbários do mundo. Segundo a responsável pelo herbário e sua fundadora, a botânica Mitzi Brandão, as pesquisas da EPAMIG não se resumem em catalogar as plantas encontradas no campo, mas procura estudar o comportamento destas vegetais em seus "habitats" naturais e desenvolvê-los em cultivos experimentais.

15 ANOS DE FUNDAÇÃO DA ABCCAN - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE CANCHIM

Em 11 de novembro, último, a ABCCAN - Associação Brasileira dos Criadores de Canchim, realizou um coquetel em comemoração dos seus 15 anos de fundação, ocasião em que o Sr. Diogo Presidente da Associação entregou os primeiros títulos dos associados do Cercanchim: Clube dos Estudiosos da Raça Canchim.

Na ocasião, compareceram muitos criadores da raça e personalidades como João Bosco Loureiro, Delegado Federal da Agricultura e Dr. Álvaro Pereira, da Embrapa, bem como o Sr. Marcos Ananias, Consul Honorário da República do Togo e Secretário Geral para o Brasil, do Clube da África.

A ABCCAN foi fundada em 11 de novembro de 1971 e, hoje conta com mais de 200 associados, espalhados por todo o território nacional. Em 09 de outubro de 1972, a ABCCAN recebeu o registro nº 25 do Ministério da Agricultura, sendo que o primeiro animal registrado passou pela mão do então Ministro Luiz Fernando Cime Lima. O livro genealógico encontra-se a Av. Francisco Matarazzo, 455, SP.

A história do gado Canchim no Brasil começa em 1940, quando da iniciação de um trabalho experimental na Fazenda Canchim, em São Carlos, SP, através de cruzamentos alternativos entre a raça francesa Charolês e Zebuína, para chegar ao Canchim (5/8 de sangue Charolês e 3/8 de sangue Zebu), de grande precocidade e rusticidade, com adaptação dos variados climas de nosso país e tipo de pastagens. O Canchim é a raça nacional de corte.

As pesquisas de São Carlos foram dirigidas pelos técnicos Antonio Teixeira Viana e Mário Santiago e iniciadas por particu-

lares como Agropecuária Jaboti e Fazenda São Jorge, com o mesmo êxito. Hoje, o total de Canchim registrados situa-se em torno de 32.865 reprodutores.

CAMARÃO GIGANTE DA MALÁSIA DÁ CERTO NA REGIÃO SUDESTE

Hoje em dia, muitas fazendas optaram pelo cultivo de camarões de água doce, principalmente no Nordeste, onde os camarões do gênero *Macrobrachium* se desenvolvem melhor em temperatura acima de 25°C. Porém é na região sul e sudeste, especialmente em São Paulo, que se encontram os maiores centros consumidores do País.

Mas, apesar da região sudeste estar sujeita a grandes variações térmicas (mesmo durante o verão), sem contar com o período de outono-inverno, que obrigaria as fazendas a ficarem inoperantes, muitas continuam arriscando a engordar camarões nesta região, e através de métodos não convencionais, se dão bem.

Conforme explica Vera Lúcia Lobão, pesquisadora científica da Seção de Aquicultura do Instituto de Pesca, com o objetivo de se avaliar a criação de camarões em São Paulo, foi implantado um viveiro-piloto com 100 m² de área, em um sítio de Itaquaquecetuba, uma das localidades mais frias de São Paulo.

Vera diz que os técnicos construíram sobre o viveiro, uma armação de bambu e plástico transparente, formando uma estufa para evitar a perda de calor, sendo uma experiência pioneira. Assim, a água fria antes de abastecer o viveiro, era transportada por um cano de cobre, ou seja, uma serpentina que atravessava um fornelho de barro utilizado para a queima de lenha, mantendo a água sempre ao redor de 25°C, mesmo que a temperatura externa estivesse abaixo de 10°C.

Outro detalhe, é que no fundo do viveiro foram colocados tijolos vazados e, nas margens, plantado capim, ambos para servirem de abrigo aos animais. Além disso, o viveiro foi povoado com 1000 pós-larvas de *Macrobrachium rosenbergii*, mais conhecida por Camarão Gigante da Malásia, as quais foram alimentadas com rações Nutripeixe e MR 25 em dias alternados. E, após um ano, foi feita a despesca, onde se registrou a so-

breviência de 69,1% e um peso médio aproximado de 22 gramas para cada camarão, com uma produtividade 1.52 toneladas/hectare/ano. Paulo Roberto Maranhão

MANEJO OPÇÃO NOS CERRADOS

A utilização das pastagens de acordo com as exigências e características dos animais, além de atenuar os efeitos das variações climáticas, de solo, topografia e reduzir o ataque de pragas e doenças, está sendo recomendada pelos pesquisadores do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados - CPAC, como forma de evitar a perda de peso dos animais na época seca da região, fazendo com que alcancem o peso de abate-400 a 450 Kg - mais.

A recomendação do CPAC leva em consideração que a prática de suplementação alimentar do gado de corte, com volumoso ou concentrado, não é de uso rotineiro na região, mas que os criadores se utilizam de pastagens cultivadas em complementação aos pastos naturais.

Nesse sentido, as pastagens cultivadas devem ser utilizadas com animais recém-desmamados, vacas paridas e animais de engorda, que são os mais exigentes do rebanho. As vacas secas e outras categorias de animais menos exigentes podem pastejar as áreas nativas sem maiores problemas (CPAC).

NOVAS FORRAGEIRAS

Treze genótipos de leguminosas forrageiras adaptadas à região dos Cerrados e resistentes ao ataque do nematóide formador de galhas nas raízes, *Meloidogyne javanica*, estão sendo selecionados no Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados - CPAC. Desses, 11 exterminam a população dos nematóides quando cultivados, pois impedem sua reprodução.

A ação desses organismos sobre as forrageiras reduz a quanti-

dade de matéria verde e o valor nutritivo, pois provoca mudanças de ordem química no vegetal.

O controle dos nematóides pode ser feito através da rotação de culturas com variedades resistentes, que minimizem sua proliferação, ou com variedades imunes, que os eliminem totalmente. Isto evita o uso de nematicidas e reduz o custo de produção. (CPAC).

PRESERVAÇÃO PELO MANEJO

A medida que a estação seca avança na região dos cerrados, o gado passa a consumir maior quantidade de folhas de árvores, arbustos e ervas. Entretanto, algumas espécies nativas não-gramíneas, são consumidas pelo gado durante todo o ano em complementação às gramíneas. Nesse caso estão as palmeiras do cerrado, a canela de ema, laranjinha, malva lobeira, araticum, mangaba, caju rasteiro, jacarandá muçiba, barbatimão, faveira, cabiúna do cerrado, armagossinho, mamacadeia, vinhático cascudo e outras.

As pesquisas realizadas pelo CPAC mostram que logo no início das primeiras chuvas, o consumo das espécies não-gramíneas é superior ao das espécies gramíneas. Essa situação se altera a partir de fevereiro. Af, a preferência dos bovinos recai sobre gramíneas nativas como o capim branco, flechinha e canivete. Pesquisadores do CPAC estão determinando a fenologia dessas espécies com vistas a indicar estratégias de manejo que permitam melhorar a pastagem nativa e evitar a sua extinção da área pastejada.

Ainda sobre as espécies não-gramíneas, os pesquisadores do CPAC defendem a sua utilização em pequenos bosques que proporcionem sombreamento e abrigo para os animais contra chuvas, ventos e até geadas. Eles alertam para a importância de se conhecer melhor as pastagens nativas do cerrado, acrescentando que o pastejo intensivo pode interromper o ciclo vegetativo normal, floração e frutificação das espécies selecionadas pelos bovinos podendo causar seu desaparecimento. (CPAC).



Da esq. p/ dir.: Sr. Jean Pierre Vial, Sr. Roberto Luiz de Souza Barros e Sr. Diogo Antonio de Barros.

GADO DE LEITE E DE CORTE NA HOLAMBRA

A bovinocultura de leite nasceu praticamente com o início da Holambra. Os holandeses, tradicionais criadores de gado leiteiro, ao formarem o núcleo colonial holandês dedicaram-se a esta atividade. Porém a implantação dessa tradição foi difícil devido as dificuldades de adaptação (como o carrapato e o clima tropical) enfrentadas pelo gado importado da Holanda.

Distribuído em 20 propriedades, o plantel leiteiro da Holambra conta com 400 vacas e 450 novilhas e bezerros, possuindo duas raças essencialmente leiteiras - o Holandês (variedades vermelho e branco e preto e branco) e o Jersey destacando-se o primeiro pelo porte e cuja produção de leite é superior a do segundo, que produz leite com maior teor de gordura.

REPRODUÇÃO

Uma fêmea nova entra para a reprodução aos 15-18 meses de idade e estará produzindo leite aos 24-27 meses. A reprodução dos bovinos é feita por inseminação ou cobertura. No caso de inseminação, o sêmen utilizado é adquirido das Centrais de Inseminação. Quando por cobertura, os touros são selecionados para produção leiteira e teor de gordura.

A fase de gestação é de 270-280 dias, quando nascem bezerros com peso médio de 35 Kg.

ALIMENTAÇÃO E CUIDADOS ESPECIAIS

A alimentação, fornecida em cocho, é baseada em silagem de milho, capim elefante (napier, camaram, guacú) e ra-

ção, sendo necessário dispensar alguns cuidados aos novilhos, como o controle da alimentação (eles recebem leite duas vezes ao dia) e da Vermifoss, doença que ataca principalmente animais jovens.

Aos três meses de vida, são vacinados contra o Carbúnculo Sintomático, causado pela bactéria responsável pelo Botulismo; e a partir do 4º mês recebem a vacina contra a febre aftosa, três vezes ao ano.

Algumas doenças que atacam os bovinos também podem afetar o homem, como a brucelose e a tuberculose. Por isso, duas vezes ao ano as vacas são submetidas a testes para comprovar a boa qualidade do leite.

LACTAÇÃO E ORDENHA

O período de lactação de uma vaca holandesa é de 300 dias, durante o qual são produzidos de 5400-6000 litros (alguns animais produzem até 8000 litros), com uma média de 18-20 litros por dia. Já a vaca da raça Jersey, na fase de lactação produz 3600-4000 litros, oferecendo cerca de 10-12 litros diariamente.

A ordenha do leite é realizada duas vezes ao dia (pela manhã e à tarde). Em seguida, o leite é resfriado e enviado às indústrias de laticínios, com exceção de 950 litros, consumo interno da Holambra.

Um dos principais fatores a ser considerado na ordenha do leite é a higiene, pois as vacas, constantemente sofrem processos infecciosos no úbere (aparelho mamário), sendo necessário certificar-se a cada ordenha, de que todo o leite foi retirado.

VIDA ÚTIL DO GADO

O período de vida de uma vaca leiteira é em média 10

anos, sendo após abatida e sua carne aproveitada para o consumo humano.

O preço de uma novilha é em torno de Cr\$ 10 mil e o custo de sua alimentação está calculado em 5-6 mil cruzeiros/ano.

Além da bovinocultura leiteira, alguns produtores dedicaram-se à bovinocultura de corte. Iniciada há cerca de três anos, a atividade constitui hoje um plantel formado por 150 vacas e 100 bezerros e novilhos, distribuídos pelas diversas propriedades da Cooperativa.

REPRODUÇÃO

A reprodução é feita através da cobertura natural, exclusivamente para abate. Das raças criadas, destaca-se pela maior quantidade existente de canchins, resultado do cruzamento das raças Charolês e Nelore (Zebu).

AMAMENTAÇÃO E ALIMENTAÇÃO

Enquanto o gado leiteiro recebe o leite no balde e é desmamado aos quarenta dias de vida, os bezerros de corte mamam em suas próprias mamas até 6-7 meses. Após essa idade, assim como o gado de leite, sua alimentação passa a ser baseada em silagem de milho e capim elefante.

CUIDADOS E VIDA ÚTIL

O mesmo controle das vacinacões e de doenças aplicado ao gado leiteiro também é feito ao gado de corte.

O período de vida de um bezerro de corte é de 24-30 meses, quando atinge 450 Kg de peso vivo e é abatido.

JORGE ROTAVA

DEBATE SOBRE A CONDIÇÃO DE VIDA NO CAMPO

Fundada em 1975, a Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais da São Paulo (AMNP) tem suas atividades dirigidas para o estudo e pesquisa do papel da mulher na realidade brasileira, bem como para a promoção de seus interesses, de sua qualificação profissional e de sua integração no processo de desenvolvimento do país.

É filiada à International Federation of Business and Professional Women, onde mantém representante permanente na Organização das Nações Unidas (ONU) e suas agências de Nova York, Genebra, Paris e Viena fato que lhe permite uma participação efetiva em congressos e jornais internacionais onde sempre surgem propostas e resoluções voltadas para a questão da mulher.

Para o âmbito rural a AMNP criou em 1983 a sua Comissão de Agricultura que tem por finalidade receber, analisar e divulgar informações que contribuam para o reconhecimento do trabalho feminino no campo possibilitando o acesso da mulher às novas tecnologias bem como à procura da melhoria dos padrões de vida e produção do setor agro-pecuário.

... e 56 anos na Revista dos Criadores.

BAYER 90 ANOS NO
BRASIL...

A presença da Bayer no Brasil começa a ser sentida em 1930, quando da instalação de seu pequeno escritório de representação na Rua Libero Badur esquina com Ladeira São Francisco, na época, pleno centro econômico-financeiro de São Paulo.

Desde essa época a Bayer sempre esteve presente as páginas da RC, e aceita nossos cumprimentos pelos seus 90 anos de existência em território brasileiro, engrandecendo ainda mais esta Nação.

Agosto, 1930

Revista dos Criadores

Pag. 3

7 Novembro	18 Agosto	6 Março
12 Novembro	23 Agosto	11 Março
17 Novembro	28 Agosto	16 Março
22 Novembro	2 Setembro	21 Março
27 Novembro	7 Setembro	26 Março
2 Dezembro	12 Setembro	31 Março
7 Dezembro	17 Setembro	5 Abril
12 Dezembro	22 Setembro	10 Abril
17 Dezembro	27 Setembro	15 Abril
22 Dezembro	2 Outubro	20 Abril
27 Dezembro	7 Outubro	25 Abril
31 Dezembro	12 Outubro	30 Abril

Na columna da esquerda estão indicados os dias da cobertura, distanciados de 5 em 5 dias e, na mesma linha horizontal, correspondente a cada especie, o dia do provavel nascimento dos productos concebidos.

Quando a data exacta da cobertura não estiver contida nesta tabella, estando por-

tanto entre duas datas que constam da primeira columna, pôde-se chegar a um resultado muito approximado, quanto ao dia do nascimento, tomando-se a média dos dois dias que a ella estão mais proximos.

Chamamos a attenção dos criadores para a observação desta tabella, principalmente quando se trata de animaes finos, em que são mais frequentes os partos anormaes, dando tempo, por tanto, para que sejam tomadas as providencias necessarias.

Um exemplo esclarecerá mais o uso da tabella.

No dia 15 de maio, por exemplo, foram cobertas uma vacca e uma porca.

Procurando esta data na primeira columna da esquerda, tem-se, como correspondente na mesma linha horizontal os seguintes dias dos provaveis nascimentos das crias: para a vacca o dia 24 de Fevereiro e para a porca o dia 12 de Setembro.



Productos "Bayer" para uso veterinario

ARICYL

Fortificante Caixa c/ 10 ampolas de 1cc a 1+/-
e tonico arsenical Caixa c/ 5 ampolas de 10cc a 5+/-

TRYPAFLAVINA

Para febre aftosa Caixa c/ 5 vidros a 1 gr.
aplicação endovenosa
Pomada Cicatrisante. Tubos de 40 gram.

ISTICINA

Purgante Caixa c/ 10 env. a 3 gr.
Vidro a 100 gram.

Bayer-Meister-Lucius

WESKOTT & CIA.

CAIXA POSTAL, 1908

S. PAULO



CATERPILAR E SEUS NOVOS PRODUTOS

A Caterpillar apresentou seus lançamentos deste ano à imprensa e discutiu aspectos de interesse para o setor, referentes aos investimentos em equipamentos, bem como a redução de custos na área de manutenção para aumentar a produtividade, e a tradição e tecnologia da empresa na agricultura. O encontro foi o quarto que a empresa promoveu.

Durante a apresentação foram exibidos os motores escríper 6313, os motores movidos a gás natural e motor diesel para aplicações industriais, marítimas e geração de energia.

Caterpillar Brasil S.A., Av. das Nações Unidas, 22.540, São Paulo, SP, CEP 04.795.

MASSEY PERKINS S.A. LANÇA NOVO TRATOR

A Massey Perkins S.A. lançou no mercado o seu mais recente trator agrícola Massey Ferguson modelo MF 275 equipado com o novo motor Q20B 4236. Segundo o fabricante, esse motor possui um melhor aproveitamento energético, fato que confere ao MF 275 um rendimento ainda melhor. Outras vantagens são sua maior durabilidade e economia de combustível, sem alterar as características de potência e alto torque, próprios dos Motores Perkins, levando assim, ao agricultor, o que existe de mais moderno, eficiente e durável em termos de tecnologia para o campo.

Massey Perkins S.A. - Caixa Postal, 173 - CEP 09895 - São Bernardo do Campo - SP.

FAZ SUCESSO O CBT. NA IX EXPOINTER, EM ESTEIO, RS

Cerca de cinco mil pessoas visitaram diariamente o estande da Companhia Brasileira de Tratores, inclusive o próprio Governador Jair Soares esteve no local, onde teve a oportunidade de conhecer o trator CBT, um dos expoentes da Feira e vencedor do "Prêmio Novidade", oferecido pela Secretaria da Agricultura e Gerdau.



Vestimentas de amianto aluminizado e protetores faciais de alumínio, destinados à proteção do trabalhador em ambientes de alta temperatura, fabricados pela Protin.



SEGURANÇA VAI À FEIRA

Proteção ao trabalhador
em Exposição no Anhembi

Os equipamentos indispensáveis à proteção e segurança dos trabalhadores nas fábricas e no meio agrícola, foram apresentados pela Protin - Proteção Individual durante a 3ª Fisp - Feira Internacional de Segurança e Proteção, realizada de 3 a 6 de dezembro, no Centro de Convenções do Parque Anhembi.

Além das linhas completas de EPIs - Equipamentos de Proteção Individual - há 41 anos fabricados pela Protin para preservação da integridade física e saúde dos trabalhadores brasileiros - Foram exibidos pela empresa novos equipamentos de sinalização de segurança, como cones, faixas de advertência para áreas de perigo e outras novidades destinadas à redução de acidentes no trabalho, no lar, no trânsito e no lazer.

FAZENDA SANTA GERTRUDES LANÇA PROGRAMA À CRIAÇÃO DE CAVALO ÁRABE PURO-SANGUE

Com cerca de 5,5 milhões de equínos (o terceiro rebanho do mundo), o Brasil ainda importa cavalos por não dispor de uma estrutura técnica e material, com apoio de preparo, divulgação e comércio, que assegure o desenvolvimento de um plantel nacional de qualidade. Entretanto, se comparado aos Estados Unidos, lá o cavalo ocupa o 11º lugar na escala global de negócios.

Por este motivo, a Fazenda Santa Gertrudes, qualificada como uma das maiores fazendas de criação de cavalo árabe do país, hoje com um plantel de 400 animais puros, vai colocar, através de seu proprietário Nagib Audi, doze dos seus consagrados reprodutores (com pedigree e renome internacional) à disposição de criadores e iniciantes, a partir de um programa integrado que inclui coberturas programadas, treinamento, divulgação e comercialização.

A iniciativa foi denominada NA e visa não apenas gerar um plantel de inequívoca



HALL GIBBY é um dos reprodutores que participam do Programa NA.

qualidade genética, mas também propiciar-lhe todas as condições técnicas de adestramento e suporte de promoção e comercialização, beneficiando pequenos e médios criadores, que não têm acesso a reprodutores qualificados e ainda não dispõem de adequada estrutura de criação, oferecendo como vantagem adicional o financiamento das coberturas em até 36 meses e custo subsidiado para treinamento. Além disso, a fazenda terá condições de oferecer 432 coberturas por ano, através de seus doze reprodutores integrados ao programa, obtendo uma média de 36 coberturas/ano por reprodutor.



Fazenda Santa Gertrudes. Vista da cocheira dos reprodutores.

UM NOVO LIVRO O GADO NELORE

100 Anos de Seleção

O Zootecnista ALBERTO ALVES SANTIAGO, renomado pesquisador das raças Zebuínas e seu principal divulgador, acaba de elaborar um novo livro sobre a grande raça de Ongole. Na presente obra, deu um destaque especial aos trabalhos de seleção zootécnica e genética que vêm sendo realizados em diversos centros, no País e no Exterior. Para tanto, realizou uma série de viagens, visitando as principais criações em todo o Território Nacional e em vários países latino-americanos: são focalizadas, de modo particular, estâncias argentinas e paraguaias. No Brasil, teve oportunidade de analisar os trabalhos em andamento no Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná e, naturalmente, São Paulo.

Os originais foram entregues à Editora dos Criadores, pela qual foi publicado o seu livro anterior sobre a raça Nelore. Não se trata de uma segunda edição, dadas as modificações havidas e o acréscimo de novos e importantes capítulos.

O Autor relata, com mais objetividade e profundidade, os trabalhos de pioneiros e importadores da várias épocas, focalizando a origem e a formação dos maiores e mais importantes rebanhos, alguns já na terceira ou quarta geração de selecionadores.

As variedades do Nelore - a Mocho, as de Pelagens Marilhada de Preto e a Vermelha, bem como a Pele Rosa, são estudadas em suas origens, expansão e situação atual quanto ao seu desempenho. Uma série de fotos da Índia contribuem para esclarecer essa questão, que, por muito tempo, deu motivo a polêmicas.

Dados atualizados do Registro Genealógico e gráficos correspondentes dão a dimensão do rebanho da raça originária do Estado de Andhra, da velha Índia.

Santiago e a Editora dos Criadores esperam fazer o lançamento da importante obra em fins deste ano ou em princípio de próximo ano.

EDITORIA NOBEL LANÇA A OBRA: "O ROTTWEILER"

"O ROTTWEILER", de autoria de Bruno Tausz, editado pela NOBEL, é uma obra muito abrangente, cuja leitura permite um acompanhamento do Rottweiler no Brasil e no mundo, além de se constituir num manual de fundamental importância para todos os aficcionados desta raça, sejam juízes, criadores ou apenas interessados.

A raça Rottweiler é tratada, nesta obra, de maneira bem estruturada, permitindo ao leitor interessado no assunto, uma visão mais profunda das características desse inteligente cão - forte, bem balanceado e de grande aptidão para o trabalho e guarda.

Este livro "O Rottweiler" vem se inserir com local de destaque na biblioteca especializada brasileira, trazendo importantes tópicos desde a aparência geral do Rottweiler as características morfológicas, o comportamento, caráter e o temperamento, a importância do pedigree e a hora certa de ir para a escola e todos os procedimentos para uma criação e treinamento adequados.

IOB LANÇA OBRA NA ATIVIDADE PASTORIL

Colocar o leitor em contato com a natureza, a fim de que ele compreenda o desenvolvimento da produção nesta área de atividade econômica, é o objetivo do livro "Custos e Contabilidade na Atividade Agropastoril" que o IOB Informações objetivas está lançando no mercado, de autoria de F. Nepomuceno.

A obra apresenta um conjunto de formulários necessários ao controle dos custos da produção agropastoril, já que evidentemente, um pequeno empreendimento agrícola e/ou pecuário ou hortifrutogranjeiro não tem condições de contar com o apoio de uma organização contábil que lhe dê suporte para observar a fenomenologia econômica de seu negócio.

Casos práticos de culturas renováveis são apresentados e resolvidos com demonstração de cálculos e exposição de critérios, destacando-se a lógica do sistema e a facilidade de apreensão. No setor pecuário são desenvolvidos outros casos da apropriação de custos de nascituros, de cria, recria e engorda, bem como produção de leite, formação de matrizes, reprodutores etc.

Muitos outros casos práticos contribuem, igualmente, para dimensão exata dessa obra que, certamente, servirá à atividade agropastoril brasileira em hora tão oportuna quando todos sabem da necessidade de se organizar para crescer ordenadamente.

O livro pode ser adquirido exclusivamente na Divisão de Marketing Direto IOB, à rua Santo Amaro 79, Cx Postal 45.323, São Paulo, Capital, ou por Reembolso Postal.

Maiores informações pelos telefones (001) 35-3623 e 37-1380

CULTURA RACIONAL DO ABACATEIRO

A coleção Brasil Agrícola está lançando o livro "Cultura Racional do Abacateiro", escrito pelo eng. agrônomo João Santos de Campos, um dos maiores pesquisadores dessa frutifera no Brasil, traz em seu bojo, orientação segura a todos os técnicos e produtores interessados nessa riquíssima e importante fruta tropical.

Atualmente o Brasil é considerado um dos maiores produtores mundiais, contando com uma população abacateísta das mais expressivas. A principal destinação dos frutos é a alimentação humana, e sua aceitação é muito grande, tanto pelo consumidor nacional como pelo estrangeiro, especialmente europeu, abrindo perspectivas para o incremento da exportação.



Como manual ou fonte de consultas, este livro se coloca à disposição do homem do campo e de todos aqueles que se interessam pelo que existe de mais atualizado no setor. O livro contém 150 páginas e custa Cz\$ 74,00.

CRIE COELHOS

O cunicultor Laerte Tvardovskas, do Coelho Bela Vista e Conselheiro da Associação Paulista de Criadores de Coelhos, está relançando o manual "CRIE COELHOS", devido o interesse despertado como uma nova fonte alternativa de renda para chácaras, sítios ou fazendas.

O manual "CRIE COELHOS", enfoca o aproveitamento comercial do coelho e rentabilidade; classificação de raças e a utilização comercial das várias raças; alimentação, além das instalações e equipamentos necessários à cunicultura.

O manual "CRIE COELHOS" tem por objetivo prestar esclarecimentos a quem se inicia nessa atividade e despertar o interesse de futuros criadores.

Para adquirir o manual "CRIE COELHOS", envie cheque nominal cruzado à Laerte Tvardovskas no valor de Cz\$ 20,00 (vinte cruzados).

Rua Araçatuba, 121 - Lapa - CEP 05058 - São Paulo - SP.



CRIE COELHOS

BUBALINOCULTURA

Objetivos da Criação de Búfalos

WALTER CARVALHO MIRANDA,
Méd. Vet.

Na edição anterior, publicamos artigo referente a bubalinocultura. Nesta edição, voltamos a publicar a segunda parte do trabalho de Walter Carvalho Miranda.

Por ser um animal dócil, rústico e um ótimo convertidor de alimentos pobres, em carne e leite, o búfalo vem sendo uma boa opção aos criadores. Além disso, pode ser empregado tanto como tração animal, ou, caso seja utilizado para o abate, seu couro é muito requisitado para a fabricação de luvas ou sapatos de couro.

OBJETIVO DA CRIAÇÃO DE BÚFALOS

Todas as raças bubalinas são boas. O objetivo comum deve ser a produção mista: carne e leite.

A carne dos bubalinos é aceita normalmente pela população sendo difícil a sua distinção da carne bovina. A produção leiteira constitui outra importante função. O leite pode ser destinado para o consumo "in natura" ou para o preparo de queijo e manteiga.

A espécie apresenta produção econômica igual ou até superior, em determinadas condições, à dos bovinos especializados. Assim, com 8 litros de leite de búfala se faz 1 quilo de queijo, e são precisos 12 litros de leite de vaca para a mesma finalidade. Para 1 quilo de manteiga são necessários 14 litros de leite de búfala e 20 litros de leite de vaca.

Além disso, resultados de pesquisas mostram que o leite de búfala tem maior valor nutritivo do que o de vaca, conforme o quadro abaixo:

COMPOSIÇÃO MÉDIA EM % DO LEITE

Espécie	Água	Gordura	Açúcar	Proteína	Cinza
Bubalina	82,05	7,98	5,18	4,00	0,79
Bovina	87,20	3,80	4,95	3,38	0,70

O período médio de lactação pode ser estimado em 7 meses. Mosse (1979), estudando as variações que este índice pode apresentar, obteve resultado exposto no quadro n.º 1.

Tendo em vista a sua capacidade de total aproveitamento de alimentação pobre, de pastagens grossiúras e de palhas de cereais, as quais ingere dia e noite se assim for deixado, o búfalo é, sem a menor sombra de dúvida, a mais econômica fonte produtora de leite e manteiga.

A rusticidade do búfalo, em termos de alimentação, exige quantidade em detrimento da qualidade.

1) PERÍODO DE LACTAÇÃO DE BÚFALAS, EM DIAS

N.º de búfalas controladas = 98
N.º de lactações controladas = 483

Dias	Casos	%
Até 100	2	0,4
101 a 150	19	3,9
151 a 200	143	29,6
201 a 250	243	50,3
251 a 300	61	12,7
301 a 365	15	3,1
Período máximo de lactação (controlada)	= 365 dias	
Período mínimo de lactação	= 87 dias	
Média	= 215,3 dias	

Quanto à produção de leite em quilogramas, por lactação, Mosse (1979) também estudou, obtendo resultado exposto no quadro 2.

2) PRODUÇÃO DE LEITE DE BÚFALAS

(Casos estudados = 483)

Quilos	Casos	%
Até 1000	21	4,3
1001 a 1250	58	14,1
1251 a 1500	112	23,2
1501 a 1750	131	27,1
1751 a 2000	84	17,4
Mais de 2000	67	13,9
Produção média por lactação	= 1.583,071 kg	
Produção média diária	= 7,354 kg	
Produção máxima registrada	= 3.599,000 kg	
Produção mínima registrada	= 406,000 kg	

dos objetivos dos criadores é obter 17 a 18 arrobas, com idade entre 20 a 22 meses em regime de pasto, e 16 a 17 arrobas com 16 a 18 meses, em confinamento.

O rendimento da carcaça do búfalo ainda não pode nos fornecer dados muito precisos. O assunto continua em aberto devido aos poucos resultados de provas e testes obtidos, os quais entretanto já nos oferecem índices bem próximos dos apresentados pelo bovino especializado.

A ABCB vem há algum tempo realizando provas e coletando dados de abate de búfalos, para em futuro próximo conseguir informar com mais precisão os índices de rendimento.

Estudos realizados pelo Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL) indicaram um rendimento de 48,7% em relação ao peso de abate ou 55,8%, em relação ao vazio, entendendo-se como peso de abate aquele obtido no frigorífico após descanso do animal em dieta hídrica, e como peso vazio, a diferença entre o peso de abate e o peso do conteúdo gastrointestinal.

O peso médio dos búfalos varia de acordo com a raça e a idade. De um modo geral, o peso dos machos bubalinos adultos varia entre 700 e 900 quilos e o das fêmeas adultas entre 360 e 700 quilos.

Na 5.ª Expobúfalo Nacional, realizada em São Paulo (março de 1981), os búfalos apresentaram os seguintes pesos médios, por categoria:

Embora os búfalos apresentem quando bezerro um ganho de peso inferior ao do bezerro bovino, eles se igualam ou mesmo ultrapassam os bovinos, quando se tornam adultos.

Apesar dos bubalinos apresentarem musculatura mais rica do que o zebu, o rendimento em carne é menor, visto que o búfalo apresenta couro, cabeça e vísceras, bem mais pesados do que os dos zebuínos.

O seu couro corresponde de 10 a 12% do peso do animal, sendo mais grosso do que o do bovino e de textura mais porosa.

Em Prova de Ganho de Peso, realizada em São João do Rio Preto - SP, pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento, em 1980, na qual concorreram diversas raças, os búfalos se destacaram conforme se observa no seguinte quadro (*):

RENDIMENTO DE CARNE

O búfalo é por natureza mais precoce que o bovino. Atualmente, no abate, obtém-se 15 a 16 arrobas de carne por animal com idade entre 20 e 22 meses. Um

Raças	Ganho de peso (médio)	Ganho de Peso Médio Diário
Gir	66,000 kg	0,590 kg
Guzerá	81,380	0,730
Nelore	78,200	0,700
Caracu	80,940	0,720
Canchim	93,290	0,830
S. Gertrudis	103,580	0,920
Búfalos		
Jafarabadi	108,760	0,970
Murrah	102,640	0,916
Mediterrâneo	94,800	0,837

(*) Cálculos feitos com base nos resultados oficiais apresentados pelo Instituto de Zootecnia, da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

mendação comum, os animais devem ser submetidos a um bom manejo, o que tornará bem mais fácil o seu custeio.

A seleção deve ser constante para o melhoramento do rebanho, juntamente com a boa alimentação e ginástica funcional. Com essa preocupação as qualidades se manifestam com maior intensidade para facilitar a escolha dos melhores reprodutores.

Os búfalos tem vida mais longa do que os bovinos, chegando a atingir 30 anos. A vida útil das fêmeas, como reprodutoras também é longa; há matrizes com 12 e até 16 crias.

A padração é feita quase sempre em liberdade, podendo um reprodutor servir de 40 a 50 fêmeas. A cobertura "controlada" efetua-se nas explorações leiteiras e principalmente nos plantéis de seleção. A

ASPECTO SANITARIO

Os búfalinos são animais muito sadios, sendo raras as moléstias que os acometem. Os bezerros porém são muito atacados por verminose, o que pode ser facilmente evitado ou controlado através da administração periódica de vermífugos.

Os carrapatos e bernes são de ocorrência infima, atacando-os raramente, em partes mais vulneráveis (pálpebras e orelhas). Os piolhos ocorrem normalmente e são combatidos facilmente com pulverizações.

Os búfalinos não são imunes a aftosa, porém apresentam grande resistência à mesma. Quando atingidos, ela se manifesta de forma mais benigna que os bovinos. Entretanto, recomenda-se a vacinação preventiva.

Quanto as demais doenças, os búfalos se comportam como os bovinos e devem ser tomadas as medidas preventivas normais.

MANEJO

Embora os búfalinos sejam de grande rusticidade e de fácil adaptação eles necessitam de cuidados e de tratos adequados. As recomendações para os bovinos são válidas para os búfalos, mas ajustados os vários elementos indispensáveis para uma exploração racional e econômica.

O búfalo vive bem nas regiões secas ou alagadiças, em zonas de clima tórrido ou temperado e em altitudes variadas. O importante é um manejo correto, adequando as condições onde é criado.

Devido a sua grande superfície corporal e a cor preta que lhe é característica ele precisa se proteger dos raios solares. Isto ele faz pela submersão em água ou lama, ou procurando sombreamento das árvores ou abrigos cobertos. Nos períodos de seca, portanto com uma umidade relativa do ar muito baixa, os búfalos precisam ter o seu couro hidratado com qualquer substância oleosa, a fim de evitar o seu ressecamento. De acordo com a necessidade, criadores tem usado óleo queimado e mesmo óleo de cozinha.

A presença de um lago, açude ou água da fazenda é desejável, pois além de refrescá-los e protegê-los dos raios solares, hidrata a sua pele.

Os búfalos, como as demais espécies animais se adaptam bem às pessoas e aos locais onde são criados. Não é justo o que dizem algumas pessoas, de que o búfalo é um animal bravo e selvagem. Mesmo um bovino, criado longe de pessoas e sem qualquer trato, torna-se bravo. Portanto, a necessidade de bom trato e manejo não diz respeito somente aos búfalos.

O REGISTRO GENEALÓGICO

A instituição de registros genealógicos partiu do princípio de garantir a "pureza" dos animais de determinada "raça". E para isso são necessários vários dados para que essa garantia possa de fato contribuir para a melhoria dos rebanhos e formá-los com raças puras.

Existem diversas definições do que seja "raça pura". Mas, deixamos de lado isto

PESOS MEDIOS DOS BÚFALOS NA 5.ª EXPOBÚFALO NACIONAL

Categoria	Sexo	Raça Jafarabadi	Raça Murrah	R. Mediterrâneo
8 a 12 meses	M	328 kg	353 kg	313 kg
	F	293	275	211
12 a 15 meses	M	408	390	334
	F	343	356	203
15 a 18 meses	M	—	—	428
	F	386	356	—
18 a 24 meses	M	440	572	400
	F	510	384	398
24 a 30 meses	M	610	556	—
	F	646	481	420
30 a 36 meses	M	757	610	—
	F	622	602	626
36 a 42 meses	M	763	694	—
	F	613	560	494
42 a 48 meses	M	1030	745	—
	F	628	601	—
48 a 60 meses	M	1046	848	890
	F	710	662	570
Mais de 60 meses	M	1182	905	—
	F	816	711	663
Animal mais pesado	M	1354	1028	890
	F	907	818	718

SISTEMA DE CRIAÇÃO

De um modo geral a criação de búfalos segue a adotada para os bovinos, distinguindo-se: o sistema extensivo e o sistema intensivo. E também, como reco-

fecundação normalmente é conseguida no primeiro serviço com uma gestação de mais ou menos 10 meses.

Os bezerros nascem com peso superior ao das raças zebuínas, com média de 38,5 kg para os machos e 36,5 para as fêmeas.

polêmico assunto. Apenas lembramos que embora o conceito de "raça pura" deva ser aceito com certas reservas, ele é altamente benéfico para os plantéis em formação e para evitar a escolha indiscriminada de reprodutores.

E, para facilitar o trabalho de selecionar os melhores animais foram instituídos os Registros Genealógicos. Sua finalidade é garantir a identidade, a ascendência, a qualidade e a propriedade dos animais.

A manutenção da integridade da raça torna-se portanto muito importante, pois evita a introdução de animais estranhos ou de qualidade inferior num rebanho.

Paralelamente à instituição do registro genealógico são também protegidos os interesses comerciais dos criadores, que sem dúvidas constitui um motivo dos mais justificáveis.

A ABCB iniciou o Registro no ano de 1970, cabendo-lhe a execução e manutenção do serviço em todo Território Nacional, em decorrência de delegação de competência que lhe foi conferida pelo Ministério da Agricultura.

Assim, após os exames zootécnicos poderão ser inscritos os bubalinos da raças

Jafarabadi, Murrah, Mediterrâneo e Carabao, obedecendo os respectivos padrões.

Como o Serviço de Registro Genealógico objetiva realizar com eficiência, com seriedade e veracidade o seu trabalho, recebe por parte dos criadores toda a colaboração necessária, porquanto a ninguém mais do que eles interessa a melhoria do rebanho bubalino.

Para concluir desejamos reproduzir algumas observações feitas pelo Dr. Nelson Luiz Baeta Neves — Presidente da ABCB — por ocasião de palestra proferida durante a Expovale-79, em Registro-SP:

"A bubalinocultura não se alicerça mais em dados empíricos. A pesquisa está acompanhando o seu desenvolvimento e os criatórios já disseminados por todo o País estão demonstrando, de forma eloquente, os bons rendimentos proporcionados pelos búfalos, nas mais diversificadas regiões e em diferentes situações. O famoso geneticista alemão H. Fisher tem declarado que a proteína do futuro será vermelha e de búfalo, pelo fato desse animal, a par de ser extremamente prolífero e precoce, ter-se aclimatado e apresentado bons rendimentos econômicos, entre os paralelos 40° de latitude norte e 30° de

latitude sul, o que compreende a maior parte da superfície terrestre"

* Trabalhos consultados:

- 1 — Arquivos da Associação Brasileira de Criadores de Búfalos.
- 2 — Fonseca W. — O búfalo, sinônimo de carne, leite, manteiga e trabalho. 1961.
- 3 — Fonseca W. — Brasil — Criador de Búfalos, 1974.
- 4 — Moura e Corsini — Bubalinocultura, 1981.
- 5 — Santiago A. A. — Pecuária de Corte no Brasil Central. 1970.
- 6 — Baeta Neves N. L. — O homem e a capacidade de adaptação do Búfalo Doméstico. 1979.

** Médico Veterinário, Zootecnista, Diretor do Serviço de Registro Genealógico das Raças Bubalinas, da Associação de Criadores de Búfalos. (Junho. 1981).

FAZENDA ÁGUA BRANCA

OURINHOS - SP

PROP.: ALBERTO DE PAULA LEITE MORAES

— FONES: (0143) 22-2575 — OURINHOS (011) 37-6244 — SÃO PAULO

RAÇAS



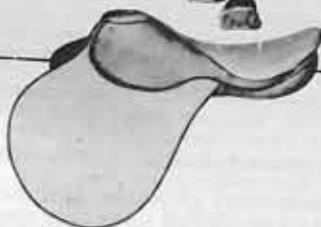
NAVIO DO CAFEZINHO, por Panavira VR e Cangica VR.
Grande Campeão Nacional Araçatuba 1980
Peso: 1.300 kg.



RUBLO DA PRIMAVERA POI — Peso 1.000 kg
Rotak x Aba da Primavera

Venda permanente de reprodutores filhos de Navio e Rublo
classificados como elite em ganho de peso em Araçatuba e Sertãozinho

EQUIPE SEUS ANIMAIS NA ABC: PASSEIO, ESPORTE E TRABALHO.



Selas para salto, adestramento e polo • Cabeçadas completas, cabrestos, cilhas e barrigueiras • Botas para concursos hípicas e trabalho • Mantas e rebenques • Selas mexicanas, australianas e arreios • Esporas com ou sem rosetas • Freios e bridões em metal ou aço cromado • Laços • Chapéus • Cera para engraxar arreamentos • Fivelas tipo americano, para cintos.

Solicite nosso catálogo.

Atendemos também pelo Reembolso Postal.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
ABC

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033 - CEP 01224 - Av. José César de Oliveira, 175 (CEAGESP) - fones: 831-7966 e 261-8438. Aberta até às 22 horas - CEP 05317 - S. J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 23-3746 - CEP 13870
SP - Rio de Janeiro: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 5 - São Cristóvão - fone: (021) 228-7377 - CEP 20931.

Mês de agosto de 1986

WALTER C. BATTISTON

Foram bastante significativas a quantidade e a qualidade das fêmeas que encerraram suas lactações no mês de Agosto, totalizando 992 animais, 8 reprodutoras Eméritas (RE), 85 inscritas em Livro de Escal (LE), 165 em Livro de Mérito (LM) e 280 (28,2%) com produção, acima da média. Apuraram-se mais 8 recordistas em produção de leite e de gordura.

Repetindo o que ocorreu em meses anteriores, houve predominância da Raça Holandesa, com 581 da variedade preta e branca e, 184 da variedade vermelha e branca e raça Gir, com 85 animais.

Em quantidade menor e na ordem decrescente, aparecem, as raças Parda Suíça (44), Jersey (25) e Nelore e Red Poll (5), e os tipos Girrolando (26) Cruzamento Dirigido Procura (29).

RECORDISTAS EM PRODUÇÃO DE LEITE E GORDURA

Desponta como recordista em produção de leite e de, gordura GRETA GENERATOR DO BUTIÁ, Jersey, CRIOLA DAS SEMENTES E CABANHA BUTIÁ, com 3 anos e 1 mês, 6.424 Kg de leite e 292,0 de gordura em LM e 365 dias, na Classe BI, regime de duas ordenhas.

Em produção de leite, também Crioula do Butiá, ASTRID / SURVILLE TORONO, com 4 anos e 7 meses, LM dando em 365 dias 7.388 Kg de leite, com 347,4 Kg de gordura. Nessa categoria CS, duas ordenhas, a recordista em produção de gordura ainda é DAINY TINA, com 379,9 Kg em, 365 dias.

Outra boa candidata a recordista em ambas produções, foi a Parda Suíça, crioula de Giovanni Chips, com 9 anos e 2 meses, LE 6.379 Kg de leite e 273,3 Kg de gordura em 305 dias, Classe D, duas ordenhas; entretanto, por falta de número de controles mensais, ela não ultrapassou MILE AWAY CARICHO, que em 1979 produziu, respectivamente, 5.989 Kg e 234,6 Kg, continuando titular do recorde.

REPRODUTORAS EMÉRITAS

Alcançaram o título de Reprodutora Emérita (RE) 4 vacas da Raça Holandesa Preta e Branca, 3 da Raça Holandesa Vermelha e Branca e mais ADALPRA LECCE, da JOSEF PFULG, da Raça Parda Suíça.

Este animal, filho de ADALPRA OCHALA E ADALPRA DEZENA, com 7 anos e 3 meses,

alcançou o título dando em 305 dias 5.209 Kg de leite e 185,5 Kg de gordura.

Entre as holandesas pretas e brancas, as Reprodutoras, Eméritas foram:

MELISIO GILDA ASTRO ELMO, com 5 anos e 4 meses, da Márcio Elísio de Freitas, filha de REDROOF ASTRO ELMO e MARIA HELENA 763 ISIDRO PELADO, em 305 dias ela obteve seu 3º LE dando 7.326 Kg de leite e 235,5 Kg de gordura.

RESSALVA AG., filha de PARAISO ROSAFÉ JUNIOR e PEQUENA, nascida na fazenda de SEMENTES AGROCIRES S.A., aos 8 anos e 11 meses obteve o título dando em 305 dias e LE, 6.962 Kg de leite e 239,3 Kg, de gordura.

PANORAMA CHIEF EVA, de DONALD GRABER, filha de VICENT-VIEW MOLLY CHIEF e PANORAMA PIONEER ASTISTA, com 4 anos e 5 meses, LE, 7.880 Kg de leite e 251,4 Kg de gordura em 305 dias.

CROWRIGHT ASTRO GALAXIE GWEN, de HUGLES JOSEPH LAMBERT, filha de WHITTIER FARMS ASTRO GALAXIE e CLOYWRIGHT VERN GWEN LORNA, com 7 anos e 6 meses, LE, 7.433 Kg de leite e 328,3 Kg de gordura em 305 dias.

No lote das holandesas vermelha e brancas, estão as seguintes vacas:

MYEROSA SUPERIOR POLLY RED, de WALDIR INQUEIRA DE ANDRADE, filha de MTRUST SUPERIOR RED e CROBLEA STYMASTER PET RED, com 7 anos e 8 meses, LE, 8.004 Kg de leite e 282,1 Kg de gordura em 305 dias.

LUZIA JASPER DA HOLAMBRA, filha de C. ROMANDALE JASPER / RED e JOANA DA HOLAMBRA, com 5 anos e 8 meses, 7.946 Kg de leite e 287,0 Kg de gordura em 305 dias.

Nossos cumprimentos aos felizes possuidores dos animais inscritos como Reprodutoras Eméritas e as que alcançaram os recordes.

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA

Como vimos, foram 581 os exemplares dessa variedade da raça holandesa, o que corresponde a 58,5% do total e 75,9% da raça. Entre eles 49 alcançaram Livro de Escal (LE) e outros 96 o Livro de Mérito (LM), estando incluídas as já mencionadas Reprodutoras Eméritas (RE).

Despontaram em produção, além das citadas RE, mais as seguintes fêmeas:

Posse Tesoura Isabel Cavalier, com 2 anos e 4 meses, LE, 9.156 Kg de leite e 234,1 Kg de gordura em 305 dias.

Posse Tata Quela Ford, da mesma Fazenda Santa Maria da Posse, também com LE aos 2 anos e 4 meses, dando em 305 dias 8.436 Kg de leite e 231,8 Kg de gordura.

S.E. Luminous Betsy Pamela, de Lázaro de Mello Brandão, com 2 anos, LE, 7.058 Kg de leite e 213,9 Kg de gordura em 305 dias.

Posse Sorana Pedreira Cavalier, da Fazenda Santa Maria da Posse, com 3 anos e 4 meses, LE, 10.000 Kg de leite e 259,2 Kg de gordura em 287 dias.

Sta. Cecília Estrela Light, da Agrindus S/A, com 9.148 Kg de leite e 264,7 Kg de gordura em 305 dias e LE.

Caldas Ford Cima, de Guilherme W.E. Caldas, com 2 anos e 6 meses, 8.363 Kg de leite e 234,5 Kg de gordura, LE, em 305 dias.

M.S. Nini Gray Jupiter, com 4 anos e 3 meses, LE, da Fazenda Shigueno Ltda, 10.175 Kg de leite e 279,7 Kg de gordura em 305 dias.

Camila CheckMate Nika S.E., de Lázaro de Mello Brandão, 1 ano e 10 meses, LM, 8.400 Kg de leite e 271,0 Kg de gordura em 365 dias.

Paragon Distinta Pioneer Trad TE, com 2 anos KM, da Paragon Agropecuária Ltda, 8.060 Kg de leite e 276,7 Kg de gordura em 365 dias.

Patricia Demand Sta. Ondina, de Arnaldo Mendes de Oliveira, com 2 anos e 7 meses, LM, 8.131 Kg de leite e 226,2 Kg de gordura em 365 dias.

Engeltje 23 de Stoffler, de Joaquim de Arruda Campos, LM, 3 anos e 5 meses, 10.877 Kg de leite e 348,0 Kg de gordura em 365 dias.

Posse Roldana Kacema Cavalier, da Fazenda Sta. Maria da Posse, com 3 anos e 8 meses, LM, 11.412 Kg de leite e 304,0 Kg de gordura em 365 dias.

WengDales Kingpin Daisy TE, com 4 anos e 9 meses, LM, 10.837 Kg de leite e 383,1 Kg de gordura em 365 dias.

Millerhust Babette, também de Donald Graber, com 4 anos e 8 meses, 10.373 Kg de leite e 391,4 Kg de gordura em 365 dias e LM.

E-411 Christinas Rica, de Arnaldo Mendes de Oliveira, 8 anos e 9 meses, LM, 11.835 Kg de leite e 341,0 Kg de gordura em 365 dias.

Três Irmãos Saakje's Marquis, com 6 anos e 10 meses, LM, 10.276 Kg de leite e 343,7 Kg de gordura em 365 dias.

Norma Willow Panorama, do mesmo Arnaldo M. de Oliveira com 5 anos e 4 meses, LM, 10.192 Kg de leite e 256,0 Kg de gordura em 365 dias.

Kauland Laddy Germaine, de Guilherme W. Soares Caldas, LM, 10.698 Kg de leite e 360,2

Kg de gordura em 365 dias.

M.S. Negra Astronaut, com 4 anos e 3 meses, LM, 10.309 Kg de leite e 282,2 Kg de gordura em 324 dias, na Fazenda Shigueno Ltda, onde estava também Con-Noll Gay Pocus, que aos 7 anos e 8 meses, produziu em 365 dias e LM, 10.482 Kg de leite e 285,2 Kg de gordura.

RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA

Foram 184 as representantes da Raça Holandesa Vermelha e Branca, equivalente a 18,6% dos animais controlados e a 24,0% da Raça Holandesa.

Em Livro de Escol (LE) colocaram-se 19 vacas, em Livro de Mérito outras 37 e, entre elas as 3 mencionadas Reprodutoras Eméritas.

No lote das fêmeas novas, destacaram-se: GFF Esperança Leila Jetstar, de Geraldo Figueiredo Forbes, com 2 anos e 5 meses, LE, 7.807 Kg de leite e 294,7 Kg de gordura em 305 dias.

G.A.J. Suyan Citation Red, de Olympio A.S. Aranha Stockfer, com LE, 3 anos e 5 meses, 7.519 Kg de leite e 259,8 Kg de gordura em 305 dias.

Albertina's MR. Vanezia TE, de Pedro Conde, com LM 2 anos e 6 meses, 7.662 Kg de leite e 278,0 Kg de gordura em 305 dias.

Entre as mais velhas, as melhores foram: Liza RRP Betina's, com 12 anos e 4 meses, LM, de Pedro Conde, 10.965 Kg de leite e 380,5 Kg de gordura em 365 dias.

Albertina's MR Somália TE, do mesmo criador, com 8 anos e 1 mês, LM, 9.073 Kg de leite e 285,3 Kg de gordura em 365 dias.

Corona Rezeda Jasper, de Amilcar Farid Yamim, com LM, 8 anos e 8 meses, 10.940 Kg de leite e 391,2 Kg de gordura em 353 dias.

Corona Prima Lancer, do mesmo criador, com 7 anos e 6 meses 9.470 Kg de leite e 259,6 Kg de gordura e 305 dias.

RAÇA GIR

Dos 86 animais dessa raça zebuina 5 alcançaram Livro de Escol (LE) e 9 o Livro de Mérito (LM), sendo os melhores os seguintes:

Maravilha Erculana Faizão, de Manuel e José João Salgado R. dos Reis, com LM, 10 anos e 3 meses, 4.617 Kg de leite e 227,9 Kg de gordura em 349 dias.

Sta. Cruz Medalha Educado, dos mesmos criadores, com 6 anos e 7 meses, 4.324 Kg de leite e 253,5 Kg de gordura em 347 dias.

Salomé de Brasília, de Rubens Resende Peres, com 6 anos e 11 meses, LE, 4.407 Kg de leite e 223,0 Kg de gordura em 305 dias.

Unipara, da Kenia Agrícola e Pecuária Ltda, com 5 anos e 8 meses 4.053 Kg de leite e 175,8 Kg de gordura em 305 dias.

RAÇA PARDA SUIÇA

O lote de Parda Suíça é composto de 44 fêmeas, correspondendo a menos de 5,0% do total controlado, 10 inscrições em Livro de Escol (LE) e 16 em Livro de Mérito (LM).

Além da mencionada Adalpra Lece, reprodutora Emérita, mais as seguintes fêmeas se destacaram:

Corona Fafá Twin, com 5 anos e 11 meses, LG, 6.044 Kg de leite e 232,1 Kg de gordura em

266 dias.

Corona Harpain M. Stretch, com 3 anos e 9 meses, LM, 8.319 Kg de leite e 316,1 Kg de gordura em 365 dias.

Corona Promise Talisman, também de Amilcar Farid Yamim com 4 anos e 4 meses, LM, 7.282 Kg de leite e 303,7 Kg de gordura em 365 dias.

Rennó Alfa Americana, de Francisco Prado Rennó, com LM, 3 anos e 4 meses, 5.680 Kg de leite e 213,4 Kg de gordura em 365 dias.

RAÇA JERSEY

A raça Jersey foi representada por 25 vacas, das quais 2 inscritas em Livro de Escol (LE) e 5 em Livro de Mérito (LM) entre as quais estão as duas mencionadas Recordistas pertencente à Sementes e Cabanha Butiá Ltda, de Passo Fundo - RS.

Com 4.717 Kg de leite e 250,1 Kg de gordura em 356 dias, Horkesley Title de Butiá, com 3 anos e 9 meses alcançou Livro de Mérito.

CRUZAMENTO DIRIGIDO

Dos 7 animais com lactação encerrada em Agosto, somente 3 alcançaram a média do tipo, e serão publicados na Revista dos Criadores. Entre eles, duas crioulas da Fazenda Vargem do Manejo Ltda., obtiveram Livro de Mérito:

Crista Boa Esperança, com 3 anos e 7 meses, deu em 272 dias 5.244 Kg de leite e 197,0 Kg de gordura.

Evelina de Manejo, com 2 anos e 22 meses, produziu 4.735 Kg de leite e 193,6 Kg de gordura em 282 dias.

FAZENDA FAVACHO

PROP.: José Mario Junqueira Azevedo

Município Cruzília - Estado de Minas Gerais

Fone: (011) 37-0031



Tire todo **LUCRO**
de sua criação utilizando-se do

MANUAL DE CONTROLE DE PRODUÇÃO LEITEIRA, REPRODUÇÃO, ALIMENTAÇÃO E CUSTOS

Utilizando o MANUAL você vai ficar sabendo: o que suas vacas estão produzindo; os intervalos entre as parições; o que as vacas estão comendo e o que você está gastando com a alimentação e custeio.

Pelo quadro ao lado, você verá que conseguindo uma média de 375 a 395 dias entre os partos, você está tirando o máximo de suas vacas. Isso você poderá conseguir seguindo as instruções do MANUAL, que contém 76 páginas para:

	Rebanho A	Rebanho B	Rebanho C
NÚMERO DE VACAS	194	501	150
INTERVALO MÉDIO ENTRE PARTOS (em dias)	423,3	395,7	436,6
PERÍODO VAZIO MÉDIO (em dias)	143,5	115,9	156,8
PARIÇÕES QUE PODERIAM TER OCORRIDO	+ 10% = 19,5	+ 2,8% = 13,9	+ 13,3% = 20
RECEITAS NÃO APURADAS:			
a) LEITE (3.000 kg p/Lactação a Cr\$ 1.000)	- 58.500.000	- 41.700.000	- 60.000.000
b) BEZERROS (50% machos a Cr\$ 30.000 e 50% fêmeas a Cr\$ 200.000)	- 2.208.000	- 1.598.500	- 2.300.000
SUB-TOTAL	- 60.708.000	- 43.298.500	- 62.300.000
DESPESAS C/ VACAS IMPRODUTIVAS (Cr\$ 5.000 x 365 = Cr\$ 1.825.000)	- 35.587.500	- 25.367.500	- 36.500.000
LUCRO NÃO APURADO	- 96.295.500	- 68.666.000	- 98.800.000
DESPESA ANUAL C/ CONTROLE AUXILIAR	2.820.000	8.292.000	2.340.000

CONTROLE LEITEIRO

7 páginas para controle de 105 vacas.

CONTROLE DE REPRODUÇÃO

6 páginas para anotações durante 12 meses.

CONTROLE DE CUSTOS — DESPESA E RECEITA

2 páginas para análise financeira da produção. 2 páginas com explicações como escriturar a receita

e despesa e duas páginas como exemplo. 6 páginas para anotações sobre o custo operacional de produção durante 12 meses. Idem para receita da produção de leite e mais 2 páginas para anotações mensais dos índices técnico-econômicos. Regulamento do Controle Auxiliar (para aqueles que quizerem entrar no Controle Leiteiro)

Preço do exemplar: Cr\$ 100.000.

Pedidos à:

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

— Rua Venâncio Aires, 31 — 05024 — SÃO PAULO.

CU

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — 01223 e Av. José Cesar de Oliveira, 175 — 05317 — SÃO PAULO - SP. Rua Gabriel Ferreira, 83 — SÃO JOÃO DA BOA VISTA - SP. Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 — São Cristóvão RIO DE JANEIRO - RJ

Serviço de controle leiteiro

DESTAQUES

RACA HOLANDESA - variedade preta e branca

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS:

MELÍSIO MILESTONE HARPA, Rg. HBB/B69046, P.O., Pai/POVERTY HOLLOW MILESTONE Rg. HBB/A19101, mãe/ MELÍSIO EUTERPE BOOTMAKER Rg. HBB/B53183, obteve "LE" aos:

2alm	-	2x	-	4.642	-	157,3	-	3,38%
3a2m	-	2x	-	5.424	-	198,2	-	3,65%
4a3m	-	2x	-	6.183	-	210,8	-	3,40%

Prop.: MARCIO ELISIO DE FREITAS

RACA HOLANDESA - variedade vermelha e branca

CANICULA MAXIMUS G.F.F., Rg. RAJ/2112, G.H.B., pai/ RIDGES WOOD CTT R. MAXIMUS RED Rg. HBB/A1806, mãe/ PAULISTINHA PR ALBERTINA'S Rg. GHB/764, obteve "LE" aos:

2a7m	-	3x	-	5.589	-	184,8	-	3,30%
3a7m	-	3x	-	6.493	-	236,0	-	3,63%
4a7m	-	3x	-	5.375	-	220,6	-	3,75%

Prop.: GERALDO FIGUEIREDO FORBES

LACTAÇÕES TERMINADAS

I — DIVISÃO — Lactações até 305 dias
COM NOVA PARIÇÃO — DENTRO DOS 427 DIAS

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Raça Holandesa — variedade vermelha e branca								
CLASSIE A1 - até 2 1/2 2 anos.					Três Ordenhas (kg)			
JPR Bussola -HBB/B76447	PO	2-5	84960	304	8.032	236,6	11	2,94
Bokraminho Traditioes Itanoa-B/81409	PO	2-4	84773	305	7.897	255,6	11	3,24
Bokraminho Nave logo - B/83190	PO	1-11	84770	305	7.584	220,7	11	2,90
UEP Eureka Anita Jetstar TB-B/79771	PO	2-4	85056	305	7.038	257,0	11	3,65
Paracasa Fabuloso Galia -B/83126	PO	2-2	84451	305	6.686	228,3	11	3,41
Yonne Telpa Quintrings Achilles-B/83418	PO	2-4	85468	305	6.678	215,5	11	3,22
S.R. Chelente Aida Tigrina-B/89137	PO	1-11	84749	305	6.584	215,3	11	3,26
Paracasa Bootmaker Geinalda TB-B/83122	PO	2-4	85132	305	6.375	220,5	11	3,80
					Três Ordenhas (kg)			
					2,94 Jocelis Peixoto Rocha			
					3,24 Agro Pec. Colabini Ltda			
					2,90 Agro Pec. Colabini Ltda			
					3,65 Geraldo Figueiredo Forbes			
					3,41 Donald Cohen			
					3,22 Par. S. Maria Fome S.P. Ltda			
					3,26 Lázaro do Rio do Sertão			
					3,80 Donald Cohen			

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg	
Idria Michelle Antoinette-0/02643	PO	2-5	85065	305	6.350	168,6	2,65 Arnaldo M. de Oliveira
Rita Antoinette Antoinette-0/182744	OC2	2-2	84886	305	5.246	164,6	3,13 Renato Rappa
CLASSE II - de 2 1/2 a 3 anos.							
Possé Tarcia Paula Ford-0/83416	PO	2-0	85141	305	7.583	233,4 LE	3,07 Paz. S. Maria Pomes A.P. Ltda
Donna Alana Ant. Orlândia-0/186051	OC2	2-0	85118	305	6.574	231,7 LE	3,52 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-de Valiant-0/79774	PO	2-8	85694	265	5.883	245,1 LE	4,09 Geraldo Figueiredo Fortes
Alumari Alistera Cabocla-0/79635	PO	2-11	85221	270	5.318	173,5	3,26 Afonso Rogamira de Freitas
CLASSE III - de 3 a 3 1/2 anos.							
Possé Joline Lima Farver-0/74174	PO	3-4	81394	295	8.605	266,2 LE	2,79 Paz. S. Maria Pomes A.P. Ltda
CLASSE III - de 3 1/2 a 4 anos.							
Possé Berta Lúcia Farver-0/73480	PO	3-7	81396	260	8.458	244,4 LE	2,00 Paz. S. Maria Pomes A.P. Ltda
Alumari Rita Rita-0/71296	PO	3-5	79304	305	6.302	247,1 LE	2,97 Donald Graber
Shelleyana Leda 250-0/73718	PO	3-6	81009	300	6.641	235,0	3,53 José Mario Juncqueira Netto
Shelleyana Leda 250-0/73718	OC1	3-6	84092	305	6.411	175,0	2,74 Renato Rappa
CLASSE IV - de 4 a 4 1/2 anos.							
JFM Lucinda - 180/06503	PO	4-2	80171	305	7.923	291,7 LE	3,68 Joazeiro Peixoto Rocha
Alumari Rita Rita-0/75643	PO	4-3	81105	305	7.455	242,9	3,25 Afonso Rogamira de Freitas
Shelleyana Leda 250 -0/69624	PO	4-5	76741	305	6.625	216,1	3,61 José Mario Juncqueira Netto
Shelleyana Leda 250 -0/69624	PO	4-4	75682	270	5.668	193,0	3,28 Lázaro de Mello Brandão
CLASSE V - de 4 1/2 a 5 anos.							
Outubro L.J. Leda - 0/69777	PO	4-7	76761	270	7.111	260,5 LE	3,66 Donald Graber
CLASSE V - Análise de leite de 5 anos.							
J.F. Clay's Leda 1. April - 0/69051	PO	5-7	74959	305	9.070	352,4 LE	1,11 José Mario Juncqueira Netto
Liliana Orlândia -	OC2	-	85120	305	6.093	244,2	2,54 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	PO	5-4	72936	305	6.333	226,6	3,32 Auro. Pec. Colômbia Ltda
UF Iacolina Rita-0/61678	PO	5-6	73543	305	6.508	189,3	2,90 Lázaro de Mello Brandão
UF Iacolina Rita-0/61678	PO	5-7	62057	270	5.785	207,9	3,59 José Mario Juncqueira Netto
CLASSE VI - de 5 a 5 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	5-5	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	5-5	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	5-5	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE VII - de 5 1/2 a 6 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	5-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	5-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	5-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE VIII - de 6 a 6 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	6-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	6-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	6-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE IX - de 6 1/2 a 7 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	6-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	6-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	6-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE X - de 7 a 7 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	7-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	7-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	7-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XI - de 7 1/2 a 8 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	7-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	7-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	7-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XII - de 8 a 8 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	8-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	8-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	8-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XIII - de 8 1/2 a 9 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	8-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	8-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	8-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XIV - de 9 a 9 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	9-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	9-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	9-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XV - de 9 1/2 a 10 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	9-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	9-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	9-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XVI - de 10 a 10 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	10-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	10-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	10-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XVII - de 10 1/2 a 11 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	10-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	10-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	10-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XVIII - de 11 a 11 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	11-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	11-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	11-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XIX - de 11 1/2 a 12 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	11-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	11-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	11-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XX - de 12 a 12 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	12-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	12-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	12-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XXI - de 12 1/2 a 13 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	12-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	12-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	12-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XXII - de 13 a 13 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	13-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	13-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	13-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XXIII - de 13 1/2 a 14 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	13-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	13-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	13-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XXIV - de 14 a 14 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	14-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	14-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	14-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XXV - de 14 1/2 a 15 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	14-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	14-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	14-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XXVI - de 15 a 15 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	15-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	15-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	15-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XXVII - de 15 1/2 a 16 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	15-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	15-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	15-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XXVIII - de 16 a 16 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	16-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	16-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	16-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XXIX - de 16 1/2 a 17 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	16-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	16-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	16-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XXX - de 17 a 17 1/2 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	17-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	17-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	17-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook
CLASSE XXXI - de 17 1/2 a 18 anos.							
P. Leda 0/69051	PO	17-7	84886	305	7.141	229,8 LE	1,35 Fazenda Paraíso S/A
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	17-7	85110	277	5.006	177,0	1,51 José Mario Juncqueira Netto
UF Iacolina Rita-0/61678	OC2	17-7	84886	260	4.608	161,9	1,45 Orlândia W. Crook

NOME DO ANIMAL

Grau de
sangueIdade
anos/meses

N.º SCL

Dias de
lactação

Produção

Leite kg

Gord. kg

%

PROPRIETÁRIO

CLASSE II - Adultas de mais de 5 anos.

P. d'Alto Topoca Mount. Quira -B/65737	PO	5-3	73205	305	0.656	261,4 IE	3,02	Jacob Posier Dutilh
P. Edista Oxford -B/60970	PO	6-5	71463	305	7.825	252,1 IE	3,22	Fazenda Paraíso S/A
Iris Bando NL -SP/101989	POCO	8-5	66300	262	7.709	203,4	2,63	Maria Lucia F. S. Dias
P. Escorla Million -B/60946	PO	7-1	67874	290	7.642	201,7 IE	3,00	Fazenda Paraíso S/A
P. Fulana Mullion -B/61041	PO	5-11	70100	305	7.525	264,0 IE	3,51	Fazenda Paraíso S/A
Heliano Gentileza	PO	5-1	74055	305	7.100	222,0 IE	3,13	Marcio Elisio de Freitas
Alegre Oca Glen Cebra -B/52945	PO	6-6	66706	285	6.325	216,1	3,37	Elge Agropecuária Ltda
St. Chacrinha da Holandra -B/SP/61002	31/32	5-4	80430	286	6.165	207,0	3,37	Milheirinhos Groot
Bela Orlândia -SP/141705	31/32	5-2	78805	305	6.107	209,2	3,42	João Mario Juncos Netto
Cher Acres Virginian Elva -B/54589	PO	6-2	68746	200	6.098	210,4	3,45	Elge Agropecuária Ltda
S.Q. Saleia Gay Brutaquã -B/54802	PO	7-7	64605	264	5.296	168,1	2,60	Pecuária Arhamas Ltda
P. Omaca Rosafé Jr.	PO	5-6	56113	305	5.951	188,0	3,16	Fazenda Paraíso S/A
S.Q. Omaca Harvor Quelidonia -B/60162	PO	6-1	70530	293	5.906	200,2	3,39	Pecuária Arhamas Ltda
S.Q. Omaca Zelado Viola -B/61402	PO	6-1	70312	305	5.748	176,5	3,07	Pecuária Arhamas Ltda

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Três Ordenhas (3x)

CLASSE A - até 2 1/2 anos.

Nativa de Bragança -SP/180718	OC2	2-5	84730	290	6.627	213,9 IE	3,22	Olympio A.S.A. Stockler
-------------------------------	-----	-----	-------	-----	-------	----------	------	-------------------------

CLASSE B - 3 a 3 1/2 anos.

Ocora Calina Yurden -B/8537	PO	3-2	60745	305	6.514	258,3 IE	4,31	Anilcar Farid Yamin
Ocora Shayne Esharon -B/8013	PO	3-3	70710	305	6.731	220,0 IE	3,20	Anilcar Farid Yamin
Albertina's M Unitaria TE -B/205465	PO	3-4	84562	301	6.110	206,6 IE	3,41	Pedro Corde

CLASSE C - 3 1/2 a 4 anos.

Ocora Bulea Jasper -B/7950	PO	3-6	80740	304	6.679	200,6 IE	4,20	Anilcar Farid Yamin
----------------------------	----	-----	-------	-----	-------	----------	------	---------------------

CLASSE D - de 4 1/2 a 5 anos.

Albertina's M Sinda -B/205467	PO	4-11	75191	305	7.335	274,3 IE	3,73	Pedro Corde
Canicola Nodrus GT -B/2113	GH	4-7	76945	260	5.075	220,6 IE	3,20	Oeraldo Figueiredo Forbes
Leandira de Bragança -SP/161810	OC2	4-6	76964	276	5.197	188,0	3,63	Olympio A.S.A. Stockler

CLASSE E - Adultas de mais de 5 anos.

Elka de Bragança - B/82427	OC2	5-1	72062	305	5.169	209,2 IE	3,28	Olympio A.S.A. Stockler
Ocora Pormosa Yurden -B/6167	PO	6-2	73261	264	7.250	233,7	3,22	Anilcar Farid Yamin
Ocora Ocas Noyerdale -B/5457	PO	7-2	67234	275	7.167	253,6 IE	3,53	Anilcar Farid Yamin
Ocora Dagaça Jasper -B/6164	PO	6-3	71572	262	6.040	230,7	3,36	Anilcar Farid Yamin
Ocora Monica Jasper -B/6175	PO	6-6	69446	305	6.336	249,6 IE	3,94	Anilcar Farid Yamin
Ocora Irani Kioto -B/6574	PO	5-4	72213	269	5.670	186,9	3,46	Anilcar Farid Yamin
Los Jean King Pepper -B/8723	PO	6-2	63057	305	5.399	192,6	3,56	Anilcar Farid Yamin

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE F - de 2 1/2 a 3 anos.

Clarice Neodolake da Quelidonia -B/170662	OC3	2-10	84582	305	4.729	176,5 IE	3,08	Hennrich A. Wegerreis
Janeta Injuria Park Ned -SP/81404	POCO	2-6	84742	305	4.191	135,1	3,15	Antonio Damasci
Minerva de Bragança -B/SP/180722	OC2	2-7	84296	305	4.058	163,2 IE	4,82	Olympio A.S.A. Stockler

CLASSE G - de 3 a 3 1/2 anos.

J.P.R. Quercenia -B/920	PO	3-5	81156	298	5.601	191,0 IE	3,41	João Pansarelli
G.N.B. Bileas Jasper Red Mad -B/8370	PO	3-1	84433	267	4.525	182,1 IE	4,62	Geroldino Natal Makawira

CLASSE H - de 3 1/2 a 4 anos.

Bonora Neodolake da Holandra -SP/161000	OC2	3-11	76793	295	5.561	186,0 IE	3,34	Albertus Wynjous
Berta Royal Sta Inds -B/8248	PO	3-6	79089	305	5.338	222,8 IE	4,17	João Pansarelli

CLASSE I - Adultas de mais de 5 anos.

Neora Paul Mall de Claygona -B/2/1913	GH	5-1	79450	302	6.404	218,2 IE	3,48	Hennrich A. Wegerreis
---------------------------------------	----	-----	-------	-----	-------	----------	------	-----------------------

RAÇA JERSEY

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE A - até 2 1/2 anos.

San Bartie King de Butis -B/1211-C	PO	2-5	84831	305	4.819	201,3 IE	5,43	Emerson e Cleonice Butis
------------------------------------	----	-----	-------	-----	-------	----------	------	--------------------------

CLASSE B - de 3 a 3 1/2 anos.

Palentina Soldier S. Francisco -B/125-C	PO	3-5	80702	305	3.288	136,4	4,23	Em. Mario Ignez Leão
---	----	-----	-------	-----	-------	-------	------	----------------------

CLASSE C - Adultas de mais de 5 anos.

Salvadora Caza de Butis -B/14497-C	PO	7-11	79668	290	2.732	103,3	4,31	Emerson e Cleonice Butis
------------------------------------	----	------	-------	-----	-------	-------	------	--------------------------

Três Ordenhas (3x)

Raça Parda Suíça

CLASSE A - de 3 a 3 1/2 anos.

Uccena Glenda R. Strutch -B/603	PO	3-1	84504	305	4.874	177,3 IE	3,89	Anilcar Farid Yamin
---------------------------------	----	-----	-------	-----	-------	----------	------	---------------------

NOME DO ANIMAL

Grav de
sangue

Idade
anos/meses

N.º SCL

Dias de
lactação

Produção
kg

Leite
kg

Gord.
kg

%

PROPRIETÁRIO

CLASSE III - de 1 1/2 a 2 anos.

Corona Albany Improver -5286 PO 2-5 38950 305 4.458 178,4 4,00 Anilour Farid Yamin

CLASSE IV - de 2 a 2 1/2 anos.

Corona Blanca Improver -7862 PO 4-10 75704 267 5.337 200,0 3,93 Anilour Farid Yamin

Corona Victoria Improver -7964 PO 4-6 80755 297 5.114 205,1 4,01 Anilour Farid Yamin

CLASSE V - Adultas de mais de 2 anos.

Maria Talman Power -5651 PO 11-10 47278 305 6.250 235,4 4,27 Anilour Farid Yamin

Clara Dilew Ingall -4291 PO 6-5 72077 284 6.062 229,0 4,27 Anilour Farid Yamin

Glamis R. El Sere -310343 POCC 5-0 76594 280 5.547 239,9 4,03 Fernando Prado Ferraz

Data Ordenha (20)

CLASSE VI - Adultas de mais de 3 anos.

Haroldo de Santa Apetia -1117 GCL 12-1 47647 230 4.200 166,1 4,92 Giovanni Brancatino Grossi

Corona Julia Barry PO 5-7 76712 264 4.280 192,5 4,48 Anilour Farid Yamin

Raça Gir

Data Ordenha (20)

CLASSE I - Adultas de mais de 6 anos.

Safonora de Brasília -0/5287 PE 7-3 50215 305 4.407 194,4 4,41 Faz. Brasília A.Pec. Ltda

Haroldo de Santa Apetia -5/5944 PE 10-11 66712 302 3.924 151,2 4,05 Harrel e José João S.B. Reis

Santa Cruz Lapaça Rural -0/5026 PE 7-0 79115 305 3.761 213,3 5,67 Harrel e José João S.B. Reis

Operação de Brasília -0/437 PE 9-10 55652 305 3.547 100,7 4,59 Faz. Brasília A.Pec. Ltda

Tratando -0/2473 PE 10-4 77153 293 3.261 136,9 4,19 José Lacio Almeida e Outros

CLASSE II - Adultas de mais de 4 anos.

Data Ordenha (20)

CLASSE III - de 4 a 4 1/2 anos.

PMB Condor -34204 (1) LG 8-6 51267 305 4.301 194,9 4,60 Paulo de Tarso Bittencourt

CLASSE IV - Adultas de mais de 5 anos.

PMB Tita Dala -13603 (1) R3 6-6 10510 305 5.526 215,1 4,60 Paulo de Tarso Bittencourt

PMB Viciosa -13607 (1) R7 5-5 10507 302 3.000 150,0 3,23 Paulo de Tarso Bittencourt

II FIVISÃO - Lactação até 365 dias

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Data Ordenha (20)

CLASSE I - de 1 1/2 a 2 anos.

Fernando Daniel Gama -0/5134 PO 5-4 52124 305 12.700 373,0 4,68 Donald Graber

Fernando A. Vitorino Gama -0/5334 PO 5-4 52130 305 11.020 312,0 4,68 Donald Graber

Okatadon José Lina Brasil -0/5133 PO 5-2 52501 302 9.423 275,5 4,68 Agn. Dec. Colomini Ltda

Steno Teodora Gama -0/5132 PO 5-4 52142 305 9.070 273,7 4,68 Faz. S. Maria Pousa A.P. Ltda

Fernando Gama -0/5131 PO 5-4 52145 305 8.006 260,9 4,68 Parana Agro Pec. Ltda

Denise Ipanema Puyol Gama -0/5130 LG 12/15 5-4 52455 305 8.176 267,6 4,68 José Mario Junqueira Netto

Fernando Gama -0/5129 PO 5-5 52130 305 8.130 274,0 4,68 Donald Graber

Armando M. Aguiar -0/5128 GCL 5-3 52690 305 7.720 215,6 4,68 Armando Mendes de Oliveira

Armando M. Aguiar -0/5127 PO 5-4 52469 305 7.432 249,0 4,68 Faz. S. Maria Pousa A.P. Ltda

Armando M. Aguiar -0/5126 PO 5-1 52135 302 7.235 254,3 4,68 Donald Graber

Armando M. Aguiar -0/5125 PO 5-2 52589 305 7.157 217,4 4,68 Parana Agro Pec. Ltda

Armando M. Aguiar -0/5124 POCC 5-3 52481 289 6.623 245,4 4,68 José Mario Junqueira Netto

Armando M. Aguiar -0/5123 PO 5-1 52740 287 6.285 194,1 4,68 Lázaro de Mello Brandão

Armando M. Aguiar -0/5122 PO 5-2 52756 318 6.156 201,7 4,68 Agro Pec. Colomini Ltda

Armando M. Aguiar -0/5121 PO 5-7 52527 292 5.793 194,4 4,68 Donald Graber

Armando M. Aguiar -0/5120 PO 5-4 52741 292 5.767 182,1 4,68 Armando Mendes de Oliveira

Armando M. Aguiar -0/5119 PO 5-5 52483 329 5.760 194,6 4,68 Faz. S. Maria Pousa A.P. Ltda

CLASSE II - de 2 a 2 1/2 anos.

Clara Imperial -0/5118 GCL 5-6 52221 305 5.764 194,6 4,68 Lázaro de Mello Brandão

Clara Imperial -0/5117 GCL 5-5 52508 305 5.708 241,7 4,68 Renato Rago

Clara Imperial -0/5116 GCL 5-0 52538 305 5.753 221,9 4,68 Agn. Dec. Colomini Ltda

Clara Imperial -0/5115 GCL 5-7 52742 314 6.152 173,7 4,68 Armando Mendes de Oliveira

Clara Imperial -0/5114 GCL 5-6 52435 305 6.056 183,2 4,68 Armando Mendes de Oliveira

Clara Imperial -0/5113 PO 5-9 52190 275 6.353 176,8 4,68 Agro Pec. Colomini Ltda

CLASSE III - de 2 1/2 a 3 anos.

Clara Imperial -0/5112 PO 5-5 52552 311 7.707 250,9 4,68 Lázaro de Mello Brandão

Clara Imperial -0/5111 PO 5-5 52684 293 7.143 251,3 4,68 Parana Agro Pec. Ltda

Clara Imperial -0/5110 PO 5-3 52124 309 6.370 211,0 4,68 Fazenda Pastoreira Ltda

Clara Imperial -0/5109 PO 5-5 52617 305 6.543 242,0 4,68 José Mario Junqueira Netto

Clara Imperial -0/5108 PO 5-4 52300 287 6.305 212,3 4,68 Lázaro de Mello Brandão

Clara Imperial -0/5107 PO 5-8 52121 331 6.706 211,5 4,68 Luiz Augusto Sacchi

CLASSE IV - de 3 a 3 1/2 anos.

Clara Imperial -0/5106 PO 5-6 73109 305 6.800 277,4 4,68 Faz. S. Maria Pousa A.P. Ltda

Clara Imperial -0/5105 PO 5-4 52191 305 6.534 270,5 4,68 Faz. S. Maria Pousa A.P. Ltda

Clara Imperial -0/5104 GCL 5-4 52185 305 6.293 269,1 4,68 Armando Mendes de Oliveira

Clara Imperial -0/5103 GCL 5-4 52198 289 6.187 210,2 4,68 Agn. Dec. Colomini Ltda

Clara Imperial -0/5102 PO 5-6 52468 314 6.257 235,7 4,68 José Soares Neto e Filhos

Clara Imperial -0/5101 PO 5-6 52123 305 6.474 260,9 4,68 Pedro Orde

Clara Imperial -0/5100 PO 5-11 52183 300 6.434 291,0 4,68 Interagro S/A

NOME DO ANIMAL

Grav de sangue

Idade anos/meses

Nº SCL

Dias de lactação

Produção
Leite kg
Gord. kg

♀

PROPRIETÁRIO

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Dece Milestone Santa Urbina -	CC2	4-0	86157	338	8.566	234,4	2,75	Arnaldo Mendes de Oliveira
Rosalina Agriandus -SP/165325 (1)	CC2	4-0	86195	280	6.683	221,4	1,31	Agriandus S/A S.A. Pastoral
Isabelle Ace Teisler GDA -BA/1952	CCB	4-5	81574	365	6.503	192,1	2,95	Arnaldo Mendes de Oliveira
Orlandia Negreite Hilar Nunez -D/70541	CC	4-5	76115	365	6.052	225,1	3,71	Josef Mario Jurequeira Netto

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

Teres Mendes Franciscoza Margua -B/70403	PO	7-3	81327	365	11.814	366,5	1,2	Arnaldo Mendes de Oliveira
Pamona Gay Gutella -B/50421	PO	6-5	68110	365	10.997	363,0	0,8	Dorval Antonio Gaudin
S.M. Kungay Rudy Nootmaker -JP/3/19559	PO	6-2	74255	365	10.516	364,9	0,8	Josef Mario Jurequeira Netto
Rosalina Agriandus -SP/147465 (1)	CC2	5-9	81315	365	10.475	358,4	0,2	Agriandus S/A S.A. Pastoral
Guayonesa Agriandus -SP/146385 (1)	CC2	5-1	85177	351	9.796	331,2	0,2	Agriandus S/A S.A. Pastoral
AP Hortaliza Smartkura -B/55670	PO	7-5	64107	365	9.040	303,5	0,1	Edson de Mello Brandão
Isabelle Grove Linda Intramus -B/55546	PO	6-6	71595	365	8.833	295,2	0,2	Edson de Mello Brandão
Sorana S344 Uniole Royal Tiger -B/67200	CC1	5-7	71560	365	8.584	362,7	1,06	Alfonso Huppelia de Freitas
Nelli Atlan -SP/157394	CC1	6-6	73148	313	8.187	245,8	1,00	Alfonso Huppelia de Freitas
Che Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	6-7	74255	365	8.147	286,0	0,2	Alfonso Huppelia de Freitas
Pamona Eliverson Garcia -B/66112	PO	5-2	80114	365	8.039	279,4	1,0	Dorval Antonio Gaudin
Dece Adita Uolana Tapanene -B/69846	PO	6-4	68079	365	7.956	274,1	1,0	Alfonso Huppelia de Freitas
Kirwin Uolana Agriandus TE -B/57255	PO	6-1	65146	365	7.308	285,9	1,36	Interagro S/A
JPK Majestade -B/53167	PO	6-10	65146	365	7.036	218,6	3,10	Interagro S/A
S.M. Beulah Root Raven -B/59156	PO	6-5	71616	365	6.691	261,1	3,70	Josef Mario Jurequeira Netto
AF Francisco Sabara -B/52176	PO	7-4	63193	365	6.625	205,0	3,10	Interagro S/A
Agriandus 1211 Nelli Moss S.H. -B/54555	CCB	5-9	80990	365	6.487	219,2	3,37	Alfonso Huppelia de Freitas

Duas Defecções (2x)

CLASSE A - 2 1/2 anos.

Jang - 1 Dakota Norma Rosa -SP/32810	PO	2-2	85583	165	8.529	253,4	1,1	João Antonio N. Neto Filhos
M.S. Patricia Gay Portuna -B/74451	PO	2-4	85480	344	7.798	263,6	0,2	Fazenda Silqueiro Ltda
Roberta Bost. Patricia Hérica - B/4/73227	PO	2-5	85448	350	7.499	235,0	0,1	Sabriel e Sergio Sando
Guilhera do Rio d'Alto -B/133853	CC1	2-2	85160	351	7.460	277,6	0,2	João Rosier Dutail
Pala d'Alto Sala Gae Star Universal-B/78334	PO	2-2	85065	365	7.086	286,7	1,0	João Rosier Dutail
M.S. Paulineza Perrelli -B/787596	CCB	2-1	86414	272	6.873	167,2	2,43	Fazenda Silqueiro Ltda
M.S. Superiora Quinquina P.d'Alto-B/3274	CC1	2-3	85150	358	6.378	203,4	1,1	João Rosier Dutail
Patricia Coscarelli -B/58743	CC1/2	2-3	85110	365	6.245	210,2	1,0	Maria Lucia P.S. Dias
Dece Orlandia 11112 Marwan-B/78649	PO	2-4	85593	365	6.135	221,6	1,0	Josef Mario Jurequeira Netto
Shi Netelle Twin -B/84463	PO	2-4	85446	339	6.072	206,2	1,0	Maria Lucia P.S. Dias
Shi Netelle Twin -B/84463	PO	2-1	85448	365	6.010	195,7	0,2	Maria Lucia P.S. Dias

CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.

PO - 1 Jangul Reliance -B/82934	CC1	2-7	85007	365	9.137	315,8	1,0	Fazenda Silqueiro Ltda
Guilhera Leutan Tecla P. d'Alto-B/4/7319	CCB	2-6	85530	330	7.467	259,9	0,2	João Rosier Dutail
Guilhera Leutan Tecla P. d'Alto-B/4/7319	CCB	2-6	85448	332	7.259	215,0	0,2	João Rosier Dutail
C.S. Puga Abner Ace -B/74041	PO	2-2	85434	365	7.086	261,0	0,2	João Rosier Dutail
Carolina Thord Santa -B/67554	CC1	2-2	85428	365	6.649	231,6	0,2	João Rosier Dutail
S.M. Govea Cavalier Dapini -B/77329	CC1	2-10	85433	304	6.015	227,6	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85565	365	6.501	212,6	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85566	316	6.378	217,4	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85567	312	6.275	220,4	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85568	311	6.032	217,1	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85569	311	6.031	198,7	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85570	311	6.032	216,6	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85571	311	6.033	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85572	311	6.034	204,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85573	311	6.035	191,9	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85574	311	6.036	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85575	311	6.037	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85576	311	6.038	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85577	311	6.039	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85578	311	6.040	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85579	311	6.041	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85580	311	6.042	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85581	311	6.043	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85582	311	6.044	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85583	311	6.045	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85584	311	6.046	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85585	311	6.047	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85586	311	6.048	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85587	311	6.049	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85588	311	6.050	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85589	311	6.051	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85590	311	6.052	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85591	311	6.053	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85592	311	6.054	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85593	311	6.055	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85594	311	6.056	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85595	311	6.057	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85596	311	6.058	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85597	311	6.059	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85598	311	6.060	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85599	311	6.061	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85600	311	6.062	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85601	311	6.063	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85602	311	6.064	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85603	311	6.065	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85604	311	6.066	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85605	311	6.067	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85606	311	6.068	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85607	311	6.069	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85608	311	6.070	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85609	311	6.071	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85610	311	6.072	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85611	311	6.073	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85612	311	6.074	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85613	311	6.075	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85614	311	6.076	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85615	311	6.077	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85616	311	6.078	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85617	311	6.079	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85618	311	6.080	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85619	311	6.081	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85620	311	6.082	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85621	311	6.083	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85622	311	6.084	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85623	311	6.085	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85624	311	6.086	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85625	311	6.087	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85626	311	6.088	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85627	311	6.089	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85628	311	6.090	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85629	311	6.091	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85630	311	6.092	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85631	311	6.093	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85632	311	6.094	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85633	311	6.095	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85634	311	6.096	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85635	311	6.097	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85636	311	6.098	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85637	311	6.099	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85638	311	6.100	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85639	311	6.101	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85640	311	6.102	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85641	311	6.103	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85642	311	6.104	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85643	311	6.105	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85644	311	6.106	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85645	311	6.107	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85646	311	6.108	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85647	311	6.109	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85648	311	6.110	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85649	311	6.111	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85650	311	6.112	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85651	311	6.113	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85652	311	6.114	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85653	311	6.115	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85654	311	6.116	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85655	311	6.117	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85656	311	6.118	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85657	311	6.119	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85658	311	6.120	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85659	311	6.121	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85660	311	6.122	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85661	311	6.123	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85662	311	6.124	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85663	311	6.125	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85664	311	6.126	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85665	311	6.127	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85666	311	6.128	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85667	311	6.129	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85668	311	6.130	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85669	311	6.131	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85670	311	6.132	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85671	311	6.133	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85672	311	6.134	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85673	311	6.135	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85674	311	6.136	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85675	311	6.137	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85676	311	6.138	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85677	311	6.139	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85678	311	6.140	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85679	311	6.141	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85680	311	6.142	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85681	311	6.143	192,0	1,0	João Rosier Dutail
Dece Jantie 273 -B/58841 (1)	CC1	2-10	85682	311	6.144	192,0	1,0	

NOME DO ANIMAL

Grau de
tempoIdade
anos/meses

N.º SCL

Produção
Leite kg
Gord. kgDias de
lactação

Lg

PROPRIETÁRIO

Rei D'Almeida Unidade Cien Gmme -B/67395
 Capeta Belitica -B/75565
 Juncira de Prata -B/168382
 Vintém Francisco Regio Bau Dulo-B/73175

PO
 PO
 31/22
 PO

4-6
 4-6
 4-11
 4-5

77061
 55310
 61617
 55616

354
 355
 365
 365

7.151
 6.420
 6.180
 5.512

211,1
 237,6 12
 237,1 12
 217,4 12

2,52
 3,00
 3,70
 3,71

Jaeti Emílio Puzill
 Antonio Coelho Guimarães
 H. Henrique Cherkovsky
 Luis Augusto Sacka

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

Quarenta do Vitor: Poturna -B/15232
 P. Carouba Ieswé Jr. -B/52285
 Jamburi Juvier de Londrina -B/100760
 Bonitica Wilmar II. -153571
 Iza Tulipa Comandor Kacen -B/56101
 P. Ganga Oxford Cretatim -B/52221
 Jacqui Senon TR 13. -B/11860
 Alvorada Superior SS -B/11865
 P. Capuena Arlinda -B/64433
 Janet C Lark Hana -B/10510 (3)
 S.O. Carina Lount. Rodovietim -B/60608
 P. Delagata Juvier de Star -B/52707
 P. Delagata Astronauta -B/52705
 Jucyria Helena Ros Jolly -B/42744
 Jucyria Helena -B/56463 (3)

PO
 PO
 OC1
 OC2
 PO
 PO
 CIB
 CIB
 PO
 PO
 PO
 PO
 PO
 PO
 PO
 PO
 PO
 PO

6-10
 9-9
 6-2
 5-4
 7-0
 7-2
 4-7
 5-1
 5-4
 11-4
 6-1
 6-5
 6-5
 6-5
 10-0
 6-1

714,0
 550,0
 76308
 567,1
 677,1
 511,0
 115,7
 136,7
 751,34
 680,2
 705,1
 625,1
 670,0
 721,0
 729,0

365
 365
 365
 365
 365
 365
 365
 365
 365
 365
 365
 365
 365
 365
 365
 365

5.512
 5.557
 5.777
 5.771
 5.462
 7.152
 7.000
 7.143
 7.541
 7.541
 7.251
 7.316
 7.310
 6.403
 7.152

357,9 12
 255,9 12
 291,4 12
 273,2 12
 213,1 12
 254,2 12
 257,1 12
 225,1 12
 265,0 12
 255,1 12
 270,0 12
 276,0 12
 262,1 12
 223,4 12
 241,0 12

3,75
 3,55
 3,10
 3,13
 3,70
 3,16
 3,25
 2,90
 3,51
 3,12
 3,15
 3,77
 3,48
 3,23
 3,50

Teria Aparecida M. Neria
 Fazenda Paraisópolis
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star
 Jucyria Juvier de Star

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Tres Ordenhas (3x)

CLASSE A - até 1 1/2 anos.

Corona Doreen Yurien -B/10410

PO

2-4

600,7

323

5.506

154,8 12

3,75

Analcar David Yurien

CLASSE B - 1 1/2 a 3 anos.

Corona Lva Jucyria -B/10415

PO

2-2

550,2

265

7.046

252,4 12

3,21

Analcar David Yurien

Corona Gila Springer-TE -B/10426

PO

2-7

650,0

347

6.119

226,4 12

1,74

Analcar David Yurien

CLASSE C - Adultas de mais de 5 anos.

Papera-tão Jucyria Lva Red-Ex -B/6215

PO

6-2

704,0

365

10.131

311,2 12

3,40

Pedro Dore

Reduza Anita Red -B/6027

PO

7-2

671,0

362

5.535

213,5 12

3,00

Osvaldo Figueiredo Forbes

Corona Teora-Live Jucyria II TE -B/1047

PO

5-3

6.541

365

6.543

250,4 12

3,62

Analcar David Yurien

Tres Ordenhas (3x)

CLASSE A - até 1 1/2 anos.

E.S. Geicia Verbo S. Sabatão -B/9712

PO

2-4

555,3

292

5.075

178,6 12

3,51

Regues Joseph Lambert

J.S. Jandara Regio -B/9713

PO

2-0

658,9

365

4.064

150,9 12

3,18

João Passarelli

CLASSE B - de 1 1/2 a 3 anos.

Corona Lva Jucyria -B/10475

OC2

2-10

651,9

365

6.451

223,4 12

3,43

Henrique A. Nogueira

Sierra Red Jucyria de Sta Cruz -B/10476

CIB

4-7

660,0

311

5.160

175,8 12

3,42

Fernando José Santos

Sierra Red Jucyria de Sta Cruz -B/10476

CIB

2-10

659,8

317

5.050

170,6 12

1,36

Fernando José Santos

CLASSE C - de 3 a 1 1/2 anos.

Gila Scott da Holanda -B/10477

OC1

3-4

609,1

256

4.967

169,2 12

3,40

Adriano Siqueira

CLASSE D - de 4 1/2 a 5 anos.

Serena 5375 Esther Alba Marquis -B/7700

PO

4-10

604,7

365

6.205

167,2

2,65

João Raposo dos Reis

São Nicolau Pinda Cat. Marquis -B/8050

PO

4-9

765,4

365

5.334

176,9

3,21

Edson Motta

CLASSE E - Adultas de mais de 5 anos.

Estrela Jucyria Red Anita (3x) -B/15246

OC2

6-1

721,0

352

7.595

278,8 12

3,67

Osvaldo Natal Medeiros

Sua da Holanda -B/15164

POC2

6-7

661,9

325

7.275

236,9 12

3,25

Alberto Siqueira

S.O. Abigail Jucyria Lva -B/15165

PO

5-7

588,6

346

6.511

222,6 12

3,43

Osvaldo Natal Medeiros

Holanda Paragana -B/15166

PO

9-2

715,6

314

6.445

228,6 12

3,54

Henrique A. Nogueira

Holanda Paragana -B/15166

PO

10-6

576,5

349

6.291

208,6 12

3,36

Osvaldo Natal Medeiros

Holanda Paragana -B/15166

PO

9-3

612,9

365

6.076

236,4 12

3,65

Osvaldo Natal Medeiros

Raça Jersey

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE A - de 1 1/2 a 3 anos.

Simone Spot do Bueli -B/1861-C

PO

2-9

856,1

365

6.167

254,2 12

4,62

Simone e Cabanha Bueli

CLASSE B - de 3 a 1 1/2 anos.

Clotilde Tiele do Bueli -B/1861-C

PO

1-2

817,2

365

5.171

252,1 12

4,65

Simone e Cabanha Bueli

CLASSE C - Adultas de mais de 5 anos.

Simone Spot do Bueli -B/1861-C

PO

8-2

1400,1

365

6.151

342,1 12

5,66

Simone e Cabanha Bueli

Simone Spot do Bueli -B/1861-C

PO

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em meses	anos	Controle	Dias de lactação	Leite %		NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em meses	anos	Controle	Dias de lactação	Leite %
Elise Leite Junior	PO	3-4	39	34	29,0	3,4			Elise Royal	PO	3-6	30	321	38,0	3,0	
J.P.A. Rio	PO	4-6	30	28	29,0	3,0			P. Imperial Standard	PO	5-2	36	122	24,0	3,1	
Elise Ferreira Ribeiro	PO	4-6	30	23	25,0	4,0			P. Santa Rosa Jr.	PO	1-9	30	192	23,0	3,0	
Elise Freitas Ribeiro	PO	4-6	30	112	20,0	3,0			P. Estrela Fidalgo	PO	7-11	40	113	27,0	3,0	
WILLIAM JAMES FERRAZ	GC3	4-6	29	54	29,0	3,3			P. Topografia Simple	PO	5-6	40	117	20,0	3,2	
Orlando Junior P. Leite	GC3	2-4	28	45	15,0	3,4			P. Gila Danella	PO	5-8	40	127	26,0	3,6	
Fipe Grande S. Junior	PO	4-6	26	41	22,0	3,5			P. Leticia Portinari	PO	2-8	40	117	18,0	3,4	
Frederico dos Capellanos	PO	4-6	30	37	23,0	3,4			P. Carolina Knorr Jr.	PO	6-2	40	114	32,0	3,4	
J.P.S. Silva	PO	3-3	20	37	31,0	2,9			P. Zaira Pal	PO	3-11	40	108	32,0	3,0	
Allegre Cota Giza Cota	PO	3-6	19	27	17,0	2,5			P. Lázaro Rostky	PO	2-7	40	106	27,0	2,8	
									P. Solange Arroy	PO	3-6	40	97	31,0	2,8	
									P. Leticia Chacabato	PO	2-6	40	94	24,0	1,3	
									P. Denicla Berni	PO	10-4	40	94	20,0	1,9	
									P. Fátima Ullmann	PO	7-3	40	90	31,0	2,9	
									P. Jussia Borcut	PO	3-9	40	141	30,0	2,8	
									P. Gabriela Jato, Cristiane	PO	8-3	30	88	11,0	3,2	
									P. Inocência Tereza Sten	PO	8-3	30	94	31,0	3,1	
									P. Gorgeta Danellio	PO	5-16	30	45	27,0	3,4	
									P. Jovita Willian	PO	3-9	30	44	31,0	2,8	
									P. Mariana Men	PO	2-3	30	83	24,0	2,7	
									P. Graziela Nogueira Pal	PO	3-8	30	82	33,0	1,3	
									P. Impetora Reis	PO	3-10	30	82	31,0	1,2	
									P. Cameli Walter Tades	PO	1-7	30	81	32,0	2,5	
									P. Patrícia Lealder	PO	8-6	30	80	29,0	2,9	
									P. Jaine Pal	PO	4-1	30	79	29,0	2,7	
									P. Lenhazas Perissimano	PO	3-1	30	79	24,0	2,3	
									P. Isabela Antunes	PO	10-0	30	72	24,0	2,0	
									P. Lucila Antunes	PO	1-9	30	68	22,0	1,6	
									P. Isabela Perissimano	PO	8-6	29	66	24,0	1,6	
									P. Leticia Perissimano	PO	2-3	30	62	29,0	1,1	
									P. Denize Tereza Sten	PO	8-6	30	67	31,0	1,9	
									P. Inocência Sten	PO	4-12	30	67	30,0	1,1	
									P. Denalia Nogueira	PO	3-7	30	66	32,0	2,7	
									P. Jaine Willian	PO	3-12	30	64	30,0	1,6	
									Grandine Rosali Jr.	PO	9-3	29	63	34,0	1,2	
									P. Teliziana Lealder	PO	8-11	29	63	22,0	1,3	
									P. Traps Astro	PO	6-8	30	61	26,0	1,6	
									P. Lucila Chacabato	PO	4-6	30	60	24,0	1,6	
									P. Amarelina Rosali Jr.	PO	11-8	30	59	29,0	1,7	
									P. Inocência Tereza Sten	PO	3-4	30	56	34,0	1,1	
									P. Santa Rosa Rita	PO	3-8	30	54	31,0	1,7	
									P. Tereza Knorr	PO	5-5	30	54	27,0	1,6	
									P. Gila Danella	PO	5-9	29	53	22,0	1,7	
									P. Jaine Willian	PO	8-4	30	52	30,0	2,8	
									P. Santa Rosa Arcana	PO	5-3	30	51	29,0	1,4	
									P. Denicla Nogueira Rita	PO	2-3	30	51	24,0	1,8	
									P. Emma Chacabato	PO	4-9	29	48	34,0	1,3	
									P. Maricla Rita Rita	PO	2-4	29	48	24,0	1,3	
									P. Isabela Men	PO	2-8	30	47	21,0	1,7	
									P. Patrícia Knorr	PO	2-3	30	47	21,0	1,7	
									P. Teliziana Rita	PO	5-3	30	45	37,0	1,4	
									P. Porcena Willian	PO	7-1	30	42	37,0	1,1	
									P. Santa Willian	PO	8-1	30	42	31,0	1,5	
									P. Clara Chacabato	PO	8-1	30	31	17,0	3,4	
									P. Maricla Chacabato	PO	2-4	30	30	42,0	1,1	
									P. Amarelina Perissimano	PO	3-1	30	29	30,0	1,6	
									P. Maricla Willian	PO	2-2	30	29	29,0	1,8	
									P. Maricla Praty	PO	3-1	30	29	24,0	1,3	
									P. Maricla Knorr Knorr TE	PO	2-1	30	29	23,0	1,6	
									P. Santa Rosa Jr. TE	PO	2-2	30	27	40,0	2,8	
									P. Maricla Willian	PO	2-8	30	25	25,0	3,3	
									P. Maricla Willian	PO	2-4	30	24	23,0	2,6	
									P. Santa Tereza Sten	PO	8-10	30	20	18,0	2,0	
									P. Santa Rita	PO	1-8	30	18	21,0	1,3	
									P. Jaine Praty	PO	3-11	30	17	22,0	1,8	
									P. Fátima Ullmann	PO	7-2	30	15	10,0	3,2	
									P. Lázaro Willian	PO	2-10	30	18	32,0	2,1	
									P. Maricla Willian	PO	2-4	30	16	24,0	2,8	
									P. Maricla Willian	PO	2-4	30	15	25,0	2,8	
									P. Fátima Oxford	PO	7-5	30	12	27,0	2,6	
									P. Emma Rosali Jr.	PO	10-7	30	10	27,0	1,1	
									P. Maricla Willian	PO	3-1	30	1	30,0	3,3	

Bastante Leite x Com muito Leite = Mais Leite



DECALQUE DE BRASILIA
nasc.: 21/03/85 — Rq. 2646.

Progenitores		Prod. Leite Oficial	
Udo A. 6795	X	Iacutinga O. 8715	4.415 kg
Darlan 9023	X	Leiteira O. 8392	6.336 kg
Caxamanga 3937	X	Fazenda D. 7808	3.806 kg
Quadro 486	X	Calibro B. 2308	4.375 kg
Pindaré 5802	X	Delicada C. 5089	3.655 kg
Bombain 2320	X	Roxana D. 5697	4.495 kg

VENDA DE TOURINHOS QUALIFICADOS

Fazenda São Marcos

Prop.: ERNANI BICUDO DE PAULA

Em Guararema: Av. Ademar de Barros, s/n.º

Tel.: 475-1291 - SP

Corresp.: R. Cap. Manoel Caetano, 203

Mogi das Cruzes - SP - Tels.: 460-2066 e 469-5969

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Linha Agropecuária Ltda., Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 29-09-66. Início de parto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Capitão Falest	PO	2-6	29	56	16,0	2,7
Donna Anna Virginiana Elva	PO	3-1	10	14	23,0	2,9
Capitão Henry Faber	PO	2-4	10	8	16,0	3,3
Capitão Falest	PO	2-2	10	3	19,0	3,8
Capitão Jettar	PO	2-4	10	1	17,0	3,7
Madame Bulfer Franco	PO	0-6	40	136	14,0	2,6
Madame Harriet Elly	PO	3-7	109	314	20,0	3,8
Capitão Adina	PO	1-1	99	212	17,0	3,5
Capitão Standout	PO	2-3	90	257	13,0	4,0
Capitão Standout	PO	2-5	90	268	20,0	3,7
Capitão Standout	PO	0-5	80	231	16,0	4,3
Capitão Standout	PO	2-0	79	201	19,0	2,4
Capitão Standout	PO	5-10	70	195	21,0	3,4
Capitão Standout	PO	3-6	60	178	24,0	3,5
Capitão Standout	PO	4-5	60	172	19,0	3,5
Capitão Standout	PO	3-4	60	168	15,0	4,0
Capitão Standout	PO	3-7	60	165	18,0	3,5
Capitão Standout	PO	3-1	60	158	18,0	4,2
Capitão Standout	PO	0-3	60	175	21,0	3,2
Capitão Standout	PO	0-2	50	150	19,0	3,5
Capitão Standout	PO	0-9	50	138	25,0	3,3
Capitão Standout	PO	0-6	50	115	22,0	2,8
Capitão Standout	PO	0-8	50	131	20,0	3,4
Capitão Standout	PO	3-2	40	133	20,0	3,2
Capitão Standout	PO	3-4	40	123	21,0	3,2
Capitão Standout	PO	0-5	40	107	30,0	2,8
Capitão Standout	PO	0-6	40	152	23,0	3,3
Capitão Standout	PO	3-3	30	141	19,0	3,5
Capitão Standout	PO	2-4	30	78	15,0	2,9
Capitão Standout	PO	2-4	30	70	16,0	4,0
Capitão Standout	PO	0-5	30	66	28,0	2,8
Capitão Standout	PO	0-3	30	55	28,0	2,3
Capitão Standout	PO	0-5	20	53	20,0	3,0
Capitão Standout	PO	2-7	20	49	21,0	3,2
Capitão Standout	PO	3-10	20	46	19,0	3,9
Capitão Standout	PO	0-6	20	38	44,0	2,2
Capitão Standout	PO	2-6	20	35	16,0	3,5
Capitão Standout	PO	2-10	20	21	21,0	3,0

[illegible]

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de leite	Dias de lactação	%
Fazenda Santa Maria da Posse Agrícola e Pastoral Ltda. Inspeção, Est. de São Paulo, Controle em 06-08-68, Registre do parto com raça experimental, 3 ordenhas.					
Posse Tiana Hasmira Achilles	PO	3-2	26	39	23,0 3,4
Posse Garça Glória Eric	PO	3-12	40	120	23,0 3,0
Posse Sereia Lenita Hasmairineer	PO	3-8	50	175	24,0 3,1
Barro's Tiana Golly Hilmstone	PO	3-8	60	182	21,0 2,7
Posse Sainita Crisides Vassini	PO	4-2	30	31	22,0 2,6
Posse Silevia Palha Cavalier	PO	3-9	80	202	21,0 2,5
Posse Quaseira Katanga Cavalier	PO	5-11	80	240	25,0 3,3
Barro's Queti Angel Hilmstone	PO	4-8	90	252	24,0 3,5
Posse Hochendael Elev. Astro	PO	3-9	40	178	22,0 2,4
Posse Selma Quatanga Cavalier	PO	3-10	12	27	26,0 3,2
HTH Hattchel Elevation Astro	PO	4-1	20	55	18,0 3,0
Posse Socena Hasmaira Leader	PO	3-10	50	140	33,0 3,0
Posse Galina Liza Marvex	PO	4-3	10	23	46,0 2,8
Posse Sereia Pedreira Cavalier	PO	4-4	20	58	45,0 3,0
Posse Serra Lúbia Haves	PO	4-5	10	8	26,0 4,0
Posse Severa Quibos Electra	PO	3-18	10	26	35,0 3,5
Barro's Janifer I Astro Mil. TE	PO	-	20	49	37,0 2,9
Barro's Flori Ridge Narvex	PO	5-1	40	111	36,0 2,7
HTH Elzebel Astro Vige	PO	4-5	20	71	31,0 3,1
Hrappi Farvex Blacky	PO	4-6	42	67	40,0 3,4
Posse Tiroleza Jada Hasmairineer	PO	4-4	40	110	29,0 3,3
Posse Tempestade Quatanga Hasmairineer	PO	3-3	30	72	34,0 2,8
Barro's Janifer II Astro Mil. TE	PO	3-5	50	134	25,0 2,1
Posse Tiroleza Jousha Hasmairineer	PO	3-4	30	132	34,0 3,0
Posse Sereia Quatanga Vassini	PO	3-5	40	101	36,0 3,3
Posse Quatanga Bruna Narvex	PO	3-4	50	141	33,0 2,7
Posse Temora Isabel Cavalier	PO	3-4	20	44	38,0 2,8
Posse Tagara Osmara Report.	PO	3-3	20	40	37,0 3,0
Posse Tarcia Faria Ford	PO	3-4	30	15	42,0 2,5
Posse Tati Queta Ford	PO	3-4	20	51	37,0 2,8
Posse Tiroleza Pitanga Osmara	PO	2-2	70	193	23,0 3,2
Posse Tampa Poltrona Osmara	PO	2-4	70	216	20,0 3,2
Posse Tati Quatanga Sincin	PO	2-3	20	27	27,0 2,7
Posse Tiroleza Quatanga Sincin	PO	2-3	20	37	23,0 4,4
Ventura Flava Oak Star Posse	PO	2-3	30	92	26,0 3,3
Posse Tiroleza Sereia Sincin	PO	2-4	60	166	26,0 3,0
Posse Vestal Wilhelbel Sincin	PO	2-2	20	41	27,0 2,8
Posse Tiroleza Negatunga Achilles	PO	2-2	70	104	24,0 2,8
Posse Veneta Sereia Sincin	PO	2-1	50	136	25,0 3,9
Posse Viduira Quatanga Willow	PO	2-0	20	47	20,0 2,4
Posse Vianeta Sereia Sincin	PO	2-1	20	47	27,0 2,7
Posse Viduira Sereia Oak Star	PO	2-0	40	121	22,0 3,8
Posse Varypeta Perolla Sincin	PO	2-1	30	45	40,0 1,6
Posse Vinhosa Sereia Oak	PO	2-1	10	6	22,0 3,6
Posse Vera Osmara Negatunga	PO	2-2	50	131	24,0 3,5
Posse Tremella Quatanga J 4	PO	2-9	30	246	23,0 4,0
Posse Vianeta Negatunga Procty	PO	2-2	10	13	24,0 1,6
Posse Viduira Quatanga Oak	PO	2-2	10	10	26,0 3,5
Posse Vianeta Oak Negatunga	PO	2-2	20	124	27,0 3,4

[illegible]

Aspetul Ribeiro Arila, Fladomochoruba, SP, de São Paulo. Estado de 15-09-82. Região de pasto com copas espalhadas; 3 e 2 arbores.					
<u>Composições</u>					
Capela Nivali, Araraçá	90	9.5	1.80	194	22.7
Araraçá, Nivali, Araraçá	90	9.5	1.80	194	22.7
Araraçá, Nivali, Araraçá	90	9.5	1.80	194	22.7
Araraçá, Nivali, Araraçá	90	9.5	1.80	194	22.7

NOME DO ANIMAL	Grav da sangue	Idade em meses	Cont. troco	Dias de leite	%	NOME DO ANIMAL	Grav da sangue	Idade em meses	Cont. troco	Dias de leite	%	
Capela Elizabeth A. Adair	PO	6-12	30	61	37,0 3,3	Alfonso Balles Leite, Amplitude, Est. de São Paulo. Controle em 27-09-06. Requis do parto em região suplementar. 2 ordenhas.						
Arley Helen Penneville Elevator	PO	6-2	29	68	28,0 3,4	403 São Raposa	PO	6-5	29	59	36,0 3,3	
Arley Glenn Penneville Elevator	PO	6-2	29	57	29,0 3,3	Waldia do Gualter	PO	11-12	6-9	20	67	23,0 3,3
Arley Shasta Perry Elevator	PO	6-4	30	27	18,0 3,7	Reu Non Vitor 113	PO	6-9	20	72	27,0 3,3	
Barbara 1 do Barley	PO	6-4	30	6	14,0 3,4	773 São de Raposa	PO	11-12	6-9	20	62	14,0 3,3
Barbara 1 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	823 São de Raposa	PO	11-12	6-9	20	78	21,0 3,3
Barbara 2 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	Salinas 137 Ford Stage 113	PO	6-9	20	143	20,0 3,4	
Barbara 3 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	Reu 100 Ford Stage 113	PO	6-9	20	87	12,0 3,4	
Barbara 4 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	Portifício do Gualter	PO	6-9	20	164	15,0 3,4	
Barbara 5 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	F. C. 14110 Ford Stage 113	PO	6-9	20	81	17,0 3,4	
Barbara 6 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	Quail Christiana Ford Friend	PO	6-9	20	49	12,0 3,4	
Barbara 7 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS Maple 113	PO	6-9	20	154	26,0 3,4	
Barbara 8 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	134	35,0 3,4	
Barbara 9 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	72	29,0 3,4	
Barbara 10 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	76	27,0 3,4	
Barbara 11 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	109	32,0 3,4	
Barbara 12 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	78	16,0 3,4	
Barbara 13 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	71	12,0 3,4	
Barbara 14 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	75	25,0 3,4	
Barbara 15 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	190	16,0 3,4	
Barbara 16 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	173	15,0 3,4	
Barbara 17 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 18 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 19 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 20 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 21 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 22 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 23 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 24 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 25 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 26 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 27 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 28 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 29 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 30 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 31 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 32 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 33 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 34 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 35 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 36 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 37 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 38 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 39 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 40 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 41 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 42 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 43 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 44 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 45 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 46 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 47 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 48 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 49 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 50 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 51 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 52 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 53 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 54 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 55 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 56 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 57 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 58 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 59 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 60 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 61 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 62 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 63 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 64 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 65 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 66 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 67 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 68 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 69 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 70 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 71 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 72 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 73 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 74 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 75 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 76 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 77 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 78 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 79 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 80 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 81 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 82 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 83 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 84 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 85 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 86 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 87 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 88 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 89 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 90 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 91 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 92 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 93 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 94 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 95 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 96 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 97 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 98 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 99 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 100 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 101 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 102 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9	20	153	15,0 3,4	
Barbara 103 Alameda Gualter Elevator	PO	6-4	30	4	13,0 3,7	OS 113	PO	6-9				



Estância Kankrej

José Resende Pares

GUZERÁ LEITEIRO,
Garantia de vacas
maiores, mais rústicas.
Quando o sangue for ficando
muito europeu, e a perda de
bezerros aumentando...
É melhor usar a raça mais
rústica do mundo.



SÊMEN À VENDA

Agua da serra fria.

Praça José Peres, 17-A
35360, São Pedro dos Ferros, MG
Tels.: (033) 352-1457, 352-1218
No Rio: (021) 295-1611

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Isaac Silva Pereira	PO	2-3	30	70	18,0	2,8
Isaac Vigante Perfonense	PO	5-0	20	48	19,0	4,5
Isaac J. J. J.	PO	15-0	20	35	15,0	2,9
Isaac Robert Dyer	PO	3-1	20	35	23,0	2,6
Isaac Sabino Deyan	PO	3-11	20	49	18,0	2,7
Isadora M.S.	POCC	6-1	20	21	20,0	2,6
Isador Violet Eino	PO	5-5	20	32	25,0	2,9
Isador Bethania Vigo	PO	2-5	10	19	18,0	2,9
Isador B. Altitah	PO	2-4	10	19	18,0	2,8

Agrícola S/A Imp. Agr. e Pastreil, Desalvado, Est. de São Paulo. Controle em 16-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.

Bernarda Agrícola	OC3	3-6	10	14	36,0	2,8
Bernarda Agrícola	OC2	4-5	10	19	45,0	2,9
Bernarda Agrícola	OC5	3-8	10	29	37,0	3,2
Bernarda Agrícola	OC1	6-2	30	82	31,0	3,2
Bernarda Agrícola	OC1	6-1	30	99	37,0	3,1
Bernarda Agrícola	OC1	4-2	20	58	39,0	3,5
Bernarda Agrícola	OC2	2-1	20	59	41,0	3,4
Bernarda Agrícola	OC2	6-8	30	80	35,0	-
Bernarda Agrícola	OC3	3-3	20	48	35,0	2,4
Bernarda Agrícola	OC3	4-5	20	44	34,0	2,8

Albert Sleutjes, Japariuna, Est. de São Paulo. Controle em 16-05-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Isadora J. J. J.	PO	4-5	30	72	22,0	3,4
Isadora J. J. J.	PO	2-4	30	102	23,0	3,5

Gerardo W. Groot, Japariuna, Est. de São Paulo. Controle em 31-08-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Glennara J. J. J.	POCC	2-5	110	305	15,0	4,4
Glennara J. J. J.	POCC	2-4	110	309	15,0	3,7
Glennara J. J. J.	POCC	2-5	110	332	15,0	4,9
Glennara J. J. J.	OC2	4-4	70	207	19,0	3,5
Glennara J. J. J.	OC2	3-1	70	195	24,0	3,2
Glennara J. J. J.	OC2	3-9	70	189	20,0	3,4
Glennara J. J. J.	OC2	3-11	69	156	24,0	3,4
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	183	23,0	3,6
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	122	15,0	4,0
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	128	16,0	0
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	152	19,0	4,1
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	128	21,0	3,0
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	130	17,0	3,2
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	74	23,0	3,5
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	67	15,0	4,5
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	64	17,0	3,3
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	68	24,0	2,8
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	27	20,0	3,1
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	22	16,0	3,4
Glennara J. J. J.	OC2	3-10	69	32	23,0	3,4

Guano Van der Groot, Japariuna, Est. de São Paulo. Controle em 14-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Guano Van der Groot	PO	3-5	80	107	21,0	3,7
Guano Van der Groot	PO	4-6	80	66	16,0	3,4
Guano Van der Groot	PO	4-5	120	350	20,0	3,4
Guano Van der Groot	PO	3-4	80	107	24,0	4,2
Guano Van der Groot	PO	3-5	80	107	17,0	4,4
Guano Van der Groot	PO	4-8	80	80	24,0	3,0

Theobaldus H. Japariuna, Est. de São Paulo. Controle em 01-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Theobaldus H. Japariuna	PO	4-7	50	139	22,0	3,3
Theobaldus H. Japariuna	PO	5-8	50	127	24,0	3,8
Theobaldus H. Japariuna	PO	3-4	90	106	23,0	4,3

Thomas Hyatt, Japariuna, Est. de São Paulo. Controle em 10-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Thomas Hyatt	OC3	6-3	50	142	23,0	3,3
Thomas Hyatt	OC2	4-1	30	62	15,0	3,5
Thomas Hyatt	OC2	4-1	30	74	30,0	3,4
Thomas Hyatt	PO	6-5	46	46	14,0	3,1
Thomas Hyatt	POCC	-	20	44	22,0	2,9

Carlos Alberto J. Japariuna, Est. de São Paulo. Controle em 12-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	4-5	80	128	30,0	3,8
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	3-1	50	15	18,0	3,5
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	3-11	50	90	27,0	3,1
Carlos Alberto J. Japariuna	POCC	12-8	20	66	11,0	3,0
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	5-3	10	15	29,0	3,1
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	4-6	10	15	33,0	3,3
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	3-11	60	204	32,0	3,0
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	4-3	20	44	23,0	3,7
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	3-11	30	141	36,0	4,8
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	3-8	80	146	20,0	3,6
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	3-8	80	78	27,0	4,4
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	3-4	80	231	32,0	3,8
Carlos Alberto J. Japariuna	POCC	3-6	20	72	30,0	3,1
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	3-6	40	105	20,0	3,1
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	3-6	40	17	12,0	3,5
Carlos Alberto J. Japariuna	PO	3-2	50	152	24,0	3,5
Carlos Alberto J. Japariuna	PO	3-4	80	94	30,0	3,2
Carlos Alberto J. Japariuna	PO	3-4	80	96	15,0	3,5
Carlos Alberto J. Japariuna	PO	3-4	80	133	22,0	3,6
Carlos Alberto J. Japariuna	OC2	3-1	80	111	25,0	3,7
Carlos Alberto J. Japariuna	PO	3-1	50	140	24,0	3,1
Carlos Alberto J. Japariuna	OC2	3-1	80	95	25,0	3,2
Carlos Alberto J. Japariuna	OC2	3-1	80	94	20,0	3,5
Carlos Alberto J. Japariuna	PO	3-1	80	13	12,0	3,5
Carlos Alberto J. Japariuna	PO	3-1	100	270	22,0	3,1
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	2-8	20	40	27,0	3,4
Carlos Alberto J. Japariuna	OC1	2-8	40	108	20,0	4,0

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Francis Happy Silva Bravo	PO	2-7	30	91	27,0	3,8
Francis Happy Silva Bravo	OC2	2-7	30	44	22,0	3,1
Francis Happy Silva Bravo	PO	2-3	30	81	22,0	3,5
Francis Happy Silva Bravo	PO	2-2	30	74	27,0	2,8
Francis Happy Silva Bravo	PO	2-2	30	44	20,0	2,8
Francis Happy Silva Bravo	OC1	2-2	30	48	27,0	3,8
Francis Happy Silva Bravo	PO	3-2	10	26	26,0	3,7

Berta Agrícola e Comercial S/A, Desalvado, Est. de São Paulo. Controle em 12-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Berta Agrícola e Comercial S/A	OC1	7-0	30	82	27,0	3,4
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC1	6-3	30	72	15,0	3,0
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC2	6-0	30	82	22,0	3,4
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC4	6-0	30	80	30,0	3,7
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC2	2-0	30	94	21,0	3,0
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC2	2-5	30	77	19,0	3,5
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC2	2-4	30	98	21,0	3,6
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC3	2-0	30	156	24,0	3,9
Berta Agrícola e Comercial S/A	PO	4-11	30	62	21,0	4,2
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC1	6-10	30	54	19,0	2,8
Berta Agrícola e Comercial S/A	PO	6-5	10	25	27,0	3,5
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC3	2-5	10	8	17,0	3,7
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC2	4-1	10	5	24,0	3,3
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC2	3-6	10	2	14,0	3,8
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC1	3-4	40	132	32,0	3,9
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC1	11-4	60	182	15,0	4,2
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC1	8-3	40	114	28,0	3,8
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC1	6-9	40	174	17,0	3,8
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC1	6-3	40	277	19,0	3,5
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC3	6-2	80	220	21,0	3,6
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC2	6-9	70	260	17,0	3,8
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC2	4-2	110	310	17,0	3,7
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC2	4-2	60	167	14,0	4,2
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC2	4-5	60	104	18,0	4,0
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC1	4-4	60	108	20,0	3,0
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC5	3-8	60	239	16,0	4,2
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC8	3-7	70	226	19,0	3,8
Berta Agrícola e Comercial S/A	OC1	2-6	60	89	15,0	3,3
Berta Agrícola e Comercial S/A	PO	3-2	70	209	13,0	3,0
Berta Agrícola e Comercial S/A	PO	2-2	40	99	23,0	3,7
Berta Agrícola e Comercial S/A	31/32	3-11	30	71	16,0	2,3

Pecúria Agrícola Ltda., Campinas, Est. de São Paulo. Controle em 09-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Pecúria Agrícola Ltda.	PO	5-5	10	31	27,0	2,4
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	4-11	10	30	36,0	2,1
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	7-3	10	29	27,0	2,7
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	4-3	10	27	25,0	2,9
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	7-3	10	22	29,0	3,0
Pecúria Agrícola Ltda.	OC8	5-7	10	32	34,0	1,8
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	5-6	10	18	29,0	2,7
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	5-6	10	18	29,0	3,2
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	5-8	10	18	30,0	2,5
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	10-1	10	17	37,0	2,5
Pecúria Agrícola Ltda.	OC8	5-11	60	369	29,0	2,8
Pecúria Agrícola Ltda.	OC8	5-4	60	136	27,0	2,9
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	8-4	90	94	28,0	2,7
Pecúria Agrícola Ltda.	OC2	10-4	40	103	29,0	2,7
Pecúria Agrícola Ltda.	OC2	3-10	40	116	34,0	3,0
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	8-9	40	117	31,0	3,3
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	8-9	40	119	31,0	2,9
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	3-5	40	120	27,0	3,2
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	4-11	40	123	26,0	2,7
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	8-2	40	123	24,0	2,5
Pecúria Agrícola Ltda.	OC8	3-8	80	71	27,0	3,0
Pecúria Agrícola Ltda.	OC8	4-11	70	71	28,0	2,8
Pecúria Agrícola Ltda.	OC4	3-8	30	71	28,0	2,3
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	8-10	30	71	28,0	2,3
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	4-4	20	70	29,0	3,0
Pecúria Agrícola Ltda.	OC1	4-1	20	64	29,0	3,1
Pecúria Agrícola Ltda.	OC7	5-10	20	60	27,0	2,7
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	13-0	20	57	28,0	2,9
Pecúria Agrícola Ltda.	PO	5-2	20	44	37,0	2,5

João Figueiredo F. Japariuna, Est. de São Paulo. Controle em 01-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

João Verde SS	OC8	6-6	20	56	28,0	2,5
Agência Cavalier SS	OC8	2-6	30	36	24,0	3,3
Amosio Babin SS	OC8	3-10	10	23	27,0	3,2
Alvin Acceptor SS	OC8	6-2	10	19	29,0	3,2
Alvin Astromont	OC8	5-2	60	249	21,0	3,1
Alvin Bustin SS	OC8	6-8	50	153	26,0	3,0
Alvin Astromont SS	OC8	5-8	50	126	24,0	2,8
Alvin Astromont SS	OC8	5-10	70	186	26,0	3,0
Alvin Bustin SS	OC8	6-5	70	186	26,0	3,0
Alvin Bustin SS	OC8	6-5	70	153	25,0	3,1
Alvin Bustin SS	OC8	4-8	50	153	26,0	3,0
Alvin Bustin SS	OC8	5-10	30	120	31,0	3,1
Alvin Bustin SS	OC8	11-1	30	102	31,0	3,1
Alvin Bustin SS	OC8	6-3	70	168	22,0	2,8
Alvin Bustin SS	POCC	3-4	70	145	22,0	2,8
Alvin Bustin SS	OC8	6-4	60	145	22,0	2,8
Alvin Bustin SS	POCC	6-4	60	152	31,0	3,2
Alvin Bustin SS	OC8	3-4	60	220	22,0	3,0
Alvin Bustin SS	PO	6-4	60	220	22,0	3,0
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	POCC	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1
Alvin Bustin SS	PO	3-6	60	226	30,0	3,1

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
João Jacó Paragon	OC1	2-5	60	97	21,0	3,4
João Jacó Paragon	OC2	2-3	216	50	23,0	3,2
João Jacó Paragon - Jupiter	PO	2-4	110	354	24,0	2,0
João Jacó Paragon	OC2	2-0	29	103	30,0	3,2
João da Silva Paragon	OC1	2-3	20	102	23,0	3,0
João da Silva Paragon	PO	2-1	100	26	26,0	2,8
João da Silva Paragon	PO	2-3	20	78	30,0	3,3
João da Silva Paragon	PO	2-2	100	298	23,0	3,3
João da Silva Paragon	PO	2-11	30	162	25,0	3,5
João da Silva Paragon	OC8	2-0	216	22	4,0	4,0
João da Silva Paragon	PO	2-0	30	120	26,0	3,9
João da Silva Paragon	OC1	2-8	29	34	42,0	3,5
João da Silva Paragon	PO	4-11	29	59	36,0	4,1
João da Silva Paragon	OC1	4-2	26	26	36,0	3,3
João da Silva Paragon	PO	3-11	16	27	40,0	3,3
João da Silva Paragon	PO	3-5	29	54	37,0	3,5
João da Silva Paragon	OC2	3-3	19	13	31,0	3,0
João da Silva Paragon	OC2	2-8	10	18	24,0	2,9
João da Silva Paragon	PO	2-3	20	64	26,0	3,5
João da Silva Paragon	OC2	2-3	20	57	34,0	2,7
João da Silva Paragon	OC8	2-6	29	35	25,0	3,3
João da Silva Paragon	PO	6-8	26	36	37,0	3,5
João da Silva Paragon	PO	8-1	20	30	37,0	2,8

Bomitas Agropecuária S/A., Santa Cruz das Palmeiras, Est. de São Paulo. Controle em 22-09-88. Legião de pasto com ração complementar... 2 ordenhas.

Wells A.C.	GB	7-8	119	313	16.0	3.6
Wells A.C.	GB	3-4	246	21.9	1.1	1.1
Wm. Rodman Lister A.C.	GB	3-5	80	216	19.0	2.5
Willie Pullman Boatmaker H. A.C.	GB	2-6	79	210	15.0	4.0
William Billie Milestone	XXXX	2-7	79	201	16.0	3.7
Wm. Harvey Dand A.C.	GB	4-1	60	177	34.0	3.3
Wills A.C.	GB	6-1	49	119	30.0	2.4
Wills A.C.	GB	6-1	49	99	32.0	2.2
Wills A.C.	GB	6-1	49	96	25.2	1.5
Wills A.C.	GB	5-6	39	76	25.0	3.0
Wills A.C.	GB	2-7	30	76	18.0	3.3
Wills A.C.	GB	3-18	39	26	19.0	3.7
Wm. Rodman Lister A.C.	GB	5-6	65	24.0	3.6	3.6
Wm. Rodman Lister A.C.	GB	2-6	20	48	17.0	3.4
Wym. Hydrotic Starlite A.C.	GB	5-9	29	46	27.0	2.6
Wym. Hydrotic	GB	9-11	29	44	26.0	2.2
Wym. Hydrotic	GB	2-8	29	44	20.0	3.1
Wym. Hydrotic	GB	5-11	29	42	27.0	2.6
Wym. Hydrotic	GB	3-4	19	42	27.0	2.6

João Durval Faria, São João dos Campos, Est. de São Paulo, Controle em 22-09-86
 Leite de gado com ração suplementar, 3 cordões.

Monseratt Jenow Redice, Friend	PO	5-1	30	164	29.6	3.6
Monseratt Myra Norwood Beckman	PO	5-3	47	88	30.0	3.1
Monseratt Shirley Burke Elze	PO	4-8	30	88	30.0	3.1
Monseratt Ila Langer Baker	PO	4-8	70	47	32.0	3.2
Monseratt Julia Ruth Rowland	PO	4-4	30	83	26.0	3.3
Monseratt	PO	4-4	35	35	26.0	3.2
Monseratt California Kiewitow	PO	1-5	10	10	18.0	1.5
Monseratt Bruce F. Surphey	PO	2-5	50	197	17.0	3.0
Monseratt Gabriela Burke Gulliant	PO	2-5	10	8	36.0	2.4
Monseratt Garreth W. Surphey	PO	2-7	10	288	16.0	2.4

Dr. Geraldo Figueiredo Furtos, Salto, Est. de São Paulo, Controle em 23-09-88, supõe de posto com rádio complementar. 3 colchetes.

1971-1972	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027	2028	2029	2030	2031	2032	2033	2034	2035	2036	2037	2038	2039	2040	2041	2042	2043	2044	2045	2046	2047	2048	2049	2050	2051	2052	2053	2054	2055	2056	2057	2058	2059	2060	2061	2062	2063	2064	2065	2066	2067	2068	2069	2070	2071	2072	2073	2074	2075	2076	2077	2078	2079	2080	2081	2082	2083	2084	2085	2086	2087	2088	2089	2090	2091	2092	2093	2094	2095	2096	2097	2098	2099	2100	2101	2102	2103	2104	2105	2106	2107	2108	2109	2110	2111	2112	2113	2114	2115	2116	2117	2118	2119	2120	2121	2122	2123	2124	2125	2126	2127	2128	2129	2130	2131	2132	2133	2134	2135	2136	2137	2138	2139	2140	2141	2142	2143	2144	2145	2146	2147	2148	2149	2150	2151	2152	2153	2154	2155	2156	2157	2158	2159	2160	2161	2162	2163	2164	2165	2166	2167	2168	2169	2170	2171	2172	2173	2174	2175	2176	2177	2178	2179	2180	2181	2182	2183	2184	2185	2186	2187	2188	2189	2190	2191	2192	2193	2194	2195	2196	2197	2198	2199	2200	2201	2202	2203	2204	2205	2206	2207	2208	2209	2210	2211	2212	2213	2214	2215	2216	2217	2218	2219	2220	2221	2222	2223	2224	2225	2226	2227	2228	2229	2230	2231	2232	2233	2234	2235	2236	2237	2238	2239	2240	2241	2242	2243	2244	2245	2246	2247	2248	2249	2250	2251	2252	2253	2254	2255	2256	2257	2258	2259	2260	2261	2262	2263	2264	2265	2266	2267	2268	2269	2270	2271	2272	2273	2274	2275	2276	2277	2278	2279	2280	2281	2282	2283	2284	2285	2286	2287	2288	2289	2290	2291	2292	2293	2294	2295	2296	2297	2298	2299	2300	2301	2302	2303	2304	2305	2306	2307	2308	2309	2310	2311	2312	2313	2314	2315	2316	2317	2318	2319	2320	2321	2322	2323	2324	2325	2326	2327	2328	2329	2330	2331	2332	2333	2334	2335	2336	2337	2338	2339	2340	2341	2342	2343	2344	2345	2346	2347	2348	2349	2350	2351	2352	2353	2354	2355	2356	2357	2358	2359	2360	2361	2362	2363	2364	2365	2366	2367	2368	2369	2370	2371	2372	2373	2374	2375	2376	2377	2378	2379	2380	2381	2382	2383	2384	2385	2386	2387	2388	2389	2390	2391	2392	2393	2394	2395	2396	2397	2398	2399	2400	2401	2402	2403	2404	2405	2406	2407	2408	2409	2410	2411	2412	2413	2414	2415	2416	2417	2418	2419	2420	2421	2422	2423	2424	2425	2426	2427	2428	2429	2430	2431	2432	2433	2434	2435	2436	2437	2438	2439	2440	2441	2442	2443	2444	2445	2446	2447	2448	2449	2450	2451	2452	2453	2454	2455	2456	2457	2458	2459	2460	2461	2462	2463	2464	2465	2466	2467	2468	2469	2470	2471	2472	2473	2474	2475	2476	2477	2478	2479	2480	2481	2482	2483	2484	2485	2486	2487	2488	2489	2490	2491	2492	2493	2494	2495	2496	2497	2498	2499	2500	2501	2502	2503	2504	2505	2506	2507	2508	2509	2510	2511	2512	2513	2514	2515	2516	2517	2518	2519	2520	2521	2522	2523	2524	2525	2526	2527	2528	2529	2530	2531	2532	2533	2534	2535	2536	2537	2538	2539	2540	2541	2542	2543	2544	2545	2546	2547	2548	2549	2550	2551	2552	2553	2554	2555	2556	2557	2558	2559	2560	2561	2562	2563	2564	2565	2566	2567	2568	2569	2570	2571	2572	2573	2574	2575	2576	2577	2578	2579	2580	2581	2582	2583	2584	2585	2586	2587	2588	2589	2590	2591	2592	2593	2594	2595	2596	2597	2598	2599	2600	2601	2602	2603	2604	2605	2606	2607	2608	2609	2610	2611	2612	2613	2614	2615	2616	2617	2618	2619	2620	2621	2622	2623	2624	2625	2626	2627	2628	2629	2630	2631	2632	2633	2634	2635	2636	2637	2638	2639	2640	2641	2642	2643	2644	2645	2646	2647	2648	2649	2650	2651	2652	2653	2654	2655	2656	2657	2658	2659	2660	2661	2662	2663	2664	2665	2666	2667	2668	2669	2670	2671	2672	2673	2674	2675	2676	2677	2678	2679	2680	2681	2682	2683	2684	2685	2686	2687	2688	2689	2690	2691	2692	2693	2694	2695	2696	2697	2698	2699	2700	2701	2702	2703	2704	2705	2706	2707	2708	2709	2710	2711	2712	2713	2714	2715	2716	2717	2718	2719	2720	2721	2722	2723	2724	2725	2726	2727	2728	2729	2730	2731	2732	2733	2734	2735	2736	2737	2738	2739	2740	2741	2742	2743	2744	2745	2746	2747	2748	2749	2750	2751	2752	2753	2754	2755	2756	2757	2758	2759	2760	2761	2762	2763	2764	2765	2766	2767	2768	2769	2770	2771	2772	2773	2774	2775	2776	2777	2778	2779	2780	2781	2782	2783	2784	2785	2786	2787	2788	2789	2790	2791	2792	2793	2794	2795	2796	2797	2798	2799	2800	2801	2802	2803	2804	2805	2806	2807	2808	2809	2810	2811	2812	2813	2814	2815	2816	2817	2818	2819	2820	2821	2822	2823	2824	2825	2826	2827	2828	2829	2830	2831	2832	2833	2834	2835	2836	2837	2838	2839	2840	2841	2842	2843	2844	2845	2846	2847	2848	2849	2850	2851	2852	2853	2854	2855	2856	2857	2858	2859	2860	2861	2862	2863	2864	2865	2866	2867	2868	2869	2870	2871	2872	2873	2874	2875	2876	2877	2878	2879	2880	2881	2882	2883	2884	2885	2886	2887	2888	2889	2890	2891	2892	2893	2894	2895	2896	2897	2898	2899	2900	2901	2902	2903	2904	2905	2906	2907	2908	2909	2910	2911	2912	2913	2914	2915	2916	2917	2918	2919	2920	2921	2922	2923	2924	2925	2926	2927	2928	2929	2930	2931	2932	2933	2934	2935	2936	2937	2938	2939	2940	2941	2942	2943	2944	2945	2946	2947	2948	2949	2950	2951	2952	2953	2954	2955	2956	2957	2958	2959	2960	2961	2962	2963	2964	2965	2966	2967	2968	2969	2970	2971	2972	2973	2974	2975	2976	2977	2978	2979	2980	2981	2982	2983	2984	2985	2986	2987	2988	2989	2990	2991	2992	2993	2994	2995	2996	2997	2998	2999	3000
-----------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Desafio Natal Nakamura, São Roque, Est. de São Paulo, Controle em 20-09-86.
 Inseto de posto com raças suplementar, 2 indivíduos.

99	Langness Hills Betty Maki	PO	5-0	40	127	29.0	3.4
98	Quattro Jostan Maki	PO	5-0	40	107	28.0	2.9
96	Quattro Leona Aptis	PO	5-6	40	96	27.0	3.2
95	Quattro Condor Maki	PO	3-0	30	77	20.0	3.2
94	Quattro Daisy River Maki	PO	5-1	40	217	17.0	3.4

Fazenda Fortaleza Ltda., Juruá Odessa, Est. de São Paulo. Controle em 24-07-88.
Reino de peixe com ração suplementar. 3 coletadas.

A. F. <i>Portulaca</i> <i>deformans</i>	PO	2-3	49	112	32.6	3.6
A. F. <i>Portulaca</i> <i>halimifolia</i>	PO	6-11	29	74	32.6	2.7
A. F. <i>Portulaca</i> <i>hispida</i>	PO	2-3	39	71	19.0	2.9
A. F. <i>Portulaca</i> <i>capitata</i>	PO	2-11	39	79	31.0	3.2
A. F. <i>Portulaca</i> <i>deposculata</i>	PO	2-9	39	63	26.0	3.2
A. F. <i>Portulaca</i> <i>demissa</i>	PO	2-1	39	83	25.0	3.2
A. F. <i>Portulaca</i> <i>palata</i>	PO	10-3	29	55	42.0	3.4
A. F. <i>Portulaca</i> <i>depressa</i>	PO	2-1	19	43	29.0	2.7
A. F. <i>Portulaca</i> <i>coligera</i> <i>TE</i>	PO	2-1	36	31	30.0	2.7
A. F. <i>Portulaca</i> <i>depressa</i>	PO	2-7	19	30	27.0	3.7
A. F. <i>Portulaca</i> <i>laetifolia</i>	PO	2-1	19	24	29.6	2.7
A. F. <i>Portulaca</i> <i>laetifolia</i> <i>TE</i>	PO	16-8	19	25	19.0	2.7
A. F. <i>Portulaca</i> <i>laetifolia</i>	PO	2-1	34	47	24.0	2.7
A. F. <i>Portulaca</i> <i>disticha</i>	PO	2-6	19	18	29.0	3.7
A. F. <i>Portulaca</i> <i>carolinensis</i> <i>TE</i>	PO	2-3	100	264	25.0	3.8
A. F. <i>Portulaca</i> <i>maritima</i> <i>TE</i>	PO	2-1	100	268	27.0	3.8
A. F. <i>Portulaca</i> <i>carolinensis</i>	PO	2-1	116	216	27.0	3.8
A. F. <i>Portulaca</i> <i>depressa</i>	PO	2-1	99	218	29.0	3.8
A. F. <i>Portulaca</i> <i>depressa</i> <i>TE</i>	PO	2-0	99	224	27.0	3.8
A. F. <i>Portulaca</i> <i>maritima</i> <i>TE</i>	PO	2-2	78	200	27.0	3.8
A. F. <i>Portulaca</i> <i>depressa</i>	PO	2-2	78	197	26.0	3.8

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite	%
A.F. Fortaleza Decotada TE	PO	2-1	70	208	25,0	3,4
A.F. Fortaleza Defensa TE	PO	2	70	188	26,6	3,2
A.F. Fortaleza Pelatina	PO	9-11	60	171	27,0	4,5
A.F. Fortaleza Soga	PO	2-2	70	135	32,0	3,5
A.F. Fortaleza Delegada TE	PO	2-1	60	169	25,0	3,3
A.F. Fortaleza Carissima TE	PO	2-6	70	177	33,0	3,0
A.F. Fortaleza Tula	PO	7-1	60	141	40,0	3,1
A.F. Fortaleza Varsus	PO	8-8	60	146	36,0	2,7
A.F. Fortaleza Decusa	PO	2-3	60	149	41,0	2,7
A.F. Fortaleza Sultans	PO	7-6	60	128	31,0	3,0
A.F. Fortaleza Seralva	PO	7-11	50	101	42,0	3,7
A.F. Fortaleza Reforma	PO	6-11	50	117	39,0	3,0
A.F. Fortaleza Cadeia	PO	2	50	104	24,0	2,7
A.F. Fortaleza Desafiada	PO	2-1	80	107	26,0	3,0
A.F. Fortaleza Desafiada	PO	2-1	80	117	27,0	3,1

Dr. Luiz Roberto Monteiro Porto, Cordilândia, Est. de Minas Gerais, Controle em 04-09-86. Recime de casto com ração complementar. 2 cordões.

Almeida Alamy	PCDD	7-1	40	247	11,0	3,2
Bolivia Alamy	PCDD	4-5	20	91	20,0	3,5
Jangada 1 Bacharelma G. Leader	PO	5-1	20	61	15,0	2,9
Garota 190 Alamy	31/32	6-6	40	202	11,0	3,4
Pira Alamy	31/32	6-1	40	191	13,0	3,4
Adaga Alamy	31/32	6-1	20	102	11,0	3,2
Revista Arapua Alamy	OC1	4-8	40	215	11,0	3,2
Cachopa 29 de Sant'Ana	OC2	4-5	20	88	12,0	2,0
Karina 14 de Sant'Ana	OC1	4-7	20	50	14,0	1,1
Gravata 26 de Sant'Ana	OC1	4-11	20	132	12,0	3,2
Algebra 22 de Sant'Ana	PCDD	-	20	95	17,0	2,0
Laca Alamy	PCDD	6-5	30	128	15,0	2,9
Cafetina Starter Alamy	PCDD	-	10	8	13,0	3,4
Miguena Alamy	PCDD	9-0	20	58	14,0	2,0
Luzia Alamy	PCDD	6-18	10	4	14,0	3,2
Salomê Porto Alamos	OC1	2-9	20	7	13,0	3,3
Seravina Alamy	31/32	4-7	10	26	17,0	2,6
Jaia Alamy	31/32	4-3	33	18,0	3,0	3,0
Jangada 1 Barrieta T. Pacemaker	PO	4-10	60	211	12,0	3,3
Bolivia Alamy	PCDD	6-11	50	155	12,0	3,4
Jonia Alamy	31/32	4-5	60	195	10,0	3,5
Avarela Alamy	31/32	4-3	40	114	12,0	3,4
Petricha Starter Alamy	OC1	-	50	134	13,0	2,9
Yara Alamy	HR	1-3	30	268	10,0	3,6
França Bous Alamy	HR	2-10	40	113	10,0	2,9
Viola Alamy	PCDD	4-5	170	45	11,0	3,2
Rebeca 22 de Sant'Ana	OC3	4-4	50	160	11,0	3,2
Jangada 1 Buritima Unhada Futist	PO	4-5	70	223	15,0	2,8
Ariciana Alamy	PCDD	4-2	50	94	14,0	3,2
Felicitades Porto Alamos	PCDD	4-2	50	115	11,0	3,1
Vanduca Alamy	PCDD	7-10	20	56	14,0	3,5

Valcão S/A Indústria e Comércio, Rorapava Paulista, Est. de São Paulo, Controle 13-28-26. Necessário de custo com ração complementar. 2 criatórios.

Legionul da Yakuza	PCCE	7-3	72	195	15,0	3,4
Yakuza Adreana Cifaldale	PO	4	133	40	15,0	3,7
Daiya Cifaldale Yakuza	Q22	4-1	40	152	15,0	3,6
Savatsa da Yakuza	PCCE	9-10	30	120	14,0	3,6
Yakuza Noide Chieftain	PO	3-10	30	112	15,0	3,4
Yakuza Linda Hara Graskoli	PO	7-4	30	160	17,0	3,4
Jolie Chieftain Yakuza	Q23	3-9	30	97	14,0	3,7
Yakuza Flory Chieftain	PO	-	30	38	14,0	4,0
Yakuza da Ruzella	B-5	20	74	14,0	3,4	
Jina da Yakuza	NR	-	74	21,0	3,6	
Yakuza Sacandara Alencore	PO	2-10	20	19	15,0	4,1
Magickor Ultimate Gendy	PO	8-4	10	57	23,0	4,0
Yakuza Quinna O'Ner	PO	7-3	10	18	15,0	4,0
Yakuza Quinna Cifaldale	PO	5-1	10	42	22,0	2,7
Yakuza Quinna Nerdur	PO	-	10	4	23,0	2,7
Nitta's Gordenia Kentsky	PO	11-0	6	1	15,0	3,7
Servus 206 Estagira Palaminta	PO	11-1	10	18	22,0	3,8
Servale da Yakuza	Q21	5-8	10	30	21,0	3,2
Wine's Betty Kentsky	PO	-	10	24	14,0	3,8
Yakuza Gorden Chieftain	PO	6-2	10	22	15,0	3,8

Heosel Nazario Cherkansky, Itapira, Est. de São Paulo, Curitiba em 04-08-66.
Requis de posto com função complementar, 2 crianças.

Caigema da Prata	OC2	4-11	66	173	27,0	3,3
Catira de Prata	POOC	3-10	30	87	27,0	3,6
Cocada de Prata	OC2	6-4	20	43	22,0	3,0
Construtora de Prata	31/32	10-3	30	120	22,0	3,4
Ouro-Quilô de Prata	OC2	6-6	30	160	22,0	3,3
Caçaria de Prata	OC2	3-5	20	34	22,0	2,8
Esquepada de Prata	OC2	1-1	30	71	21,0	3,1
Elm de Prata	POOC	2-3	30	39	20,0	3,0
Dele de Prata	OC2	2-3	30	29	20,0	2,2
Quiloma de Vazquez-Taitiane TE	OC2	2-6	30	141	20,0	3,9
Vermes da Prata	GE4	3-4	20	80	20,0	2,7
Victoria da Prata	OC2	3-3	30	101	20,0	3,1
Dele da Prata	OC2	4-1	30	50	20,0	1,4
Estimada da Prata	POOC	-	19	21	20,0	1,2
Entrada de Prata	POOC	1-0	30	88	21,0	2,9
Grupa de Prata	OC4	6-2	50	95	21,0	2,2
Janela de Prata	POOC	1-3	30	18	20,0	1,7
Maldade da Prata	POOC	-	40	119	22,0	2,1
Prime da Prata	OC2	0-3	20	39	20,0	2,1
Pleia de Prata	OC2	7-0	30	67	21,0	2,8
Segura de Prata	OC2	6-2	30	101	21,0	2,3
Nico de Prata	POOC	-	10	26	20,0	1,6
Florida da Prata	OC3	3-6	10	13	20,0	2,7
Galera da Prata	OC3	0-3	10	20	21,0	3,1
Altoque da Prata	OC2	6-2	80	210	22,0	1,5
Auro de Prata	OC2	-	70	188	22,0	2,5
Amalida de Prata	OC2	6-18	40	132	20,0	1,3
Ribe da Prata	31/32	2-7	30	70	21,0	2,9
Burca da Prata	OC2	5-3	50	56	20,0	2,9
Amalide de Prata	OC4	6-2	30	81	21,0	2,7
OC2	OC2	6-3	60	84		

Atenas, República de Portugal, Ilhas, Set. de São Paulo, (Cadastro em CO-00-88).
 Espécime do corpo com várias esclerosses. 1 = 2 indivíduos.

3. <i>anthracis</i>					
Almanca Della Verde	BO	5-6	28	45	17,8 2,8
Almanca Della Verde - Ciriocella	BO	5-10	28	50	17,8 2,8

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Calisto Delo Santa Rosa D'Alto	001	1-7	20	44	17,0 3,1
4-44 Adalberto Basso	0000	-	20	33	44,0 3,0
Almeida Balthazar Guepin	00	2-1	30	47	28,0 2,8
Amorim Silva Almeida	-	-	10	3	27,0 3,7
Amorim Silva Almeida	0000	4-6	10	9	27,0 3,7
Amorim Silva Almeida	00	1-5	10	13	27,0 2,4
Amorim Silva Almeida	00	1-11	10	9	24,0 3,1
Amorim Silva Almeida	00	1-4	10	19	41,0 2,4
Amorim Silva Almeida	0000	1-6	10	19	35,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	13	20,0 1,0
Amorim Silva Almeida	00	1-10	10	100	12,0 1,1
Amorim Silva Almeida	001	1-6	10	201	19,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-1	10	180	18,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-1	10	176	18,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-1	10	133	18,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-1	10	13	18,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-4	10	70	30,0 3,2

2 controle

Medição: Medição Regal Basso

Os seguintes animais foram submetidos a controle de 1 a 2 meses.

1 controle

Amorim Silva Almeida

Amorim Silva Almeida

2 controle

Amorim Silva Almeida	00	1-4	10	18	25,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-5	10	10	41,0 2,4
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	17	27,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	36	25,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	64	29,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	277	21,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	244	20,0 3,6
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	26	11,0 1,7
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	87	14,0 1,2
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	20	27,0 4,3
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	80	23,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	156	18,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	37	19,0 3,5
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	130	18,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	137	19,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	66	30,0 3,5
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	137	20,0 3,5
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	215	11,0 4,3
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	21	18,0 3,7
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	107	18,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	46	24,0 3,7
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	51	19,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	120	20,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	54	20,0 3,8
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	70	20,0 3,3

Amorim Silva Almeida

Amorim Silva Almeida

3 controle

Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	154	27,0 3,5
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	130	17,0 3,1
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	86	17,0 3,1
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	13	26,0 3,7

7 controle

Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	22	13,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	117	13,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	205	23,0 3,5
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	164	14,0 4,3
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	124	13,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	144	13,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	115	20,0 3,8
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	141	16,0 4,1
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	130	28,0 3,3
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	110	20,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	109	22,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	85	21,0 3,1
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	78	20,0 3,1
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	77	20,0 3,7
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	77	24,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	76	10,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	71	25,0 3,7
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	63	23,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	51	18,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	11	25,0 4,3

Amorim Silva Almeida

Amorim Silva Almeida

1 controle

Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	12	29,0 4,4
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	27	17,0 4,1
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	10	16,0 4,2
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	62	13,0 4,3
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	110	29,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	49	14,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	40	11,0 3,5
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	10	16,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	58	14,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	65	14,0 3,5
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	47	20,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	58	16,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	154	10,0 3,1
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	135	22,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	123	14,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	115	16,0 3,1
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	107	13,0 4,1
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	97	12,0 3,6
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	99	14,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	91	18,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	87	20,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	84	13,0 3,6
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	80	21,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	73	21,0 3,6
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	60	23,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	39	29,0 3,7

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Calisto Delo Santa Rosa D'Alto	001	1-7	20	44	17,0 3,1
4-44 Adalberto Basso	0000	-	20	33	44,0 3,0
Almeida Balthazar Guepin	00	2-1	30	47	28,0 2,8
Amorim Silva Almeida	-	-	10	3	27,0 3,7
Amorim Silva Almeida	0000	4-6	10	9	27,0 3,7
Amorim Silva Almeida	00	1-5	10	13	27,0 2,4
Amorim Silva Almeida	00	1-11	10	9	24,0 3,1
Amorim Silva Almeida	00	1-4	10	19	41,0 2,4
Amorim Silva Almeida	0000	1-6	10	19	35,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	13	20,0 1,0
Amorim Silva Almeida	00	1-10	10	100	12,0 1,1
Amorim Silva Almeida	001	1-6	10	201	19,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-1	10	180	18,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-1	10	176	18,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-1	10	133	18,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-1	10	13	18,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-4	10	70	30,0 3,2

Os seguintes animais foram submetidos a controle de 1 a 2 meses.

1 controle

Amorim Silva Almeida

Amorim Silva Almeida

2 controle

Amorim Silva Almeida	00	1-4	10	18	25,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-5	10	10	41,0 2,4
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	17	27,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	36	25,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	64	29,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	277	21,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	244	20,0 3,6
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	26	11,0 1,7
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	87	14,0 1,2
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	20	27,0 4,3
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	156	18,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	37	19,0 3,5
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	130	18,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	137	19,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	66	30,0 3,5
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	137	20,0 3,5
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	215	11,0 4,3
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	21	18,0 3,7
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	107	18,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	46	24,0 3,7
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	51	19,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	120	20,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	54	20,0 3,8
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	70	20,0 3,3

Amorim Silva Almeida

Amorim Silva Almeida

3 controle

Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	154	27,0 3,5
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	130	17,0 3,1
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	86	17,0 3,1
Amorim Silva Almeida	00	1-6	10	13	26,0 3,7
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	22	13,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	117	13,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	205	23,0 3,5
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	164	14,0 4,3
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	124	13,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	144	13,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	115	20,0 3,8
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	141	16,0 4,1
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	130	28,0 3,3
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	110	20,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	109	22,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	85	21,0 3,1
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	78	20,0 3,1
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	77	20,0 3,7
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	77	24,0 3,4
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	76	10,0 3,2
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	71	25,0 3,7
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	63	23,0 3,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	51	18,0 4,0
Amorim Silva Almeida	00	1-7	10	11	25,0 4,3

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	% de Leite	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	% de Leite
Alma Orianda	POCII	3-6	39	89	15,0 4,8	S.M. Exportivo Bost. Vailant	PO	3-6	69	168	16,0 3,7
Alma Orianda	11/32	3-7	29	54	25,0 3,0	S.M. Impado Pac. Vailant	PO	3-2	49	105	20,0 3,4
Alma Orianda	11/32	3-3	48	129	21,0 3,9	S.M. Impada Stellapodras Bell	PO	2-7	29	90	21,0 3,7
Alma Orianda	11/32	3-2	69	187	14,0 4,0	S.M. Impada Bost. Bell	PO	1-11	70	203	24,0 3,4
Alma Orianda	11/32	3-4	43	137	25,0 3,4	S.M. Imp. Christiana Rodman	PO	2-4	19	5	29,0 3,3
Alma Orianda	11/32	3-5	34	12,0 3,2	3,4	S.M. Impada Stellapodras Bell	PO	2-2	19	8	24,0 3,8
Alma Orianda	11/32	3-6	31	28,0 3,6	3,6	S.M. Ellen Hamster Mare	PO	2-2	19	10	20,0 3,8
Alma Orianda	11/32	3-7	29	25,0 3,7	3,7	S.M. Estiva Mili Vailant	PO	2-6	19	17	20,0 3,4
Alma Orianda	11/32	3-8	26	73	42,0 3,2	Alma Orianda	11/32	11-1	50	143	21,0 3,8
Alma Orianda	11/32	3-9	23	16,0 3,6	3,6	Corveia Orianda	11/32	11-10	50	58	41,0 3,3
Alma Orianda	11/32	3-10	20	146	25,0 4,0	Corveia Orianda	11/32	11-9	45	145	26,0 3,3
Alma Orianda	11/32	3-11	17	96	23,0 3,7	Alma Orianda	11/32	10-10	29	42	38,0 3,8
Alma Orianda	11/32	3-12	14	260	18,0 3,8	Alma Orianda	11/32	7-11	29	17	30,0 3,8
Alma Orianda	11/32	3-13	11	6	28,0 3,4	Alma Orianda	11/32	3-4	95	274	14,0 3,8
Alma Orianda	11/32	3-14	8	21,0 4,1	4,1	Alma Orianda	11/32	10-9	19	8	25,0 3,8
Alma Orianda	11/32	3-15	5	129	27,0 3,7	Alma Orianda	11/32	2-4	49	104	18,0 4,1
Alma Orianda	11/32	3-16	2	73	19,0 4,0	Alma Orianda	11/32	10-6	10	20	26,0 3,8
Alma Orianda	11/32	3-17	0	3	26,0 3,8	Alma Orianda	11/32	8-7	19	17	37,0 3,8
Alma Orianda	11/32	3-18	0	20	35,0 3,3	Alma Orianda	11/32	6-6	19	22	34,0 3,8
Alma Orianda	11/32	3-19	0	45	35,0 3,4	Alma Orianda	11/32	-	19	28	28,0 3,9
Alma Orianda	11/32	3-20	0	89	32,0 3,8						
Alma Orianda	11/32	3-21	0	181	29,0 3,7	3 continhas					
Alma Orianda	11/32	3-22	0	161	17,0 -	Alma Orianda	11/32	8-1	39	91	19,0 4,0
Alma Orianda	11/32	3-23	0	111	27,0 3,4	Alma Orianda	11/32	7-11	59	129	19,0 3,9
Alma Orianda	11/32	3-24	0	10	14,0 3,9	Alma Orianda	11/32	7-5	70	209	19,0 3,9
Alma Orianda	11/32	3-25	0	23	30,0 3,5	Alma Orianda	11/32	5-11	60	188	13,0 4,1
Alma Orianda	11/32	3-26	0	136	21,0 4,0	Alma Orianda	11/32	5-8	60	187	17,0 3,9
Alma Orianda	11/32	3-27	0	303	19,0 3,8	Alma Orianda	11/32	5-4	60	109	29,0 3,9
Alma Orianda	11/32	3-28	0	96	38,0 3,8	Alma Orianda	11/32	5-4	59	146	18,0 4,0
Alma Orianda	11/32	3-29	0	329	18,0 4,1	Alma Orianda	11/32	4-4	60	181	16,0 3,8
Alma Orianda	11/32	3-30	0	17	34,0 3,3	S.M. Impa Simon Rodman	PO	1-11	80	236	14,0 4,4
Alma Orianda	11/32	3-31	0	38	29,0 3,7						
Alma Orianda	11/32	3-32	0	168	24,0 3,9						
Alma Orianda	11/32	3-33	0	84	30,0 3,6						
Alma Orianda	11/32	3-34	0	91	10,0 3,9						
Alma Orianda	11/32	3-35	0	286	18,0 3,8						
Alma Orianda	11/32	3-36	0	271	13,0 4,0						
Alma Orianda	11/32	3-37	0	219	15,0 4,1						
Alma Orianda	11/32	3-38	0	219	16,0 4,0						
Alma Orianda	11/32	3-39	0	184	24,0 3,7						
Alma Orianda	11/32	3-40	0	255	17,0 4,1						
Alma Orianda	11/32	3-41	0	21	26,0 4,0						
Alma Orianda	11/32	3-42	0	249	22,0 4,1						
Alma Orianda	11/32	3-43	0	200	22,0 3,9						
Alma Orianda	11/32	3-44	0	149	17,0 3,9						
Alma Orianda	11/32	3-45	0	52	30,0 3,4						
Alma Orianda	11/32	3-46	0	71	36,0 3,3						
Alma Orianda	11/32	3-47	0	121	29,0 3,9						
Alma Orianda	11/32	3-48	0	181	15,0 3,3						
Alma Orianda	11/32	3-49	0	150	28,0 3,6						
Alma Orianda	11/32	3-50	0	235	17,0 4,0						
Alma Orianda	11/32	3-51	0	47	47,0 3,2						
Alma Orianda	11/32	3-52	0	117	19,0 4,3						
Alma Orianda	11/32	3-53	0	109	33,0 4,3						
Alma Orianda	11/32	3-54	0	110	29,0 3,7						
Alma Orianda	11/32	3-55	0	136	21,0 -						
Alma Orianda	11/32	3-56	0	94	19,0 4,0						
Alma Orianda	11/32	3-57	0	56	33,0 3,6						
Alma Orianda	11/32	3-58	0	191	29,0 3,9						
Alma Orianda	11/32	3-59	0	30	30,0 3,5						
Alma Orianda	11/32	3-60	0	322	22,0 3,9						
Alma Orianda	11/32	3-61	0	331	19,0 3,8						
Alma Orianda	11/32	3-62	0	119	26,0 3,7						
Alma Orianda	11/32	3-63	0	174	19,0 3,9						
Alma Orianda	11/32	3-64	0	221	22,0 3,7						
Alma Orianda	11/32	3-65	0	81	32,0 3,4						
Alma Orianda	11/32	3-66	0	64	26,0 3,6						
Alma Orianda	11/32	3-67	0	29	25,0 3,8						
Alma Orianda	11/32	3-68	0	212	17,0 4,0						
Alma Orianda	11/32	3-69	0	82	21,0 3,8						
Alma Orianda	11/32	3-70	0	75	20,0 3,7						

M. J. A. P											
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--



CINDERELA — PO — Reg. H6787 — Produziu a média diária de 21 kg de leite em 8 meses de lactação.

PONHA EM SEU REBANHO UM REPRODUTOR JC

**CARNE
LEITE
RUSTICIDADE
PUREZA RACIAL**

FAZENDAS
PINDAYBA E FORQUILHA

José Cláudio Condé
Fone: (032) 532-2066

UBÁ - MG

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos meses	Controle	Dias de Leite lactação	%
CM Turcão Chief	PO	7-9	90	322	13,0 4,
CM Trindade Nargila	PO	10-6	50	151	21,0 2,
CM Valde Hara	PO	2-7	50	190	13,0 3,
CM Valdez Nargila	PO	8-4	30	5	25,0 2,
CM Venâncio Perfume	PO	3-7	60	218	16,0 2,
CM Viana Perfume	PO	3-11	40	112	19,0 3,
CM Venturana Anemum	PO	6-10	70	28	22,0 3,
CM Vitoria Towhee	PO	6-2	60	184	17,0 4,
CM Vitoria C Nargila	PO	9-5	70	72	22,0 3,
CM Vitorino	PO	-	40	99	15,0 4,
Wanda	-	-	20	45	32,0 2,
CM Yagilândia Negro Star	PO	5-0	30	67	20,0 1,
Yolanda	-	-	20	41	24,0 2,
CM Ogeia Biblon	PO	4-7	60	272	15,0 1,
CM Fudge Fumador	PO	3-6	40	94	19,0 3,
CM Poeta Delator Sami	PO	3-4	10	12	17,0 3,
CM Poeta Negro Star	PO	4-8	60	184	16,0 3,
CM Florimunda Hara	PO	3-10	50	157	15,0 4,
CM F. Ana Biblon Delator	PO	6-0	40	115	18,0 4,
CM Fanta Star	PO	2-2	30	67	19,0 4,
CM Hirschwitz Miketone	PO	2-4	70	242	15,0 4,
CM Petalis Elm, Waz	PO	6-11	60	192	15,0 4,
CM Mioria Nargila	PO	3-3	40	163	14,0 2,
CM Nazario Nargila Nargila	PO	8-3	60	129	14,0 4,
CM Nargila Nargila Nargila	PO	8-3	60	108	16,0 3,
CM Nargila Mao Star	PO	4-3	10	4	18,0 1,
CM Nargila	PO	4-8	40	124	15,0 4,
Nargila	PO	-	40	55	24,0 3,
CM Perceiro Star	PO	6-10	30	44	20,0 3,
CM Pinta Nargila	PO	6-7	60	96	17,0 4,
CM Pequeno Tawhee Chief	PO	6-2	40	19	19,0 3,
CM Pimenta Pinta Chief (m)	PO	2-4	30	60	15,0 1,

Dr. Guillermo Kather Jaime Cárdenas, Hoy-Guaya, Est. de São Paulo, Correio no 22-03-66, Assine de aqui com preço suplementar, 2 colônias.

Colman, Glenn Willis	PO	2-1	19	12	26.0
Colden, Gen. Star Jacobus W.	PO	1-1	20	1	24.0
Conrad, Wm. Ellis Roy	PO	3-4	30	85	33.0
Conway, W. L. Rudolph	PO	3-1	70	198	122.0
Cook, Chas. Elmer, American	PO	3-7	80	215	122.0
Cook, William James III, III	PO	2-4	80	89	29.0
Cook, Wm. F., Lawrence W.	PO	2-3	30	85	23.0
Cook, Leroy Edna	PO	2-2	30	107	23.0
Cook, Rudolph L. Leroy	PO	2-2	40	111	27.0
Corn, Andrew, Marcella, wife	PO	1-1	20	24	23.0
Corn, Wm. Star Willis	PO	2-7	70	187	25.0
Corn, Gordon, Elveta Perry	PO	2-5	40	181	27.0
Corn, Herman, Elveta W.	PO	1-1	40	35.0	
Corn, Stanley, Elveta	PO	1-3	30	102	23.0
Corn, Fred, Elveta	PO	2-3	20	58	29.0
Corn, Wm. Elveta, Elveta	PO	2-1	30	88	21.0
Corn, Elveta, Elveta	PO	2-2	30	84	21.0
Corn, Wm. Elveta	PO	2-1	30	54	25.0
Corn, William, Elveta, Elveta	PO	2-7	40	101	25.0
Corn, Andrew, Elveta	PO	2-11	80	234	24.0
Corn, Fred, Elveta	PO	1-1	30	719	23.0
Corn, William, Elveta, Elveta W.	PO	1-1	100	268	23.0
Corn, William, Elveta, Elveta W.	PO	1-7	30	104	23.0
Corn, William, Elveta, Elveta W.	PO	2-4	40	177	26.0
Corn, William, Elveta	PO	4-12	40	111	29.0
Corn, Wm. Elveta, Elveta	PO	2-2	30	30	23.0
Corn, William, Elveta IV	PO	2-4	20	33	24.0
Corn, Elveta, Elveta	PO	2-3	30	254	21.0
Corn, William, Elveta W.	PO	2-2	20	86	27.0
Corn, Elveta, Elveta	PO	2-2	40	62	27.0
Corn, William, Elveta	PO	3-6	40	183	23.0
Corn, William, Elveta	PO	2-8	70	152	21.0
Corn, Andrew, Elveta	PO	2-11	40	169	28.0
Corn, William, Elveta	PO	2-3	30	189	23.0
Corn, William, Elveta	PO	12-8	100	220	23.0
Corn, William, Elveta	PO	2-8	70	183	26.0
Corn, William, Elveta	PO	3-1	90	142	21.0
Corn, Wm. Elveta, Elveta	PO	2-1	30	14	23.0
Corn, Wm. Elveta, Elveta	PO	2-1	30	20	23.0

Salvo Mammeterij, São Carlos, Est. de São Paulo, Distrito em 14-09-44
Resol. de outro em relação ao mesmo, 2 volantes.

C. Cellular Telephone Network	90	7-1	30	64	18.0
C. Auto Teller Machine	90	4-10	20	94	14.0
P.A. Systems	90	2-1	12	10	21.2

Dr. Joel P. Victor, San Francisco, Calif. News, Ed. de Peter Derris, Detroit en 12-11-68, sobre el caso de un niño maltratado, 1 artículo.

Henry (Hutch) Ann Buckner	125	8-1	79	85	16-1
John (Hutch) Ann Buckner	127	7-1	86	88	16-1
Johnny Ann Buckner	128	12-0	29	45	26-0
Henry Ann Buckner	129	7-0	27	42	21-0
William Ann Ann Buckner	130	1-1	20	27	24-0
John (Hutch) Elizabeth Ann	131	6-4	14	21	23-0
John (Hutch) Ann Buckner	132	5-0	19	23	13-0
Ann (Hutch) Elizabeth Ann	133	6-8	10	14	19-0
John (Hutch) Elizabeth Ann	134	4-1	39	235	17-0
William Ann Elizabeth Ann	135	1-4	96	227	21-0
John Ann Elizabeth Ann	136	4-0	23	189	17-0
John (Hutch) Elizabeth Ann	137	2-5	80	230	15-0
John (Hutch) Elizabeth Ann	138	7-5	79	184	25-0
John Ann Elizabeth Ann	139	5-0	96	246	22-0
John Ann Elizabeth Ann	140	3-18	44	135	17-0
John Ann Elizabeth Ann	141	7-0	128	186	17-0
John Ann Elizabeth Ann	142	7-0	90	202	26-0
John Ann Elizabeth Ann	143	5-0	80	99	21-0
John Ann Elizabeth Ann	144	5-0	80	99	21-0
John Ann Elizabeth Ann	145	5-0	80	99	21-0
John Ann Elizabeth Ann	146	7-0	80	107	21-0
John Ann Elizabeth Ann	147	1-0	40	110	21-0
John Ann Elizabeth Ann	148	3-0	80	112	21-0
John Ann Elizabeth Ann	149	3-0	80	112	21-0
John Ann Elizabeth Ann	150	7-10	90	8-5	16-0

Levi-Strauss, Claude. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1955. 301 pp. 12-13-54.
Revised ed. Paris: Plon, 1968. 301 pp. 12-13-68.

Overall mean daily spread	90	4.25	22	24	19.6	2
Overall mean daily spread	90	5.2	20	20	19.6	2

[illegible]

João Antonio Salgado Neto e Filhos, Pindamonhangaba, Est. de São Paulo, Controle e
01-09-86. Regime de parto com ração suplementar, 3 ordenhas.

[illegible]

Agr. Peculiaria Colombini Ltda. Araruama, Est. de São Paulo. Coletada em 22-08-66.
Recolheu-se quatro ramos com raízes secundárias. 3 coletadas.

Schwarzdreh Dymak Inos	PO	3-7	19	8	30,6	2,7
Schwarzdreh Hovana Intense	PO	3-6	7	36,3	2,5	
Schwarzdreh Tradition Indul	PO	3-5	10	3	24,0	1,5
Giresoa Mlestone Schwarzdreh	CE3	3-4	90	273	19,8	3,3
Schwarzdreh Marx Hovana	PO	2-4	90	267	16,6	3,4
Schwarzdreh Verano Intense	PO	2-2	119	330	16,4	3,7
Schwarzdreh Tradition Gofrala	PO	3-1	90	279	20,0	2,0
Schwarzdreh Mlestone Greta	PO	3-4	90	272	17,0	4,5
Schwarzdreh Marx Hov	PO	2-4	100	293	20,0	3,7
Schwarzdreh Ford Lela	PO	2-2	120	349	23,5	3,6
97	HE	3-4	90	258	16,6	3,8
98 Vovapac Ind	PO	2-2	99	288	18,0	3,8
Schwarzdreh Tradition Indul	PO	2-11	70	202	22,0	3,3
Schwarzdreh Valant Greta	PO	3-3	70	202	17,0	3,6
Schwarzdreh Patent Juhus	PO	2-1	70	198	12,8	3,0
Hadra Colac	CE3	3-3	195	29,8	2,7	
Schwarzdreh Valant Greta	PO	2-3	70	195	22,0	3,9
Schwarzdreh Nova Iona	PO	2-3	70	195	19,8	3,0
Schwarzdreh Bostman Gaudia	PO	2-0	70	193	21,0	2,9
93a	HE	=	70	190	11,0	2,3
Schwarzdreh Marx Empoetiva	PO	2-0	167	21,0	2,7	
Intense Dymak Schwarzdreh	CE3	3-0	69	161	18,8	3,5
Schwarzdreh Valant Grandia	PO	3-0	90	166	20,0	4,0
Schwarzdreh Marx Bantata	PO	3-0	89	118	27,3	2,9
Schwarzdreh Valant Greta	PO	3-7	62	116	14,0	3,4
HE Hovana	PO	3-0	69	116	20,0	2,9
Gaudia Dymak C. Hovana	PO	3-11	40	99	25,0	2,3
Gaudia Schwarzdreh	CE3	7-11	40	99	25,0	2,3
Gaudia Dymak C. Quilata	PO	11-0	30	70	20,0	4,0
Gaudia Patk. C. Furdac	PO	6-0	40	38	20,0	4,0
Indulgentia Indul Schwarzdreh	CE3	2-0	40	38	20,0	4,0
Schwarzdreh Tradition Juhus	PO	2-8	20	55	22,0	4,0
HE Juhus	PO	6-1	20	50	23,0	4,0
Schwarzdreh P. Hov	PO	3-7	20	40	22,0	4,1
Schwarzdreh Marx Hov	PO	2-11	10	34	20,0	4,8
HE Empoetiva	PO	2-0	10	34	20,0	4,8
HE Lela	PO	6-0	10	31	22,0	4,8

Carlos Oswaldo Ruiz Llop, Jirivágetta, Esp., de São Paulo, Xerópolis em 11-01-00
 Nogueira de janeiro 1999 (café e milho), 2 coletados.

with <i>Am. thorax</i> (20)	PC	4-2	26	137	18.6 ± 2.5
with <i>Poliothrips</i> (20)	PC	2-2	10	18	18.0 ± 2.5

Raca Holandesa — variedade vermelha e branca

Assunto: Carlos César Porto Filho, 8091-41918, Est. de São Paulo, Controle em 15-09-88, Restos de pasta com sacos suplementar, 1 ordem.

Wetland Lake F.I.F.	CE2	7-0	46	96	27.0	3.1
F.I.F. (Kilpatrick Channel) Bed	W6	0-1	80	100	26.0	1.3

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Fazenda São Jacinto, Aracaju, Est. de São Paulo. Controle em 02-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
11/12	5-0	50	132	13,0	3,8	
Fazenda de Agricultura "Igreja de Outeiro", Piracicaba, Est. de São Paulo. Controle em 02-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
XXXX	3-10	60	167	11,0	2,6	
XXXX	4-3	60	122	14,0	2,9	
XXXX	5-9	50	137	12,0	2,6	
XXXX	2-4	50	120	13,0	2,8	
Fazenda São Jacinto, Aracaju, Est. de São Paulo. Controle em 14-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
OC2	2-2	80	201	20,0	3,5	
PO	4-7	39	72	22,0	3,5	
OC1	4-9	30	72	20,0	4,1	
OC2	2-0	10	17	17,0	3,7	
OC2	2-0	10	17	12,0	3,2	
PO	6-4	19	12	29,0	3,1	
OC2	2-2	39	100	21,0	3,1	
Fazenda A. S. S. Jacaruna, Est. de São Paulo. Controle em 31-08-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
OC1	6-5	119	304	18,0	3,5	
Fazenda S. Jacaruna, Jacaruna, Est. de São Paulo. Controle em 26-08-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
PO	4-11	20	35	26,0	3,3	
OC1	6-11	29	51	21,0	3,0	
OC2	3-9	19	20	32,0	3,5	
OC2	6-1	19	16	27,0	3,0	
OC2	6-0	19	20	27,0	3,3	
OC2	3-4	19	28	15,0	3,5	
OC2	2-3	19	36	30,0	3,6	
PO	4-1	19	100	15,0	3,4	
POCC	2-10	70	152	13,0	3,3	
PO	6-11	99	245	12,0	3,0	
PO	-	50	137	14,0	3,2	
OC2	5-8	50	131	16,0	2,7	
PO	3-4	30	84	18,0	3,3	
PO	2-0	30	76	32,0	2,3	
OC2	6-11	30	66	31,0	3,4	
OC4	2-5	30	64	22,0	3,3	
PO	2-2	30	63	17,0	2,8	
PO	6-0	20	53	16,0	3,5	
OC2	7-11	20	50	23,0	2,7	
PO	2-10	20	46	20,0	3,4	
OC2	2-10	20	340	16,0	3,2	
OC2	2-9	100	303	19,0	3,4	
OC2	2-6	100	236	19,0	3,2	
OC2	4-8	70	214	23,0	3,3	
OC2	3-7	70	207	21,0	3,0	
OC2	2-8	70	204	20,0	2,8	
OC2	2-9	70	203	19,0	3,0	
OC2	2-5	70	203	17,0	2,5	

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Fazenda São Jacinto, Aracaju, Est. de São Paulo. Controle em 02-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
OC1	3-1	70	303	21,0	3,0	
OC4	2-11	70	303	23,0	3,2	
PO	6-1	70	186	16,0	3,2	
Fazenda S. Jacaruna, Jacaruna, Est. de São Paulo. Controle em 27-08-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
OC2	3-7	90	266	16,0	2,8	
OC2	2-5	80	231	15,0	2,3	
OC2	5-10	80	271	16,0	3,4	
PO	-	80	235	16,0	2,6	
OC2	4-10	70	218	14,0	3,6	
OC2	5-8	70	192	21,0	3,7	
PO	2-2	70	214	14,0	3,1	
OC1	5-2	70	209	17,0	1,5	
OC2	3-8	70	183	22,0	3,1	
PO	5-8	60	170	21,0	3,2	
PO	7-8	60	163	22,0	3,0	
OC1	6-1	60	147	16,0	2,3	
OC1	4-10	50	140	18,0	1,4	
OC1	4-9	50	141	20,0	1,4	
OC2	4-1	50	117	19,0	3,0	
OC2	3-4	40	96	20,0	3,1	
OC2	2-1	40	96	20,0	3,1	
OC1	3-5	30	62	20,0	3,5	
OC1	8-5	20	96	23,0	3,3	
POCC	3-11	20	41	26,0	3,1	
OC2	2-7	20	30	30,0	3,0	
OC2	2-6	20	44	19,0	3,2	
OC2	3-2	20	43	16,0	3,4	
POCC	-	20	41	16,0	3,9	
OC2	6-4	20	55	24,0	3,4	
PO	3-5	10	36	16,0	3,4	
OC2	2-8	10	25	24,0	3,0	
OC1	7-5	10	19	21,0	3,1	
PO	4-5	10	25	20,0	3,4	
OC2	5-1	10	16	28,0	2,9	
OC1	12-1	10	6	21,0	4,2	
			2	23,0	3,5	
Fazenda de Souza Toledo, Jacaruna, Est. de São Paulo. Controle em 11-08-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
OC1	4-9	30	64	22,0	3,6	
PO	5-0	10	4	19,0	2,4	
OC2	10-0	10	77	21,0	3,5	
POCC	10-4	10	70	21,0	3,6	
OC2	8-10	30	103	17,0	4,1	
OC2	7-0	10	19	21,0	4,1	
OC2	6-7	20	19	21,0	4,1	
OC2	7-3	10	46	27,0	3,4	
POCC	8-11	30	61	22,0	3,0	
POCC	8-0	30	139	22,0	3,8	
OC2	5-2	30	70	16,0	2,8	
OC2	5-0	10	45	17,0	2,7	
OC2	6-9	50	161	17,0	2,5	
			161	17,0	3,5	
Fazenda S. Jacaruna, Jacaruna, Est. de São Paulo. Controle em 14-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
PO	12-4	30	72	14,0	3,0	
PO	6-8	20	65	15,0	4,0	
OC2	6-4	10	18	14,0	4,1	

GRANJA D'ABADIA

CUSTÓDIO DE ALMEIDA & FILHO



O GADO DO LEITE DOURADO
CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE
GUERNSEY PO E CRUZADOS

Maior plantel em controle leiteiro do Estado.
 Troféu ACERJ 1985. Conquistamos o maior
 número no livro de Mérito e Escol entre todas
 as raças leiteiras.

VENDA DE REPRODUTORES

FAZENDA: Estrada de Piranema, 731
 Fone: (021) 788-1206 — ITAGUAI - RJ
 ESCRITÓRIO: Cx. Postal 3386
 Fone: (021) 240-2341 — RIO DE JANEIRO - RJ

[illegible]

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Con- trole	Dias de lactação	% de leite
Aporeculária dos Reisleyes Ltda. São José do Rio Preto, Est. de São Paulo. Controle em 04-08-86. Regime de parto com ração suplementar: 1 ordenhas.					
J.P. Curquina R. Targila São João	PO	5-1	19	13	20,0 3,2
Fazenda da Toca Ltda. Itatinga, Est. de São Paulo. Controle em 09-09-86. Regime de parto com ração suplementar: 1 ordenhas.					
Delizinda del Rêta VD	OCI	9-11	19	10	21,0 3,0
Geiza Rêta Rêta VD	OCI	7-1	30	99	19,0 3,5
Alcina VD	OCI	5-1	100	320	15,0 -
Lagimêta VD	OCI	3-6	30	95	15,0 3,0
Eliza da Potente	OCI	11-11	30	51	15,0 3,0
Democrênia M. Rêta VD	OCI	8-7	30	50	15,0 3,1
Haroldina VD	OCI	5-7	30	55	18,0 3,2
Valdineia VD	OCI	6-0	30	52	18,0 3,3
Wagner M. Aliança VD	OCI	11-12	30	45	20,0 3,1
Roguedora VD	POC	2-6	30	45	16,0 3,2
Figura Rocky Campaneta	OCI	0-0	30	30	21,0 3,4
Ida VD	OCI	5-2	30	30	15,0 3,5
Nazara VD	POC	5-4	30	26	20,0 3,0
Jo Graziêta M. Amozona	OCI	6-2	30	23	17,0 3,3
Neuquêta VD	PO	10-8	30	20	22,0 3,5
Zeneteia VD	POC	6-1	30	14	21,0 3,0
Neicantela VD	OCI	4-11	30	5	18,0 3,3
Zileneia VD	OCI	5-5	50	103	16,0 3,5
Imperatriz VD	OCI	4-8	50	148	10,0 3,9
Camêta VD	OCI	4-8	40	145	17,0 3,9
	OCI	3-10	60	101	14,0 3,4

Dr. Pedro Okada, Sorocaba, Est. de São Paulo, Outubro em 27-09-68.				
Resumo de passos com superação, 3 pedreiras.				
Albertina's NGL Woody TE	PO	3-1	49	90 23,0 3,4
Albertina's NGL Albertina's	PO	3-2	49	92 20,0 3,8
Albertina's NGL Veneza TE	PO	3-3	82	90 26,0 3,7
Albertina's NGL Veneza TE	PO	2-11	39	82 27,0 3,3
Espera World J. Lila Rod ET	PO	2-10	39	79 21,0 2,9
Rita Green Lila Cit-Rod	PO	6-6	60	190 21,0 3,3
And-Clorox NGL Helen R. Twin	PO	8-3	79	124 22,0 4,8
Robert Dario Princesa TE	PO	7-7	186	79 28,0 3,7
Albertina's NGL Alcinela TE	PO	8-10	49	116 26,0 3,7
Adão ACN Albertina's TE	PO	2-6	20	57 22,0 3,0
Albertina's NGL Amanda TE	PO	2-5	20	42 21,0 2,7
Albertina's AT Alakana	PO	2-5	20	42 21,0 2,7
Albertina's NGL Polina	PO	2-5	20	42 21,0 2,7
Quilina EK Isolina's	PO	8-11	80	348 20,0 3,3
Quilina PO Albertina's	QIB	7-6	50	153 27,0 4,8
Rita PO Albertina's	QIB	7-11	59	126 29,0 4,0
Hélio ACN Albertina's	QIB	7-6	49	130 22,0 3,3
Albertina's RGL Sandra	QIB	7-4	49	126 21,0 3,3
Albertina's NGL Ismael	PO	3-3	19	21 35,0 3,1
Albertina's NGL Ismael	PO	3-3	70	263 20,0 3,9
Albertina's NGL Ismael TE	PO	6-2	69	170 28,0 4,3
Albertina's PO Vilia TE	PO	5-5	19	14 32,0 3,5
Albertina's NGL Ismael	PO	5-0	70	187 21,0 3,7
Albertina's QIB Tugina	PO	5-0	10	9 28,0 2,8
Albertina's NGL Tuga	PO	5-10	187	79 23,0 3,3
Albertina's NGL Tuga TE	PO	6-11	59	123 21,0 3,9
Albertina's NGL Tugina TE	PO	4-6	49	126 27,0 3,4
Tugina PO Albertina's	QIB	4-15	49	131 20,0 4,2
Albertina's NGL Tuga TE	PO	5-1	49	100 21,0 3,9
Albertina's NGL Tuga TE	PO	5-1	49	111 26,0 3,4
Albertina's QIB Tugina	PO	4-6	49	126 27,0 3,4
Tuga PO Albertina's	PO	5-6	30	67 24,0 4,7
Albertina's NGL Tugina	POOX	5-6	20	56 22,0 3,0
Albertina's NGL Tuga	PO	5-1	49	43 21,0 2,9
Albertina's NGL Tuga TE	PO	5-1	19	3 29,0 4,8
Ismael PO Albertina's	PO	8-9	89	223 23,0 3,9
Albertina's QIB Tuga	PO	7-9	39	213 24,0 3,3
Albertina's QIB Tuga	PO	7-9	213	23,0 3,7
Albertina's NGL Tugina TE	PO	4-7	29	26,0 3,9
Albertina's NGL Tugina TE	PO	2-6	26	45 29,0 1,6
Albertina's NGL Tugina TE	PO	2-6	29	45 24,0 4,0
Albertina's NGL Tugina TE	PO	2-6	29	43 26,0 3,9

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Allettina's ME Britaria TE	PO	4-6	10	27	33,0 3,5
Dr. Gerardo Figueiredo Fortes, Salto, Est. de São Paulo, Controle em 12-08-68. Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas					
Criciúla Marinho GT	GB	5-7	10	16	35,0 4,3
GT Selenyia Lila Jetatag	PO	3-7	20	44	39,0 2,5
GT Persone Glória Super	PO	-	10	21	26,6 3,8
Golden-Wood Cit. S. Rocky Red	PO	7-11	20	138	30,5 3,6

Corralhão Rural, Ribeirão, São Roque, Est. de São Paulo, Controle em 20-09-88.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 corralhões.

GRU Inova Scott Red Head	PO	2-11	60	153	18,0	3,5
GRU Macho Jupiter Head	PO	3-7	60	151	18,0	4,0
Cadeca da Fumaria Balsam	OC1	12-8	90	135	18,0	3,4
Kloyster Pousada GRU	OC1	1-2	40	111	26,0	3,5
Corrina Great View	PO	6-1	30	75	25,0	2,8
Jeopu Indira Jaguar Head GRU	POXX	2-4	20	58	33,0	3,1
GRU Galera Foca Red Head	PO	5-4	30	57	22,0	2,7
Macaca Red Foresta	PO	4-2	20	52	24,0	3,0
Vandson Junior Linette Red	PO	-	20	40	32,0	3,3
GRU Jara Winter Red Head	PO	2-5	10	28	26,0	2,7
GRU Macho Jupiter Head	PO	2-5	10	26	19,0	2,8
GRU Malinda Gopher Red Head	PO	4-2	10	2	35,0	3,3
GRU Ilana Geraldino Head	PO	2-6	90	248	18,0	3,0

Dr. Luiz Roberto Monteiro Puch. Camilândia, Est. de Minas Gerais. Cereais em 24-09-80. Rejeito de pasta (no trigo) amplamente: 2 colheitas.				
Tibby Paulista Tiro Hunter	PG	6-1	20	112
Netuno Alfamy	PGCD	7-0	49	144
Maratona Alfamy	PGCD	7-5	49	189
Flametta Alfamy	PGCD	6-0	49	243
Campeão 140 Alfamy	PG	6-0	20	116
Varca Alfamy	11/32	7-8	20	163
Toby Odile Viers Hardine	PG	6-0	20	138
Florida Alfamy	11/32	7-3	20	87
Garcia Pequeno Alfamy	CG1	2-0	30	129
Jaca Quindim Alfamy	CG1	3-0	20	95
Caçeta Quindim Alfamy	CG1	2-10	84	15-10
Crochê Alfamy	11/32	7-5	20	94
Guatemala Molinar Alfamy	CG1	3-0	30	47
Luzia Alfamy	PGCD	6-2	20	36
Netete Quindim Alfamy	CG1	3-0	20	34
31-04 La Caba da Pedra	PGCD	6-0	20	51
Desei Alfamy	11/32	5-11	19	176
Partilha Alfamy	PGCD	6-10	80	256
Suspianta Alfamy	PGCD	6-1	60	122
Guilheria Alfamy	11/32	6-0	20	195
Isela Quindim Alfamy	CG3	4-4	90	137
Filipina Quindim Alfamy	CG3	5-1	90	147
Sollymar Pequeno Alfamy	CG3	2-5	90	262
Luiz Alfamy	PG	6-0	20	27
Isurê Alfamy	PGCD	6-3	20	205

Módulo Jaqueira de Anchieta, Litor. de São Paulo, Outubro de 17-29-84.				
Regime de pastejo em rações suplementares. 2 machos...				
Radica limpa	XL/30	11-5	30	93
Roa limpa	OC1	3-11	30	90
Alvencas/Limpa	OC1	5-3	30	77
Salda limpa	OC3	5-4	30	77
Linha limpa	OC1	6-1	30	73
Botarecos limpa	OC0	5-3	30	67
Botafloa limpa	OC1	7-1	30	63
Cia seed limpa	OC2	5-5	30	64
Paqui limpa	OC0	3-2	30	64
Organonira limpa	OC3	11-1	30	63
Vila limpa	OC2	3-0	30	61
Linha limpa	OC1	12-1	30	55
Matagatras limpa	OC0	4-2	30	50
Calada limpa	OC3	4-0	30	43
Morceda limpa	OC0	5-2	30	42
Botafloa limpa	OC1	5-8	30	37



FAZENDA VARGEM DO MANEJO

MIGUEL PEREIRA - RJ - C. POSTAL 88.307
TEL. 0244/84.3717 — CEP 26.900

COMUNICADO N.º 2

Os dois maiores produtores de leite do Estado do Rio usam reprodutores de nossa criação.

MANEJO FAKIR

2 — Felício Rivelto — Andrade Pinto

MANEJO BARULHO

MANEJO BARUL
MANEJO BOSCO

Tourinhos registrados no PROCRUZA — Seleção genética baseada em controle leiteiro oficial permanente da A.B.C.

C. GIR LEITEIRO PROVADO X HOLSTEIN FRISIEN = LEITEIRO TROPICAL

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos meses	Con- trole	Dias de Leite lactação	%
Dona Lima	PO	3-1	40	90	31,0 3,8
Gracie Lima	OC2	6-4	90	101	21,0 3,8
Marcelina II Lima	OC2	12-11	30	90	14,0 3,5
Nadia Neli Lima	POCC	9-11	30	90	16,0 3,5
Nela Lima	OC2	4-4	10	4	23,0 2,6
Virajada Lima	OC2	6-10	10	3	19,0 2,0
Virajada 20	POCC	10	27	18,0 2,9	
Virajada Superior Billy Bell	PO	3-6	30	89	29,0 3,0
Virajada Superior Billy Bell	PO	3-9	30	44	30,0 3,2
Virajada	PO	4-0	40	106	21,0 3,5
Virajada	PO	4-0	40	119	22,0 3,5
Virajada	PO	2-7	40	160	17,0 3,7
Virajada Lima	11/32	7-0	70	124	15,0 3,8
Virajada Superior Billy Bell	PO	7-0	120	246	15,0 3,8
Lina Taurina	PO	4-0	30	170	21,0 3,0

Agricultura e Pecuária Santa Cruz S.A. Capovari, Est. de São Paulo, Controle em 20-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 3 colônias.

IMC Elm	PO	2-6	30	201	14,0 4,7
Alberino's do Vento	PO	2-7	30	229	27,0 3,4
Alberino's do Vento	1/2	3-0	40	180	19,0 3,5
IMC RUI Iguaçu	PO	4-3	40	172	20,0 3,7
IMC RUI Iguaçu	PO	4-3	40	120	19,0 3,4
IMC RUI Iguaçu	PO	4-3	40	136	17,0 4,0
Alberino's do Vento	PO	4-0	40	120	20,0 3,5
Alberino's do Vento	POCC	-	30	36	20,0 3,7

José Carlos de Jesus, Santa Cruz, Est. de São Paulo, Controle em 30-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 1 e 2 colônias.

Helena 20 do Bairro	OC2	2-5	30	87	15,0 3,5
Helena 20 do Bairro	11/32	2-3	30	88	27,0 3,4
Helena 20 do Bairro	OC2	6-7	40	115	25,0 3,7
Helena 20 do Bairro	OC2	6-8	40	140	23,0 3,6
Helena 20 do Bairro	OC2	2-7	30	44	21,0 3,5

Raça Jersey

Lina Taurina	POCC	2-10	30	120	18,0 3,7
Cláudio José Lima, Piracicaba	OC2	3-8	40	109	19,0 3,5

Camila e Beneditina J. de Jesus, Santa Cruz, Est. de São Paulo, Controle em 15-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 colônias.

Dona	PO	-	30	188	14,0 4,1
Helena 20 do Bairro	PO	6-2	40	188	13,0 3,5

Raça Jersey

Helena 20 do Bairro	PO	2-5	30	140	12,0 3,3
Helena 20 do Bairro	PO	2-8	30	111	11,0 3,4
Helena 20 do Bairro	PO	2-8	30	47	15,0 3,3

Raça Superior de Agricultura "Luz de Quilom", Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 04-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 3 colônias.

Helena 20 do Bairro	PO	2-5	30	140	12,0 3,3
Helena 20 do Bairro	PO	2-8	30	111	11,0 3,4
Helena 20 do Bairro	PO	2-8	30	47	15,0 3,3

Raça Superior de Agricultura "Luz de Quilom", Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 04-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 3 colônias.

Helena 20 do Bairro	PO	2-5	30	140	12,0 3,3
Helena 20 do Bairro	PO	2-8	30	111	11,0 3,4
Helena 20 do Bairro	PO	2-8	30	47	15,0 3,3

Raça Superior de Agricultura "Luz de Quilom", Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 04-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 3 colônias.

Helena 20 do Bairro	PO	2-5	30	140	12,0 3,3
Helena 20 do Bairro	PO	2-8	30	111	11,0 3,4
Helena 20 do Bairro	PO	2-8	30	47	15,0 3,3

Raça Superior de Agricultura "Luz de Quilom", Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 04-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 3 colônias.

Helena 20 do Bairro	PO	2-5	30	140	12,0 3,3
Helena 20 do Bairro	PO	2-8	30	111	11,0 3,4
Helena 20 do Bairro	PO	2-8	30	47	15,0 3,3

Raça Superior de Agricultura "Luz de Quilom", Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 04-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 3 colônias.

Helena 20 do Bairro	PO	2-5	30	140	12,0 3,3
Helena 20 do Bairro	PO	2-8	30	111	11,0 3,4
Helena 20 do Bairro	PO	2-8	30	47	15,0 3,3

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos meses	Con- trole	Dias de Leite lactação	%
Isolina Domizante S.F.	PO	3-3	40	93	13,0 5,0
Isolina Virginia S.F.	PO	3-3	39	74	16,0 4,1
Paulina Soldier S.F.	PO	4-0	18	18	18,0 4,1
Paulina Polio S.F.	PO	3-10	90	213	12,0 4,0
Paulina Soldier S.F.	PO	4-4	10	25	16,0 4,3
Paulina Domizante S.F.	PO	4-0	10	7	13,0 4,7
Paulina High Field S.F.	PO	6-4	80	20	17,0 4,0
Paulina Milad S.F.	PO	7-11	40	110	13,0 4,5
Paulina Domizante S.F.	PO	-	30	60	14,0 4,3

Vitorio Anitori San Marino, Barf. Est. de São Paulo, Controle em 27-09-86. Regime de pasto com ração suplementar. 2 colônias.

Helena 13 do Bairro	PO	10-0	20	57	16,0 4,5
Helena 20 do Bairro	PO	3-3	30	101	15,0 4,7
Helena 21 do Bairro	PO	5-5	20	114	17,0 4,0
Helena 14 do Bairro	PO	7-10	20	81	17,0 3,8
Helena 20 do Bairro	PO	5-10	20	74	15,0 4,0
Helena 21 do Bairro	PO	6-0	20	60	16,0 3,8
Helena 21 do Bairro	PO	4-11	10	27	14,0 3,8
Helena 21 do Bairro	PO	5-1	10	17	17,0 2,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7
Helena 21 do Bairro	PO	3-5	10	17	15,0 3,7

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de lactação	Dias de Leite	%
S.C. Boya Performer	PO	5-3	10	12	21,0 4,3
La Performer de S.C.	OC1	5-3	70	210	17,0 3,3
S.C. Joca Stretch	PO	4-0	70	187	16,0 3,4
Gabriela Chipa Paul S.C.	PO	4-7	70	191	14,0 3,6
S.C. Notada Dorset	PO	4-0	70	190	16,0 3,0
S.C. Odina Dorset	PO	2-3	60	162	14,0 3,5
S.C. Nina Dorset	PO	4-3	60	168	16,0 3,5
Scipia Performer S.C.	OC3	3-11	50	142	16,0 3,4
S.C. Neustria Dorset	PO	5-0	50	141	14,0 3,6
Platina Stretch SC.	OC4	2-4	50	133	15,0 3,3
S.C. Nina Dorset	PO	4-3	50	122	14,0 3,6
Nina Performer SC.	OC1	5-1	40	118	13,0 3,3

Clavio, Serequino Grossi, Fazi das Cruzes, Est. de São Paulo, Controle em 25-05-66. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Línea Alta Tre Jones	PO	7-5	30	70	27,0 3,2
Clara da Linaia	POCC	-	70	186	23,0 3,1
Línea (Sora Jibetad)	PO	4-5	40	77	22,0 3,8
Línea Nubla Chipa	PO	10-3	20	31	26,0 3,6
Madre de Santa Anesia	OC1	13-1	10	15	27,0 3,4
Madre de Alinaia	POCC	10-11	30	78	19,0 3,7
Jacki Super da Linaia	OC2	10-4	60	220	17,0 4,0
Línea Dorset Linaia	OC3	8-0	40	95	17,0 2,5
Línea Super da Linaia	OC1	-	20	48	24,0 3,0
Super Stretch da Linaia	OC2	6-10	20	36	24,0 3,6
Verdele Adora da Linaia	OC1	5-11	20	46	25,0 3,3
Linaia Vera Maple	PO	4-4	40	83	19,0 2,7
Victoria Adora Linaia	OC1	3-10	10	19	16,0 3,6

Cia Agropecuária Santa Madalena, Jocararinho, Est. do Paraná, Controle em 15-05-66. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

S.J. Carrião Floribus Dorset	PO	-	10	27	22,0 3,2
S.J. Paria's Practitioner Kadoe	PO	10-6	10	5	20,0 2,6
S.J. Jackeline Kadoe Kadoe	PO	-	30	27	21,0 3,3

Antônio Fariê Tami, Porto Felis, Est. de São Paulo, Controle em 29-09-66. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas. Fone: 0152-622122

Bo Ray Millie	PO	11-10	30	73	25,0 3,4
Bo Ray's Ann	PO	11-7	50	136	26,0 4,5
Corona Dulce Redalies	PO	7-5	20	8	30,0 3,5
Corona Express Bernice	PO	7-9	20	53	33,0 3,8
Corona Tafa Tafa	PO	6-11	20	54	27,0 3,8
Corona Messina Tafa	PO	6-9	20	150	26,0 4,4
Corona Riscleta Barry	PO	6-5	40	112	26,0 4,0
Corona Ella Tafa	PO	6-6	20	65	30,0 4,1
Corona Riscleta Barry	PO	5-10	20	21	29,0 4,3
Corona Marjory Improver	PO	3-3	20	2	31,0 4,3
Corona Marjory Improver	PO	3-3	18	23	31,0 3,5
Corona Marjory Improver	PO	2-6	50	130	25,0 3,3
Corona Marjory Barry	PO	3-6	10	9	25,0 3,3

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de lactação	Dias de Leite	%
Belmont Indústria e Comércio Ltda, Capiá do Alto, Est. de São Paulo, Rod. Raposo Tavares 49-130. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.					
SC Debra Topper II	PO	11-10	50	102	15,0 4,5
Sala América Chip's Proud	PO	2-2	60	102	17,0 4,7
Sala Topper Prince Improver	PO	2-2	40	95	16,0 5,1

Josef Phalg, Jundiaí, Est. de São Paulo, Controle em 21-09-66. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Santa Isidoro Ella	PO	4-1	60	180	17,0 4,5
Santa Isidoro Evelyn	PO	-	50	141	16,0 3,8
Santa Isidoro Francisco	PO	3-11	80	175	15,0 4,0
Santa Isidoro Francisco	PO	2-9	70	217	15,0 3,7
Santa Isidoro Fany	PO	3-1	10	10	19,0 3,6
Santa Isidoro Felicia	PO	2-6	10	25	15,0 3,7
Santa Isidoro Florida	PO	2-6	40	164	14,0 4,0
Santa Isidoro Gisela	PO	3-6	10	4	16,0 3,5
Alaigra Leon	PO	5-5	20	40	22,0 3,8
Corona Jurena Ned	PO	7-0	100	295	17,0 3,9
Isidoro	PO	-	70	195	15,0 4,1
Lira	PO	6-1	30	67	22,0 3,5
Grisa	PO	0-5	10	10	21,0 3,8
Santa Isidoro Camila	PO	6-7	10	25	22,0 3,8
Fluza	PO	3-5	50	157	23,0 3,9
Parana	PO	2-4	70	234	15,0 4,1
Mira	PO	2-4	70	230	14,0 3,8
Neisi	PO	3-2	70	236	16,0 4,0
Amélia de Santa Isidoro	PO	3-6	50	132	17,0 4,3
Santa Isidoro Ariane	PO	7-5	20	65	30,0 3,7
Santa Isidoro Bernadete	PO	6-7	60	167	26,0 4,0
Santa Isidoro Bruneta	PO	6-4	50	146	13,0 4,1
Santa Isidoro Burtira	PO	6-8	20	23	24,0 3,6
Santa Isidoro Celina	PO	5-10	70	211	18,0 3,8
Santa Isidoro Cintia	PO	6-1	20	46	16,0 3,6
Santa Isidoro Claudia	PO	5-8	30	77	17,0 3,7
Santa Isidoro Catarina	PO	5-2	80	225	13,0 3,9
Santa Isidoro Daniela	PO	5-4	30	79	19,0 2,5
Santa Isidoro Dalila	PO	5-7	10	3	10,0 3,5

Comercial e Distribuidora J. Vazco Ltda, Leopoldina, Est. de São Paulo, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas. Controle em 17-05-66.

S.J.T. Nicks Rube	PO	4-2	70	191	13,0 4,5
Corona Camellaria Cader	PO	9-3	40	102	16,0 3,7
Tuba	PO	-	30	30	19,0 3,9

Raça Gir

Santa Agrícola e Pecuária Ltda, Itapoca, Est. de São Paulo, Controle em 24-08-66. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

1 ordenha						
Valência	PO	8-11	90	254	11,0	3,0
Tala	PO	8-2	50	161	16,0	4,5
Claria	POCC	12-2	50	142	15,0	3,9
Vazquezeta	LA	5-11	40	118	13,0	4,1

GIR LEITEIRO FB de MOCOCA

O GADO CERTO PARA O CLIMA CERTO

REPOLHO 405

Zito

Guamá

Nome	kg/leite	Observações	Grau de Sangue
Guamá	5.236	4 LM e CL	mãe
Pitanga	5.633	4 LM	avó materna
Lagosta	4.401	2 LM, LE e CL	irmã materna
Caldeira	7.748	5 LM, CL e BO	irmã paterna
Antártica	3.300	1.ª lactação	filha
Vergonha	3.025	1.ª lactação	filha

LM — Livro de Mérito

CL — Categoria de Longevidade

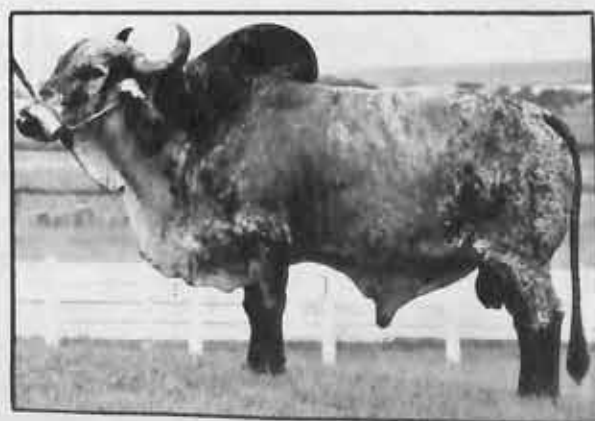
BO — Balde de Ouro

LE — Livro de Escol

Todo o rebanho em Controle Leiteiro Oficial

Venda de Sêmen:

Agropecuária Lagoa da Serra e Pecplan Bradesco



KENIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA.
FAZENDA SANTANA DA SERRA

Estrada Mococa-Cajuru — km 295 — Município de Cajuru

Telefone Rural — Canoas — SP (0196) 55-0801
Fone: (0196) 55-0801
Mococa — SP — Fone: (0196) 55-0085
São Paulo — SP — Fone: (011) 36-7681

[illegible]

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
capraria	HE	5-10	40	106	12,0	4,5
capraria de Calciolândia	HE	5-4	30	87	11,0	5,3
capraria de Calciolândia	HE	5-8	30	92	11,0	5,2
capraria de Calciolândia	HE	5-8	30	73	14,0	4,4
capraria de Calciolândia	POC	5-6	30	71	14,0	3,3
capraria de Calciolândia	HE	5-6	30	67	11,0	4,4
capraria de Calciolândia	POC	10-5	30	66	12,0	3,4
capraria de Calciolândia	HE	5-11	30	63	13,0	4,2
capraria de Calciolândia	HE	5-8	30	33	10,0	3,7
capraria de Calciolândia	HE	15-3	60	169	11,0	5,0
capraria de Calciolândia	HE	6-4	100	368	11,0	4,4
capraria de Calciolândia	POC	10-5	40	172	10,0	5,2
capraria de Calciolândia	POC	5-10	40	162	13,0	4,8
capraria de Calciolândia	HE	10-4	80	224	12,0	4,0
capraria de Calciolândia	HE	10-6	80	229	11,0	4,2
capraria de Calciolândia	HE	5-4	30	134	10,0	5,2
capraria de Calciolândia	POC	6-6	30	132	13,0	5,0
capraria de Calciolândia	POC	5-8	40	117	10,0	3,4

Dr. Vences Antônio Costa, Arara, Est. de Minas Gerais. Controle em 30-09-86. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

capraria	HE	12-2	20	39	10,0	4,3
capraria	POC	5-2	10	23	10,0	3,4
capraria	POC	5-8	20	29	10,0	4,3
capraria	HE	8-10	10	6	11,0	3,4

Fazenda Brasil Agropária Ltda., São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais. Controle em 16-09-86. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

capraria de Brasil	HE	10-11	10	20	20,0	5,0
capraria de Brasil	HE	8-10	10	31	10,0	5,1
capraria de Brasil	HE	8-5	10	13	24,0	5,1
capraria de Brasil	HE	8-1	20	35	22,0	4,2
capraria de Brasil	HE	11-11	10	26	17,0	4,5
capraria de Brasil	HE	4-3	10	25	14,0	4,2
capraria de Brasil	HE	4-2	10	20	14,0	3,3
capraria de Brasil	HE	3-6	10	25	12,0	3,4

capraria de Brasil	HE	5-11	30	45	10,0	4,2
capraria de Brasil	HE	8-8	40	115	10,0	5,1
capraria de Brasil	HE	5-8	40	117	17,0	4,2
capraria de Brasil	HE	5-10	40	118	10,0	4,3
capraria de Brasil	HE	11-0	20	52	20,0	4,7
capraria de Brasil	HE	15-0	80	102	15,0	4,2
capraria de Brasil	HE	8-2	30	84	10,0	5,0
capraria de Brasil	HE	8-0	60	163	12,0	5,9
capraria de Brasil	HE	7-11	70	204	12,0	5,9
capraria de Brasil	HE	8-9	60	177	13,0	4,3
capraria de Brasil	HE	7-3	20	161	10,0	5,0
capraria de Brasil	HE	12-2	20	56	20,0	5,0
capraria de Brasil	HE	6-2	60	127	12,0	5,3
capraria de Brasil	HE	6-0	40	122	11,0	5,2
capraria de Brasil	HE	10-11	70	212	12,0	5,2
capraria de Brasil	HE	3-11	60	180	12,0	4,4
capraria de Brasil	HE	6-10	60	181	12,0	4,4
capraria de Brasil	HE	11-0	70	210	12,0	4,4
capraria de Brasil	HE	11-8	70	210	14,0	5,1
capraria de Brasil	HE	4-4	30	78	14,0	5,1
capraria de Brasil	HE	14-2	60	171	12,0	4,4
capraria de Brasil	POC	6-4	30	120	13,0	5,0
capraria de Brasil	HE	7-1	60	63	14,0	4,7
capraria de Brasil	HE	5-11	80	63	12,0	5,3
capraria de Brasil	HE	8-10	40	106	14,0	5,3
capraria de Brasil	HE	8-11	20	34	25,0	5,1
capraria de Brasil	HE	8-11	20	36	22,0	4,9

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Africana de Brasil	HE	3-11	30	73	13,0	4,7
Wagyu de Brasil	HE	4-8	30	40	12,0	4,7

Raça Guernsey

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, Est. de São Paulo. Controle em 04-09-86. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

capraria, Touro Bony	PO	4-0	40	145	11,0	4,7
capraria, Touro Bony	PO	4-7	60	154	10,0	4,8
capraria, Touro Bony	PO	3-4	30	40	13,0	4,8

Raça Guzerá

João Resende Pereira, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais. Controle em 10-09-86. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

capraria, Touro Bony	HE	6-2	20	158	12,0	5,5
capraria, Touro Bony	HE	12-0	20	32	17,0	5,5
capraria, Touro Bony	HE	11-10	10	4	12,0	5,4

Raça Girolando

Agropecuária dos Resilios Ltda., São José do Rio Preto, Est. de São Paulo. Controle em 03-09-86. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

capraria, Touro Bony	-	-	20	47	15,0	3,0
capraria, Touro Bony	-	-	20	37	17,0	4,0
capraria, Touro Bony	-	-	10	38	19,0	3,2
capraria, Touro Bony	-	-	14	37	18,0	3,3
capraria, Touro Bony	-	-	19	26	25,0	3,3
capraria, Touro Bony	-	-	20	33	15,0	3,3

Cruzamento Dirigido Hol. VB. x Gir

Fazenda Eterna, Conceição das Brejoiras, Est. de São Paulo. Controle em 30-09-86. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas. Fone: 0147-421343.

F.T.B. Inocência	20	4-0	20	114	14,0	3,3
F.T.B. Alcinéia	123	3-4	20	12	11,0	3,4
F.T.B. Alcinéia	103	3-2	20	92	12,0	3,4
F.T.B. Alcinéia	103	3-1	20	94	11,0	3,5
F.T.B. Muri	21	1-11	20	70	10,0	3,4
F.T.B. Muri	21	3-6	20	100	13,0	4,1
F.T.B. Muri	21	3-9	60	721	16,0	3,8
F.T.B. Muri	21	3-2	30	127	15,0	4,2
F.T.B. Muri	21	3-2	20	43	15,0	4,2
F.T.B. Muri	21	3-2	20	123	10,0	3,4
F.T.B. Muri	21	3-2	20	94	12,0	3,7
F.T.B. Muri	21	3-6	20	63	14,0	3,9
F.T.B. Muri	21	10-0	20	107	10,0	3,4
F.T.B. Muri	21	9-10	20	90	15,0	3,9
F.T.B. Muri	21	9-0	20	9	12,0	4,2
F.T.B. Muri	21	1-3	20	113	10,0	3,4
F.T.B. Muri	21	1-3	20	144	11,0	4,2
F.T.B. Muri	21	1-3	20	29	10,0	3,4
F.T.B. Muri	21	1-4	20	120	11,0	4,2
F.T.B. Muri	21	1-4	20	35	12,0	4,2
F.T.B. Muri	21	1-4	20	17	10,0	4,2

Fazenda Santo Antonio do Mocambo

Prop.: José Lucio Resende e Outros

Seleção e Criação de Gir Leiteiro

Controle Oficial da ABC

VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS

FAZENDA SANTO ANTONIO DO MOCAMBO

Município de Matozinhos - MG

Tel.: (031) 661-1312

B. Horizonte: Rua Santa Rita Durão, 1160

Tel.: (031) 212-5011



TARIMBA
6a 2x 362d 2784 kg 1056 kg 3,77%

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
P. B. B. Amarela	25	6-7	25	85	15,0 7,8
P. B. B. Amarela	15	6-7	15	22	10,0 3,8
P. B. B. Amarela	15	6-7	15	22	10,0 3,8
P. B. B. Amarela	15	6-7	15	22	10,0 3,8
P. B. B. Amarela	15	6-7	15	22	10,0 3,8
P. B. B. Amarela	15	6-7	15	22	10,0 3,8
P. B. B. Amarela	15	6-7	15	22	10,0 3,8
P. B. B. Amarela	15	6-7	15	22	10,0 3,8
P. B. B. Amarela	15	6-7	15	22	10,0 3,8
P. B. B. Amarela	15	6-7	15	22	10,0 3,8

Passagem rápida do leite para o leiteiro, com o leiteiro em 15-20-45. Leiteiro de leite com leite suplementar, 2 ordenhas.

Controle Efetuado pela Associação de Criadores do Estado do Rio de Janeiro.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Capoeira	40	75	15,0	3,9	
Alcides	40	75	15,0	4,6	
Alcides	40	75	15,0	4,6	
Alcides	40	75	15,0	4,6	
Alcides	40	75	15,0	4,6	
Alcides	40	75	15,0	4,6	
Alcides	40	75	15,0	4,6	
Alcides	40	75	15,0	4,6	
Alcides	40	75	15,0	4,6	
Alcides	40	75	15,0	4,6	

Agropecuária Serrana S/A, Carapicuíba, Est. de São Paulo, Controle em 14-08-66. Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

San Vitor	10	30	15,0	2,8
Correio	20	113	23,0	3,2
Correio	30	194	25,0	4,7
Correio	10	10	18,0	2,8
Correio	20	204	15,0	4,6
Correio	10	10	20,0	3,8
Correio	10	10	18,0	3,8
Correio	20	274	16,0	3,0
Correio	20	186	22,0	4,0
Correio	10	10	16,0	3,7
Correio	10	28	18,0	5,5
Correio	20	238	16,0	4,2
Correio	20	129	17,0	3,3
Correio	10	87	20,0	4,0
Correio	10	21	17,0	3,3
Correio	10	31	18,0	4,1
Correio	10	80	18,0	4,1
Correio	10	71	17,0	3,9
Correio	10	10	16,0	4,3
Correio	10	10	16,0	4,3
Correio	10	10	16,0	4,3
Correio	10	10	16,0	4,3
Correio	10	10	16,0	4,3
Correio	10	10	16,0	4,3
Correio	10	10	16,0	4,3
Correio	10	10	16,0	4,3
Correio	10	10	16,0	4,3

Poltronas Serrana Serrana, Santa Isabel, Est. de São Paulo, Controle em 14-05-66. Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Sabrina (12312)	20	62	16,0	3,1
Clara (12305)	10	44	16,0	4,5
Clara (12311)	10	12	16,0	3,1
Clara (12311)	10	28	17,0	2,8
Clara (12311)	10	17	16,0	2,8
Clara (12311)	10	10	17,0	2,8

Poltronas Serrana Serrana, Santa Isabel, Est. de São Paulo, Controle em 06-08-66. Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Miranda	10	63	19,0	4,3
Miranda	10	56	20,0	1,8
Miranda	10	28	18,0	3,0
Miranda	10	10	18,0	3,7
Miranda	10	9	22,0	3,8
Miranda	10	9	25,0	1,7
Miranda	10	87	16,0	3,7
Miranda	10	34	17,0	2,8
Miranda	10	42	16,0	3,2
Miranda	10	7	16,0	2,8
Miranda	10	5	15,0	1,2
Miranda	10	10	19,0	4,8
Miranda	10	75	16,0	3,2
Miranda	10	45	15,0	4,4
Miranda	10	35	15,0	3,9
Miranda	10	14	17,0	3,0
Miranda	10	16	15,0	3,4
Miranda	10	15	17,0	1,5
Miranda	10	10	15,0	2,8
Miranda	10	5	17,0	2,9

Poltronas Serrana Serrana, Santa Isabel, Est. de São Paulo, Controle em 17-05-66. Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Miranda	20	104	16,0	3,9
Miranda	20	90	16,0	4,2
Miranda	20	61	16,0	4,2
Miranda	20	41	22,0	4,1
Miranda	10	10	17,0	2,8
Miranda	10	12	15,0	3,3
Miranda	10	10	15,0	3,2
Miranda	10	5	20,0	3,2
Miranda	10	61	19,0	1,3
Miranda	20	45	16,0	3,2
Miranda	10	16	13,0	1,8
Miranda	10	71	16,0	1,8
Miranda	20	71	15,0	3,0
Miranda	20	55	15,0	3,6
Miranda	10	20	15,0	3,1
Miranda	10	20	16,0	1,7
Miranda	10	24	15,0	3,2
Miranda	10	10	17,0	3,8
Miranda	10	10	21,0	3,1
Miranda	10	10	19,0	3,1
Miranda	10	10	15,0	3,4

Raça Indubrasil

Indubrasil Serrana S/A, Macaé, Est. de Minas Gerais, Controle em 14-05-66. Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Indubrasil	5-11	10	3	9,0	5,8
Indubrasil	4-10	10	3	8,0	4,3

Raça Nelore

Indubrasil Serrana S/A, Macaé, Est. de Minas Gerais, Controle em 27-09-66. Região de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Indubrasil	10-11	30	91	8,0	4,4
Indubrasil	10-11	30	91	8,0	4,4
Indubrasil	10-11	30	91	8,0	4,4
Indubrasil	10-11	30	91	8,0	4,4
Indubrasil	10-11	30	91	8,0	4,4
Indubrasil	10-11	30	91	8,0	4,4
Indubrasil	10-11	30	91	8,0	4,4
Indubrasil	10-11	30	91	8,0	4,4
Indubrasil	10-11	30	91	8,0	4,4
Indubrasil	10-11	30	91	8,0	4,4

EXIBIÇÃO

RAÇA - REGIÃO GERAL

Indubrasil Serrana S/A, Macaé, Est. de Minas Gerais, Controle em 14-05-66. Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Indubrasil	10	30	43	9,0	4,3
Indubrasil	10	30	43	9,0	4,3

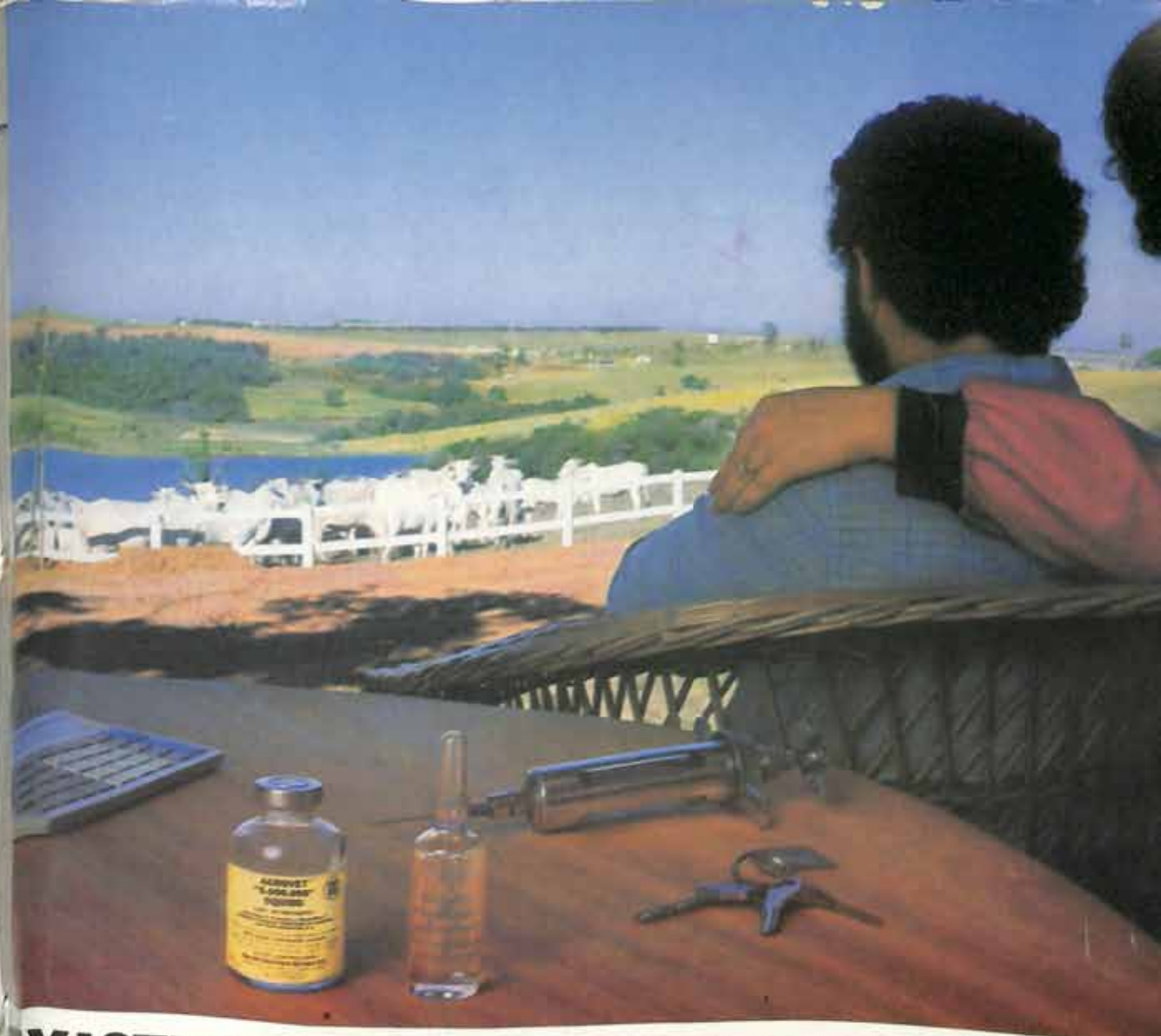
CONTROLE ADICIONAL - REGIÃO

Indubrasil Serrana S/A, Macaé, Est. de Minas Gerais, Controle em 14-05-66. Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Indubrasil	20	45	16,0	3,1
Indubrasil	20	10	16,0	3,1
Indubrasil	20	129	15,0	2,9
Indubrasil	20	66	16,0	2,9
Indubrasil	20	127	16,0	2,9
Indubrasil	20	100	16,0	3,1
Indubrasil	20	10	22,0	2,5
Indubrasil	20	10	17,0	3,2
Indubrasil	20	100	15,0	0,5
Indubrasil	20	10	15,0	6,0
Indubrasil	20	100	17,0	1,5
Indubrasil	20	68	15,0	3,1
Indubrasil	10	16	17,0	2,1
Indubrasil	10	16	15,0	3,8

Indubrasil Serrana S/A, Macaé, Est. de Minas Gerais, Controle em 14-05-66. Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Indubrasil	10	30	16,0	4,4
Indubrasil	10	30	15,0	3,8
Indubrasil	10	30	22,0	4,4
Indubrasil	10	48	16,0	4,5
Indubrasil	10	18	15,0	4,1
Indubrasil	10	139	15,0	3,8
Indubrasil	10	15	17,0	3,4
Indubrasil	10	80	16,0	1,9
Indubrasil	10	75	22,0	4,6



EXISTEM COISAS INDISPENSÁVEIS NO DIA-A-DIA DOS CRIADORES.

Medicamentos decisivos para a preservação da saúde animal devem estar sempre presentes na farmácia de cada criador. Um deles é o Agrovét 5.000.000, o antibiótico completo, que atua contra um grande número de bactérias de maneira rápida e eficaz.

Agrovét 5.000.000 já comprovou sua fulminante ação contra um grande número de bactérias positivas e Gram-negativas que atingem os tratos: respiratório, geniturinário, digestivo, pele e tecidos moles nos bovinos, eqüinos, suínos, ovinos e caprinos.

Agrovét 5.000.000 promove rápida recuperação do animal, reduzindo a perda de produtividade.

Agrovét 5.000.000. O mais forte.

O grande aliado dos criadores,
indispensável na farmácia de todo pecuarista.

AGROVET
O MAIS FORTE



SQUIBB
DIVISÃO AGROPECUÁRIA





3.^a NOITE DOS CAMPEÕES

O MELHOR NELORE EM LEILÃO

30 ABRIL 87 - 5.^a f. - 19h - NOVOTEL - UBERABA

DURANTE A EXPOSIÇÃO NACIONAL DE UBERABA

ORG. MARIO DE ALMEIDA FRANCO
ALBERTO LABORNE VALLE MENDES
CLÁUDIO SABINO CARVALHO
FAHD JAMIL & IRMÃOS
JOSÉ LUIZ NEMEYER DOS SANTOS